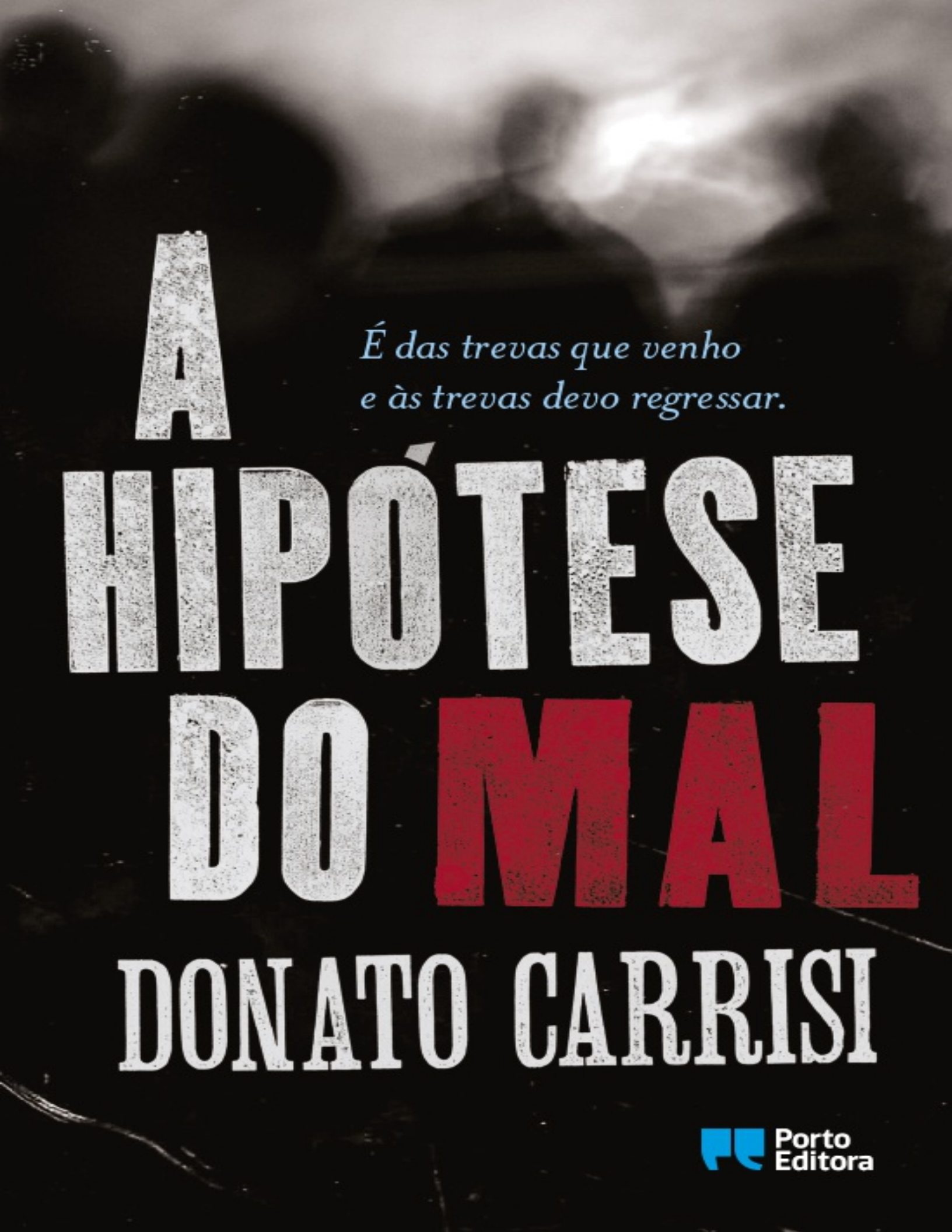




*É das trevas que venho
e às trevas devo regressar.*

A HIPÓTESE DO MAL

DONATO CARRISI





DONATO CARRISI

nasceu em 1973 em Martina Franca (Itália).

Licenciado em Direito, especializou-se em Criminologia e Ciências do Comportamento. Dedicou-se, desde 1999, à carreira de argumentista de cinema e televisão, e escreve regularmente no *Corriere della Sera*.

A Hipótese do Mal é o seu terceiro *thriller*, depois do enorme sucesso de *Sopro do Mal* e *O Tribunal das Almas*, ambos publicados pela Porto Editora.

A Hipótese do Mal

Donato Carrisi

Publicado em Portugal por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Porto

E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:

L'Ipotesi del Male

© 2013, Donato Carrisi

Tradução: Carlos Aboim de Brito

Design da capa: Ideias com Peso

Foto do autor: © Philippe Matsas/Opale

1.^a edição em papel: maio de 2014

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68459-2

A sala 13 da morgue do Estado era o círculo dos adormecidos.

Encontrava-se no quarto e último nível do subterrâneo, no gélido inferno das câmaras frigoríficas. O piso estava reservado aos cadáveres não identificados. Raramente alguém pedia para visitá-lo.

Mas, naquela noite, apareceu um visitante.

O guarda esperava-o, diante do elevador, com o nariz a apontar para o teto. Observava os números que apareciam no quadro luminoso a assinalar a descida, enquanto se questionava sobre quem seria o inesperado visitante. Interrogava-se, sobretudo, sobre o motivo que poderia impelir quem quer que fosse até àquele confim longínquo das coisas dos vivos.

Quando o último número luminoso se acendeu, houve um longo momento de silêncio. Logo depois, a porta do elevador escancarou-se. O guarda observou o visitante, um homem para lá dos quarenta que vestia um fato azul-escuro. De súbito – como sempre acontecia a quem ali punha os pés pela primeira vez – viu o rosto do homem cobrir-se de espanto ao perceber que não estava num ambiente revestido de azulejos brancos e iluminado por assépticas luzes de néon, mas por paredes de cor verde e pontos de luz cor de laranja.

– A policromia bloqueia os ataques de pânico – explicou o guarda, respondendo a uma tácita pergunta. Em seguida, entregou-lhe uma bata azul.

O visitante não disse nada. Vestiu-a e, pouco depois, os dois puseram-se a caminho.

– Os cadáveres deste piso são, sobretudo, sem-abrigo ou clandestinos. Não têm documentos nem parentes. Esticam o pernil e acabam aqui em baixo. Encontram-se todos nas salas um a nove – explicou o guarda. – Por sua vez, a dez e a onze são para pessoas como eu e como você, que pagam os impostos e veem futebol na televisão mas que, uma bela manhã, morrem de enfarte no metro. Alguns passageiros fingem que os ajudam e, em vez disso, aliviam-nos das carteiras e *voilà*, o passe de magia é conseguido: o fulano ou

a fulana desaparece para sempre. Por vezes, é só uma questão de burocracia: uma empregada faz confusão com a papelada e acaba por convocar os familiares de um desaparecido para o reconhecimento do cadáver errado. E as pessoas continuam a procurá-lo, como se não tivesse morrido.

Tentava chocar o visitante improvisando de guia turístico, mas o homem não demonstrava nenhuma reação.

– Depois, há os casos de suicídio ou de incidente: sala doze. Porque pode acontecer que o cadáver esteja em tão mau estado que se chegue a duvidar que tenha sido uma pessoa – acrescentou, procurando testar o estômago do homem que, evidentemente, não era facilmente impressionável. – De qualquer maneira, a lei prevê o mesmo tratamento para todos: um período de permanência em câmara frigorífica não inferior a dezoito meses. Terminado este prazo, se ninguém identificar ou reclamar os restos, e não subsistirem ulteriores exigências das investigações, é autorizada a sua destruição através da cremação.

Acabara de citar de cor o regulamento.

Nesse instante, o seu tom de voz mudou. Ficou inquieto porque o que se seguia tinha a ver com a razão daquela estranha visita noturna.

– Depois, há os da sala número treze.

As vítimas anónimas de homicídios não resolvidos.

– Nos casos de homicídio, a lei diz que o corpo constitui elemento de prova até ser estabelecida a identidade da vítima – afirmou o guarda. – Não se pode condenar um assassino se não se provar que a pessoa morta existia verdadeiramente. Sem um nome, o corpo é a única prova da sua existência. Por isso, é conservado sem limite de tempo. É uma daquelas extravagantes subtilezas legais que tanto agradam aos advogados.

Ditavam as disposições legais que, enquanto não fosse definido o facto criminoso relacionado com a morte, o corpo não poderia ser destruído ou destinado a natural deterioração.

– Chamamos-lhes os adormecidos.

Homens, mulheres e crianças desconhecidos por cuja morte ainda não houvera sido identificado um culpado. Esperavam há anos que alguém se apresentasse para libertá-los da maldição de se assemelharem aos vivos. E, como numa fábula macabra, para que isso acontecesse, bastava pronunciar uma palavra secreta.

O seu nome.

O local que os acolhia – a sala número 13 – era a última, ao fundo.

Chegados diante da porta de metal, o guarda debateu-se com um molho de chaves até encontrar a certa. Abriu e recuou para dar passagem. Mal o visitante entrou na sala escura, acendeu-se no teto uma fila de lâmpadas amarelas, acionadas por sensores de movimento. No centro havia uma mesa de autópsia rodeada por altas paredes frigoríficas com dezenas de câmaras.

Um alvéolo de aço.

– Tem de assinar aqui, é o regulamento – disse o guarda, estendendo um registo. – Qual é o que lhe interessa? – perguntou de seguida, traído por uma ligeira inquietação.

Finalmente, a visita falou.

– O cadáver que está aqui há mais tempo.

AHF-93-K999.

O guarda aprendera a sigla de memória, ansioso pela solução de um antigo mistério. Identificou de imediato a câmara com a etiqueta atada ao puxador. Estava situada na parede à esquerda, a terceira a contar de baixo. Indicou-a ao visitante.

– Entre as histórias dos corpos que estão aqui em baixo, nem sequer é a mais original – fez questão de precisar o homem. – Uns rapazes encontraram-no num sábado à tarde enquanto jogavam futebol no parque. A bola foi parar a um silvado e foi assim que o descobriram. Deram-lhe um tiro na cabeça. Não tem documentos, nem sequer as chaves de casa. O rosto ainda está

perfeitamente reconhecível, mas ninguém liga para os números de emergência em busca de informações nem são apresentadas denúncias de desaparecimentos. À espera de um culpado, que pode bem nunca ser identificado, a única prova do delito é mesmo o cadáver. Por isso, o tribunal decidiu que fosse preservado até o caso ser resolvido e ser feita justiça. – Fez uma pausa. – Desde então, passaram anos, mas ele continua aqui.

Durante muito tempo, o guarda interrogara-se que sentido tinha conservar a prova de um crime do qual já ninguém se lembrava. Aliás, sempre considerara que o mundo se tinha esquecido há muito tempo do anónimo inquilino da sala 13. Mas a presença do visitante indiciava que o segredo conservado por detrás daqueles poucos centímetros de aço ia muito além de uma simples identidade.

– Abra, quero vê-lo.

AHF-93-K999. Durante anos tinha sido o seu nome. Talvez as coisas mudassem naquela noite. O guarda dos mortos acionou a válvula de escape para proceder à abertura da câmara.

O adormecido iria ser despertado.

MILA

Relatório 397-H/5

Transcrição do registo às 6.40 horas de 21 de setembro [REDACTED].

Objeto: telefonema para o número de emergência de [REDACTED].

Operador: agente Clara Salgado.

Operador: Emergências. Quem fala?

X: ...

Operador: Senhor, não o ouço. Quem fala?

X: Chamo-me Jes.

Operador: Tem de me dizer o nome completo, senhor.

X: Jes Belman.

Operador: Quantos anos tens, Jes?

X: Dez

Operador: Onde estás?

X: Em minha casa.

Operador: Podes dar-me o endereço?

X: ...

Operador: Jes, podes dar-me o endereço, por favor?

X: Moro em [REDACTED]

Operador: Está bem. O que se passa? Sabes que este é o número da polícia? Porque telefonaste?

X: Eu sei. Estão mortos.

Operador: Disseste «estão mortos», Jes?

X: ...

Operador: Jes, estás aí? Quem está morto?

X: Sim. Todos, estão todos mortos.

Operador: Isto não é uma brincadeira, pois não, Jes?

X: Não, senhora.

Operador: Queres dizer-me o que aconteceu?

X: Sim.

Operador: Jes, ainda estás aí?

X: Sim.

Operador: Porque não me contas? Diz com calma, se quiseses.

X: Veio ontem à noite. Estávamos a jantar.

Operador: Quem é que veio?

X: ...

Operador: Quem, Jes?

X: Disparou.

Operador: Está bem, Jes. Eu quero ajudar-te, mas tu também tens de ajudar-me agora. Ok?

X: Ok.

Operador: Estás a dizer-me que à hora do jantar um homem entrou em casa e começou a disparar?

X: Sim.

Operador: E depois foi-se embora e não disparou sobre ti. Estás bem, não é verdade?

X: Não.

Operador: Queres dizer que estás ferido, Jes?

X: Não. Não se foi embora.

Operador: O homem que disparou ainda está aí?

X: ...

Operador: Jes, por favor, responde-me.

X: Diz que devem vir. Devem vir já.

Linha interrompida. Fim do registo.

1

A estrada começou a animar-se quando faltavam poucos minutos para as seis.

Os camiões do lixo esvaziaram os contentores dispostos diante das vivendas como soldadinhos obedientes. Depois, foi a vez do veículo que varria o asfalto com as vassouras rotativas. De seguida, vieram as furgonetas dos jardineiros. Os relvados ingleses e as ruas foram libertados de folhas e ervas, as sebes retomaram a altura ideal. Acabada a tarefa, foram-se embora, deixando para trás um mundo ordenado e um silêncio tranquilo.

O lugar feliz estava pronto para ser apresentado ao olhar dos seus felizes habitantes, pensou Mila.

A noite decorrera em sossego, como todas as noites naquele sítio. Por volta das sete, as casas começaram, lentamente, a despertar. Por detrás das janelas, pais, mães e filhos pareciam atarefados e alegres pelo novo dia que tinham pela frente.

Mais um dia de uma vida feliz.

Enquanto os olhava, sentada no seu *Hyundai* estacionado no início do quarteirão, Mila não sentia inveja porque sabia que, raspando um pouco a superfície dourada, surgia sempre algo diferente. Por vezes o verdadeiro quadro, feito de luzes e de sombras, como deveria ser. Mas, outras vezes, havia um buraco negro. Eras invadido pelo hálito pútrido de uma voragem faminta, e parecia-te que, lá do fundo, alguém balbuciava o teu nome.

Mila Vasquez conhecia bem o chamamento do escuro. Dançava com as sombras desde o dia em que nascera.

Estalou os dedos, forçando a pressão sobre o indicador da esquerda. A dor breve deu-lhe o impulso para manter a concentração. Daí a pouco, as portas de entrada das vivendas começaram a abrir-se. As familiazinhas

deixavam as casas para enfrentar o desafio do mundo – que para elas havia sido sempre demasiado fácil, pensou Mila.

Viu os Conner a saírem de casa. O pai, o advogado Conner, tinha quarenta anos, físico magro sob um fato cinzento impecável, cabelos ligeiramente grisalhos que punham em relevo o rosto bronzeado. A mãe era loura, com o corpo e a cara de uma rapariga ligeiramente envelhecida. O tempo nunca se encarniçara sobre ela, Mila tinha a certeza disso. E, depois, vinham as meninas. A maior frequentava o ensino básico. A pequena – uma cascata de caracóis – ainda no infantário. Eram o retrato dos pais. Se alguém ainda tivesse dúvidas sobre a teoria da evolução, Mila tê-las-ia dissipado, mostrando-lhes os Conner. Eram belos e perfeitos e, obviamente, só podiam viver no lugar feliz.

Depois de ter beijado mulher e filhas, o advogado entrou num *Audi A6* azul e rumou à sua brilhante carreira. A mulher entrou num *SUV* da *Nissan*, de cor verde, para acompanhar as meninas à escola. Nesse momento, Mila saiu do seu velho automóvel para entrar na vivenda – e na vida – dos Conner. Não obstante o calor, tinha escolhido como indumentária um fato de *treino*. O verão acabara há menos de um dia mas, se tivesse vestido uma t-shirt e calções, as cicatrizes teriam chamado muito mais a atenção. Segundo os cálculos que fizera nos dias precedentes, desde que iniciara a vigia, tinha apenas quarenta minutos até a senhora Conner regressar a casa.

Quarenta minutos para descobrir se o lugar feliz escondia um fantasma.

Os Conner eram o seu objeto de estudo há algumas semanas. Tudo começara acidentalmente.

Os polícias que trabalham nos casos de desaparecimento não podem esperar sentados a uma secretária que haja uma denúncia, dado que, por vezes, quem desaparece não tem uma família que o possa fazer. Porque é estrangeiro ou porque cortou as pontes com tudo há muito tempo ou, simplesmente, porque não tem ninguém no mundo.

Mila chamava-lhes «os predestinados».

Indivíduos que tinham um vazio à sua volta sem imaginarem que, um dia, poderiam ser engolidos. Por isso, primeiro devia procurar o caso, depois a pessoa desaparecida. Andava pela rua, batendo os lugares do desespero, onde a sombra morde cada passo e nunca te deixa sozinho. Mas os desaparecimentos ocorriam, também, na presença de um ambiente afetivo saudável e protegido.

Por exemplo, quando desaparecia uma criança.

Podia suceder – e infelizmente sucedia – que os pais, distraídos por uma ensaiada rotina, não se dessem conta de alguma pequena, mas fundamental, mudança. Era possível que alguém fora de casa se aproximasse dos filhos sem que eles viessem a sabê-lo. As crianças tendem a sentir-se culpadas quando recebem as atenções de um adulto, porque se verifica um conflito irresolúvel entre duas recomendações habitualmente dadas pela mamã e pelo papá: de facto, é difícil fazer uma distinção entre o dever de se mostrarem educados com os adultos e evitarem o contacto com os desconhecidos. Qualquer que seja o comportamento escolhido, haverá sempre algo a esconder. Mas Mila descobrira uma ótima fonte de informação para saber o que estava a acontecer na vida de uma criança.

Por isso, todos os meses visitava uma escola diferente.

Pedia autorização para andar pelas salas de aula quando os alunos não estavam. Detinha-se a olhar para os desenhos pendurados nas paredes. Por vezes, a vida real estava presente mas mascarada naqueles mundos de fantasia. Estava, sobretudo, condensada no conjunto de emoções secretas, e por vezes inconscientes, que as crianças absorvem e expelem como uma esponja. Gostava de visitar as escolas. Agradava-lhe, especialmente, o odor – lápis de cera e cola de papel, livros novos e pastilha elástica. Oferecia-lhe uma misteriosa tranquilidade. Dava-lhe a ideia de que nada lhe poderia acontecer.

Para um adulto, os lugares mais seguros são aqueles onde estão as crianças.

Fora no decurso de uma destas explorações que Mila, no meio de dezenas de desenhos expostos numa parede, descobrira o da filha mais nova dos Conner. Escolhera ao acaso aquele infantário, no início do ano escolar, e tinha lá ido durante o recreio, enquanto as crianças estavam no pátio. Detivera-se no seu minúsculo mundo, desfrutando daquele cenário de gritos festivos provenientes do exterior.

O que a surpreendera naquele desenho da pequena Conner era a família feliz representada nele. Ela, a mamã, o papá e a irmãzinha no relvado na frente da casa. Um belo dia de sol sorridente. Os quatro de mãos dadas. Porém, afastado da cena principal, havia um elemento que destoava. Um quinto personagem. Provocou-lhe, de imediato, uma estranha inquietação. Parecia que flutuava e não tinha cara.

Um fantasma, pensou Mila instantaneamente.

Estava quase a desistir quando se lembrou de procurar na parede outros desenhos da pequena e descobriu que a obscura presença regressava em todos eles.

O pormenor era demasiado preciso para ser casual. O instinto dizia-lhe para aprofundar.

Interpelou a professora da menina que foi muito simpática e lhe confirmou que a história dos espectros já durava há algum tempo. Explicou que, por experiência, não havia motivo para preocupação – habitualmente acontecia este tipo de situações depois da morte de um parente ou de um conhecido. Era o modo como os menores faziam o luto. Por escrúpulo, a professora tinha perguntado à senhora Conner. Embora na família não houvesse registo de falecimentos recentes, algum tempo antes a pequena tinha tido um pesadelo noturno. Poderia ser essa a causa.

Mas Mila aprendera com os psicólogos infantis que as crianças atribuem

a figuras reais semelhanças de personagens de fantasia, não necessariamente heróis negativos. Assim, poderia acontecer que o estranho se transformasse num vampiro, num simpático palhaço ou até no Homem-Aranha. No entanto, havia sempre um detalhe que desmascarava o duplo, tornando-o, novamente, humano. Recordava o caso de Samantha Hernández, que representara com as feições de Pai Natal o homem de barba branca que se aproximava dela todos os dias no parque. Só que no desenho, como na realidade, tinha uma tatuagem no antebraço. Mas ninguém se dera conta disso. Assim, ao ser desprezível que a raptou e matou bastara a promessa de um presente.

No caso da pequena Conner, o elemento revelador era a repetição.

Mila estava convencida de que a menina se assustara com alguma coisa. Tinha de descobrir se se tratava de uma presença real e, sobretudo, inócua.

Como sempre, decidira não avisar os pais. Era inútil criar alarmismos ou suscitar apreensões infundadas só por uma vaga suspeita.

Começara a vigiar a pequena Conner para identificar as pessoas com quem entrava em contacto fora de casa ou nos poucos momentos em que estava longe da vigilância dos seus, como quando estava no infantário ou nas aulas de dança.

Nenhum estranho parecia particularmente interessado na menina.

As suas suspeitas eram infundadas. Acontecia muitas vezes, mas não se importava de ter lançado ao vento dias de trabalho, dado que a recompensa era uma sensação de alívio.

Mas, por puro zelo, decidiu visitar, também, a escola da filha mais velha dos Conner. Nos seus desenhos não havia nenhum elemento ambíguo. Mas a anomalia ocultava-se numa história que a professora tinha dado como trabalho de casa.

A menina tinha escolhido uma história de terror, cujo protagonista era um fantasma.

Era possível que fosse apenas o fruto da fantasia da irmã mais velha a

influenciar e a assustar a mais pequena. Ou então era a prova definitiva de que não se tratava de uma pessoa imaginária. Talvez o facto de não ter descoberto nenhum estranho suspeito significasse que a ameaça estava muito mais próxima do que inicialmente considerara.

Não um desconhecido, mas alguém de casa.

Por isso, decidiu efetuar uma nova exploração, desta vez junto da casa dos Conner. Também ela deveria transformar-se.

De caçadora de crianças em caçadora de fantasmas.

Faltava pouco para as oito da manhã. Mila enfiou os auriculares de um leitor mp3 – desligado – e, procurando parecer uma corredora matinal, percorreu em passo acelerado o troço de rua que a separava da ruela de entrada. Quando estava perto da vivenda dos Conner, virou para a direita, ladeando a construção até chegar às traseiras. Tentou, primeiro, a porta de serviço, depois as janelas. Fechadas. Se tivesse encontrado uma entrada já aberta e alguém a surpreendesse, poderia utilizar a desculpa de que tinha entrado em casa por suspeitar que estivesse lá um ladrão. Não se livraria de uma acusação de violação de domicílio mas, assim, teria a hipótese de fazê-lo facilmente. Pelo contrário, ao forçar uma fechadura, expunha-se a um risco tão inútil como estúpido.

Repensou na razão por que estava ali. Não era possível explicar uma perceção instintiva, todos os polícias sabiam-no bem. Mas, no seu caso, havia o irresistível ímpeto de ultrapassar sempre a fronteira. No entanto, não podia certamente bater à porta dos Conner e dizer: «Olá, algo me diz que as vossas filhas estão a correr perigo por causa de um fantasma que pode ser uma pessoa de carne e osso.» Assim, como muitas vezes acontecia, a desconfortável sensação prevaleceu sobre o bom senso: regressou à porta de serviço e forçou-a.

Bateu de imediato contra um aparelho de ar condicionado. Na cozinha ainda estavam os pratos do pequeno-almoço. No frigorífico estavam coladas

fotografias das férias e testes da escola, nos quais se destacava uma boa nota.

Mila tirou do bolso do fato de treino um estojo negro, de plástico. Continha uma microcâmara do tamanho de um botão, da qual saía um cabo que servia de transmissor. Graças ao sistema *wireless* e à internet, poderia vigiar à distância o que acontecia na casa. Só tinha de encontrar o local mais apropriado para colocá-la. Olhou para o relógio e começou a explorar os restantes espaços. Não tendo muito tempo, decidiu concentrar-se nos compartimentos onde decorria a maior parte das atividades familiares.

Na sala de estar, junto dos sofás e da televisão, havia uma estante com embutidos em raiz. Em vez de livros continha os certificados de mérito alcançados pelo doutor Conner no desenvolvimento da profissão forense ou distinções que conquistara graças ao seu empenho na comunidade. Era um cidadão exemplar, muito estimado. Numa prateleira estava bem visível um troféu de patinagem no gelo, ganho pela filha mais velha. Partilhar o espaço das condecorações com outro membro da família era uma ideia simpática, pensou Mila.

Sobre a lareira, uma fotografia mostrava os Conner sorridentes e harmoniosos, vestidos com confortáveis camisolas vermelhas, todas iguais. Possivelmente, uma espécie de tradição familiar de Natal. Mila nunca poderia ter posado para um retrato semelhante. A sua vida era muito diferente. *Ela* era diferente. Desviou rapidamente o olhar, porque achava aquela imagem insuportável.

Decidiu passar em revista o piso de cima.

Nos quartos, as camas estavam desfeitas e esperavam o regresso da senhora Conner, que abandonara a carreira para se dedicar ao cuidado da casa e das filhas. Mila deu uma rápida olhadela nos quartos das meninas. No dos pais, o guarda-roupa estava aberto. Parou a observar os vestidos da senhora Conner. A existência de uma mãe feliz despertava-lhe curiosidade. Havia uma espécie de anticorpo dentro dela que lhe neutralizava os sentimentos, de

modo que não podia saber o que sentia uma mãe feliz. Mas poderia imaginá-lo, isso sim.

Um marido, duas filhas, uma casa confortável e protetora como um ninho.

Por um instante, Mila perdeu de vista o objetivo da exploração e reparou que alguns vestidos pendurados nas cruzetas tinham tamanhos diferentes. As mulheres muito bonitas também estão sujeitas a engordar, comprazeu-se. A ela isso não acontecia. Era macérrima. De qualquer modo, considerando os amplos vestidos com que escondera os quilos em excesso, devia ter sido difícil para a senhora Conner recuperar a linha. Subitamente, Mila deu-se conta do que estava a fazer. Perdera o controlo. Em vez de andar à caça dos perigos, tornara-se, ela própria, um perigo para aquela família.

A estranha que invade o espaço vital dos outros.

Além disso, perdera o sentido do tempo, e a senhora Conner já poderia estar de regresso. Assim, decidiu sem demora que o sítio ideal para colocar a microcâmara era a sala de estar.

Identificou o local mais adequado no interior do móvel dos livros com os troféus de família. Servindo-se de uma fita adesiva de dupla face, colocou o engenho de modo a ocultá-lo o melhor possível entre os objetos. Mas, enquanto se dedicava à operação, a margem direita do seu campo visual foi perturbada por uma mancha de cor vermelha, como uma luz pulsante à altura da parede acima da lareira.

Mila parou para voltar-se e ficou a observar de novo a fotografia de família com as camisolas vermelhas que antes descurara por uma absurda inveja. Ao olhá-la melhor, o quadro idílico mostrava algumas fendas. Em particular, havia um silêncio nos olhos da senhora Conner, como se fossem as janelas de uma casa desabitada. O advogado Conner parecia esforçar-se por parecer radiante, mas o abraço com que cingia a mulher e as filhas não transmitia um sentido de segurança, quando muito de posse. E havia também

outra coisa qualquer naquela imagem, mas Mila não conseguia identificá-la. A felicidade postiça que rodeava os Conner escondia algo de errado. Depois viu-o.

As meninas tinham razão. Havia um fantasma no meio deles.

No fundo da fotografia, em vez do móvel cheio de louvores, havia uma porta.

2

Onde se esconde habitualmente um espectro?

Num lugar escuro e sossegado. No sótão. Ou então, como neste caso, na cave. *Tocou-me a mim a ingrata tarefa de o recordar*, pensou Mila.

Olhou para baixo e só então se deu conta dos riscos no pavimento de madeira, sinal de que o móvel era removido frequentemente. Colocou-se num dos lados da estante e vislumbrou a porta. Introduziu os dedos na fresta e puxou. A *memorabilia* tilintou, o móvel inclinou-se perigosamente e Mila conseguiu, finalmente, encontrar uma abertura suficientemente larga para passar.

Abriu a porta e a luz do dia penetrou de imediato no antro. Mas Mila teve a impressão de que era o escuro que tinha dentro de si que a assaltava. A porta tinha sido insonorizada com um material próprio, para não deixar passar ruídos para dentro ou para fora.

Logo depois havia uma escada, ladeada por duas paredes de cimento rude, que conduzia à cave.

Procurou no bolso do fato treino a pequena lanterna e começou a descer.

Alerta, com os músculos tensos, prontos a saltarem. Ao fundo, a escada curvava para a direita, onde, presumivelmente, estaria a cave. Chegada ao fundo, Mila encontrou-se num espaço aberto, imerso na escuridão. Moveu o feixe de luz, à procura. Iluminou móveis e objetos que não deveriam estar ali em baixo. Um suporte para mudar fraldas, uma cama pequena e um parque. Deste último provinha um som cadenciado.

Vivo.

Aproximou-se lentamente, doseando os passos para não despertar a criança que estava a dormir envolta num lençol – precisamente adequado a um fantasma – e de costas para ela.

Tinha uma perninha de fora e exibia sinais de desnutrição. A falta de luz não tinha ajudado ao seu desenvolvimento. O tom da pele era pálido. Talvez tivesse um ano, ou um pouco mais.

Tinha de tocá-la, tinha de saber que era real.

Existia uma ligação entre o que viam os seus olhos, os distúrbios alimentares e o falso sorriso da senhora Conner. Aquela mulher não tinha simplesmente engordado. Tinha estado grávida.

O pequeno embrulho moveu-se, despertado pela lanterna. A criança voltou-se para ela, apertando contra si uma boneca de pano. Mila imaginou que começaria a chorar. Mas, em vez disso, limitou-se a observá-la. Depois, sorriu-lhe.

O fantasma tinha uns olhos enormes.

Estendeu as mãozinhas para ela, queria colo. Mila fez-lhe a vontade. A pequena abraçou-se de imediato ao seu pescoço com toda a força. Talvez intuisse que estava ali para salvá-la. A agente notou que, apesar da deterioração física, estava limpa. Aquele cuidado denotava uma contradição entre ódio e amor – entre bem e mal.

– Gosta de estar ao colo.

A menina reconheceu a voz e bateu as mãos, contente. Mila voltou-se. A senhora Conner estava ao pé da escada.

– Ele não é como os outros. Quer manter sempre o controlo das situações e eu não quero desiludi-lo. Assim, quando descobriu que eu estava grávida, não perdeu a cabeça – falava do marido sem o nomear. – Nunca me perguntou quem era o pai. A nossa vida devia ser perfeita, mas eu arruinei os seus planos. Foi isto que o arreliou, não a traição.

Mila fixava-a imóvel, sem dizer uma palavra. Não sabia como julgá-la. A mulher não parecia estar zangada, nem espantada por encontrar uma estranha. Era como se estivesse à sua espera há muito tempo. Talvez quisesse ser libertada.

– Supliquei-lhe que me deixasse abortar, mas não quis. Fez-me esconder a gravidez de todos e, durante nove meses, acreditei que, no fundo, ele quisesse ter a menina. Depois, um dia, mostrou-me como tinha adaptado este local e, só então, percebi. Não se contentaria com o desprezo. Não, tinha de punir-me.

Mila sentiu um nó de raiva a apertar-lhe a garganta.

– Obrigou-me a ter o parto na cave e a deixá-la aqui. Ainda lhe disse que poderíamos deixá-la em frente a uma esquadra da polícia ou num hospital. Ninguém viria a saber. Mas ele já nem sequer me responde.

A menina sorria nos braços de Mila, nada parecia perturbá-la.

– De vez em quando, quando ele não está, levo-a para cima e mostro-lhe as irmãs enquanto dormem. Creio que se deram conta da nossa presença mas devem ter pensado que era um sonho.

Ou um pesadelo, disse Mila para consigo, recordando o fantasma nos desenhos e na história. Decidiu que já tinha ouvido o suficiente. Voltou-se para o berço para pegar na boneca de pano e saiu imediatamente dali.

– Chama-se *Na* – disse a mulher. – Ou, pelo menos, é assim que ela lhe chama. – Fez uma pausa. – Que mãe seria eu se não conhecesse o nome da boneca preferida da minha filha?

E a ela, deste um nome? Mila estava furiosa, mas não proferiu estas palavras em voz alta. Lá fora, o mundo não sabia nada da pequenina. A agente imaginava como poderia ter acabado aquela história, se não fosse ela.

Ninguém procura uma menina que não existe.

A mulher captou a repugnância no olhar de Mila.

– Sei o que está a pensar, mas nós não somos assassinos. Não a mataríamos.

– É verdade – concordou Mila. – Esperariam que morresse.

3

Que mãe seria eu se não conhecesse o nome da boneca preferida da minha filha?

Repetia para si mesma a pergunta durante todo o trajeto no carro. E a resposta que obtinha era sempre igual.

Não sou melhor do que ela.

Cada vez que aflorava a consciência, era como sofrer a mesma ferida.

Às onze e quarenta ultrapassou a entrada do Limbo.

Era o nome dado ao gabinete das pessoas desaparecidas, na sede do departamento da polícia federal. Estava situado no piso da cave de um prédio na ala oeste, a mais periférica. O nome deixava também subentendido o facto de aquele local não interessar a ninguém.

O rugido constante de um velho aparelho de ar condicionado acolheu-a, juntamente com o odor de fumo rançoso – herança de uma época distante em que se podia fumar nos escritórios – misturado com o da humidade proveniente dos alicerces.

O Limbo era composto por vários espaços, incluindo um subterrâneo que continha o velho arquivo de papel e o depósito dos relatórios. Os gabinetes eram três, cada um com quatro secretárias, exceto o reservado ao capitão da secção. Mas o local mais amplo encontrava-se mesmo à entrada.

A sala dos passos perdidos.

Ali se interrompia o caminho de muita gente. Ao entrar, notavam-se três coisas. A primeira era o vazio: na ausência de mobiliário, o eco tinha espaço livre. A segunda, a sensação de claustrofobia: não obstante o teto alto, não havia janelas, a única luz era a acinzentada das luzes de néon. A terceira coisa que se notava eram as centenas de olhos.

As paredes estavam atapetadas com fotografias de pessoas desaparecidas.

Homens e mulheres. Jovens e velhos. E as crianças viam-se, de imediato, no meio dos outros. Mila sempre se perguntara porquê. Depois percebera. Emergiam da massa porque a sua presença suscitava um sentimento de fastidiosa injustiça. As crianças não escolhiam desaparecer. Por isso, acreditava-se que uma mão adulta as agarrara, arrastando-as para uma dimensão invisível. Mas, nestas paredes, não tinham nenhum tratamento especial. Os seus rostos estavam dispostos entre os outros, seguindo uma ordem rigorosamente cronológica.

Os habitantes do muro do silêncio eram todos iguais. Não havia distinção de raça, religião, sexo ou idade. A fotografia que os retratava era, simplesmente, a prova mais recente da sua presença nesta vida. Podia ser o disparo diante de um bolo de aniversário ou o fotograma extraído de um filme de uma câmara de vigilância. Podiam sorrir despreocupados ou nem sequer saber que estavam a ser observados. Sobretudo, nenhum deles suspeitava que estava a posar para a sua última fotografia.

A partir daquele momento, o mundo avançara sem eles. Mas ninguém os deixaria para trás. Ali, no Limbo, ninguém os esqueceria.

– Não são pessoas – dizia Steph, o chefe de Mila. – São apenas o nosso objeto de trabalho. E, se não pensares assim, ficarás pouco tempo aqui dentro. Eu estou aqui há vinte anos.

Mas ela não conseguia referir-se àquelas pessoas como «objetos de trabalho». Nos outros gabinetes do departamento tinham outro nome: «vítimas». Um termo genérico que significava apenas que tinham sofrido qualquer tipo de crime. No entanto, os colegas de Mila que não trabalhavam no Limbo não sabiam a sorte que tinham por poderem utilizar aquela palavra.

Nos casos de desaparecimento não se podia determinar de imediato se quem desaparecera era uma vítima ou se fizera tudo sozinho.

Na realidade, quem trabalhava no Limbo não sabia sobre o que estava a indagar. Se se tratava de um rapto, de um homicídio ou de um afastamento

voluntário. Quem trabalhava no Limbo não era recompensado com a justiça. Não era motivado pela ideia de uma pessoa má a capturar. Tinha apenas de contentar-se com a possibilidade de, um dia, vir a saber a verdade. De facto, a dúvida podia tornar-se uma obsessão não só para quem tinha laços com a pessoa desaparecida e gostaria de saber o que aconteceu e porquê.

Mila aprendera bem a lição. Durante os primeiros quatro anos passados ali, tivera um colega, Eric Vincenti, um tipo tranquilo, gentil, que uma vez lhe dissera que as raparigas o deixavam sempre pelo mesmo motivo. Quando saía com elas, para jantar ou para beber qualquer coisa, o seu olhar percorria as mesas ou os que passavam por eles. «Elas falavam comigo e eu distraía-me. Tentava ouvir, mas não conseguia. Uma disse-me que parasse de olhar para as outras quando estava com ela.»

Mila recordava o sorriso ténue que Eric Vincenti exibira enquanto lhe contara aquele episódio. A voz um tanto rouca e subtil, o modo de anuir. Quase como se estivesse resignado ao pensamento e o contasse como uma anedota divertida. Mas, depois, o seu semblante ficara sério.

«Eu procuro-as por todo o lado. Procuro-as sempre.»

Com poucas palavras tinha-lhe transmitido um gelo inesperado, que, desde então, nunca mais a abandonara.

Eric Vincenti desaparecera num domingo de março. No seu apartamento de solteiro a cama estava feita, as chaves de casa estavam pousadas no móvel da entrada, os fatos permaneciam no guarda-roupa. A única fotografia que tinham encontrado retratava-o sorridente no meio de um grupo de amigos do passado, enquanto mostrava com orgulho um peixe-gato acabado de pescar. O seu rosto acabara no meio dos outros, na parede a leste.

«Não conseguiu aguentar», sentenciara Steph.

A escuridão agarrou-o, pensara Mila.

Enquanto se dirigia para a sua secretária, observou a de Eric Vincenti, sobre a qual, dois anos depois do seu desaparecimento, nada fora mudado de

sítio. Era o último vestígio da sua existência.

Assim, restavam dois de serviço no Limbo.

Nas outras secções do departamento os polícias eram tão numerosos que se viam obrigados a trabalhar amontoados, atormentados pelos padrões de eficiência indicados pelos superiores. Por sua vez, ela e o capitão Steph tinham um grande espaço à disposição, não tinham de prestar contas dos seus métodos nem de garantir resultados. Todavia, nenhum polícia com um mínimo de ambição queria trabalhar ali – as esperanças de progredir na profissão reduzem-se quando os casos insolúveis te observam das paredes.

Por sua vez, Mila escolhera expressamente aquele destino quando, sete anos antes, lhe propuseram uma promoção para o maior caso dos últimos anos. Os superiores ficaram espantados com a sua decisão. Para muitos não fazia sentido nenhum ela enterrar-se naquele buraco. Mas Mila não mudara de ideias.

Despido o fato de *treino* que lhe servira de disfarce naquela manhã, vestia agora a roupa habitual – uma anónima t-shirt de manga comprida, *jeans* escuros e sapatilhas – e estava pronta para sentar-se diante do computador e redigir o relatório do que acontecera em casa dos Conner. A menina-fantasma, a quem ninguém tinha dado um nome, tinha sido confiada aos serviços sociais. Duas psicólogas, escoltadas por um carro-patrulha, tinham ido buscar as irmãs à escola. A senhora Conner tinha sido presa e, pelo que Mila sabia, também o marido tinha sofrido a mesma sorte, assim que o conseguiram localizar no seu local de trabalho.

Enquanto esperava que o velho computador arrancasse, regressou a voz que a atormentara toda a manhã.

Não sou melhor do que ela.

Naquele momento, ergueu os olhos para a porta do gabinete de Steph. Fechara-a, embora habitualmente a mantivesse aberta. Estava a interrogar-se sobre a razão pela qual a porta estaria fechada quando o capitão espreitou do

seu gabinete.

– Ah, estás cá – disse. – Podes chegar aqui, por favor?

O tom era neutro, mas Mila percebera uma tensão. Steph desapareceu antes que pudesse perguntar alguma coisa, deixando a porta encostada para que ela o seguisse. A agente levantou-se e dirigiu-se, diligentemente, naquela direção. Enquanto se aproximava, ouviu pedaços de um discurso. Mas havia vozes diferentes.

Ninguém descia ao Limbo.

Mas, segundo parecia, Steph estava acompanhado.

4

O motivo da visita devia ser sério.

Os colegas dos pisos de cima mantinham-se afastados, como se o Limbo guardasse uma maldição ou trouxesse má sorte. Os superiores não se interessavam por ele. Semelhante a uma consciência suja, preferiam esquecer-se dele. Ou talvez todos tivessem medo de serem sugados para as paredes da sala dos passos perdidos e ficarem aprisionados naquela existência a meio caminho entre a vida e a morte.

Quando Mila abriu a porta, Steph estava na sua secretária. Diante dele estava sentado um homem: de ombros largos que um fato castanho mal conseguia envolver. Não obstante os quilos que tinha em cima, a calvície e a gravata que, em vez de lhe dar uma tonalidade, parecia enforcá-lo, Mila reconheceu, de imediato, o sorriso bonacheirão de Klaus Boris.

Levantou-se e dirigiu-se a ela.

– Como estás, Vasquez? – Ia abraçá-la, mas foi bloqueado pela repentina recordação de que Mila não gostava de ser tocada. Tudo se resolveu num gesto embaraçado.

– Estou bem, e tu estás mais magro – disse ela para desanuviar o embaraço.

Boris riu-se sonoramente.

– O que queres que faça? Sou um homem de ação – e deu uma palmada no estômago proeminente.

Já não era o velho Boris, pensou Mila. Estava casado, tinha dois rapazes e, sendo inspetor, tornara-se um dos seus superiores. Por isso, convenceu-se ainda mais de que não se tratava de uma visita de cortesia.

– O Juiz felicita-te pela descoberta desta manhã.

Precisamente o Juiz, pensou Mila. Se o chefe do departamento estava

interessado num polícia do Limbo, alguma coisa se passava. Mas o discurso era simples: quando se apurava que por detrás de um desaparecimento se escondia a mão de um assassino, o caso passava, automaticamente, para a secção de homicídios e, com ele, a possibilidade de arrecadar todo o mérito resultante da resolução do caso.

Não havia medalhas para os do Limbo.

O caso Conner tinha seguido um processo semelhante. Em contrapartida, Mila tinha obtido uma espécie de perdão pela utilização de métodos pouco ortodoxos. Na secção anticrime todos ficaram contentes por tomarem as rédeas da investigação. No fundo, era nem mais nem menos do que o sequestro de uma pessoa.

– O Juiz mandou-te aqui para me dizeres isso? Podia ter-me telefonado.

Outra risada de Boris, mas desta vez forçada.

– Porque não nos pomos à vontade...

Mila lançou uma olhadela a Steph para perceber o que estava a acontecer, mas o capitão desviou o olhar. Não lhe competia falar. Boris voltou a sentar-se, indicando a Mila a cadeira em frente. Mas ela permaneceu de pé por um instante, voltando-se para fechar a porta.

– Vá, Boris, o que se passa? – perguntou sem olhar para ele. Quando se voltou novamente, uma ruga apareceu na testa de Boris. Subitamente, foi como se a luz da sala tivesse baixado impercetivelmente. *Bem, chegou o momento, acabaram as cerimónias*, disse Mila para consigo.

– O que vou dizer-vos é altamente confidencial. Estamos a tentar manter afastada a imprensa.

– Quais são os motivos de tanta prudência? – instou-o Steph.

– O Juiz ordenou a mais estrita confidencialidade. Todos os que vierem a ter conhecimento do caso serão registados, de modo a poderem ser identificadas eventuais fugas de informação.

Não era uma simples recomendação, pensou Mila, mas uma ameaça

velada.

– Quer dizer que a partir deste momento também nós os dois estamos na lista – atalhou o capitão. – Podemos agora saber o que se passa?

Boris concedeu-se um instante antes de falar.

– Esta manhã, às seis e quarenta, houve uma chamada para um posto de polícia fora da cidade.

– Onde? – perguntou Mila.

Boris ergueu as mãos: – Espera, primeiro o resto.

A agente sentou-se diante dele.

Boris apoiou as duas mãos nos joelhos para prosseguir, como se o relato lhe fosse difícil.

– Uma criança de dez anos, Jes Belman, contou que alguém entrou em casa à hora de jantar e começou a disparar. E que estavam todos mortos.

Mila teve a sensação de que a energia das lâmpadas presentes no gabinete sofrera uma nova quebra.

– O endereço corresponde a uma casa de montanha, a quinze quilómetros da povoação. O proprietário é um certo Thomas Belman, fundador e presidente da empresa farmacêutica homónima.

– Conheço-a – disse Steph. – É a dos meus comprimidos para a tensão.

– Jes é o filho mais novo. Belman tinha mais dois, um rapaz e uma rapariga: Chris e Lisa.

O verbo usado no imperfeito acendeu uma luz vermelha na cabeça de Mila. *Agora vem a parte dolorosa*, pensou.

– Dezasseis e dezanove anos – especificou Boris. – A mulher de Belman chamava-se Cynthia e tinha quarenta e sete. Quando os agentes do posto local foram lá verificar... – Fez uma pausa e o seu olhar obscureceu de raiva. – Bem, é inútil andar à volta do assunto ou torná-lo muito longo... A criança tinha dito a verdade: estavam em casa ontem à noite. Foi uma carnificina. Todos mortos. Exceto Jes.

– Porquê? – perguntou Mila, surpreendendo-se com a pergunta tão angustiada.

– Consideramos que o homicida tivesse algo contra o chefe de família. – Não acrescentou mais nada.

– E o que o leva a pensar isso? – Steph franziu o sobrolho.

– Foi o último a ser morto.

Era evidente a intenção sádica daquela escolha. Thomas Belman devia saber que os seus entes queridos iriam morrer e devia sofrer também por isso.

– O filho mais pequeno fugiu ou conseguiu esconder-se? – Mila procurava parecer tranquila, mas o breve relato abalara-a.

Boris concedeu-se um amargo sorriso de incredulidade.

– O homicida poupou-o para que telefonasse e contasse o que acontecera.

– Queres dizer que o sacana estava presente durante o telefonema? – perguntou Steph.

– Queria ter a certeza de que a mensagem era entregue.

Violência extrema e protagonismo, pensou Mila, um comportamento típico de uma espécie particular de assassinos, os *mass murderers*.

Eram mais imprevisíveis e letais do que os *serial killers*, embora as pessoas e os meios de comunicação por vezes confundissem as duas figuras. Um «*serial*» espaçava as mortes por intervalos de tempo mais ou menos longos, enquanto um «pluri-homicida» concentrava-as num único, lúcido e estudado massacre. Nesta categoria entravam o fulano despedido que regressa ao escritório e mata os colegas de trabalho ou o estudante que aparece no liceu com uma espingarda de guerra e abate professores e companheiros como num jogo de vídeo.

O seu móbil era o rancor. Contra o governo, a sociedade, a autoridade instituída ou, simplesmente, o género humano.

A diferença substancial entre *serial killer* e *mass murderer* estava no facto de ser possível ter a sorte de prender os primeiros – pôr-lhes as algemas

nos pulsos, ter o gosto de fixá-los nos olhos depois da detenção, dizer-lhes na cara «acabou» –, enquanto os segundos paravam por sua vontade, uma vez atingido o número perfeito na sua conta secreta de mortos. Escolhiam para si mesmos um único golpe liberatório, quase indolor, realizado com a mesma arma utilizada para realizar o massacre. Ou, de forma deliberada, deixavam-se matar pela polícia, num ato extremo de desafio. Mas deixavam sempre nos polícias a desagradável sensação de terem chegado tarde, porque o golpe já tinha sido realizado.

Levar consigo para o inferno o maior número de vidas.

Se não existe um culpado a capturar ou a julgar, as vítimas desaparecem com ele no esquecimento, deixando apenas o vazio raivoso de uma insatisfeita vingança. Deste modo, o autor da matança consegue retirar à polícia a consolação de ainda poder fazer algo de bom por aqueles que morreram.

Mas não devia ser este o caso, considerou Mila. Se o suicídio do homicida tivesse sido realmente o epílogo do relato, Boris já lhes teria comunicado.

– Ainda anda por aí, só Deus sabe por onde – disse o amigo inspetor antecipando as suas conclusões. – Ainda anda aí fora, percebem? Está armado. E talvez ainda não tenha acabado o serviço.

– Sabem quem é o psicopata? – perguntou Steph.

Mas Boris eludiu a pergunta.

– Sabemos que chegou lá acima pelo bosque e que partiu do mesmo modo. E sabemos que se serviu de uma espingarda semiautomática *Bushmaster.223* e de um revólver.

Parecia ser tudo, mas Mila tinha a impressão de que faltava qualquer coisa no relato de Boris. Uma parte que ainda não tinha revelado e que tinha a ver com a razão pela qual se dera ao trabalho de descer ao Limbo.

– O Juiz gostaria que viesses dar uma olhadela.

– Não.

A resposta foi de tal modo imediata que até ela ficou surpreendida. Como num *flash*, surgiram-lhe diante dos olhos os quatro corpos e o sangue que sujava as paredes e alastrava oleoso no pavimento. Sentira o odor. Aquele miasma feroz que, como se te reconhecesse, te dissesse, a rir, que também a tua morte, um dia, terá o mesmo cheiro.

– Não – repetiu, mais decidida. – Não o farei, lamento.

– Espera, não percebo – interveio Steph. – Porque deveria ir ela? Não é criminologista, nem sequer uma *profiler*.

Boris ignorou o capitão e dirigiu-se, novamente, a Mila.

– O assassino tem um plano, dentro de pouco tempo poderá voltar à ação e morrerão mais inocentes. Sei que estamos a pedir-te muito.

Há sete anos que não punha os pés numa cena de crime. *És dele. Pertences-lhe. Sabes que aquilo que ele quiser...*

– Não – disse pela terceira vez, para interromper a voz da escuridão.

– Explicar-te-ei tudo quando estivermos lá em cima. Será uma questão de uma hora, no máximo, prometo. Pensámos que...

Steph desatou a rir, com ar trocista.

– Desde que entraste neste gabinete falaste sempre no plural... Decidimos, pensámos... Santo Deus, sabemos que foi o Juiz que pensou e decidiu e que estás aqui para transmitir as suas palavras. Então, o que se passa?

Gus Stephanopoulos – a quem, por comodidade, todos sempre chamavam Steph – era um polícia experiente e tão próximo da aposentação que podia estar-se nas tintas para as consequências das suas invetivas. Mila gostava dele porque, desde sempre, aparentara ser um daqueles polícias que navegam à vista, sem nunca querer pisar os calos a ninguém, sempre atento a dizer ou a fazer o que era correto. Um dócil servidor do distintivo. Mas, depois, quando menos se esperava, emergia a índole do velho grego. Tinha visto várias vezes

o género de incredulidade que, agora, era visível no rosto de Boris. Steph dirigiu-se a ela, divertido: – Na tua opinião, o que devo fazer? Dou um pontapé no cu ao inspetor e mando-o de volta para os andares de cima?

Mila não disse nada. Desviou lentamente o olhar para Boris.

– Vocês têm uma cena do crime perfeita, não podia correr-vos melhor. Além disso, têm uma testemunha ocular, o filho de Belman, e imagino que já conseguiram identificar o suspeito. Talvez vos falte ainda uma peça do móbil, mas não vão ter dificuldades em encontrá-la. Habitualmente, nestes casos, a causa do crime está ligada a alguma forma de rancor. E não me parece que alguém tenha desaparecido, por isso, o que temos nós, do Limbo, a ver com isso? – Mila fez uma curta pausa. – Então, estás aqui porque há um problema com a identidade do homicida...

Deixou que a frase decantasse. Boris, que se calara durante todo o tempo, não mudou de atitude.

Steph insistiu.

– Não conseguiste identificá-lo, é isso? – Por vezes acontecia que outras secções pedissem a sua ajuda para passar de uma cara a uma identidade: em vez de uma pessoa desaparecida, o seu nome. – Mila pode servir-vos. Assim, se não conseguirem descobrir quem foi antes que ele leve a cabo outro massacre, podem descarregar a culpa sobre o Limbo. O trabalho sujo é para nós, é isso?

– Engana-se, capitão – disse Boris, quebrando silêncio. – Sabemos quem é.

A frase fintou Mila e Steph. Nenhum dos dois conseguiu replicar.

– Chama-se Roger Valin.

O nome libertou de imediato uma série de informações na cabeça de Mila, mas sem uma ordem precisa. Contabilista. Trinta anos. Mãe doente. Obrigado a ocupar-se dela até à sua morte. Não tem família, nem amigos. Como passatempo, coleciona relógios. Manso. Invisível. Alheio.

Num instante, a mente de Mila correu para fora daquele gabinete, percorreu os corredores do Limbo, até à sala dos passos perdidos. Colocou-se diante da parede à esquerda, depois acima, no alto. Viu-o.

Roger Valin. Rosto magro, olhar ausente. Cabelos esbranquiçados antes do tempo. A única fotografia que tinham conseguido localizar estava no cartão que usava para entrar no escritório – *fato completo cinzento-claro, camisa de riscas finas, gravata verde.*

Desaparecido, inexplicavelmente, numa manhã de outubro.

Dezassete anos antes.

5

A estrada acompanhava o perfil da montanha.

À medida que o automóvel subia, deixavam para trás o panorama da cidade esmagada por um manto de *smog*. Depois, a paisagem mudou repentinamente. O ar tornou-se mais límpido, abetos muito altos mitigavam as sequelas do verão.

Para lá da janela, o sol brincava às escondidas entre os ramos, projetando sombras fugazes no dossiê que Mila tinha aberto sobre os joelhos. A história de Roger Valin estava toda ali. A polícia ainda tinha dificuldade em acreditar que o artífice de um ato tão cruel fosse o triste empregado retratado na fotografia do Limbo. Como acontecia com outros *mass murderers*, não existiam precedentes de violência no seu passado. A ferocidade tinha explodido sem aviso, toda de uma vez. Mas, precisamente porque Valin nunca tivera problemas com a lei, não tinha cadastro.

Como tinham feito para obter a sua identidade?

Quando Mila fizera a pergunta a Boris, este limitara-se a recomendar-lhe mais um pouco de paciência que, em breve, saberia de tudo.

O inspetor conduzia uma berlina sem identificação e ela interrogava-se sobre o motivo de tanta circunspeção. Ser obrigada a imaginar a resposta aumentava a sua ansiedade.

Se a razão era realmente tão terrível, não queria conhecê-la.

Levara sete anos a aprender a conviver com o que acontecera durante o caso do Sugeridor. Ainda tinha pesadelos, mas não chegavam de noite. Com o sono tudo desaparecia, enquanto à luz do dia lhe acontecia sentir um medo imprevisto. Como um gato que sente o perigo com o instinto, ela dava-se conta de uma presença ao seu lado. Depois de ter percebido que não podia livrar-se daquelas recordações, recorrera a uma espécie de compromisso

consigo mesma. O plano previa algumas precauções, a sua «linha de segurança». Tinha feito as coisas muito bem, impusera-se regras precisas. A primeira era a mais importante.

Nunca pronunciar o nome do monstro.

Mas uma das outras barreiras estava a ser derrubada nessa manhã. Jurara a si mesma que nunca mais veria uma cena do crime. Mila receava o que iria sentir ao encontrar-se diante de um cenário de sangue e violência. *Sentirás o que sentem todos*, procurava convencer-se. Mas havia uma voz obscura dentro dela que afirmava o contrário.

Tu és dele. Tu pertences-lhe. Tu sabes que aquilo que irás ver...

– Estamos quase a chegar. – Ao dirigir-lhe a palavra, Boris faz calar aquele mantra.

Mila recebeu a informação e anuiu, procurando calar o mal-estar. Depois, desviou o olhar para lá da janela e o medo subiu mais um nível: dois polícias com um carro controlavam a velocidade das viaturas que passavam. Tratava-se de uma encenação. A verdadeira finalidade era proteger o acesso ao local do massacre. Quando o seu automóvel passou diante do carro da polícia, os agentes verificaram os ocupantes com o olhar. Poucos metros adiante, virou para um caminho estreito.

A viatura andava aos solavancos pela estrada de terra. Parecia que um túnel de ramos estava a fechar-se sobre o habitáculo. O bosque estendia-se para acariciar a sua passagem, persuasivo e gentil como se escondesse uma intenção malévola. Mas, em seguida, um arco de ramos revelou uma clareira ensolarada. Saíram da sombra e, inesperadamente, encontraram-se diante de uma vivenda.

Tratava-se de uma construção de três pisos, desdobrada em vários níveis. Apresentava o estilo clássico dos chalés locais – teto muito inclinado e madeira à vista. Tinha uma arquitetura moderna e a varanda sobrelevada estava circundada por paredes de vidro.

Uma casa de ricos, pensou Mila de imediato.

Desceram do automóvel e ela olhou à volta. Havia quatro carros e o furgão da polícia científica. Nenhum dos veículos tinha identificação. Um considerável aparato de forças.

Dois agentes vieram receber Boris e informá-lo do ponto de situação.

Ela não ouviu o que diziam. Seguiu-os ao longo da escada de pedra que conduzia à entrada da casa, mantendo-se alguns metros atrás.

Durante o trajeto, Boris dissera-lhe que o proprietário, Thomas Belman, era um médico que se transformara num homem de negócios fundando uma próspera empresa farmacêutica. Com cerca de cinquenta anos, casado desde sempre com a mesma mulher e com três filhos. Tinha uma paixão por aviões e por motas antigas. Um homem que na sua existência conhecera apenas a sorte, mas que morrera da pior maneira que Mila poderia imaginar: depois de ter visto exterminarem a sua família.

– Para cima, vamos – exortou-a Boris.

Só então Mila se deu conta de que tinha ficado bloqueada à entrada. No interior de uma ampla sala de estar com uma grande lareira ao centro, havia, pelo menos, vinte colegas que, repentinamente, se voltaram para olhá-la. Tinham-na reconhecido. Podia intuir os seus pensamentos. Estava embaraçada pela situação e os seus pés recusavam-se, obstinadamente, a seguir em frente. Baixou o olhar e observou-os. Parecia-lhe que pertenciam a outra pessoa. *Depois de entrar não poderei recuar*. E, mais uma vez, o mantra veio incutir-lhe medo.

Tu és dele. Pertences-lhe. Sabes que o que irás ver... te agradará, disse Mila para consigo, completando a frase na sua mente.

O seu pé esquerdo moveu-se. Tinha entrado.

Havia um tipo de *mass murderer*, pertencente a uma subcategoria, que nenhum polícia teria gostado de encontrar. O *spree killer* realizava diversos massacres num lapso de tempo muito curto. Talvez fosse o caso de Roger

Valin. E, nesse momento, os minutos e as horas não corriam a favor das investigações. Por isso, podia-se perceber os sentimentos de raiva e de impotência dos policiais que estavam na vivenda. Mila observou os colegas em ação. *Já não podem fazer nada por quem morreu, lembra-te disso*, pensou.

O ódio que Roger Valin evocara naquela casa continuava a produzir uma obscura reverberação, como que uma invisível radiação sobre aqueles que haviam chegado depois da chacina.

Sem se darem conta, aqueles policiais estavam a ser tomados pelo rancor.

Era o mesmo sentimento que, verosimilmente, motivara o pluri-homicida, nutrindo a sua paranoia até o fazer pegar numa arma de guerra que aliviasse, com o seu ruído cadenciado e preciso, as vozes da sua cabeça que o perseguiram e o conduziam a vingar-se das injustiças e humilhações sofridas.

O espetáculo estava concentrado no andar de cima mas, antes de aceder a ele, mandaram-na colocar sacos de plástico em volta dos sapatos, luvas de látex, e deram-lhe uma touca para cobrir os cabelos. Enquanto a preparavam, Mila viu um dos colegas passar um telemóvel a Boris.

– Sim, veio, está aqui – ouviu-o dizer.

Apostava qualquer quantia que o amigo inspetor estava a falar com o Juiz. Na verdade, o novo chefe do departamento não tinha nada a ver com a magistratura nem com os tribunais. Tratava-se de uma alcunha atribuída anos antes para ridicularizar o seu ar austero. Em vez de o levar a mal, o Juiz adotara aquela chacota como se fosse um título de mérito. À medida que subira a escala hierárquica, a aceção de escárnio dissolvera-se, substituída por um temeroso respeito, de cada vez que era pronunciado aquele nome. E quem tinha tido a ideia da brincadeira, durante a imparável ascensão, tivera de conviver com o receio de pagar as consequências, mais cedo ou mais tarde. Mas o Juiz não manifestava ressentimento em relação aos inimigos, porque preferia mantê-los com a trela.

Mila e o Juiz tinham-se encontrado uma única vez quando, quatro anos antes, um enfarte pusera termo ao mandato de Terence Mosca como comandante do departamento. Tratara-se de uma rápida visita do novo chefe ao Limbo, para saudar os homens, encorajá-los e apresentar-se junto deles. Depois, mais nada. Até àquela manhã.

Boris desligou o telemóvel, acabou de preparar-se e aproximou-se dela.

– Pronta?

Entraram na cabina do pequeno elevador que ligava os três pisos da casa – mais um luxo do que uma necessidade. O inspetor enfiou o auricular e, esperando que de cima lhe dessem a autorização via rádio para subir, voltou-se mais uma vez para ela.

– Obrigado por teres vindo.

Mas ela não tinha vontade de mais mimos.

– Conta-me o que aconteceu aqui ontem à noite.

– Estavam à mesa, por volta das nove, pelo menos segundo o que recorda Jes, a nossa pequena testemunha. A sala de jantar é no primeiro andar, diante da varanda da frente. Valin veio pelo bosque, por isso não o viram enquanto subia a escada exterior. O menino disse que se aperceberam de que havia um homem, imóvel, por trás do vidro da porta. Mas, a princípio, ninguém conseguiu perceber o que estava ali.

No início não houve pânico, disse Mila para consigo. Deixaram simplesmente de falar e todos se voltaram para olhá-lo. Nas situações de perigo, a reação mais comum não é o medo, é a incredulidade.

– Então, Belman levantou-se da mesa e foi abrir-lhe a porta para saber o que queria.

– Foi ele quem a abriu? Não viu a espingarda?

– Certamente não, mas julgava que ainda tinha o controlo da situação.

Era típico de certos homens de poder, considerou Mila. Pensavam que tinham sempre a prerrogativa de decidir. Thomas Belman não podia aceitar

que alguém lhe impusesse regras, sobretudo em sua casa. Mesmo que alguém empunhasse uma espingarda semiautomática *Bushmaster* .223. Como um bom homem de negócios, começou de imediato a negociar, como se realmente possuísse alguma coisa de irrenunciável a oferecer.

Mas Roger Valin não estava ali para negociar.

Naquele momento, Mila apercebeu-se de que Boris levava a mão ao auricular. Provavelmente estavam a dar luz verde de cima. E, de facto, Boris voltou-se de imediato para o quadro dos botões e pulsou o botão do segundo piso.

– Ao telefone, a criança disse apenas que Valin começou a disparar – prosseguiu o inspetor enquanto se iniciava a subida. – Na realidade as coisas não aconteceram precisamente assim. No início houve uma breve discussão. Em seguida, fechou Jes na cave e mandou subir os outros.

Antes de chegar ao piso, a cabina abrandou. Mila aproveitou aqueles poucos instantes para ganhar fôlego.

Aqui estamos, disse para consigo.

6

As portas do elevador abriram-se.

Boris e Mila foram ofuscados pelas lâmpadas halogéneas colocadas em cavaletes no corredor – sobre a cena do crime trabalhava-se no escuro ou com as cortinas corridas porque a luz do dia podia enganar os técnicos. Mila recordava aquela sensação. Parecia que entrava numa caverna de gelo. Naquele caso, também contribuía para o efeito o ar condicionado mantido no máximo. Havia uma razão específica pela qual o ar tépido daquela manhã de setembro não deveria penetrar no interior.

Os corpos ainda estão aqui, disse para consigo. *Estão próximos.*

Ao longo do corredor e entre os quartos havia um vaivém de agentes da polícia científica. Andavam pela cena do crime com as suas batas brancas, como silenciosas e disciplinadas entidades estranhas. Mila passou a fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos. O elevador fechou-se atrás de si para voltar para baixo, dando-lhe a sensação de não ter por onde fugir.

Boris deu-lhe a primeira informação importante.

– O homicida não matou todos no mesmo momento. Separou-os e, depois, eliminou-os, um de cada vez.

Mila contou quatro portas naquele andar.

– Olá – saudou-os Leonard Vross, o médico-legista a quem, devido às suas feições orientais, todos chamavam Chang.

– Olá, doutor – respondeu-lhe Boris.

– Estão prontos para visitar o mágico mundo de Roger Valin?

Apesar do estado de espírito impróprio, o médico parecia experiente. Entregou-lhes um vasilhinho com a pasta de cânfora para untar as narinas e encobrir os odores.

– Temos quatro cenas primárias no segundo andar. Mais uma secundária

em baixo. Como veem, não deixamos escapar nada.

A distinção entre cenas primárias e secundárias dependia da modalidade de execução do crime. As secundárias eram menos relevantes para apurar a dinâmica da ação principal, mas podiam revelar-se fundamentais para a reconstrução de um móbil.

Dado que Boris não tinha referido cenas secundárias, Mila perguntou-se o que haveria no andar de baixo.

Entretanto, o médico-legista encaminhou-se na direção do quarto de Chris, o filho de dezasseis anos de Belman.

Cartazes de *heavy metal* nas paredes. Diversos pares de sapatilhas. Um saco de desporto pousado num canto. O computador, uma televisão de plasma e a consola dos jogos de vídeo. Nas costas de uma cadeira, uma t-shirt com louvores a Satanás. Mas o diabo não se assemelhava, realmente, ao figurado na camisola. Manifestara-se naquele quarto da maneira mais inócua possível, assumindo o aspeto de um contabilista.

Um técnico estava ocupado numa análise balística entre uma cadeira giratória e o corpo que jazia entre os lençóis embebidos em sangue.

– O cadáver apresenta uma ampla ferida no abdómen provocada por uma arma de fogo.

Mila observou a roupa encharcada: tinha-se esvaído em sangue.

– Não lhe disparou para a cabeça ou para o coração – considerou. – O assassino escolheu o estômago para prolongar a agonia.

– Valin quis gozar a cena. – Boris apontou para a cadeira em frente à cama.

– O espetáculo não era para ele – corrigiu-o Mila. – Era para o pai que, do seu quarto, podia ouvi-lo chorar e gritar.

A polícia imaginou os trâmites do longo suplício. As vítimas fechadas nos quartos, transformados em prisões, onde a família tinha as recordações mais queridas, estremecendo ao ouvir o que acontecia aos seus familiares,

sabendo que, em breve, o mesmo tratamento lhes tocara também a eles.

– Roger Valin era um filho da puta sádico – sentenciou Chang. – Talvez se tenha dado tempo para falar com eles, fechando-se em cada um dos quartos. Talvez tenha querido fazer-lhes crer que tinham uma maneira de escapar. Que, talvez, se dissessem ou fizessem a coisa certa, o seu destino poderia mudar.

– Uma espécie de processo – acrescentou Mila.

– Ou de tortura – corrigiu-a Chang.

Um disparo, e Valin passava adiante. E assim fizeram também eles. O quarto ao lado era o da rapariga. Lisa, dezanove anos. Cortinas cor-de-rosa e papel de parede com pequenas margaridas violetas. Embora já não fosse uma menina, não alterara muito o seu quarto. Assim, as bonecas e os peluches conviviam com as bolsinhas e os batons. Os certificados de mérito escolar e a fotografia na Disneylândia, no meio do Pluto e da Pequena Sereia, partilhavam as paredes com os cartazes de várias bandas de rock.

Na alcatifa clara, o corpo da rapariga assumia uma estranha postura. Antes de ser morta, tinha conseguido partir o vidro da janela para tentar fugir, mas a coragem do desespero não bastara para arriscar um salto de quatro metros. Desistira, na ilusória esperança de obter clemência: o seu cadáver estava ajoelhado.

– Disparou-lhe à altura do pulmão direito. – Chang fez um sinal na direção do orifício por onde saíra a bala, nas costas.

– Valin não tinha consigo armas de corte, pois não? – A pergunta de Mila era ditada por uma razão específica.

– Nenhum contacto físico – confirmou Chang, intuindo a sua dúvida. – Manteve sempre uma distância com as vítimas.

Tratava-se de um dado importante. O facto de não querer sujar as mãos com o sangue das vítimas excluía uma componente psicótica do pluri-homicida. Veio-lhe à cabeça uma palavra que descrevia na perfeição o que

acontecera entre aqueles muros.

Execuções.

Seguiram para o terceiro espaço, uma casa de banho. A senhora Belman estava caída ao lado da porta.

O médico-legista indicou a janela.

– Dá para um terreno plano. Ao contrário do resto do segundo andar, a distância daqui até ao chão reduz-se para cerca de dois metros. A mulher poderia ter saltado. Talvez partisse uma perna mas, pelo menos, poderia tentar chegar à estrada para fazer sinal a algum carro e pedir ajuda.

Mas Mila sabia porque não o fizera. E a presença do cadáver ao lado da porta era uma prova disso. Imaginou que a senhora Belman tivesse ficado ali durante todo o tempo, a chorar e a suplicar ao pluri-homicida ou procurando com a voz os filhos, para dar-lhes a saber que a mamã estava ali. Nunca os abandonaria, nem para procurar salvá-los. O instinto materno prevalecera sobre o da sobrevivência.

O assassino, sem piedade, disparara-lhes várias vezes para as pernas. Também desta vez utilizara uma espingarda. Então, porque tinha consigo também um revólver? Mila não sabia explicar.

– Tenho a certeza que o fim do *tour* não vos desiludirá, meus senhores – afirmou Chang. – Porque Valin reservou o melhor para o fim.

O quarto da cama conjugal encontrava-se ao fundo do corredor.

Atualmente era território exclusivo do maior perito da polícia científica do departamento. A oval do rosto ancião de Krepp, que emergia do capuz do fato esterilizado, era a única coisa reconhecível dele. Destacavam-se os *piercings* no nariz e na sobrancelha. Aquele homem de modos elegantes, com ar de sábio, mas cheio de tatuagens e de tachas, produzia sempre um certo efeito em Mila. Mas a extravagância de Krepp andava a par com o seu talento e com a sua competência.

O quarto estava desfeito. Evidentemente, Thomas Belman tinha tentado libertar-se daquela prisão, arremessando raivosamente os móveis contra a porta.

O cadáver jazia na cama, com as costas apoiadas na cabeceira embutida. Os olhos esbugalhados e os braços abertos, como se esperasse a libertação de uma bala. O furo de entrada situava-se à altura do coração.

No quarto, separado do resto dos técnicos, havia um fulano que, como ela e Boris, só trazia vestido os sacos para os sapatos, as luvas e a touca para o cabelo. Fato escuro, olhos pequenos e nariz aquilino. Observava o trabalho da polícia científica de mãos nos bolsos. Quando se virou para eles, Mila reconheceu-o.

Gurevich tinha a mesma patente que Boris, mas todos sabiam que era o único em quem o Juiz confiava cegamente. Graças à influência que conseguia exercer sobre o chefe, era considerado a eminência oculta do departamento. Ambicioso mas incorruptível. Severo e impiedoso. A sua intransigência atribuíra-lhe a fama de carcaça. Os escassos méritos eram tão levados ao extremo que se tornavam defeitos.

O doutor Chang parecia incomodado pela mera presença do inspetor, por

isso, despediu-se: – Bom, divirtam-se. Desculpem, mas tenho cadáveres a remover.

Boris limitou-se a ignorar o colega, recebendo em troca o mesmo tratamento. Em seguida, dirigiu-se a Krepp: – Então, está confirmada a sua tese?

O técnico tomou um segundo para refletir.

– Eu diria que sim. Mostro-vos já. – Lançou uma olhadela a Mila e ergueu a sobrancelha para saudá-la; não perdia tempo com cerimónias.

A agente notou que o revólver estava em cima da cama e pareceu-lhe estranho que o homicida tivesse decidido abandonar a arma. A não ser que não fizesse parte de uma encenação precisa. Valin queria que a polícia reconstruísse com todos os detalhes os factos ocorridos naquele quarto.

Krepp colocara o revólver num pequeno saco transparente pousando-o, de novo, onde o tinham encontrado. Um cartão identificava-o com a letra *A*. Outros dois indicavam um cartucho em cima de uma mesa de cabeceira, poupado pela pressa de arrombar a porta, e a mão direita do cadáver, cujos dedos compunham o sinal de vitória.

Krepp deu uma última volta pelo quarto para assegurar-se de que tudo estava no seu lugar e dar início à reconstrução.

– Bem – começou, ajustando as luvas. – A cena apresentava-se sensivelmente assim à nossa chegada. A arma, uma *Smith & Wesson 686*, estava pousada na cama. O tambor tem seis balas, mas faltam duas. Um projétil encontra-se no coração do saudoso Thomas Belman. Por sua vez, o outro ainda está intacto no seu invólucro, em cima da mesa de cabeceira ao lado da cama.

Voltaram-se todos para o sítio onde estava presente o cartucho *.357 Magnum*.

– Agora, a explicação parece-me muito simples – prosseguiu o técnico. – Valin quis oferecer uma oportunidade de sobrevivência ao seu hóspede.

Como numa roleta russa ao contrário, retirou um dos cartuchos do tambor – para ser exato, aquele que está na mesa de cabeceira – e pediu a Belman para escolher um número.

Mila fixou novamente a mão do cadáver. Aquilo que, a princípio lhe parecera um gesto de vitória, na realidade, correspondia à escolha da vítima.

O número dois.

– Belman tinha uma possibilidade em seis de escapar à morte. Correu mal – concluiu Krepp.

– Valin queria também testar a vontade de Belman de sobreviver ao fim dos seus entes queridos – interveio Mila, provocando o espanto de todos. – Fazê-lo experimentar o desejo de poder vingar-se, um dia, do exterminador da sua família. E, também, a fragilidade da sua condição, suspenso entre a vida e a morte. Mas isto ainda não explica o móbil de tudo...

Nesse momento, o inspetor Gurevich desviou-se do canto em que se tinha colocado e começou a bater as mãos levemente.

– Bem, muito bem – disse aproximando-se. – Estou contente que tenha podido vir, agente Vasquez – acrescentou num tom melífluo, deixando de aplaudir.

Não me pareceu que tivesse outra possibilidade, pensou ela.

– É o meu dever, senhor.

Talvez Gurevich tivesse captado uma nota falsa na sua voz. Aproximou-se ainda mais e Mila pôde notar melhor o rosto dominado pelo nariz, fino como uma lâmina. A calvície tinha-lhe escavado as têmporas, assemelhando a testa ossuda a uma espécie de carapaça.

– Diga-me, agente Vasquez: à luz do que acabou de ser dito, seria capaz de traçar um perfil do homicida?

Mila, que tinha feito uma cópia do dossiê para rever a história durante o trajeto no carro, experimentou: – Durante toda a vida, Roger Valin ocupou-se da mãe doente. Era a única pessoa que tinha no mundo. A mulher estava

afetada por uma rara patologia degenerativa que exigia uma assistência contínua. Valin tinha sido contratado como contabilista por uma sociedade de revisão de contas pelo que, durante o dia, enquanto estava no trabalho, era uma enfermeira especializada, com um salário que absorvia quase completamente o seu, quem se ocupava da mãe. Na altura do seu desaparecimento, quando foram ouvidos, os colegas de trabalho nem souberam fornecer uma descrição cuidada dos seus hábitos. Alguns nem sequer sabiam qual era o seu nome próprio. Valin não falava com ninguém, não tinha estabelecido relações de qualquer tipo no escritório, nem sequer aparecia nas fotografias de Natal.

– Parece-me o retrato do perfeito psicopata que fermenta o rancor durante toda a vida e que, um dia, vai ao escritório com uma AK-47 – concluiu Gurevich.

– Creio que a questão é mais complexa, senhor – corrigiu-o Mila.

– O que a faz pensar isso?

– Nós olhamos a vida de Valin do nosso ponto de vista. Mas aquilo que parece ser a existência infeliz de um homem refém da doença da mãe é, na realidade, algo totalmente diferente.

– E seria então o quê?

– Não ponho em dúvida que no início aquela situação tenha sido um peso mas, com o tempo, Roger Valin transformou o mal-estar numa espécie de missão. Ocupar-se da mãe, cuidar dela, tornara-se o objetivo da sua vida. Por outras palavras: aquele era o seu verdadeiro trabalho. Tudo o resto, o escritório, as relações com as pessoas, era difícil para ele. Com a morte da mãe o seu mundo ruiu e ele sentiu-se inútil.

– Porque diz isso?

– Porque acabei de ler um pormenor da sua história que talvez possa explicar muitas coisas. Quando a mãe faleceu, Valin ficou a velar o cadáver durante quatro dias. Foram os vizinhos que avisaram os bombeiros por causa

do cheiro. Três meses depois do funeral, o contabilista desapareceu no nada. É evidente que era um indivíduo com claros limites no que respeita à esfera emotiva, incapaz de gerir a dor. Nestes casos, o sujeito não pensa em matar, mas em matar-se.

– E você acha que ele acabará por fazê-lo, agente Vasquez? – perguntou Gurevich, provocatoriamente.

– Não sei – admitiu, embaraçada. O olhar de Krepp pousou nela, concedendo-lhe uma silenciosa solidariedade. Mas, nesse momento, Mila compreendeu. – Já conheciam a história, não é verdade?

– Admito que fomos um tanto incorretos consigo – confirmou Gurevich.

A novidade abalou Mila. O inspetor entregou-lhe uma pasta transparente que continha as páginas de uma revista científica. A fotografia de Thomas Belman destacava-se ao lado do artigo.

– Poupe-lhe a leitura: em síntese, está escrito que a sociedade de Belman possui a patente do único fármaco capaz de garantir a sobrevivência dos doentes de uma rara patologia – Gurevich disse pausadamente a frase para saborear o momento. – Um medicamento prodigioso, capaz de melhorar as condições de vida dos pacientes, chegando a adiar por muito tempo o seu fim. É pena que seja tão caro. Adivinha de que doença rara estamos a falar?

– Com o seu salário, Roger Valin não podia dar-se ao luxo de cuidar da mãe – interveio Boris. – Delapidou tudo o que tinha e, depois, quando já não podia mais, foi obrigado a vê-la morrer.

É essa a fonte de tanto rancor, pensou Mila, e, de repente, percebeu o ulterior significado do estranho ritual da roleta russa ao contrário praticado por Valin em prejuízo de Belman.

– O cartucho a menos no tambor da pistola: ofereceu à vítima uma possibilidade de sobreviver, coisa que não fora concedida à mãe.

– É precisamente isso – confirmou Boris. – E agora precisamos de um relatório completo sobre o desaparecimento de Valin, incluindo o seu perfil

psicológico.

– Porque me pedem isso a mim? Não seria mais conveniente um criminologista? – Mila continuava a não perceber.

Gurevich imiscuiu-se, novamente, no discurso.

– Quem denunciou o desaparecimento de Valin há dezassete anos?

A pergunta não tinha nada a ver com as reservas de Mila, mas ela respondeu-lhe na mesma.

– A sociedade para a qual trabalhava, após uma semana de ausência injustificada. Estava incontactável.

– Quando foi visto pela última vez?

– Ninguém se recorda.

Em seguida, o inspetor dirigiu-se a Boris.

– Não lhe disseste, pois não?

– Ainda não – admitiu o outro em voz baixa.

Mila fixou os dois.

– Dizer-me o quê?

8

O lugar onde se tinha consumado o prólogo do massacre era a cozinha.

Fora ali que Valin aparecera, vindo do jardim e apresentando-se no vidro da porta. Mas o motivo pelo qual aquele sítio tinha sido classificado como «cena secundária do crime» era outro.

Tinha sido o teatro do epílogo de uma longuíssima noite.

Por isso, Gurevich, Boris e Mila regressaram ao piso de baixo. A polícia seguiu os dois superiores sem perguntar mais nada, na certeza de que, em breve, teria todas as respostas. Desceram ao longo de uma escada revestida de madeira e encontraram-se num local amplo, mais parecido com uma sala de estar do que com uma cozinha. Estava circundado por janelas de vidro que davam para o jardim mas que não tinham sido obscurecidas pela polícia científica com telas negras.

Aqui não há corpos, pensou Mila. Mas não sentiu alívio, porque teve, rapidamente, a sensação de que encontraria pior.

Gurevich voltou-se para ela.

– Qual foi a fotografia que utilizou para procurar Valin depois do seu desaparecimento?

– A que está no cartão que usava para entrar no escritório. Tinha acabado de renová-lo.

– E como estava o homem nessa imagem?

Mila rememorou a fotografia na parede da sala dos passos perdidos do Limbo.

– Cabelos encaracolados, rosto emagrecido. Vestia um fato cinzento-claro, camisa às ricas finas e uma gravata verde.

– Fato cinzento-claro, camisa às riscas finas, gravata verde – repetiu Gurevich, lentamente.

Mila interrogou-se sobre o motivo daquelas estranhas perguntas: o inspetor já deveria saber estes detalhes.

Mas Gurevich não lhe deu explicações. Em vez disso, dirigiu-se para o centro da cozinha, onde havia uma bancada equipada e coberta por uma grande placa de pedra com embutidos de cobre. Um pouco mais adiante, uma mesa de madeira maciça, ainda com os pratos sujos do jantar da noite anterior. Mas, no meio deles, notavam-se também os restos de uma segunda refeição.

Um pequeno-almoço.

Gurevich notou que Mila se apercebera de algo estranho e parou diante dela.

– Disseram-lhe como conseguimos identificar Roger Valin?

– Ainda não.

– Pouco depois das seis da manhã, durante a alvorada, Valin libertou o pequeno Jes da cave, trouxe-o aqui e preparou-lhe flocos de aveia, sumo de laranja e bolo de chocolate.

A normalidade irrompeu na história de terror. Eram aqueles inesperados desvios que perturbavam realmente Mila. A quietude no meio da loucura habitualmente era um presságio.

– Valin sentou-se com a criança e esperou que acabasse de comer – prosseguiu Gurevich. – Como você disse, há dezassete anos ficou a velar o cadáver da mãe durante quatro dias. Talvez nessa manhã tenha deixado viver o pequeno Jes para fazê-lo reviver a mesma experiência. O facto é que aproveitou aqueles momentos do pequeno-almoço para lhe dizer exatamente quem era. E para assegurar-se de que o miúdo se lembrava de tudo. Até o mandou escrever.

– Com que finalidade? – perguntou Mila.

Gurevich fez-lhe sinal para esperar. Em breve compreenderia tudo.

– Jes é um rapazinho corajoso, não é verdade Boris?

– Muito corajoso – confirmou o amigo inspetor.

– Não obstante o que lhe aconteceu, manteve a calma até há pouco. Depois, desabou num pranto de desespero. Mas, antes disso, respondeu a todas as perguntas.

– Quando lhe foi mostrada a fotografia de Valin, aquela em que o contabilista tem vestido o fato cinzento-claro, a camisa às riscas finas e a gravata verde, reconheceu-o de imediato – acrescentou Boris. Depois, o seu rosto obscureceu.

– Mas quando lhe pedimos para descrever outros pormenores, por exemplo, como estava vestido, ele indicou novamente a fotografia... «Assim», disse.

O pormenor abalou Mila.

– Não é possível – deixou escapar, pensando novamente na fotografia da sala dos passos perdidos.

– É verdade – anuiu Gurevich. – Um fulano desaparece com a idade de trinta anos. Em seguida, volta a aparecer, já com quarenta e sete, vestido com a mesma roupa que tinha há dezassete anos.

Mila não conseguiu proferir palavra.

Gurevich prosseguiu.

– Onde esteve durante tanto tempo? Foi raptado por algum OVNI? – ironizou. – Saiu do bosque. Uma nave espacial depositou-o à porta de casa de Belman?

– Ainda há outra coisa – Boris apontou para o telefone de parede. – Daquele aparelho, esta manhã, Jes avisou a polícia por ordem de Valin. Mas, segundo o registo das chamadas, no decurso da noite, mais ou menos pelas três, o assassino interrompeu a carnificina para efetuar outra chamada.

– O número corresponde a uma lavandaria automática no centro, aberta vinte e quatro horas – explicou Gurevich. – O local é frequentado, sobretudo, por velhos e imigrados, por isso, existe um telefone público.

– Não tem pessoal nem guarda, apenas um sistema de videovigilância para desencorajar vândalos e mal-intencionados – Boris olhou-a atentamente.

– Então, sabem quem respondeu ao telefonema – afirmou Mila mostrando certeza.

– É essa a questão – admitiu Boris. – Ninguém respondeu. Valin deixou tocar o aparelho durante um tempo, depois desistiu e não voltou a tentar.

– Não faz sentido, não lhe parece, agente Vasquez? – comentou Gurevich.

Mila compreendeu os motivos pelos quais os dois inspetores estavam preocupados, mas não o seu papel naquela história.

– O que deverei eu fazer?

– Serve-nos qualquer detalhe da vida passada de Valin para perceber para onde foi agora, porque não temos dúvidas: tem alguma coisa em mente – afirmou Gurevich. – Quem tentou contactar nessa noite? Porquê uma única tentativa? Existe também um cúmplice? Qual será o seu próximo passo? Para onde foi com uma espingarda *Buhsmaster.223*?

– E todas as respostas estão ligadas a uma única interrogação – concluiu Boris. – Onde esteve Roger Valin nestes dezassete anos?

9

A violência de um *spree killer* é cíclica.

Cada ciclo dura cerca de doze horas e divide-se em três estádios: quietude, incubação e explosão. O primeiro verifica-se depois do assalto inicial. É um momentâneo sentido de apagamento ao qual se segue uma nova fase de incubação: o ódio mistura-se com a raiva. Os dois sentimentos comportam-se como elementos químicos. Isolados não são, necessariamente, nocivos mas, quando se combinam, dão origem a uma mistura altamente instável. Nesse momento, o terceiro estágio é inevitável. A morte é a única conclusão possível do processo.

Mas Mila esperava agir a tempo.

O epílogo natural da ação de um *mass murderer* era o suicídio e, se Valin ainda não o tinha cometido, era porque tinha um plano e tencionava levá-lo a cabo.

Onde e quem atacaria desta vez?

A tarde metamorfoseava-se em noite e o céu começava a assumir as cores do verão que se extinguia. O *Hyundai* avançava lentamente, enquanto Mila se debruçava sobre o volante para conseguir ler os números das habitações.

As vivendas eram todas iguais, de dois pisos, com o teto muito inclinado e um pequeno jardim em frente. Só as cores eram diferentes – branco, bege, verde e castanho – mas todas num tom desbotado. Noutra época, as casas haviam sido habitadas por jovens famílias, com crianças a brincarem no relvado e uma luz quente e acolhedora atrás de cada janela.

Agora, era um lugar para velhos.

As cercas de madeira branca que delimitavam as propriedades tinham sido substituídas por redes metálicas. No meio da erva por cortar havia lixo e destroços. Ao chegar perto do número quarenta e dois, Mila abrandou até

parar. Do outro lado da rua ficava a casa onde Roger Valin sempre vivera.

Tinham passado dezassete anos e o imóvel já pertencia a outra família. No entanto, tinha sido naquela casa que o pluri-homicida crescera. Ali tinha dado os seus primeiros passos, brincado no relvado, aprendido a andar de bicicleta. Por aquela porta tinha saído todos os dias para ir à escola e, depois, para o trabalho. O teatro de uma rotina. E era, também, o local onde Roger tivera de assistir a mãe doente, esperando junto dela pelo fim longo e inevitável.

Na sua carreira de investigadora de pessoas desaparecidas, Mila aprendera muito bem um ensinamento. Por mais longe que se possa fugir, a casa é o lugar que nos segue sempre, por onde quer que andemos. Podemos mudar muitas vezes de morada, mas há sempre uma a que ficamos ligados. Como se fossemos nós a pertencer-lhe, e não o contrário. Quase como se fossemos constituídos pelos mesmos materiais – terra em vez de sangue, madeira nas articulações, ossos de cimento.

A única esperança a que Mila se agarrava de encontrar Roger Valin era que, depois de todo o tempo passado sabe-se lá onde e, apesar da raiva que nutria e dos propósitos de morte, o homicida se deixasse vencer por uma recordação.

Estacionou o *Hyundai* junto ao passeio. Desceu e olhou à sua volta. O vento deslizava por entre as árvores e as rajadas traziam, de vez em quando, o som de um alarme antifurto distante que subia e que, depois, diminuía confundindo-se com os ruídos de fundo. No jardim da velha habitação dos Valin havia uma carcaça de uma carrinha *bordeaux* sem rodas, sustentada por quatro pilhas de tijolos. No interior da casa podiam-se vislumbrar as sombras dos novos habitantes. Era improvável que Roger se tivesse aproximado mais do que aquilo. Para encontrar uma prova de uma potencial visita, Mila deveria dirigir-se a outro lado. Olhou à volta e fixou a casa em frente.

Uma senhora idosa estava a apanhar a roupa seca, estendida numa corda

entre duas estacas. Com uma trouxa nas mãos, subiu as escadas da entrada. Mila dirigiu-se a ela em passo veloz, para a parar antes que entrasse em casa.

– Desculpe.

A mulher voltou-se e olhou-a com um ar desconfiado. Já a meio caminho, Mila tirou o cartão da polícia para tranquilizá-la.

– Olá, desculpe incomodá-la, mas precisava de falar consigo.

– Não há problema, minha querida – respondeu a mulher com um ligeiro sorriso. Calçava peúgas grossas, uma das quais lhe descera até ao tornozelo, e o tecido do roupão estava manchado e puído nos cotovelos.

– Vive aqui há muito tempo?

A mulher pareceu divertida com a pergunta mas, por um instante, os seus olhos percorreram melancolicamente o espaço em volta.

– Há quarenta anos.

– Dirigi-me à pessoa certa – disse Mila cordialmente. Não queria assustá-la perguntando-lhe diretamente se por acaso tinha visto o seu antigo vizinho Roger Valin, desaparecido há dezassete anos. Além disso, suspeitava que, devido à idade, a mulher se pudesse confundir.

– Quer entrar?

– Está bem – respondeu Mila de imediato, esperando de antemão o convite.

A idosa deixou-a passar enquanto o vento desagradável lhe desgrenhava uma nuvem de cabelos ralos.

A senhora Walcott movia-se com pequenos passos, arrastando os chinelos de lã entre os tapetes e o velho soalho de madeira. Percorria um trilho preciso no meio do excesso de mobília repleto de objetos de diversa natureza – bugigangas de vidro, porcelanas lascadas e molduras com fotografias de vidas distantes. Levava uma bandeja com duas chávenas e um bule de chá. Mila levantou-se do sofá para ajudá-la a pousá-la na mesinha.

– Obrigada, querida.

– Não era preciso incomodar-se.

– Faço-o de boa vontade – disse a mulher, começando a servir o chá. – Não recebo muitas visitas.

Mila observou-a interrogando-se se, um dia, também ela viveria uma solidão semelhante. Provavelmente, a única companhia da senhora Walcott era o gato arruivado enroscado na poltrona que, de vez em quando, descerrava os olhos para perscrutar a situação e voltava a dormir.

– O *Satchmo* não é muito sociável com estranhos, mas é bem-comportado.

Mila esperou que a mulher idosa se sentasse à sua frente e, depois, pegando numa chávena de chá, começou a conversa.

– Vai parecer-lhe estranha a minha pergunta, porque já passou muito tempo. Por acaso lembra-se dos Valin, que habitavam aqui em frente? – Indicou a casa do outro lado da rua e apercebeu-se imediatamente da mudança de semblante da senhora Walcott.

– Coitados – murmurou a mulher, confirmando-lhe que se lembrava. – Quando eu e o meu marido Arthur comprámos esta casa, também eles se tinham mudado há pouco tempo. Eram jovens como nós e o bairro acabara de ser construído. O lugar ideal para viver em harmonia e ver crescer os filhos. Foi o que nos disse o agente imobiliário, e não estava errado. Pelo menos durante os primeiros anos. Muitos mudaram-se do centro para aqui. Sobretudo empregados ou comerciantes. Nenhum operário ou imigrante.

Vindo de outra geração, aquele comentário politicamente incorreto era totalmente natural. Mila ficou um tanto perturbada mas não mudou a sua atitude cordial.

– Fale-me dos Valin. Que tipo de pessoas eram?

– Gente com maneiras. A mulher tratava da casa enquanto o marido tinha um bom trabalho como vendedor. Ela era muito bonita e pareciam felizes. Fizemos logo amizade. Todos os domingos preparavam o churrasco e

passávamos juntos as festas habituais. O Arthur e eu estávamos casados há pouco tempo, mas eles já tinham um menino.

– Roger. Recorda-se dele?

– Como poderia não me lembrar dele, daquele pequenino. Com cinco anos já sabia andar de bicicleta e andava na rua de um lado para o outro. O Arthur tinha uma verdadeira paixão por aquele rapazinho, ao ponto de lhe ter construído uma casa em cima da árvore. Passado pouco tempo, tornou-se evidente que não teríamos filhos nossos, mas nenhum dos dois fez disso uma tragédia, sobretudo para não desagradar ao outro. O Arthur era um bom homem, sabe? Teria sido um ótimo pai se Deus lho tivesse permitido.

Mila anuiu. Como muitos idosos, a velha senhora tendia a divagar e, de vez em quando, era necessário fazê-la voltar ao fio da conversa.

– O que aconteceu depois aos pais de Roger?

– A senhora Valin adoeceu gravemente – disse a mulher sacudindo a cabeça. – Os médicos depressa esclareceram que não se curaria. Mas também lhe disseram que o Senhor não a levaria tão cedo. Antes disso, iria padecer penas e sofrimentos. Talvez tivesse sido por esse motivo que o marido decidiu abandonar a família.

– O pai de Roger deixou-os? – Mila não encontrara essa informação no dossiê.

– Sim, senhora, voltou a casar-se e nunca mais apareceu, nem sequer para saber como passavam – disse num tom de censura. – E o Roger, que até essa altura era um rapazinho vivo e ativo, começou lentamente a apagar-se. Eu e o Arthur víamo-lo isolar-se cada vez mais, embora antes nunca lhe tivessem faltado amigos. Passava horas e horas sozinho ou ao lado da mãe. Um verdadeiro homenzinho responsável.

A senhora Walcott demonstrava uma sincera amargura. Provavelmente, ser-lhe-ia demasiadamente doloroso saber o horror que Roger Valin cometera na noite anterior.

– O meu marido estava profundamente infeliz por aquele rapazinho e irado com o pai dele. De vez em quando, ouvia-o referir-se a ele com palavras feias. E acredite que foram muito amigos. Mas nunca o fazia diante de Roger. O Arthur tinha uma relação especial com o rapaz. Era o único que conseguia fazê-lo sair de casa.

– E como conseguia isso?

– Com os relógios – disse a senhora Walcott pousando a chávena vazia na bandeja, enquanto Mila se apercebia que mal provara o seu chá. – O Arthur colecionava-os. Adquiria-os nos pequenos mercados de rua ou em leilões. Passava dias inteiros sentado a uma mesa, a desmontá-los e a repará-los. Quando já estava na reforma, era preciso lembrar-lhe que tinha de comer ou de ir dormir. Era incrível. Estava rodeado de relógios mas não se dava conta da passagem do tempo.

– E partilhou a paixão com o Roger – instou-a Mila, que já tinha conhecimento do passatempo do pluri-homicida.

– Ensinou-lhe tudo o que sabia sobre o assunto. E o rapazinho estava louco com aquele mundo de tiquetaques e precisão. O Arthur dizia que o miúdo tinha mesmo jeito.

O infinitamente pequeno é uma condição invejável para quem é infeliz, disse Mila para consigo. É um pouco como desaparecer da vista dos outros conservando uma função no mundo, tão essencial como a de calcular o tempo. Mas Roger Valin acabara por decidir desaparecer, simplesmente.

– Aqui em cima há uma mansarda – explicou a senhora. – No início estava destinada aos filhos, mas nunca os tivemos. Dizíamos sempre que a alugaríamos mas, depois, tornou-se o laboratório do Arthur. Ele e o Roger fechavam-se lá em cima e, às vezes, não os via durante toda a tarde. Depois, o meu marido adoeceu e, de um dia para o outro, o rapaz deixou de frequentar esta casa. O Arthur justificava-o. Dizia que todos os adolescentes eram um pouco impiedosos, que o Roger não o fazia por maldade. Além

disso, já se via obrigado a ver morrer todos os dias a mãe, não se podia pretender que tivesse vontade de assistir ao fim de um outro ser humano, mesmo que se tratasse do único amigo que ainda tinha.

A mulher tirou um lenço amarrotado de um bolso do roupão e enxugou uma lágrima que lhe brotara no canto do olho. Em seguida, apertou-o na mão e colocou-o no colo, pronta para usá-lo de novo, se fosse necessário.

– Mas estou convencida de que o Arthur se sentiu muito mal. Creio que, no seu coração, esperava todos os dias que o Roger passasse novamente por aquela porta.

– Então as vossas relações foram interrompidas – concluiu Mila.

– Não – desmentiu-a a senhora Walcott, um tanto surpreendida. – Tinham decorrido cerca de seis meses desde a morte do meu marido e o Roger nem sequer tinha vindo ao funeral. Depois, uma manhã, muito inesperadamente, apareceu à minha porta. Perguntou-me se podia subir à mansarda para dar corda aos relógios. A partir daquele dia, começou a vir aqui sozinho.

Instintivamente, Mila ergueu o olhar.

– Lá acima?

– Sim – confirmou a mulher. – Regressava da escola, ia de imediato tratar da mãe e, quando ela já não precisava de nada, subia e passava horas lá em cima. Continuou a fazê-lo mesmo depois de ter encontrado trabalho como contabilista, mas depois, a certa altura, nunca mais tive notícias dele.

Mila percebeu que a velha senhora se referia ao momento do desaparecimento.

– Pelo que me diz, excetuando a mãe, a senhora era a pessoa que o via mais frequentemente fora do trabalho. Mas não foi a senhora que avisou as autoridades. Desculpe-me, mas não a surpreendeu que o Roger nunca mais tivesse vindo?

– Entrava e saía sozinho. A única maneira de aceder à mansarda é através

de uma escada exterior, por isso, muitas vezes não nos encontrávamos de facto – disse a mulher. – Era sempre silencioso mas, estranhamente, eu sabia sempre quando estava lá em cima. Não o consigo explicar de outro modo... Era uma sensação. Sentia a sua presença em casa.

Mila apercebeu-se de que algo se agitava no olhar e no rosto da velha mulher. Era o receio de que não acreditasse nela, que a julgasse uma velha louca. Mas havia também outra coisa. Medo. Inclinou-se para ela e pousou a mão na sua.

– Senhora Walcott, diga-me a verdade: nos últimos dezassete anos alguma vez teve a sensação de que o Roger estivesse aqui consigo?

Os olhos da mulher encheram-se de lágrimas, mas tentou reprimi-las, tornando-se rígida e cerrando os lábios. Depois, com um gesto decidido da cabeça, anuiu.

– Se não a incomodar, gostaria de dar uma vista de olhos na mansarda.

10

O alarme antifurto que tinha ouvido ao chegar ao bairro ainda soava à distância.

Enquanto subia os degraus exteriores que conduziam à mansarda, Mila levou, instintivamente, uma mão à coronha da pistola. Não acreditava que pudesse encontrar Roger Valin, mas o modo como a idosa senhora reagira à sua última pergunta acabara por sugestioná-la. Podia tratar-se apenas dos delírios de uma mulher sozinha de idade avançada, mas Mila estava convencida de que os medos nunca eram infundados.

Era possível que a casa tivesse tido um visitante silencioso e, sobretudo, indesejado.

Pela segunda vez naquele dia, Mila viu-se a revistar a habitação de outra pessoa. De manhã cedo fora a dos Conner, onde descobrira uma menina-fantasma na cave. O cálculo das probabilidades sugeria-lhe que não teria a mesma sorte, embora não o pudesse saber com certeza.

A porta da mansarda estava trancada, mas a senhora Walcott dera-lhe uma chave. Enquanto se preparava para abri-la, a sirene antifurto voltou a importuná-la, parecendo querer pô-la à defesa e, até, fazer pouco dela.

Mila apoiou a palma da mão no manípulo e baixou-o, esperançosa. Embora estivesse à espera de um rangido, a porta abriu-se com um suspiro. Diante dela, o pequeno apartamento desenvolvia-se em comprimento entre as paredes inclinadas do teto. Havia um banco, uma cama por fazer com o colchão enrolado num dos lados, uma pequena cozinha com dois fogões a gás e uma pequena casa de banho dentro de um armário de parede. No fundo do espaço, uma janela projetava um feixe de luz numa mesa de trabalho encostada à parede, encimada por uma pequena vitrina coberta de pó. Mila largou o punho da pistola e aproximou-se lentamente, tendo quase a

impressão de estar a violar um espaço privado.

Não havia sinais da passagem de Roger Valin. Todos os objetos pareciam imóveis e imperturbados há anos. Sentou-se à mesa de trabalho. Num canto estava montado um torno e havia uma lâmpada de secretária com uma luz redonda e uma lente de aumentar no centro. O seu olhar percorreu os pequenos instrumentos ordenados. Reconheceu uma chave de parafusos e umas pinças, uma pequena faca para abrir as caixas e um monóculo de relojoeiro. Caixinhas cheias de componentes e peças de engrenagem. Uma almofadinha de montagem, um martelo de madeira, uma almotolia e outros instrumentos de precisão que não conhecia.

Se não fosse aquele maldito alarme que continuava enfurecido, teria sido capturada pelo sossego daqueles objetos. Ergueu o olhar para a pequena vitrina que tinha em frente. Dentro dela, em duas prateleiras, estava disposta a coleção de relógios do senhor Walcott.

Todos parados no encantamento da única força capaz de vencer o poder do tempo: a morte.

À primeira vista, haveria cerca de cinquenta, de pulso ou de bolso. Passou-os em revista através do vidro. Viu alguns *Longines*, um *Tissot*, um *Revue Thommen* com a pulseira de pele azul e a caixa prateada e um belíssimo *Girard-Perregaux* de aço. Mila não era entendida no assunto, mas tinha a impressão de que o marido deixara à senhora Walcott um pequeno tesouro do qual a mulher não parecia ter consciência. Bastar-lhe-ia vender algumas peças para ter uma vida mais folgada. Mas, depois, Mila pensou. O que poderia desejar mais uma mulher sozinha no mundo? Bastava-lhe o afeto indolente de um gato e uma miríade de recordações que tinham assumido a forma cansada de bibelôs e de velhas fotografias.

A janela da mansarda emoldurava a vista da vivenda da frente. Mila procurou pôr-se em contacto com a mente de Roger Valin. *Podias ver a tua casa, assim tinhas a impressão de que nunca deixavas a tua mãe sozinha.*

Mas, ao mesmo tempo, estar aqui sentado permitia-te fugir dela. Porque desapareceste quando morreu? Onde estiveste? E porque voltaste agora? Que sentido tem a tua vingança tardia? E o que irás fazer agora?

As interrogações misturavam-se com a sirene do alarme, num crescendo de fastidiosa opressão. Por que motivo vestira Roger a mesma roupa com que desaparecera antes de cometer o massacre em casa dos Belman? Porque telefonara para uma lavandaria automática? Porque não respondera ninguém? *Dá-me uma prova de que estiveste aqui, Roger. Que no fundo da alma sentiste nostalgia pelo mundo do qual fugiste e quiseste dar um salto ao passado, à tua velha toca.*

Inesperadamente, o alarme calou-se. Mas a sirene continuou a ecoar na cabeça de Mila. Foi necessário um momento para que o silêncio preenchesse todos os espaços da mansarda e dentro dela.

Foi então que ouviu o tiquetaque.

Regular como uma mensagem em código, insistente como um chamamento secreto, atraiu a atenção da polícia, quase como se repetisse o seu nome. Nesse instante, Mila abriu a vitrina e começou a procurar o relógio donde provinha o obscuro sinal.

Era um velho *Lanco* de pouco valor, com uma pulseira a imitar pele de crocodilo, a caixa corroída pela ferrugem, o vidro lascado e o quadrante de marfim, escurecido pela idade.

Podia acontecer que um relógio recomeçasse a trabalhar, talvez desfrutando de uma carga guardada durante anos. Mas, ao agarrá-lo, Mila deu-se conta de que não fora o acaso que despertara o objeto do antigo torpor. Alguém o ativara recentemente, porque as horas estavam certas.

11

– Esteve aqui, não há dúvida.

Mila estava dentro do seu carro, parada diante da casa da senhora Walcott. Passava pouco das dez da noite quando conseguiu entrar em contacto com Boris, que estivera toda a tarde ocupado em diversas reuniões a discutir sobre a altura em que a polícia deveria divulgar à imprensa a história do massacre e, consequentemente, a identidade e a fotografia do culpado. Segundo Boris, a divulgação do caso serviria para criar uma zona de terra queimada à volta de Roger Valin e para verificar se existia alguém que, ao reconhecê-lo, pudesse ajudá-los a resolver, pelo menos em parte, o mistério dos dezassete anos passados no nada. Mas Gurevich fora irredutível. Afirmava que a difusão da notícia gratificaria o pluri-homicida, levando-o a repetir a façanha. E, no final, a eminência oculta do departamento vencera.

– Ótimo trabalho – disse-lhe o amigo inspetor. – Mas, de momento, temos outras prioridades.

Após a chacina, Roger Valin fizera desaparecer completamente todos os vestígios. Não tinham nada na mão. E a noite voltava a cair. Em que casa se meteria desta vez? Sobre quem aliviaria o seu rancor?

– O problema é que o móbil que levou o pluri-homicida a matar os Belman é real mas, ao mesmo tempo, demasiado aleatório. Exterminar a família do patrão de uma indústria farmacêutica que produz um medicamento demasiado caro não implica um esquema, não te parece? E agora, com quem irá meter-se Valin? Com o presidente da associação dos maridos que abandonam as mulheres doentes com filhos a cargo?

Mila compreendia a frustração de Boris.

– Desculpa-me – disse-lhe, depois. – Foi um dia difícil. De qualquer modo, o teu trabalho foi excelente. Talvez possa colocar sob vigilância a casa

da senhora Walcott à espera que o nosso homem apareça de novo.

Mila voltou-se para olhar a vivenda da idosa do outro lado da rua.

– Não creio que isso aconteça. Valin deixou o relógio para nós como uma espécie de sinal.

– Temos a certeza de que não foi a velha senhora que pôs o mecanismo em movimento? É uma pista um tanto lábil, e não sei até que ponto nos será útil para descobrir o paradeiro de Valin.

Boris não deixava de ter razão, mas Mila acreditava que existiam outras implicações. Todavia, de momento era difícil raciocinar, dado o perigo concreto de que o pluri-homicida voltasse a atacar.

– Está bem, trataremos disso amanhã – disse a agente. Cumprimentou o amigo, pôs o carro em marcha e regressou a casa.

Àquela hora da noite, o único lugar que encontrou para estacionar o *Hyundai* ficava a três quarteirões do seu prédio. Depois do pôr do sol, a temperatura quase estival que caracterizara o dia fora substituída por uma humidade pungente. Mila só vestia uma t-shirt e *jeans*, e acelerou o passo.

A zona, edificada cerca de um século antes, acabara de ser descoberta por *yuppies* e arquitetos famosos que, rapidamente, fizeram dela o novo epicentro do estilo. Acontecia cada vez mais frequentemente. A metrópole era um grande magma em contínua metamorfose. Só os seus pecados nunca mudavam. Os bairros eram reestruturados, as ruas recebiam novos nomes e, assim, os habitantes podiam sentir-se modernos, sem se darem conta de que tinham vidas idênticas aos que os tinham precedido, repetindo os mesmos gestos, os mesmos erros.

Vítimas predestinadas de predestinados carrascos.

Talvez Valin tivesse tentado inverter o ciclo, com o massacre. Belman era um homem importante que, como um deus pagão, possuía o poder de curar e de dar a vida, mas dispensava-o de acordo com o seu próprio capricho. Mas Mila não conseguia compreender por que motivo Roger decidira que a

mulher e os filhos deveriam pagar pelos erros do chefe de família.

Continuava a refletir sobre isso enquanto caminhava para casa. Pelo caminho, parara para comprar dois hambúrgueres num restaurante de *fast food*. Tinha comido um no carro, o outro ainda estava no saco. Ao passar ao lado de uma ruela, deixou-o sobre a tampa de um caixote do lixo, sem o deitar fora. Depois, subiu os degraus que conduziam à entrada de um prédio de quatro andares. No instante em que meteu a chave à porta, e como previsto, vislumbrou duas mãos a estenderem-se na sombra para agarrarem o precioso invólucro de comida. Em breve, também aquele vagabundo deveria abandonar o bairro. Não seria útil à nova paisagem, bem ilustrada no grande cartaz publicitário que cobria a fachada do prédio em recuperação em frente ao seu, onde também estavam representados num *trompe l'oeil* os futuros felizes habitantes da zona.

Mila parou a observar o alegre casal de gigantes que sorria na enorme tela – fazia-o sempre. Mas não conseguia invejá-los.

Depois de ter fechado a porta do apartamento esperou ainda alguns segundos antes de acender a luz. Estava exausta. Gozou o silêncio dos seus pensamentos. Mas durou pouco.

Tu és dele. Pertences-lhe. Sabes que o que irás ver te agradará.

Era verdade. Tivera uma sensação familiar ao pôr de novo os pés numa cena de crime, em contacto direto com os sinais do mal. As pessoas que viam os telejornais julgavam saber, mas não tinham ideia do que significava, realmente, estar diante do cadáver de alguém que fora morto. Aos polícias acontecia sempre uma coisa estranha. Era uma espécie de processo natural, todos passavam por isso. No início sentiam repugnância. Depois habituavam-se. Acabava por tornar-se uma dependência. No princípio associava-se a morte ao medo – de ser morto, de matar, de ver gente que fora assassinada. Mas, depois, a ideia introduzia-se como um gene malévolos na cadeia de ADN. Ao replicar-se, chegava a fazer parte deles. Então, a morte era a única

coisa que os fazia sentirem-se vivos. Para Mila, esta era a herança que lhe deixara o caso do Sugeridor. Mas não a única.

Estendeu, finalmente, a mão até ao interruptor. Em resposta, acendeu-se um *abat-jour* no outro lado da sala. Pilhas de livros enchiam a sala de estar, bem como o quarto, a casa de banho e até a pequena cozinha. Havia romances, ensaios, textos de Filosofia, História. Novos e usados. Comprava-os na livraria ou nas bancas.

Começara a acumulá-los depois de o seu colega do Limbo, Eric Vincenti, ter desaparecido. Temia acabar como ele, consumida pela obsessão dos desaparecidos.

Procuro-os por toda a parte. Procuro-os sempre.

Receava ser engolida pela própria escuridão que sentia ao explorar. Em certos aspetos, os livros eram um estorvo para permanecer em ligação com a vida, porque tinham um final. Não lhe importava que fosse feliz ou não, mas era um privilégio que, geralmente, as histórias com que se ocupava todos os dias não possuíam. Além disso, os livros constituíam um antídoto para o silêncio, porque enchiam a sua mente com as palavras necessárias para colmatar o vazio deixado pelas vítimas. Mas, sobretudo, eram a sua via de fuga. O seu modo de desaparecer. Imergia na leitura e todo o resto – ela própria – cessava de existir. Nos livros, podia ser qualquer pessoa. O que equivalia a não ser ninguém.

Cada vez que entrava no seu apartamento, só eles a acolhiam.

Aproximou-se do balcão que separava a sala de estar da pequena cozinha. Tirou a pistola do coldre, e colocou-a junto ao distintivo e a um relógio de quartzo. Tirou a t-shirt e, no reflexo de uma janela, vislumbrou o seu corpo magro percorrido por cicatrizes. Estava contente por não ter formas, caso contrário, poderia ter a tentação de apará-las com uma lâmina. As feridas que se infligira ao longo dos anos testemunhavam a dor que não conseguia sentir pelas vítimas do mal alheio. Cortar-se era a única maneira que arranjava de

recordar a si própria que, no fundo, era humana.

Daí a pouco, seria o aniversário da última ferida. Mas, não tendo prometido nada a si própria, estava a testar-se. Fazia parte do percurso de automelhoramento que tentava cumprir. Trezentos e sessenta e cinco dias sem cortes. Nem queria acreditar. Mas, ver-se ao espelho, ainda representava um convite. O seu corpo nu tentava-a. Por isso, desviou o olhar. Antes de refugiar-se debaixo do duche, ligou o computador portátil que estava em cima da mesa.

Tinha um compromisso agendado para daí a pouco.

12

Já era um ritual.

Vestiu o roupão, enquanto enxugava os cabelos com uma toalha, tirou o computador da mesa e levou-o para a cama. Colocou-o sobre as pernas e iniciou um dos programas. Apagou a luz e esperou a ligação à internet. Um sistema gémeo respondeu de alguma parte e abriu-se no ecrã uma janela escura. Mila reconheceu de imediato um som. Era fraco mas contínuo. Provinha do escuro, mas não era hostil.

Uma respiração.

Ficou a ouvi-lo uns instantes, deixando-se embalar pelo ritmo tranquilo. Passados alguns segundos, digitou um comando no teclado e o ecrã negro foi substituído por uma imagem.

Um quartinho iluminado por uma fraca luz verde.

A microcâmara – semelhante àquela que esteve para colocar na casa dos Conner – sondava a escuridão na modalidade de infravermelhos. Viam-se o guarda-roupa à direita, um fofo tapete de pelo no centro, coberto de jogos, cartazes de personagens dos desenhos animados, uma casa de bonecas e uma cama de solteiro à esquerda.

Sob os cobertores dormia uma menina.

Mila não notou nada de estranho, tudo parecia tranquilo. Ficou a observá-la mais um pouco, hipnotizada pela serenidade da cena. Era inevitável voltar a pensar na outra menina – o pequeno fantasma fechado na cave que ela salvara poucas horas antes. Quando se concentrava, conseguia lembrar-se do seu peso enquanto a levava ao colo. Não sentiu compaixão, nem ternura. A única sensação que persistia era uma memória táctil, uma espécie de pena acessória pela condenação de não sentir nenhuma empatia. Mas o confronto com a senhora Conner, de certo modo, marcara-a.

Que mãe seria eu se não conhecesse o nome da boneca preferida da minha filha?

Entretanto, alguma coisa acontecia no quartinho. Do corredor insinuou-se, através da porta aberta, uma luz distante, quase coberta pelo prolongamento de uma sombra humana que diminuía à medida que avançava. Pouco depois, surgiu uma figura à entrada. Era uma mulher, mas não distinguia o seu rosto. Aproximou-se para aconchegar os cobertores à menina. Quando acabou, apoiou-se na grade e contemplou o sono da pequena.

– E tu, conheces o nome da sua boneca preferida? – perguntou retoricamente Mila à mulher no ecrã.

Subitamente, sentiu-se uma intrusa. Sem encerrar a ligação, digitou um comando no teclado e, ao lado da janela com as imagens em direto, abriu-se uma outra com o ficheiro do dossiê de Roger Valin. Queria relê-lo mais uma vez antes de adormecer. Um ponto fundamental ficara por resolver.

O mistério do telefonema para a lavandaria automática.

Não conseguia compreender por que motivo o pluri-homicida teria necessidade de procurar alguém pelo telefone. Mesmo pondo a hipótese da existência de um cúmplice, por que razão ninguém respondera à chamada?

Para Mila, alguma coisa não batia certo. Tinha, forçosamente, de haver uma explicação. Aquele comportamento não fazia sentido, do mesmo modo que permanecia obscura a decisão de Valin de vestir a mesma roupa da fotografia de há dezassete anos.

Fato cinzento-claro, camisa às riscas finas, gravata verde.

Depois da chacina, o pluri-homicida tomara o pequeno-almoço com o filho de Belman, aproveitando para lhe revelar a sua identidade. Pedira, inclusivamente, a Jes que escrevesse o seu nome numa folha, para que não se esquecesse de referi-lo aos agentes. Mas, sobretudo, queria que o rapazinho memorizasse bem a sua cara e a forma como estava vestido.

Gurevich ironizara sobre o detalhe da roupa, afirmando que talvez o pluri-homicida tivesse sido raptado por extraterrestres durante dezassete anos. Mas, após a visita à casa dos Walcott e a descoberta dos relógios, Mila preferia comparar Valin a um viajante do tempo, capaz de passar através de um buraco negro que ligasse épocas distantes. A distinção entre as duas hipóteses, ambas inverosímeis, denotava uma diferente abordagem das investigações. Gurevich, que vinha da secção dos homicídios, estava habituado a concentrar-se no presente, sobre o «aqui e agora», segundo um critério causa-efeito. No Limbo, pelo contrário, trabalhava-se sobre o passado.

Eric Vincenti explicara-lhe a diferença. Mila recordava as conversas com o colega da secção das pessoas perdidas, antes de este ter a mesma sorte daqueles que procurava.

«Um homicídio concretiza-se no momento da morte», dizia Vincenti. «Pelo contrário, para haver um *caso de desaparecimento* não é suficiente desaparecer, é necessário que decorra algum tempo. Não só as trinta e seis horas requeridas pela lei antes de se iniciarem as investigações, mas muito mais. O desaparecimento cristaliza-se quando aquilo que o indivíduo deixa para trás começa a deteriorar-se: a companhia de eletricidade interrompe o fornecimento por atraso de pagamento, as plantas na varanda murcham porque ninguém as rega, a roupa no armário passa de moda. É preciso procurar as motivações de tanta ruína recuando nos anos.» Eric Vincenti exagerava um pouco, mas Mila sabia que, no fundo, ele tinha razão.

As pessoas começavam a desaparecer muito antes do desaparecimento efetivo.

Nos raptos, tudo começa quando quem te irá levar se apercebe pela primeira vez de ti e começa a devastar a tua vida como uma presença invisível, observando-te à distância. No caso de afastamento voluntário, começa no dia em que tens, pela primeira vez, uma sensação de mal-estar que

não consegues explicar. Sentes que cresce dentro de ti como uma exigência insatisfeita, embora não saibas de quê. É como uma ferida que causa comichão e exige ser coçada. Tu sabes que dando seguimento ao impulso irás piorar a situação, mas não podes deixar de o fazer. A única maneira de fazê-la calar é acompanhar o seu chamamento. E ir atrás dela na sombra. Deve ter acontecido o mesmo a Roger Valin e ao pobre Eric Vincenti.

A razão de um desaparecimento está no passado, pensou Mila.

Concentrou-se novamente no pluri-homicida. Nenhuma carta, nenhum bilhete para explicar o seu gesto. *Um mass murderer age por ódio, rancor ou vingança. Um mass murderer exprime-se através dos seus gestos criminosos e não se preocupa com o facto de ser compreendido*, repetiu para si mesma.

E se a roupa, o telefonema para a lavandaria e o relógio acertado que encontrara em casa da senhora Walcott fossem elementos de uma só mensagem?

A resposta era «o tempo».

Valin estava a chamar a atenção sobre o momento do seu desaparecimento.

Mila abriu no computador um motor de pesquisa. *Ao vestir aquela roupa, Valin estava a comunicar-nos que devíamos raciocinar como se ainda estivéssemos há dezassete anos atrás*, disse para consigo. Por isso, quando fez o telefonema noturno da casa, não marcou um número errado.

Para ele, a chamada estava certa.

Mila encontrou na internet o *site* da companhia telefónica. Havia uma secção dedicada ao arquivo histórico das listas telefónicas. No campo de pesquisa, inseriu o número da lavandaria automática para chegar ao nome e ao endereço do utente a quem pertencia esse número na época do desaparecimento de Valin. Em seguida, iniciou a busca.

No ecrã, um pequeno ícone com a forma de uma ampulheta marcava a passagem dos segundos. Mila fixava-os e, sem se aperceber disso, mordida os

lábios impacientemente. Pouco depois, chegou a resposta. Não se enganara. Há dezassete anos, o número estava ativo.

O lugar era a Love Chapel, situada na estrada nacional que conduzia ao lago.

Mila procurou de imediato uma eventual nova chamada telefónica, mas descobriu que a Love Chapel tinha cessado atividade há vários anos. Parou para refletir. O que deveria fazer? Podia avisar Boris imediatamente ou esperar para lho dizer no dia seguinte. Talvez aquela pista fosse também muito fraca, podia sempre tratar-se de uma mera casualidade.

Observou mais uma vez o quadro no ecrã com a imagem noturna da menina a dormir tranquila. Não estava a espiá-la, estava a protegê-la. E pensou, novamente, no que sucedera na casa dos Conner. *Eu sou aquela que entra na casa das pessoas para colocar uma câmara escondida*, disse consigo mesma. Foi graças à sua inconsciência que, naquela manhã, uma menina-fantasma havia sido libertada da sua prisão.

Mila sabia que não conseguiria esperar.

Fechou o portátil, levantou-se da cama e começou a vestir-se de novo.

13

A lua branca pestanejava no céu límpido.

A estrada que conduzia ao lago estava deserta. E não era por ser de noite porque de dia a situação não se alterava. Aqueles lugares tinham sido destinos de férias, noutro tempo. Havia pensões, restaurantes e uma praia equipada. Mas, há cerca de doze anos, na primavera, houvera uma inexplicável mortandade de peixes e de animais lacustres. As autoridades não conseguiram descobrir a causa, mas alguém atribuiu a culpa à poluição excessiva da água. Difundiu-se a psicose e as pessoas deixaram de frequentar a zona. Ao fim de pouco tempo, o problema desvaneceu-se: a fauna repovoou-se e o ecossistema recuperou o seu equilíbrio. Mas já era tarde, os veraneantes não regressaram. As estruturas de acolhimento que os tinham hospedado durante gerações fecharam as portas e começaram a deteriorar-se por falta de manutenção, marcando o inexorável declínio daquela área.

A Love Chapel deveria ter sofrido o mesmo destino.

Era um daqueles locais onde as pessoas se casavam. Oferecia um serviço de cerimónias laicas a quem não pertencia a nenhuma confissão religiosa ou não se contentava com um casamento civil tradicional.

Quando chegou a uma subida, Mila viu aparecer no para-brisas do *Hyundai* o arco de pedra que servia de entrada e, ao mesmo tempo, de reclame. No meio, viam-se dois corações de diferentes dimensões, feitos com tubos de néon, agora apagados. Em cima, reinava um cupido de lata com o rosto parcialmente devorado pela ferrugem que lhe deformara a expressão. Parecia um anjo mau de guarda a um paraíso enganador.

O complexo desenvolvia-se à volta do largo do parque de estacionamento numa série de construções baixas que tinham no centro uma espécie de igreja pós-moderna. A luz lunar subtraía-a ao esquecimento da escuridão, mas

agudizava a sua desolação.

Mila parou o carro ao lado da *cottage* que fazia de recepção. Desligou o motor e saiu. Foi acolhida pelo silêncio selvagem e inóspito de um mundo que já aprendera a passar sem a presença humana.

A Love Chapel encontrava-se a uma altura de onde se via o lago. Não era o ponto mais panorâmico, mas dali podiam ver-se as pensões abandonadas que se erguiam em vários pontos da margem.

Mila subiu os três degraus do pórtico da recepção e viu que a entrada do gabinete estava encerrada com traves de madeira. Não havia maneira de removê-las. Ao lado da porta havia uma janela obstruída por mesas de diversas dimensões. No entanto, através das fendas podia-se observar o interior. A agente tirou a lanterna do bolso do colete de pele, aproximou a cara das traves e iluminou o local.

Um rosto sorridente surpreendeu-a a espiar.

Mila deu um passo atrás. Quando se recompôs, percebeu que tinha visto o mesmo cupido que vira colocado à entrada. Por um instante, julgou que o anjo mau tivesse abandonado o seu lugar para assustá-la, mas era apenas um recorte de cartão. Aproximou-se novamente e, para lá do reflexo do vidro, conseguiu ver um balcão coberto de pó e um expositor de folhetos que estavam parcialmente espalhados pelo chão. Numa parede estava bem visível um cartaz: ao lado do logótipo da Love Chapel era apresentada a oferta reservada aos clientes. Do texto deduzia-se que os casais de namorados poderiam coroar o seu sonho com o auxílio de diferentes ambientes. De facto, a capela podia ser mobilada de maneira diferente e os ambientes propostos tinham nomes exóticos e evocativos. Podia-se escolher Veneza ou Paris, mas também um cenário inspirado em filmes como *E tudo o vento levou* ou *A Guerra das Estrelas*. Nas últimas linhas do cartaz eram mencionados os preços das cerimónias, que incluíam uma garrafa miniatura de champanhe francês, oferta da casa.

Uma rajada de vento passou pelas costas de Mila, arrepiando-a e obrigando-a a voltar-se. O vento prosseguiu o seu caminho até à entrada da capela, provocando o rangido de um dos lados da porta.

Segundo parecia, alguém a deixara aberta.

Dado que a lua era mais do que suficiente para indicar-lhe o caminho, a agente apagou a lanterna. Entrou no largo. Os passos crepitavam sobre o asfalto esborado pelos longos invernos. O vento de sombras seguia-a, dançando-lhe entre as pernas. No trajeto, sacou a pistola e ajustou a mão ao punho. Os baixos edifícios à sua volta pareciam as ruínas de um cataclismo nuclear. Portas e janelas eram bocas que se fechavam sobre antros tenebrosos, custodiando uma escuridão de mundos secretos ou, talvez, simplesmente, do nada de que é feito o medo. Mila avançava e deixava-o para trás. Do interior, o escuro fixava a sua passagem com olhos negros.

Devia telefonar a alguém, certamente a Boris. Comporto-me como as heroínas dos filmes de terror que parecem mesmo querer ser mortas, pensou Mila. Mas sabia o motivo. Tratava-se de outro jogo no âmbito de um desafio contínuo. Quem lhe dizia para continuar era o monstro que dentro dela fingia dormir. O mesmo que lhe guiava a mão sempre que fazia incisões na sua carne com a lâmina. Ela nutria-o com a sua dor e com o seu medo, na esperança de lhe aplacar a fome. De outra maneira, não sabia o que ele seria capaz de fazer. Ou de fazê-la fazer.

Chegada em frente à entrada, parou um instante. Depois, começou a subir os degraus que a separavam da porta. Debruçando-se no interior, sentiu de imediato a escuridão a soprar-lhe na cara. Reconheceu o odor. Porque a morte tem isto de positivo, não se esconde, e esclarece rapidamente as coisas com os vivos. Em seguida, ouviu o som. Suave como um conjunto de sussurros, frenético como um mecanismo.

Apontou o foco da lanterna para o interior e um amontoado informe e fervilhante de criaturas dispersou-se num segundo. Mas uma parte não deu

pela sua presença e permaneceu ali para prosseguir a obra.

No centro de um cenário que evocava o período medieval, estava um nojento colchão sobre o qual jazia uma figura imobilizada por correias de contenção.

Mila disparou um tiro para o ar, que ressoou no largo até ao lago, e os ratos afastaram-se, finalmente, do corpo. Um único hesitou, voltando-se para fixá-la durante um longuíssimo segundo, com olhos vermelhos carregados de ódio porque a intrusa interrompera a sua refeição. Depois, também ele desapareceu na sombra.

A agente observou o cadáver durante um longo momento. Era um homem, idade indefinível. Vestia uma camisola e *boxer* azuis.

Tinha a cabeça enfiada num saco de plástico fechado à volta do pescoço com uma fita isoladora.

Mila deu um passo atrás e desviou a lanterna para tirar o telemóvel do bolso, mas no colchão permaneceu um ponto luminoso. A luz da lua esgueirara-se atrás dela e fazia brilhar algo na mão do morto. A agente aproximou-se para ver melhor.

No anelar descarnado da mão esquerda havia um anel de noivado.

14

A zona tornara-se *off-limits*.

O caminho estava encerrado por barreiras e, para desencorajar quem quisesse aventurar-se no lago, um painel luminoso assinalava um desmoronamento ao longo da estrada. Mas, de momento, os agentes da polícia eram as únicas presenças no local abandonado.

Esperando a chegada dos colegas à Love Chapel, Mila sentara-se nos degraus em frente à falsa igreja. Enquanto fazia a guarda ao cadáver, vira a alvorada que procurava forçar o limite do horizonte para invadir o vale. O espelho de água tinha-se colorido de um vermelho aceso, estimulado pelo queda das folhas do início do outono.

A pálida luz do dia revelara, impiedosamente, o espetáculo atrás de si. Mas Mila estava imersa numa estranha quietude. Como se fizesse a experiência do cansaço do medo, não sentia nada. Sem se mover de onde se encontrava, ouviu o eco das sirenes que se aproximavam e avistou as luzes intermitentes dos carros que emergiam da lomba ao fundo da estrada e se dirigiam na sua direção, como um exército libertador.

No momento em que se acenderam as lâmpadas halogéneas na cena do crime, o horror desvaneceu-se, dando lugar à análise fria.

A polícia científica já tinha colocado o perímetro em segurança, recolhendo relatórios, fotografando tudo e estabelecendo as eventuais provas. Na habitual coreografia que se desenvolvia à volta do cadáver, era agora altura da exibição do médico-legista juntamente com a patrulha dos necrologistas.

— Tudo é como parece e nada é como parece — foi o torcido veredito de Chang, inclinado sobre a vítima.

Enquanto lá fora havia um vaivém de agentes, no interior da capela,

juntamente com os peritos, só estavam Mila e Gurevich, que não parecia muito satisfeito com a avaliação do doutor.

– Pode ser mais preciso?

Chang analisou mais uma vez o corpo estendido no colchão, embebido em matéria orgânica, apenas com a roupa interior vestida e o saco de plástico enfiado na cabeça.

– Realmente, não.

A resposta denotava o receio que o inspetor lhe incutia.

A indecisão de Chang enervava Gurevich.

– Temos de saber o mais depressa possível a quando remonta a morte.

O problema eram os ratos que tinham alterado o estado dos despojos. Os mais atingidos tinham sido as mãos e os pés do cadáver, que estavam quase completamente descarnados. As axilas e as virilhas apresentavam as feridas mais profundas. A destruição tornava difícil saber o momento da morte através de um exame objetivo, por isso, era ainda mais difícil atribuir a responsabilidade a Roger Valin.

Mas Mila considerara que, se era realmente obra do pluri-homicida, tratava-se também de uma insólita e radical mudança do *modus operandi*. Era incompreensível a passagem do uso de uma espingarda semiautomática *Bushmaster*.²²³, que não implicava nenhum contacto físico com os alvos, à situação que tinham diante deles. Era por esse motivo que os ânimos estavam tão tensos.

À capela chegou, entretanto, Boris, que se pôs num canto à escuta.

– Para formular uma hipótese credível e saber há quanto tempo a vítima está aqui, precisaríamos de uma autópsia – tergiversou o médico-legista.

Isto aumentou a irritação de Gurevich.

– Não lhe estou a pedir um relatório, apenas um parecer.

Chang ponderou, como alguém que já tem em mente uma resposta mas não quer comprometer-se, com medo de cometer um erro grosseiro que, mais

tarde, lhe poderá ser atirado à cara.

– Direi que a morte remonta a, pelo menos, vinte e quatro horas.

A resposta tinha duas implicações. A menos importante era que, mesmo que alguém tivesse descoberto mais cedo o enigma do número de telefone da lavandaria automática, o homem com a cabeça enfiada no saco de plástico não teria podido salvar-se. Mas a consequência mais relevante era que, então, o culpado não podia ser Roger Valin.

Obviamente, a possibilidade não entusiasmava Gurevich.

– Mais um homicida. Uma segunda mão. – Sacudiu a cabeça pensando nos resultados que a descoberta causaria. – De acordo, vejamos quem é o morto.

Finalmente podiam passar à revelação do rosto da vítima. Talvez a partir daí surgissem importantes contributos para resolver o novo mistério, considerou Mila.

– Preparo-me para retirar o saco da cabeça do cadáver – anunciou Chang. O médico-legista mudou as luvas de látex e colocou na cabeça uma lâmpada LED. Depois de se munir de um bisturi, aproximou-se do corpo.

Com dois dedos, levantou uma borda daquele anómalo sudário que aderira às feições e, com a outra mão, fez um corte preciso no plástico, começando à altura do osso parietal.

Enquanto todos os presentes estavam concentrados na operação e esperavam impacientemente pela resposta, Mila continuou a fixar o anel de casamento no anelar esquerdo do cadáver. Não conseguia evitar pensar na mulher que ainda não sabia que era viúva.

Chang terminou a incisão do saco abaixo da garganta da vítima. Pousou a lâmina e começou a remover delicadamente a ponta que tinha retirado.

Finalmente, descobriu o rosto do homem.

– Merda – comentou imediatamente Gurevich. E foi evidente para todos que o reconheceria.

– É Randy Philips – confirmou Klaus Boris. Ao mesmo tempo, lembrou-se que tinha no bolso do casaco o jornal da manhã e passou-o ao colega. – Terceira página.

No interior sobressaía a fotografia de um homem refinado com um sorriso arrogante. Embora não houvesse dúvidas, Gurevich comparou a imagem com a cara do cadáver. Em seguida, leu o título: – «Philips fura a estreia»... «Juiz condena o acusado por falta de comparência do seu advogado em tribunal»

Enquanto Chang completava o exame da cabeça, Boris dirigiu-se aos presentes.

– Randall «Randy» Philips, trinta e seis anos, especialista em casos de maus tratos familiares. Habitualmente, defendia os maridos causadores dos maus tratos. A sua estratégia defensiva era descobrir os podres das mulheres ou namoradas. Quando não os encontrava, inventava-os. A sua especialidade era cobrir as infelizes de histórias pérfidas, fazendo-as passar por vadias. Era inacreditável: mesmo que as infelizes chegassem ao tribunal cheias de nódoas negras, de óculos escuros ou em cadeiras de rodas, Philips, com os seus relatos, era capaz de levar os jurados a pensarem que se estavam naquele estado é porque se tinham posto a jeito.

Mila apercebeu-se do olhar divertido que os homens de Chang trocaram. A habitual camaradagem grosseira masculina recordou-lhe as aparições de Randy Philips na televisão. O mote do advogado era: «É sempre fácil julgar uma mulher... Mesmo que sejam outras mulheres a julgarem.» Assim, na maioria dos casos, conseguia obter a absolvição dos seus constituintes. Nos restantes, arrancava consideráveis reduções de pena. Tinha ganho a alcunha de «castiga-mulheres» e também uma, um pouco menos terna, de «Randy, o estupor».

– Talvez possamos reconstituir o que se passou – anunciou Chang no fim do exame sumário. – Primeiro, atordoaram-no com uma pistola elétrica, um *taser* ou um agulhão para bovinos. – Indicou um ponto no pescoço onde era

evidente a queimadura provocada pela curta descarga. – Depois, imobilizaram-no com as cintas de contenção. Finalmente, enfiaram-lhe o saco na cabeça. Em pouco tempo a acidose respiratória levou à morte.

Os presentes sublinharam este último veredito com silêncio.

– Randy Philips era casado?

Voltaram-se todos para Mila, aturdidos com a inesperada pergunta. Gurevich observou-a com um ar desconfiado.

– Poderei estar errado, mas não me lembro que tivesse uma mulher – afirmou Boris.

Sem acrescentar mais nada, a agente ergueu o braço para indicar a mão esquerda do cadáver e o anel de casamento que lhe chamara a atenção, graças ao reflexo da luz lunar, no momento em que descobrira o corpo.

Ninguém disse mais uma palavra.

Tratava-se de uma espécie de pena de talião.

– Randy obrigado a casar-se com a sua morte na capela do amor, acreditam? – ironizou Chang enquanto abandonava a cena do crime, mas procurando não ser ouvido por Gurevich.

Não satisfeito, aumentou a dose.

– Como quem diz: estás preso num casamento do qual não podes escapar.

Precisamente como as mulheres apanhadas num sonho de amor que esconde um pesadelo, pensou Mila. Impossibilitadas de pedir o divórcio por não terem um rendimento ou um trabalho, obrigadas a sofrer os maus tratos porque o medo das tareias é inferior ao de perderem tudo. Mulheres que, um dia, encontraram a coragem de denunciar a violência mas que, graças a Randy, viram o seu tirano regressar em liberdade.

– É necessário estabelecer se se trata de um ou mais homicidas – afirmou Gurevich, enquanto Krepp e a sua equipa voltavam a tomar posse do local para ultimar o trabalho interrompido pelo médico-legista.

– Um único assassino – disse de imediato o perito da polícia científica

com o seu habitual tom insociável, liquidando qualquer outra hipótese.

– Tem a certeza? – perguntou Boris.

– Quando chegámos e preservámos a cena, pedi aos meus homens para verificarem as marcas existentes no chão da capela, o pó acumulado nos últimos anos deu-nos uma grande ajuda nisso. Excluídas as da agente Vasquez, as outras pertenciam à vítima e a uma segunda pessoa que calçava o trinta e oito.

– Continue – encorajou-o Gurevich, interessado na reconstituição.

– No largo não conseguimos descobrir sinais claros da passagem de pneus. Ainda temos de perceber como Philips e o assassino chegaram aqui. Direi que seria conveniente pedir aos mergulhadores que sondem o lago.

O único motivo que levaria o homicida a desembaraçar-se da viatura de Randy Philips era não antecipar a surpresa a quem encontrasse o corpo, pensou Mila. Uma encenação perfeita.

– Talvez seja conveniente ver um pouco mais de perto a aliança de casamento. – Krepp apontou de imediato para o anel no dedo de Philips.

– Se tiver alguma inscrição, tem de dizer-me – intimou-o Gurevich.

O perito da polícia científica resmungou um instante e, em seguida, ajoelhou-se ao lado do colchão e ergueu a mão descarnada do cadáver com uma tal graciosidade que quase pareceu um gesto romântico. Desenfiou o anel para levá-lo para o furgão com o equipamento, que estava estacionado lá fora.

No largo, um agente entregou dois copos de café a Gurevich e a Boris. Não se preocupou com Mila, que se mantinha à devida distância dos dois superiores mas prestando atenção ao que diziam um ao outro.

– Ninguém denunciou o desaparecimento de Randy.

– Se vivia sozinho, não é de estranhar. Talvez acontecesse não comunicar as suas deslocações ao secretariado. Era um tipo com mil casos e muitos segredos. – Boris pôs as mãos nas ancas, num gesto desconsolado. – Mas,

excluindo Roger Valin, até porque não creio que tivesse um móbil, quem o matou então?

Mila tinha a impressão de que o que estava a acontecer fazia parte de um desígnio mais complexo. Gostaria de participar na discussão entre os superiores, mas não avançou. Foi Gurevich quem a puxou para a dança.

– O que pensa, Vasquez? Alguém sequestrou o advogado e trouxe-o aqui para matá-lo. Como se explica isto?

Fizera-a sentir-se invisível até àquele momento e, agora, dirigia-lhe subitamente a palavra. Para responder, a agente encurtou a distância que os separava.

– Não creio que o assassino tenha raptado o advogado Philips. Era demasiado complicado e perigoso. Penso que o terá atraído a este lugar, iludindo-o. Depois de o ter atordoadado, atou-o e fez o resto.

– Por que motivo viria Randy, que era um tipo esperto, a um local isolado? – A pergunta de Gurevich não soava como uma crítica às palavras de Mila. O inspetor não descartava a sua tese, embora se esforçasse por compreendê-la melhor.

– Vêm-me à cabeça variadas hipóteses pelas quais o advogado teria aceitado um encontro aqui: o assassino possuía ou fingiu possuir algo que Philips queria, talvez informações comprometedoras sobre a mulher ou companheira de um cliente seu. Ou já se conheciam e, por isso, a vítima não teria motivos para desconfiar.

Gurevich torceu o lábio.

– Diga tudo, agente Vasquez, sem receio.

O inspetor intuía que Mila amadurecera outra convicção, embora não se decidisse a falar sobre ela.

– Na minha opinião, foi uma mulher.

Boris ergueu o sobrolho para sublinhar o acaso daquela conjectura.

– E porquê?

– Philips considerava-nos seres inferiores, *ergo* estava convencido de que podia gerir a situação: confiou demasiado em si mesmo. Depois, só uma mulher podia nutrir motivos de vingança em relação ao advogado.

– Pensas numa vingança, como no caso de Valin? – perguntou Boris.

– Ainda é muito cedo para pensar seja o que for. Mas sei que a ingenuidade cometida por Philips e as dimensões do anel que ostenta, certamente um modelo mais adaptado a uma mão feminina, levam a pensar que a explicação seja mesmo esta.

– Há aqui qualquer coisa.

A voz de Krepp chegava do furgão da polícia científica, que não estava muito longe, chamando-lhes, de imediato, a atenção. Os três moveram-se ao mesmo tempo.

O perito estava sentado na bancada com os instrumentos. Examinava ao microscópio o anel de casamento descoberto no dedo da vítima.

– Não há impressões digitais – anunciou. – Mas no interior lê-se uma inscrição que me parece interessante.

Estendeu um braço para acionar um monitor ligado ao aparelho. No ecrã apareceu a imagem aumentada do anel.

– É uma data, presumo que a do casamento... *23 de setembro*.

– É hoje – exclamou Boris ao lê-la.

– Sim, mas a gravação remonta, seguramente, a alguns anos – especificou Krepp. – A pátina opaca que a envolve demonstra-o.

– Feliz aniversário – comentou Gurevich.

– Há outra coisa para além da data.

O perito rodou o anel sob a lente do microscópio, revelando outra inscrição, acrescentada num segundo momento. De facto, a grafia diferenciava-se nitidamente da gravação precedente. Não era precisa mas rudimentar, certamente não era obra da mão experimentada de um ourives. Nos sulcos, o metal estava mais brilhante.

– Foi feita há pouco – confirmou Krepp.

A última constatação agravava o significado do que estava escrito.

h21

Gurevich trocou um olhar preocupado com Boris.

– Vinte e três de setembro, 21 horas. Segundo parece, além de dois assassinos a caçar, agora também temos um ultimato.

15

Ninguém imaginava o que aconteceria às vinte e uma horas.

Entretanto, apurara-se que Randy Philips chegara à Love Chapel com o seu *Mercedes*. O automóvel fora encontrado no fundo do lago, como previra Krepp. Por isso, o assassino tinha uma viatura sua, na qual se afastara após o delito.

Excluída a hipótese de rapto, tratava-se de perceber por que motivo o advogado tinha sido tão ingénuo para cair na armadilha, deslocando-se sozinho ao local abandonado. A intuição de Mila sobre o envolvimento de uma mulher tinha-se enraizado rapidamente, assegurando-lhe vários apoiantes.

Um grupo de polícias ainda estava a passar a pente fino o arquivo do gabinete de Randall Philips em busca de uma relação com a data indicada no anel de casamento.

O dia 23 de setembro era o único ponto de luz que tinham no meio de muitos, demasiados, pontos obscuros.

O primeiro de todos, a relação entre a chacina da vivenda e o homicídio na capela. Uma ligação só descoberta graças à intuição de Mila sobre o velho número de telefone. Não parecia haver qualquer ligação entre as vítimas, por isso, a única conexão possível teria de ser entre os autores dos crimes.

Nos anos em que fugira de tudo e de todos, Roger Valin conhecera alguém – uma mulher? – e juntos teriam partilhado um plano homicida.

Foi a explicação que Mila encontrou para o caso, enquanto deambulava pelos corredores do departamento como uma espécie de figurante. Mas as perguntas sobre o que acontecera tinham passado para segundo plano relativamente às questões sobre o que poderia vir a acontecer.

A urgência agora era o ultimato.

Com o passar das horas, eram conjecturadas ações que pudessem prevenir ou desencorajar um novo delito. Muitos polícias foram chamados ao serviço e os turnos intensificaram-se. O assassino, ou os assassinos, deviam ter a ideia de que a cidade estava a ser defendida e, para esse efeito, foram instalados postos de bloqueio e aumentadas as patrulhas de carro. Os informadores que habitualmente colaboravam com a polícia federal foram avisados para manterem os ouvidos e os olhos bem abertos. A presença massiva da polícia na cidade forçaria alguns membros da criminalidade organizada a colaborarem, quanto mais não fosse para poderem acabar o mais depressa possível com a patrulha das estradas, que tanto prejudicava os tráficos ilegais.

Para não provocar suspeitas, difundiu-se um comunicado nos meios de comunicação social, que anunciava uma operação em grande escala contra o mundo do crime. Jornais, televisão e internet dedicaram-se a disparar no vazio sobre mais uma inútil ideia propagandística do departamento à custa dos contribuintes.

Entretanto, no quartel-general, sucediam-se reuniões, mais ou menos restritas, para determinar a estratégia a seguir. As do primeiro andar eram presenciadas pelo Juiz. Nas restantes, descia-se na escala hierárquica. Não obstante o contributo dado à investigação, Mila foi rapidamente relegada para as menos importantes. Teve a nítida impressão de que o seu papel fora expressamente redimensionado, como se alguém quisesse cortá-la da investigação.

Pelas dezassete horas, deixou os andares de cima do departamento para regressar ao Limbo. A aproximação da noite aumentava o temor do que iria suceder, mas Mila não dormia há muitas horas e sentia necessidade de descansar, caso contrário perderia a lucidez.

Refugiou-se naquilo que, um dia, fora uma arrecadação, mas que tratara de equipar com uma cama articulada para quando ficava no gabinete para lá

da sua hora de saída. Descalçou as sapatilhas e utilizou o colete de pele em jeito de cobertor. A pequena sala, acolhedora como um refúgio secreto, estava imersa na escuridão, exceto pela luz amarelada filtrada pela fissura abaixo da porta.

Aquela claridade bastava-lhe para se sentir em segurança, como se alguém lá fora a velasse enquanto estava no escuro. Deitou-se de lado, com as pernas recolhidas e os braços entrelaçados. No início, não conseguiu adormecer mas, depois, a adrenalina parou e deu lugar ao cansaço.

– Já conseguimos.

Mila entreabriu os olhos, sem saber se a frase proviera da realidade ou do sonho. O tom era tranquilo, de maneira a não assustá-la. Olhou melhor: a porta estava encostada para que a luz não a ofusasse. Aos pés da cama articulada estava sentado o capitão Steph que apertava nas mãos uma chávena fumegante. Entregou-lha, mas Mila ignorou-a procurando, de imediato, saber as horas.

– Calma, são dezanove horas, o ultimato ainda não chegou ao fim.

A agente levantou-se e acabou por aceitar a chávena, soprando antes de beber.

– O que conseguimos então?

– As investigações no gabinete de advocacia de Philips tiveram o êxito esperado: agora temos um nome... Nadia Niverman.

Embora inicialmente tenha ficado hipnotizada, Mila surpreendeu-se ao ouvir que o capitão se referia mesmo a uma mulher.

– Nadia Niverman – repetiu, sem se aperceber que ficara com a chávena a meio caminho.

– Foi o último caso de desaparecimento de que Eric Vincenti se ocupou – recordou Steph. – Telefonaram há pouco: segundo parece, a gente graúda precisa de ti outra vez.

Mila passou os dez minutos seguintes ao telefone com Boris. Em

primeiro lugar, do computador da secretária de Eric Vincenti enviou-lhe por email o ficheiro da investigação sobre o desaparecimento da mulher, ocorrido dois anos antes.

Nadia Niverman era uma dona de casa de trinta e cinco anos, um metro e setenta, loura. Casara-se a 23 de setembro. Três anos depois separara-se, porque o marido lhe batia regularmente.

– Escusado será dizer que o cônjuge era cliente de Randy Philips – disse Boris ao telefone. – Aqui temos um bom móbil para uma vingança.

A agente não estava convencida disso.

– Mila, o que está a acontecer? Que diabo de história é esta de desaparecidos que regressam?

– Não sei – limitou-se a dizer. Não percebia. Era incompreensível e, por isso, estava assustada.

Roger Valin e Nadia Niverman tinham desaparecido em momentos muito afastados no tempo.

– Se o soubessem, os meios de comunicação batizá-los-iam como «o casal assassino». Aqui estão todos a enlouquecer. O Juiz convocou uma reunião de emergência.

– Eu sei. O Steph acabou de subir para ir ter convosco.

– Não percebo por que motivo Nadia não matou o marido em vez do advogado – confessou-lhe Boris. – Talvez o ultimato fosse para ele – corrigiu de imediato.

– Avisaram-no?

– Levámos John Niverman para um lugar seguro. Agora está sob vigilância, mas devias ver como se mijou de medo.

Como no caso de Valin, a fotografia de Nadia tinha sido difundida nos meios de comunicação social. Ao contrário do contabilista, o desaparecimento da mulher era relativamente recente, por isso havia mais esperanças de reconstituir onde estivera naquele lapso de tempo.

– Boris, o que queres que faça? Vou aí?

– Não é preciso. Agora vamos apertar o marido e procurar saber pelo estupor do cagarolas se há algum pormenor da ex-mulher que ele tenha omitido na altura do desaparecimento. Depois, através do dossiê da mulher, procuraremos perceber se há dois anos contou com a ajuda de alguém para desaparecer, talvez de um conhecido ou de uma amiga. Gostava que fizesses o mesmo. Por favor, poderias verificar se existem anotações de Eric Vincenti sobre o caso que não tenham sido inseridas no ficheiro oficial?

Desligaram o telefone e Mila lançou-se, de imediato, ao trabalho.

Fez correr o processo no ecrã do computador. O colega do Limbo usara uma ordem cronológica progressiva. Este método só era utilizado nos casos de desaparecimento. Nos casos de homicídio, por exemplo, as reconstituições partiam sempre do fim, ou seja, da morte da vítima.

Eric Vincenti era muito cuidadoso com a redação dos relatórios. Pareciam contos.

«É necessário preservar o impacto emotivo de certas histórias, para alimentar a sua recordação», dizia sempre. «Qualquer pessoa que leia o relatório mais tarde deverá afeiçoar-se à pessoa desaparecida.»

Segundo Vincenti, só assim o seu sucessor poderia empenhar-se assiduamente na investigação da verdade. *Precisamente como ele fazia*, pensou Mila.

Eu procuro-os por todo o lado. Procuro-os sempre.

A agente passou em revista as fotografias que acompanhavam o dossiê. Testemunhavam a passagem dos anos no rosto de Nadia Niverman, mas a cor dos olhos envelhecera mais do que o resto. E só havia uma coisa que poderia produzir tal resultado.

Mila conhecia bem os efeitos corrosivos da dor.

16

Nadia Niverman tinha sido uma bela rapariga. A colega de liceu que todos os rapazes gostariam de ter como esposa. Campeã de atletismo, ótimas notas, atriz na companhia de teatro da escola. As premissas de um extraordinário percurso escolar confirmaram-se durante os primeiros anos de universidade, na faculdade de filosofia. Já com vinte e quatro anos, Nadia era uma mulher independente e madura. Depois da licenciatura, fez um mestrado em Jornalismo e foi admitida, em *part-time*, na redação de um canal televisivo. Teria progredido profissionalmente. Mas, um dia, o homem errado cruzou o seu caminho.

Em comparação com ela, John Niverman era um zero à esquerda. Às suas costas, tinha o liceu interrompido, o serviço militar interrompido e um casamento interrompido. herdara do pai uma pequena mas florescente empresa de transportes e conseguira pô-la em ruínas.

Um destruidor, pensou Mila.

Nadia conhecera John numa festa. Um bonito rapaz alto, com o ar de patife simpático, agradava a toda a gente. E ela caíra na esparrela. O namoro durou pouco tempo, casaram-se passados uns meses.

Mila conseguia imaginar o que acontecera a seguir. Nadia sabia, desde o início, que John gostava de beber, mas estava convencida de que seria capaz de lidar com o problema e, com o tempo, pensava conseguir mudá-lo.

Esse fora o seu grande erro.

Segundo o que a mulher contou aos assistentes sociais, os problemas começaram poucos meses depois do casamento. Discutiam pelos mesmos motivos fúteis de quando eram namorados só que, nessa altura, havia algo de diferente que Nadia não conseguia definir. Não sabia exatamente do que se tratava. Era, sobretudo, uma sensação que derivava de algumas atitudes de

John. Por exemplo, ele começara a injuriá-la, e cada vez se aproximava mais dela. Um centímetro de cada vez. Mas, depois, recuava no último instante.

Um dia, bateu-lhe.

Eric Vincenti obtivera todas as informações íntimas e pessoais ao ler as denúncias que Nadia apresentara à polícia ao longo dos anos. Todas imediatamente retiradas alguns dias depois. Talvez pelo embaraço que os amigos e parentes soubessem do sucedido, ou pela vergonha de ter de enfrentar um processo. Ou talvez porque, quando John regressava sóbrio e lhe pedia desculpa, era tão convincente que Nadia lhe concedia uma segunda oportunidade. E, ao longo dos anos, tinham sido muitas. Podiam-se contar, juntamente com as nódoas negras. No início, eram sobretudo contusões que se conseguiam mascarar facilmente com uma camisola de gola alta e um pouco de base. Nadia considerava que não havia motivo para preocupações enquanto não houvesse sangue. Mila sabia o que acontecia em certos casos: bastava colocar um pouco mais acima a fasquia daquilo que uma mulher estava disposta a tolerar e poder-se-ia continuar com a vida de sempre. Quando chegavam as feridas, davam graças por não serem fraturas. E quando se quebrava algum osso, convenciam-se que, no fundo, poderia ser ainda pior.

Mas havia algo pior do que a pancada. Uma sensação de impotência e medo que nunca abandonava Nadia Niverman. Saber que a violência estava sempre emboscada e que podia desencadear-se por um nadinha. Se dissesse ou fizesse algo errado, poderia surgir a punição de John. Uma pergunta a mais, mesmo uma normal, como perguntar a que horas voltaria para jantar. Ou, simplesmente, se o marido tivesse encontrado algo de inadequado na maneira de Nadia se dirigir a ele ou até no tom de voz. Qualquer inépcia podia tornar-se um pretexto.

Mila dava-se conta de que quem não tivesse vivido uma experiência daquelas, ao ler aquele relato, teria ficado surpreendido com o facto de Nadia

não ter fugido imediatamente. E teria chegado à conclusão de que talvez as coisas não fossem assim tão más, se ela estava disposta a aceitá-las. Mas Mila conhecia o mecanismo da violência doméstica, dentro do qual os papéis são nítidos e imutáveis. Era precisamente o medo que mantinha a vítima ligada ao seu opressor, porque produzia um efeito paradoxal.

Na psique ferida de Nadia, a única pessoa que poderia protegê-la de John era o próprio John.

Só em relação a uma coisa Nadia soubera fazer frente ao marido. Ele queria um filho, ela tomava a pílula às escondidas.

Ainda que estivesse convencida de que aquele sexo alcoolizado e desmemoriado a que John a obrigava de vez em quando não poderia constituir um perigo, fora muito escrupulosa na decisão. Nunca importaria a uma nova criatura aquilo que ela estava disposta a tolerar.

Numa manhã de março, regressou a casa do supermercado com uma estranha sensação na barriga. A sua ginecologista dissera-lhe que, mesmo com a pílula, havia uma baixíssima percentagem de possibilidades de engravidar. E Nadia, instintivamente, pensou de imediato que estava grávida.

O teste confirmou o que ela já sabia.

Quis abortar, mas não conseguiu convencer-se de que seria a coisa certa a fazer.

Encontrou maneira de contar a John e, para sua grande surpresa, constatou que a notícia, de repente, o acalmou. Nadia temia que a raiva explodisse de uma só vez mas, em vez disso, e apesar de as discussões continuarem, por mais acesas que fossem, ele nunca mais lhe tocou. A barriga tornou-se uma armadura. Nem conseguia acreditar. Lentamente, recomeçou a ser feliz.

Uma manhã, Nadia preparou-se para ir à ginecologista para fazer uma ecografia e John ofereceu-se para acompanhá-la porque começara a nevar. Ele tinha a expressão ausente e um pouco triste que os alcoólicos têm quando

acordam. Nenhum vestígio de raiva nos seus gestos. Nadia vestiu o casaco, pegou na carteira e preparava-se para calçar as luvas no cimo das escadas de casa. Foi num segundo. A pressão violenta e inesperada das mãos nas costas, o mundo que, de repente, desapareceu debaixo dos seus pés deixando-a sem saber o que era chão e o que era teto. Uma segunda cambalhota, desta vez com mais impulso do que a primeira. A parede que veio de encontro à cara, a aresta do corrimão na maçã do rosto, as mãos que, vencidas pela força centrífuga, se desprenderam. Um novo embate, e depois um terceiro, forçados pela gravidade. A barriga que amorteceu o golpe. A queda que finalmente se deteve. Não houve dor, não houve ruído e, o que é pior, não houve nenhuma reação. Tudo parecia calmo ali dentro, demasiado calmo. Nadia recordava o rosto de John, no cimo das escadas. Impassível. Depois, saiu, deixando-a ali.

A ausência de empatia impedia Mila de perceber o que teria sentido Nadia. A única emoção acessível era a raiva. É certo que tinha pena daquela mulher, mas receava parecer-se mais com John.

Depois da queda nas escadas, a polícia não pôde ignorar a nova agressão, com ou sem uma denúncia. O que sucedera assemelhava-se demasiadamente a uma tentativa de homicídio. Os agentes deram a entender claramente a Nadia que se inventasse uma patranha para justificar John – que tropeçara, por exemplo – ele seguramente repetiria a façanha. E, desta vez, no lugar da criança, seria ela a morrer.

Por isso, ganhou coragem e contou a verdade. Depois da denúncia fez tudo o que devia. Procurou acolhimento junto de uma casa de família para mulheres maltratadas onde ele não poderia descobri-la. John foi detido e a resistência aos agentes impediu-o de recuperar a liberdade condicional. A maior vitória de Nadia não fora suportar os anos junto daquele monstro, mas conseguir separar-se rapidamente.

Mas, depois, apareceu Randy Philips.

Ao advogado bastou exhibir no tribunal um par de sapatos altos. Nem testemunha, nem qualquer outra prova para demonstrar que género de mãe ela era. Uma mulher que durante a gravidez não estava disposta a renunciar a um hábito, mesmo que representasse um perigo para a estabilidade dos seus movimentos num dia de inverno e de neve. Uma mulher que não sabia pensar no bem-estar da criança que trazia no ventre.

Naquele dia, John foi libertado. E Nadia desapareceu.

Não levou consigo nenhuma peça de roupa nem qualquer objeto da vida passada, talvez para fazer crer a todos que tinha sido o ex-marido a desembaraçar-se dela. O facto é que John passou um mau bocado durante algum tempo. Mas, segundo Randy Philips, não havia provas para detê-lo. E, assim, Nadia perdeu mais uma batalha.

Terminada a leitura do relatório, Mila começou a refletir. Devia ser lúcida e pôr de lado as sensações de cólera sobre o caso. Depois do que se passara, Nadia não merecia que a caçassem como uma criminosa qualquer. Valin talvez sim. Embora o desespero do homem, devido à morte da mãe, fosse autêntico e compreensível, poderia ter superado a coisa e seguir em frente. Tivera à disposição dezassete anos para isso, que diabo.

O casal assassino, tal como Boris os definira, na realidade, era composto por indivíduos muito diferentes. Num momento da sua vida de fugitiva – porque era assim que Mila via uma mulher que fugia do marido violento –, Nadia encontrara Roger e ambos, com certeza, haviam partilhado as respetivas existências e descoberto que tinham o mesmo segredo e, talvez, o mesmo ódio em relação ao mundo. Ao aglutinarem os seus rancores, criaram uma aliança homicida.

«Não percebo por que razão Nadia não matou o marido em vez do advogado. Talvez o ultimato fosse para John», dissera Boris ao telefone pouco antes.

Mila não tinha a certeza. Se Nadia quisesse realmente matá-lo, teria feito

ao contrário. Que sentido tinha matar Randy de maneira tão evidente para depois o ex-marido ficar seguramente protegido pela polícia? Se tivesse feito o contrário, ninguém teria suspeitado que quisesse aniquilar também Philips.

O ultimato não é para John Niverman, disse Mila para consigo, segura da sua conjectura.

Boris afirmara que o homem estava mijado de medo. A pena que a assassina escolhera para o advogado era um anel no dedo e uma dolorosa morte na capela reservada aos noivos. Para o ex-marido, escolhera o medo. Não queria que John tivesse um fim rápido. Devia passar por aquilo que ela passara, ter uma sensação constante de perigo, saber que, de um momento para o outro, poderia tocar-lhe a ele e, assim, experimentar a insuportável espera de um destino certo.

O telefone na secretária de Eric Vincenti tocou. Mila sobressaltou-se e esperou um pouco antes de responder.

— O que fazes ainda aí? — Era Steph. — Já passa das onze, o ultimato terminou há pouco.

Mila olhou para o relógio na parede. Não se apercebera do passar do tempo.

— Então? — perguntou, trepidante.

— Nada de nada. Só uns fulanos que se apunhalaram durante uma rixa num bar e um tipo que precisamente esta noite procurou matar o seu sócio.

— Viste o Juiz?

— Despediu-se de nós há um quarto de hora e pensei telefonar-te. Já sabia que ainda estavas aí. Vai para casa, Vasquez. Estamos entendidos?

— Sim, capitão.

Uma neblina fria e subtil percorria as ruas como um rio fantasma.

Por volta da meia-noite, Mila foi buscar o carro ao parque de estacionamento exterior do departamento. Mas, ao chegar junto do *Hyundai*, apercebeu-se de que tinha dois pneus em baixo. A surpresa pô-la alerta: o imprevisto tornara-se um perigo potencial na sua cabeça. Dois pneus vazios podiam indicar que alguém queria aproveitar a ocasião para agredi-la pouco depois na rua. Mas Mila afastou de imediato a paranoia: era um efeito colateral do caso que estava a seguir. De facto, bastou-lhe olhar em volta para descobrir que os carros próximos do seu tinham sofrido o mesmo tratamento. Certamente obra de delinquentes em busca de vingança em relação aos polícias do departamento. Já tinha acontecido, no último mês.

Assim, Mila optou pelo metro e dirigiu-se para a paragem mais próxima.

Na rua não havia ninguém, a sola de borracha dos sapatos gemia devido à humidade e os seus passos ecoavam entre os prédios. Ao chegar à entrada do metro foi atingida pela corrente de ar produzida por um comboio que chegava. Desceu os degraus em corrida, na esperança de chegar a tempo. Introduziu o bilhete no torniquete, mas ficou encravado. Tentou novamente, mas sem resultado. Ouviu o comboio a partir e decidiu desistir.

Parou diante da máquina automática para emitir um novo bilhete.

– Tens alguma coisa para mim?

Apanhada de surpresa pela voz, Mila voltou-se bruscamente. Nas suas costas, um rapaz com um casaco de felpo com capuz estendia-lhe a mão em busca de uns trocos. Instintivamente, teve vontade de partir-lhe o focinho mas, em vez disso, encheu-lhe a mão com o troco da máquina e observou-o a afastar-se contente.

Finalmente, conseguiu passar a barreira dos torniquetes. Apanhou a

escada rolante, que se acionava automaticamente mal se punha o pé no primeiro degrau. Chegou junto da linha quando um comboio proveniente da direção oposta descarregava um grupo de passageiros no outro cais. Pôs-se em marcha alguns segundos depois, meio vazio.

Mila ergueu os olhos para o painel que indicava uma espera de quatro minutos.

Estava sozinha na estação. Mas não foi por muito tempo. Ouviu um som mecânico, virou-se e viu que a escada rolante tinha sido novamente acionada, antecipando a chegada de outro passageiro. Mas Mila não o via chegar. Os degraus continuavam a deslizar para baixo como uma cascata de aço, sem que aparecesse ninguém. *Está a demorar muito*, disse para consigo. E, naquele instante, veio-lhe à cabeça uma lição que aprendera durante o caso do Sugeridor.

O inimigo nunca surge de improviso. Primeiro, cria uma diversão.

Mila levou uma mão à pistola e voltou-se para o outro cais, em busca de um perigo. Foi então que a viu.

No cais, do lado de lá dos trilhos, Nadia Niverman fixava-a com olhos vazios e o rosto envelhecido de quem acabou de regressar de uma longa viagem. Os braços caídos ao longo do corpo, cansada. Vestia uma *canadiana* demasiado grande.

Permaneceram imóveis durante um tempo que pareceu infinito. Depois, Nadia ergueu a mão direita e levou-a à cara. Com um dedo pousado nos lábios, fez-lhe sinal para ficar calada.

Alguns papéis levantaram-se dos carris, como marionetas ligadas a fios invisíveis dançando brevemente para elas. Mila quase não se apercebeu de que o sopro que os deslocara, na realidade, antecipava uma rajada de ar frio, mas recompôs-se quando percebeu que um comboio estava a chegar do outro lado.

Estava próximo e, em breve, interpor-se-ia como uma barreira entre os

dois cais.

– Nadia – chamou.

Mas, quando viu a mulher dar um passo em frente, teve medo. No coração primeiro e só depois na cabeça, compreendeu que tinha de fazer alguma coisa. Sem pensar, esteve para saltar para a linha, com a intenção de atravessar aquele rio invisível de poeira e vento. As luzes do comboio apareceram no túnel. Era rápido, demasiado rápido. Não conseguiria.

– Espera – disse à mulher que a observava sem mover um músculo.

O comboio estava a cerca de cinquenta metros. Mila sentiu uma corrente de ar a esbofeteá-la.

– Não, por favor – suplicou enquanto um galope metálico se sobrepunha à sua voz.

Nadia sorriu. Mais um passo.

Quando a primeira carruagem começou a travagem, a mulher deixou-se cair na linha com uma graça que Mila nunca mais esqueceria, como se levantasse voo. Um único som cavo, imediato, que o estridor dos travões conseguiu sufocar.

A agente ficou a observar durante um instante a cortina de metal que se interpunha entre ela e a cena. Em seguida, começou a correr pelas escadas acima. Num instante, desceu pela parte oposta até chegar ao cais onde Nadia estava parada, pouco antes.

Um pequeno ajuntamento de gente que descera do comboio aglomerara-se junto do binário, antes da galeria. Mila abriu caminho.

– Polícia – anunciou, mostrando o distintivo.

O condutor estava fora de si de raiva.

– Merda, é a segunda vez que me acontece este ano. Porque não vão fazer isso para outro lado? Merda – repetiu impiedosamente.

Mila observou os trilhos. Não esperava ver sangue ou restos humanos. *É sempre assim, pensou, parece que o comboio engoliu a pessoa.*

De facto, entre os carris só havia um sapato feminino.

Sem saber porquê, a imagem recordou-lhe a mãe e aquela vez em que troçara ao levá-la à escola. Ela, sempre composta nos modos, tão atenta à aparência, estava caída no chão, vítima da indelicadeza de um salto partido. Recordava-se dela despenteada, sem um sapato e com uma meia cor da pele rota à altura do joelho. A beleza discreta, que os homens nunca deixavam de sublinhar com o olhar, foi desconsiderada pela risota de um tipo que nem sequer parara para ajudá-la. Mila sentira raiva daquele labrego e pena da mãe – e fora uma das últimas vezes que sentira algo no coração, antes de chegar o vazio.

A recordação induziu-a a dirigir-se ao grupo de passageiros apinhados atrás dela.

– Afastem-se – intimou. Foi então que se apercebeu de que, um pouco mais adiante, estava o rapaz do casaco de felpo com que se cruzara pouco antes. Talvez atraído pela confusão tivesse descido para ver o que se passava, embora se mantivesse próximo da base das escadas. Mas a atenção de Mila fixou-se no objeto que o jovem tinha nas mãos. Observou-o, intrigada.

– Ei, tu – chamou.

O rapaz voltou-se, sobressaltado.

– Ei, dá-me isso – ordenou-lhe, enquanto avançava para ele.

O jovem deu um passo atrás, assustado. Depois, entregou-lhe de imediato o que trazia.

– Encontrei-o aqui – disse, indicando o cais. – Não queria roubá-lo, juro.

Mostrou-lhe o estojo de veludo de um anel.

Mila tirou-lho da mão.

– Vai-te embora – limitou-se a dizer. E ele obedeceu. A agente observou o objeto, ligando-o, de imediato, à morte de Randy Philips. Mas, se o anel de casamento estava no dedo do cadáver, o que continha agora o pequeno cofre?

Mila hesitou. Depois, abriu com prudência o estojo, receando o segredo

que poderia revelar. Mesmo reconhecendo rapidamente o conteúdo, examinou-o sem perceber o sentido.

Era um dente coberto de sangue. E era humano.

18

– Já tenho visto mutilações em cadáveres, acreditem.

O jovem sargento perguntara-se onde estaria o pré-molar da vítima e por que motivo o assassino teria decidido levar semelhante recordação.

– Há quem escolha uma orelha ou um dedo. Uma vez, debaixo da cama de um traficante, encontrámos a cabeça de um toxicodependente que matara poucas horas antes. Sabe-se lá por que razão se lembrou de levá-la para casa.

O episódio não surpreendeu Mila e Boris. Se eles não tivessem chegado, também o episódio do dente teria acabado, simplesmente, na lista dos factos curiosos a contar aos colegas na pausa do almoço. Mila, em particular, não tinha vontade de ouvir histórias truculentas precisamente quando, a alguns quilómetros de distância, o corpo de Nadia Niverman era removido dos carris por onde passara aquele maldito comboio.

Por sorte, o jovem sargento calou-se e, assim, o trio pôde atravessar a cozinha rústica, depois o quarto lacado a cinzento, a sala de estar de estilo vitoriano e mais outra cozinha, desta vez, de estilo moderno. Enquanto passavam pelos cenários da zona de exposição da vasta loja de móveis usados, Mila voltou a pensar no que acontecera naquela noite, começando pelos pneus furados do *Hyundai*: certamente um expediente imaginado por Nadia para atraí-la ao metropolitano. Antes de matar-se, a mulher fizera-lhe sinal para não falar. Depois, dera-lhe aquele indício. Mila ainda estava surpreendida pela facilidade com que tinham chegado à nova cena do crime. Bastara inserir no computador a palavra «dente» e logo aparecera um estranho homicídio ocorrido, precisamente, na madrugada daquele dia, exatamente na hora em que os maiores crânios da polícia federal estavam concentrados na Love Chapel.

– Não encontrámos vestígios do assassino – afirmou o sargento. – Nem

sequer uma impressão digital. No entanto, havia uma grande quantidade de sangue. É obra de um profissional, digo-vos eu.

A vítima chamava-se Harash, um homem de cinquenta e cinco anos, de origem árabe.

— A sua alcunha era «o coveiro» e o seu negócio consistia em esvaziar as casas dos mortos — disse o sargento para iniciar um rápido retrato. — Mal alguém morria, ele aparecia em casa dos familiares com uma oferta por todos os pertences do morto. Comprava por atacado. Há uma série de gente que vive sozinha, sabem? Quem herda é quase sempre um filho ou um neto que não sabe o que fazer com os móveis ou com os eletrodomésticos. Harash resolvia-lhes o problema e eles nem queriam acreditar que ainda ganhavam dinheiro ao despacharem aquela velharia. O coveiro limitava-se a ler as notícias da necrologia para encontrar os melhores negócios. Mas toda a gente sabia que começara a emprestar dinheiro a taxas usurárias. Ao contrário dos outros agiotas, quando os devedores não podiam pagar a prestação, Harash não lhes partia, de imediato, os ossos. Pelo contrário, apoderava-se dos seus bens e depois revendia-os, apreendendo a quantia obtida como adiantamento sobre os juros.

Mila olhou os objetos que a circundavam. Eram de outro tempo, de outras vidas. Cada um deles podia contar uma história. Quem se teria sentado naquele sofá? Quem dormira naquela cama ou olhara para aquela televisão? Eram os restos da existência de alguém, o invólucro a reciclar, depois da morte.

— Foi assim que Harash criou este local — continuou o sargento, enquanto passavam pelo enésimo salão anónimo. — A determinado momento, já não tinha necessidade de emprestar dinheiro. As suas atividades eram lícitas, resplandescentes à luz do sol. Também teve sorte porque, no total, passou apenas um par de anos na prisão. Podia ter-se portado bem mas, em vez disso, voltou a dedicar-se ao velho ofício de usurário. Como se costuma

dizer: é difícil perder velhos hábitos. Harash era ávido, sem dúvida, mas penso que o fazia, sobretudo, para sentir a emoção de dominar a vida daqueles desgraçados que precisavam de dinheiro.

O sargento parou em frente a uma porta com uma barra antipânico. Empurrou-a e os três viram-se num armazém repleto de móveis de qualidade inferior à dos expostos. O agente levou-os até ao fundo do espaço, onde havia um pequeno escritório.

– Foi aqui.

Mostrou-lhes o ponto no chão onde tinham descoberto o cadáver. Agora restavam só os contornos do corpo, traçados com fita adesiva amarela.

– O assassino arrancou-lhe os dentes, um de cada vez, com um alicate. Queria convencê-lo a revelar a combinação daquele... – apontou para o cofre engastado na parede. – É um modelo antiquado, com duplo comando.

Na parede, alguém tinha escrito uma sequência. A grafia era oblíqua. O escrito tinha sido feito com uma caneta de feltro preta.

6-7-d-5-6-f-8-9-t

Mila e Boris dirigiram o olhar para a porta: ainda estava fechada.

– Não conseguiu – comentou o sargento, intuindo o raciocínio dos dois. – O sacana do sovina era obstinado, julgava que podia resistir. O ladrão extorquiu-lhe a combinação número a número e letra a letra, mas Harash sucumbiu antes de revelar a última parte. O médico-legista afirma que o seu coração gordo não aguentou o stresse. Sabem que a dor que se sente na extração de um dente sem anestesia é idêntica à de um tiro? – Abanou a cabeça, não se percebia se estava incrédulo ou divertido. – Arrancou-lhe oito. Encontrámos sete e o último está na vossa posse. Sabe-se lá por que razão o levou...

– Para que não tivessem de ser vocês a descobrirem a verdadeira razão

pela qual o assassino veio aqui – afirmou Mila.

– O quê? – O sargento não percebia.

– Vocês rapidamente atribuiriam a causa do homicídio a um assalto falhado. – Mila tirou do bolso um par de luvas de látex. Enfiou-as e aproximou-se do cofre.

– O que é que ela vai fazer? – perguntou o sargento a Boris que, em vez de responder, fez-lhe sinal para acompanhar em silêncio o que iria acontecer diante dos seus olhos.

Mila começou a manobrar os comandos da porta, um com os números, o outro com as letras. Alternando o olhar entre o cofre e a parede, rodava-as para compor a série inscrita a feltro negro.

– Não é verdade que o assassino de Harash não conseguiu extorquir-lhe a combinação. Só que o final foi escrito noutro lado.

No fim da sequência, Mila acrescentou *h-2-1*.

Quando puxou o manípulo, teve a confirmação de que a inscrição no interior do anel descoberto no dedo de Randy Philips não era um ultimato.

– Que merda – exclamou o sargento.

O buraco metálico estava cheio de maços de notas e havia uma pistola. Mas, aparentemente, ninguém tinha tocado em nada.

– Vou mandar chamar Krepp de imediato – disse Boris, entusiasmado. – Quero que um especialista dê novamente a volta a este local em busca de impressões digitais.

– A secção local da polícia científica fez um bom trabalho – defendeu-se o sargento, denunciando um certo aborrecimento pela desconfiança demonstrada pelo superior. No fundo, para ele, Mila e Boris não eram colegas mas apenas dois intrusos mandados pelo departamento para pôr em causa os seus métodos.

– Não é uma questão pessoal, sargento – disse o inspetor, procurando despachá-lo. – Agradeça aos seus homens da nossa parte, mas já perdemos

muito tempo. Agora precisamos do melhor que há no mercado.

Em seguida, começou a fazer uma chamada com o telemóvel.

Mila continuava a observar o interior do cofre. Estava desiludida. Esperava encontrar um indício decisivo. Acaba aqui? Quase desejava ser desmentida. *Não é possível, não acredito nisto.*

Entretanto, atrás de si, prosseguiam as escaramuças.

– Faça como quiser, mas está a cometer um erro, senhor. – O sargento estava claramente irritado. – Se pudesse ouvir-me mais um minuto, gostaria de dizer-lhe que o assassino...

– Pois é, precisamente: o assassino – interrompeu-o Boris sem reprimir a irritação. – Você continua a falar de um único culpado, mas é possível que sejam dois, ou talvez três. Ainda não podemos sabê-lo, não lhe parece?

– Não, senhor. Era só um – respondeu com firmeza o sargento, quase em sinal de desafio.

– E como pode ter a certeza?

– Temos um vídeo.

19

O vídeo podia constituir uma viragem na investigação.

O sargento organizara uma pequena projeção no seu gabinete, desfrutando da inesperada popularidade que desencadeara a sua última revelação.

Passava pouco das duas da manhã e Mila sentia os efeitos da carência de sono e de açúcar. Antes de visionarem a filmagem, procurou uma tablete de chocolate numa máquina de venda automática que estava em frente aos elevadores.

– Não sei porquê, mas espero tudo desta história – disse-lhe Boris, em voz baixa, enquanto se sentavam diante da tela.

Mila não comentou.

O sargento pigarreou.

– Temos quase a certeza de que o assassino entrou na loja de móveis pela porta principal. Talvez tenha chegado perto do final do expediente ou juntamente com outros clientes e depois se tenha escondido à espera do melhor momento para agir, isso não sabemos. Mas, para sair, utilizou uma saída secundária. Por sorte, precisamente a poucos metros de distância, havia a câmara de vigilância de uma farmácia.

A polícia da zona confiscara prontamente o filme que estavam prestes a visionar.

O projetor de vídeo estava ligado a um computador operado por um polícia especialista em informática.

– Aconteceu tudo de maneira bastante rápida – anunciou. – Por isso, devem prestar atenção.

Apareceu a rua deserta, em grande angular. Ao lado do passeio estavam estacionadas algumas viaturas. O painel de informações ao alto indicava as

cinco e quarenta e cinco da manhã. A imagem não era grande coisa: excessivamente granulada e, por vezes, intermitente. Mila e Boris não disseram uma palavra, expectantes. De repente, uma sombra passou fugazmente por baixo da câmara. Depois, desapareceu, em menos de um instante.

– Aqui está o nosso homem a afastar-se, depois do homicídio – anunciou o sargento.

– É tudo? – perguntou Boris.

– Agora chega o melhor – tranquilizou-o o sargento, fazendo sinal ao polícia que controlava o computador.

O cenário mudara: era um outro troço da rua, mas filmado de longe. A data e a hora eram as mesmas.

– Depois de termos identificado o suspeito, seguimo-lo, servindo-nos das outras câmaras de segurança colocadas na zona, reconstruindo, assim, as suas deslocações: esta filmagem, por exemplo, pertence a um supermercado.

Naquele instante, o assassino passou sob a objetiva. Agora, viam claramente que vestia um impermeável e que tinha um chapéu.

– Infelizmente, a viseira esconde a cara – referiu o sargento.

As imagens continuaram a mudar. As câmaras de uma caixa multibanco e de uma escola, esta última colocada num cruzamento para o controlo do trânsito. Mas as várias objetivas nunca conseguiam captar as feições do suspeito.

– Ele sabe disso – declarou Mila. E todos olharam na sua direção. – Sabe como mover-se para escapar às câmaras. Foi esperto.

– Não creio – disse o sargento, de imediato. – Existem, pelo menos, umas quarenta câmaras naquela zona, e nem todas são visíveis. Ninguém conseguiria uma proeza do género.

– No entanto, conseguiu fazê-lo – afirmou Mila, segura de si.

Ficaram a olhar a projeção, na esperança que o assassino tivesse cometido

um erro. A montagem durou mais cinco minutos. Depois, de repente, o suspeito dobrou a esquina da rua e desapareceu.

– O que aconteceu? – Boris deu um salto. Não estava, realmente, contente.

– Perdemo-lo – apressou-se a comunicar-lhe o sargento.

– Perderam-no como?

– Não vos prometi um rosto, mas a confirmação de que agiu sozinho.

– Então porque nos fez ver dez minutos desta coisa?

O inspetor estava fora de si. O sargento não conseguiu replicar. Estava evidentemente embaraçado. Fez um sinal ao técnico.

– Agora vamos vê-lo, novamente, em câmara lenta.

– Espero, para seu bem, que desta vez se veja alguma coisa.

– Esperem – Mila parou-os. – Também têm as filmagens das horas anteriores ao homicídio?

O sargento não percebia que relação poderia haver entre uma coisa e outra.

– Sim, confiscámos as filmagens de todo o dia. Porquê?

– O indivíduo sabia onde estavam posicionadas as câmaras. Fez uma vistoria.

– Mas essa vistoria poderá não ter sido feita no dia anterior ao homicídio – corrigiu-a o policial.

Uma ideia germinava na cabeça de Mila. Ele quer ser reconhecido, mas não por estes diletantes. É como no caso da roupa de Roger Valin ou do anel de casamento de Nadia Niverman. Está a pôr-nos à prova. O homicida queria ter a certeza de que diante da tela estariam as pessoas certas: neste caso, as que já estavam a tratar do assunto. Porquê?

– Tentemos na mesma – disse Mila. – Talvez tenhamos sorte. – Embora estivesse convencida de que não dependeria da sorte.

Boris voltou-se para ela.

– Se tiveres razão, bastará observar a filmagem de uma única câmara. Qual escolhemos?

– A que controla o trânsito: a visão é mais ampla e as imagens mais nítidas.

O sargento deu ordens ao técnico, que procedeu em conformidade.

Na tela apareceu a mesma rua de pouco antes, mas com a luz do dia. Um vaivém de carros e transeuntes.

– Mande avançar mais depressa – pediu Mila.

Homens e viaturas aumentaram o ritmo. Parecia que se assistia a um filme cómico do cinema mudo. Mas ninguém tinha vontade de rir. A tensão era palpável. Mila pedia para que não estivesse errada. Era a única possibilidade que tinham, mas apercebeu-se de que a intuição poderia revelar-se um erro.

– Aqui está ele – anunciou triunfante o sargento, apontando com o dedo para o canto da tela.

O técnico repôs as imagens à velocidade natural. Viram o homem de chapéu que caminhava no passeio ao fundo do enquadramento. Tinha a cabeça baixa e as mãos nos bolsos do impermeável. Parou ao chegar ao cruzamento, juntamente com os outros peões que esperavam que surgisse o verde para atravessar.

Vais ter de olhar para cima, disse Mila para consigo. *Senão, como poderás localizar as câmaras?* E encorajava-o. *Vá, vamos lá.*

Os peões começaram a andar, sinal de que o semáforo mudara. Mas o homem permaneceu imóvel.

– O que está ele a fazer? – perguntou o sargento, perplexo.

Continuaram a observar o estranho comportamento. Mila começava a compreender. Escolheu a câmara do trânsito pelo mesmo motivo que nós: a visão é mais ampla e as imagens mais nítidas, repetiu a si mesma. Tinha a certeza de que iria mostrar-lhes alguma coisa.

O suspeito inclinou-se ao lado de uma tampa de esgoto para apertar um sapato. Quando terminou, ergueu a cabeça precisamente na direção da câmara. Depois – com uma extrema calma – ergueu uma mão, tirou o chapéu da cabeça e acenou.

Estava a saudá-los, precisamente a eles.

– Não é Roger Valin – disse Boris.

– Canalha – explodiu o sargento.

Não o reconheceram.

Havia uma única pessoa naquela sala que se recordava dele. E era Mila. Não tanto porque a cara estivesse presente na parede da sala dos passos perdidos. O verdadeiro motivo era que o tivera diante dos seus olhos todos os dias, em carne e osso, durante muito tempo, sentado na secretária em frente à sua, lá em baixo, no Limbo.

Procuró-os por todo o lado. Procuró-os sempre.

Era o que lhe dizia, antes de desaparecer, Eric Vincenti.

BERISH

Relatório 511-GJ/8

Transcrição do SMS enviado pelo assassino de Victor Moustak – afogado em [REDACTED], a 19 de setembro [REDACTED] – através do telemóvel da vítima: «A longa noite começou. O exército das sombras já está na cidade. Preparam a sua vinda, porque em breve ele chegará. O Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite: são mais de mil os nomes de Kairus».

20

Todos queriam falar com Simon Berish.

Havia algo nele que levava as pessoas a abrirem-se, a revelarem os detalhes mais íntimos e pessoais. E não era uma descoberta recente, porque – com o seu bom senso – compreendera que sempre possuíra semelhante talento. Como quando a professora, sabe-se lá por que motivo, lhe confessou que tinha uma relação com o subdiretor. Não precisamente nestes termos, mas o sentido era esse: «Simon, o senhor Jordan leu a tua redação no outro dia em minha casa. Diz que não escreves mal de todo.»

E, uma vez, Wendy, a rapariga mais bonita da escola, revelara só a ele que beijara a sua companheira de carteira. E, depois, comentara: «Foi *magicoso*». Wendy até inventara um adjetivo para lhe revelar a mais escaldante das verdades. Mas por que razão dizê-lo, precisamente, ao rapazinho mais insignificante da escola?

No fundo, alguns anos antes das confissões de Wendy ou da professora, o seu pai fizera, mais ou menos, a mesma coisa. «Se um destes dias não ouvires o barulho do meu carro a chegar a casa, não te preocupes comigo, mas sim com a tua mamã.» Efetivamente, não era uma grande frase para se dizer a uma criança de apenas oito anos. Não o fizera para responsabilizá-lo, mas para libertar-se de um peso.

Aquelas memórias tinham regressado repentinamente todas juntas e agora enchiam-lhe a mente de pensamentos. Não eram tristes, nem desagradáveis. Só que, passado tanto tempo, não sabia o que fazer com elas.

– ... e Julius estava tão bêbado que entrou no estábulo errado e, em vez de uma vaca, encontrou um touro de uma tonelada especado a olhar para ele.
– Fontaine riu com gosto no final da história e Berish secundou-o, embora se tivesse perdido a meio da anedota. As aventuras de Fontaine no campo

tinham ocupado a última meia hora. Era bom sinal. O agricultor começava a descontraír.

– Que quantidade de aveia produzés? – perguntou Berish.

– Consigo encher dois silos por estação. Nada mal, digo eu.

– Caramba, julguei que não era assim tanto – elogiou. – E este ano, como será? Soube que houve problemas com a chuva.

Fontaine sacudiu os ombros.

– Quando corre mal, aperto um pouco o cinto, aumento a porção de pousio e no ano seguinte semeio milho e recomponho-me de tudo.

– Julgava que era um ciclo contínuo, que já não precisavas de pôr o terreno em pousio.

A este respeito, Berish servia-se do que recordava das aulas de Agronomia na faculdade. Mas os seus conhecimentos estavam prestes a terminar. Não podia permitir-se perder o contacto com Fontaine, porque sentia que, nos últimos tempos, se tinham aproximado muito. No entanto, precisava de mudar de assunto e a transição entre temas não deveria parecer muito brusca.

– Aposto que metade do que ganhas vai para o fisco.

– É, esses canalhas estão sempre com as mãos nos meus bolsos.

Os impostos, eis um ótimo tema de conversa. Funcionava sempre. E, além do mais, criava afinidades, precisamente o que lhe convinha. Por isso, aumentou a dose.

– Há duas pessoas que me fazem calafrios quando me telefonam: o meu contabilista e a minha ex-mulher.

Riram os dois. Mas Berish nunca fora casado. Servira-se da mentira para introduzir no discurso uma palavra proibida.

Mulher.

Já passava das quatro da manhã e ainda não tinham falado sobre isso. No entanto, era o verdadeiro motivo pelo qual se encontravam ali. Aquele pelo

qual Simon Berish percorrera, nada mais nada menos do que setenta quilómetros de estrada. Pensava que, se alguém os observasse naquele instante, não notaria diferença entre eles e dois fulanos que acabassem de se conhecer ao balcão de um bar e que conversassem com o único intuito de fazer passar o tempo em frente a uma cerveja. Só que o lugar em que se encontravam era o que havia de menos semelhante a um bar.

A sala de interrogatórios da polícia, naquele pequeno posto rural, era pequena e tresandava a nicotina rançosa.

Postos como aquele talvez fossem os últimos locais do Estado onde ainda se podia fumar. Berish permitira que Fontaine trouxesse consigo o tabaco e as mortalhas. Os seus colegas consideravam os cigarros um prémio. Por lei, não podiam impedir o inquirido de ir à casa de banho e deviam fornecer alimentação e bebidas, se estes as pedissem. Por isso, retardavam a autorização para se dirigirem à casa de banho ou entregavam-lhes apenas pequenas garrafas de água quente como mijo, de modo que havia sempre o risco de surgir uma denúncia por abuso dos meios de coerção. Pelo contrário, o fumo não estava contemplado na lista dos direitos e, se o interrogado tinha o azar de ser fumador, então a abstinência forçada poderia tornar-se um útil instrumento de pressão. Berish não acreditava nisso. Como não acreditava nas ameaças ou na tática «polícia bom/polícia mau». Talvez por nunca ter descoberto a utilidade de semelhantes truques, ou por considerar que as declarações feitas num estado de tensão não poderiam ser plenamente credíveis. Alguns polícias contentavam-se com isso, mas Berish acreditava que existia uma única confissão, feita num único local e num único lapso de tempo, e que alguns pecados não se podiam aceitar a prestações.

Especialmente o homicídio ocasional.

Tudo o que vinha depois – as declarações feitas ao procurador ou repetidas em tribunal em benefício dos jurados em todos os graus do processo – eram apenas insignificâncias, corrompidas pela necessidade de pactuar

consigo mesmo pelo crime cometido. Porque a real dificuldade não estava em enfrentar o julgamento dos outros, mas em conviver todos os malditos dias e todas as miseráveis noites com a ideia de não se parecer com a boa pessoa que se julgava ser.

Por isso, para libertar a consciência, só existia um único e mágico momento.

O de Fontaine estava muito próximo, Berish sentia-o. E percebeu-o precisamente pela reação do agricultor à palavra «mulher».

– As mulheres sabem ser uma verdadeira chatice – comentou o agente especial de um modo um tanto banal abrindo, assim, a porta ao fantasma de Bernardette Fontaine, que entrou na sala dos interrogatórios sentando-se, silenciosa, no meio deles.

Era a quarta vez que o marido era convocado para prestar declarações relativamente ao facto de já não ter notícias da mulher há quase um mês. Não se falava de desaparecimento e muito menos de homicídio, porque faltavam os elementos que comprovassem uma ou outra hipótese.

Legalmente, o termo justo para ela era «incontactável».

Tudo por causa do hábito recorrente de Bernardette de abandonar o teto conjugal de cada vez que alguém prometia levá-la para longe daquele marido estúpido que cheirava a estrume. Normalmente, eram camionistas ou caixeiros-viajantes que se apercebiam de como era vulnerável às lisonjas e a aliciavam dizendo-lhe que era demasiado bonita e inteligente para estar num merdoso vilarejo de campo. Ela caía sempre. Entrava no camião ou no carro do indivíduo mas nunca conseguia ir mais longe do que o primeiro motel. Ali ficavam alguns dias e, depois de se terem divertido, davam-lhe um par de chapadas e mandavam-na de volta, para casa daquele incapaz que se tinha casado com ela. Fontaine recebia-a sem lhe perguntar nada, sem sequer lhe dizer uma palavra. E, provavelmente, Bernardette desprezava-o ainda mais por isso, pensava Berish. Talvez tivesse preferido levar uns bofetões. Em vez

disso, tudo o que alcançara na vida fora um homem inútil que – tinha a certeza disso – nunca a amara.

Porque quem ama a sério também é capaz de odiar.

O marido era o seu carcereiro. Mantinha-a atrelada com a passiva e condescendente convicção de que ela nunca encontraria melhor. A simples visão de Fontaine recordava-lhe todos os dias – a todos os malfadados instantes – que, ainda que fosse mais bonita e mais inteligente do que as outras, não merecia nada mais da vida do que ele.

Todavia, as fugas de Bernardette duravam no máximo uma semana, enquanto a última estava a arrastar-se mais do que o habitual.

Ninguém suspeitaria de nada se, depois de ter fugido com um representante de adubos, um par de testemunhas não a tivesse visto voltar a casa. Mas nunca mais fora à povoação para fazer compras, ou à missa ao domingo. Assim, tinham começado a circular rumores de que Fontaine se tivesse cansado do papel de cônjuge idiota e a tivesse matado.

Os polícias locais tinham dado crédito aos mexericos porque, segundo uma amiga que fora verificar por que motivo Bernardette não respondia às chamadas nem aparecia em lado nenhum, todas as suas coisas estavam intactas. E quando uma patrulha tentou verificar o que se passava, o marido confirmou que a mulher saíra a meio da noite, só com um pijama e um roupão vestidos. Sem sapatos e sem dinheiro.

Obviamente, a história não convencia ninguém. Mas os polícias, dados os precedentes afastamentos de Bernardette, não tinham provas para incriminar Fontaine.

Se realmente a tivesse matado, o modo mais fácil para se desfazer do corpo era enterrá-lo num dos terrenos da quinta.

Os agentes tinham revistado uma parte da propriedade com os cães farejadores de cadáveres mas, dada a extensão da propriedade, seriam necessários centenas de homens e meses de pesquisas.

Assim, Fontaine fora convocado por três vezes ao posto de polícia. Tinham-no apertado durante horas, fazendo turnos. Mas revelara-se inútil. O agricultor continuava a insistir na sua versão. Acabavam por ter de o mandar para casa de todas as vezes que o interrogavam. Para o quarto interrogatório tinha sido chamado um especialista da cidade. Um que, como muitos diziam, era bom no seu ofício.

Todos queriam falar com Simon Berish.

O agente especial sabia que os colegas tinham cometido um grande erro. Porque a coisa mais difícil de fazer confessar a um homem não é o homicídio, mas sim onde ocultou o corpo.

E era precisamente por esse motivo que, em quatro por cento dos casos de homicídio, o cadáver não era encontrado. Por isso, mesmo que conseguisse que Fontaine admitisse ter matado a jovem mulher, não lhe arrancaria uma única palavra sobre o esconderijo do cadáver. Disso tinha a certeza.

Era uma atitude comum. Dessa forma, o assassino não era obrigado a aceitar a ideia do que tinha feito. A confissão tornava-se objeto de um compromisso: digo-vos que fui eu e vocês permitem que eu remova a vítima para sempre da minha existência deixando-a no local onde se encontra agora.

Naturalmente, um acordo semelhante não seria possível, do ponto de vista jurídico. Mas Berish sabia que, para o polícia que fazia o interrogatório, era suficiente alimentar essa ilusão no culpado.

— Só fui casado uma vez e, para mim, foi uma vez a mais — ironizou o agente especial, avançando com a sua encenação. — Três anos de inferno e, por sorte, não vieram os filhos. Ainda que agora seja obrigado a mantê-la. A ela e a um *Chihuahua*. Nem imaginas o quanto me custa aquele maldito cão que, além do mais, odeia-me.

— Eu tenho dois rafeiros. São bons cães de guarda.

O inquirido mudara de assunto. Isso não era bom, pensou Berish. Devia fazê-lo voltar para trás antes que fugisse do fio do discurso.

– Há uns anos tive um *Hovawart*.

– Que raça é essa?

– O nome significa «guardião da corte». É um bonito canzarrão de pelo comprido e dourado. – O agente especial não estava a mentir. Tinha-o, de facto, e chamava-se *Hitch*. – O cão da minha mulher é tão inútil como os mosquitos. Mas o meu pai dizia sempre: quando escolheres uma mulher para esposa, és responsável por ela e por tudo o que ama.

Já isto não era verdade. O seu pai – esse canalha – declinara as suas obrigações, transferindo o peso delas para as costas de uma criança de apenas oito anos. Mas, naquele momento, dava-lhe jeito um pai muito íntegro, capaz de memoráveis lições de vida.

– O meu pai ensinou-me o que era o trabalho duro – disse Fontaine, visivelmente toldado. – Só me tornei no que sou porque ele era assim. Herdei o ofício dos campos e todos os sacrifícios que comporta. Não é uma vida fácil, acredite. De modo nenhum.

O homem inclinou a cabeça e abanou-a lentamente, perdido numa estranha tristeza.

Estava a fechar-se.

Berish sentiu sobre si o olhar do fantasma de Bernardette que parecia censurá-lo por ter-lhe permitido alhear-se. Devia recuperar rapidamente, caso contrário, perdê-lo-ia. A única maneira era tentar um acaso, mas se não acertasse no alvo, estava perdido. Se não percebera mal, o pai de Fontaine fora um estafermo, tal como o seu, por isso disse: – A culpa de sermos o que somos não é nossa. Depende sempre de quem nos precedeu neste caralho de mundo.

Introduzira um conceito importante, o de «culpa». Se Fontaine fosse um tipo suscetível ou se julgasse ter tido o melhor pai do mundo, ter-se-ia ofendido, tornando inútil aquela «conversa» de seis horas. Se, pelo contrário, o agricultor sentisse ressentimento por se ter comportado sempre como um

fraco, então Berish oferecera-lhe a oportunidade de descarregar os seus erros sobre outrem.

– O meu pai era severo – admitiu o homem. – Tinha de levantar-me às cinco e despachar os meus deveres na quinta antes de ir para a escola. Queria que as coisas fossem feitas à sua maneira. E aí se não fossem.

– Eu também conheci o som dos bofetões – ajudou-o Berish.

– Não, ele usava o cinto – disse-o sem rancor, de maneira quase desencantada. – Mas tinha razão. Por vezes não tinha a cabeça no sítio, ou fantasiava sobre as coisas.

– Quando era pequeno estava sempre a pensar em viagens espaciais. Apaixonei-me pela banda desenhada de ficção científica.

– Pois eu nem me recordo do que pensava. Esforçava-me por estar concentrado mas, passado um bocado, a mente divagava e não havia nada a fazer. Os professores também diziam que era lento. Mas o meu pai não queria ouvir razões porque no ofício de agricultor não podia haver distrações. Assim, de cada vez que fazia qualquer coisa mal, ele dava-me uma lição. E eu aprendia.

– Aposto que, desde então, nunca mais erraste.

O homem fez uma breve pausa.

– Há um pedaço de terra junto ao palude onde não crescerá nada este ano – disse, quase em surdina.

Por um instante, Berish duvidou que tivesse pronunciado aquela frase. Não reagiu. Deixou que o silêncio se instalasse entre eles como uma cortina. Se se sentisse incomodado, deveria ser Fontaine a removê-la para mostrar-lhe o que se escondia por detrás – o pavoroso resto daquela história.

De facto, o agricultor acrescentou: – Provavelmente a culpa é minha, usei demasiado herbicida.

Colocara-se a si próprio e à palavra «culpa» na mesma frase.

– Levas-me a esse terreno junto ao palude? Sabes, gostaria muito de vê-

lo... – propôs Berish, com calma.

Fontaine anuiu e levantou a cabeça. No rosto do agricultor havia a sombra de um sorriso. Tinha feito as coisas bem. Tinha sido difícil manter dentro de si aquela coisa. Finalmente estava livre, podia deixar de preocupar-se com o fingimento.

O agente especial voltou-se. O fantasma de Bernardette tinha-se ido embora.

Pouco depois, as viaturas de patrulha seguiam como flechas no meio do campo. Durante todo o trajeto, o assassino mostrou-se tranquilo. Merecia aquela serenidade, pensou Berish. Fontaine cumprira o seu dever, cuidara da sua mulher e, agora, Bernardette teria um funeral e uma sepultura mais digna.

Todos queriam falar com Simon Berish.

No fundo, seria mais justo afirmar que todos queriam confessar a Simon Berish algo de perverso.

21

Eric Vincenti guardava na gaveta da secretária uma cópia de *Moby Dick*.

Para Mila era difícil imaginar que um homem que tinha encontrado o significado da sua vida dentro do livro de Melville fosse um assassino que arrancava os dentes às vítimas apenas com o objetivo de torturá-las até à morte.

O colega do Limbo afirmava que o romance continha tudo o que havia a saber sobre o seu ofício, porque Ahab procurara a baleia branca exatamente como eles procuravam quem se perdera no oceano do nada. «Por vezes não se percebe quem é o mau, o verdadeiro monstro desta história», dizia. «Moby Dick ou o capitão? Por que razão Ahab insiste em procurar algo que não quer ser encontrado?»

A dúvida sobre o sentido do seu trabalho era assumida naquela simples pergunta.

O assassino de Harash «o coveiro» era um homem dotado de uma incrível profundidade e capaz de atitudes de uma gentileza desarmante, como lembrar-se de levar-lhe o café todas as manhãs quando entrava ao serviço no Limbo. Enquanto trabalhava, tinha um rádio ligado numa estação de música clássica, num volume quase impercetível, e murmurava em voz baixa as árias das óperas. O mesmo Eric Vincenti que, quando iam falar com os pais de um desaparecido, tinha sempre no bolso um lenço lavado, no caso de terem necessidade de chorar. Eric Vincenti que tinha sempre rebuçados de mentol para oferecer. Eric Vincenti que nunca se zangava. Eric Vincenti, o polícia menos polícia que alguma vez encontrara.

– Eric bebia – confiou-lhe Steph em surdina.

No seu gabinete havia o silêncio acolhedor de uma igreja.

– Era escravo do álcool.

– Nunca me apercebi – disse Mila.

– Porque não era como o marido de Nadia Niverman, que aliviava a maldade das suas bebedeiras na mulher. Eric era daqueles a que chamo os profissionais da garrafa. Gente que sabe como repartir uma lenta piela de bebidas alcoólicas em excesso ao longo de um dia inteiro. Que não deixa transparecer nada porque, na realidade, nunca se embriaga. Embora te parecesse um tipo bom, há sempre um tributo a pagar pelo nosso lado obscuro. Todos envergamos uma máscara para escondermos a pior parte de nós. A de Eric eram os rebuçados de mentol.

Entretanto, para lá da porta, os agentes da brigada anticrime levavam tudo da secretária de Vincenti – exceto a cópia de *Moby Dick* que, uns anos antes, desaparecera juntamente com ele – na esperança de encontrarem um vestígio que os conduzisse à casa seguinte do intrincado mistério.

Desta vez, não tinham descoberto nenhum sinal que anunciasse um próximo delito.

Não estava no cofre de Harash «o coveiro», nem no seu cadáver. Podia parecer uma notícia tranquilizadora e confirmar a esperança que tudo tivesse terminado, mas os polícias eram desconfiados por natureza. E, muitas vezes, faziam bem, pensava Mila. Ela, por exemplo, fiara-se em Eric e agora estava a sofrer as consequências.

– Nadia veio matar-se diante de mim no metropolitano para me deixar o indício do dente... porque só eu poderia reconhecer Eric naquele vídeo – constatou Mila com desvairada amargura. – Mas porquê Harash? O que tinha a ver um usurário com Vincenti ou com o seu vício de beber?

O móbil da vingança pessoal que valera para Roger Valin e Nadia Niverman era evidente. Além disso, a mulher decidira suicidar-se, enquanto Eric Vincenti e o pluri-homicida tinham desaparecido, novamente, no nada. Tudo isso complicava decisivamente as coisas.

– A maldição de Eric era este lugar – prosseguiu Steph. – A sua cara já

estava no meio das fotografias da sala dos passos perdidos, só que ele não se apercebeu disso, nem eu – acrescentou com uma nota de pesar. – Deveria ter intuído que estava a chegar ao ponto de rotura, que já não podia suportar o peso da responsabilidade de todas aquelas vidas por resolver. Todos os polícias têm de aprender a lidar com o seu trabalho e com as porcarias que comporta. Mas nós, no Limbo, não procuramos ladrões ou assassinos. O nosso inimigo é o vazio e é feito de ar e de sombra. Quanto mais o contemplamos, mais nos parece verdadeiro. Engole as pessoas e não as restitui, ou, pelo menos, não como dantes. Os nossos colegas do departamento não são pressionados pela ideia de que as coisas que investigam podem corrompê-los. Mas, um dia, o vazio começa a falar-nos e, para alguns, pode tornar-se atrativo. Oferece-nos um indício e, assim, convence-nos de que poderemos ter outros. Entretanto, começamos a ceder-lhe partes de nós. Mas não se pode conviver com o vazio, com o vazio não se pactua. No final, seremos nós a abrir-lhe a porta de casa, como se fosse um amigo que só quer ajudar-nos. Ele entra e começa a devastar tudo.

– Exatamente como um usurário – disse Mila.

Steph parou, não tinha pensado nisso.

– Sim, como Harash. – O olhar do capitão perdeu-se no gabinete e no interior de ignotas reflexões. – Creio que Vincenti decidiu matá-lo porque «o coveiro» era um parasita. Aproveitava-se dos mesmos sofrimentos que, habitualmente, levam as pessoas a desaparecer.

Quem é o monstro? Ahab ou Moby Dick?

Os músculos do rosto do capitão descontraíram.

– Com toda a franqueza, não consigo condenar Eric pelo que fez àquele ordinário.

Era uma afirmação forte por parte de Steph, um compromisso com o escuro. Deveria ser «nós deste lado, ele do outro». Mas a sombra tentava sempre alastrar, pensou Mila. E, por sua vez, também os homens de justiça

não sabiam resistir à tentação de espreitar do outro lado para ver o que lá havia. No fundo, todos tinham necessidade de uma baleia branca para fingir que iam caçá-la.

O capitão levantou-se da cadeira e fixou-a.

– Vai começar uma reunião nos andares de cima. Por isso, seja o que for que digam sobre Eric, nós não mudaremos a opinião que temos sobre ele.

Depois, acrescentou, sério: – Os pecados do Limbo ficam no Limbo.

Mila anuiu. E o gesto teve o valor de uma absolvição.

Fora convocada uma reunião de urgência no departamento.

Estavam presentes as altas chefias, juntamente com os vice-chefes e os analistas do anticrime. Ao todo, cerca de cinquenta pessoas. Ainda imperava a máxima confidencialidade.

Mila entrou na sala juntamente com o capitão Stephanopoulos. Habitualmente não se permitia que uma simples agente participasse nas reuniões de topo, por isso, ela sentia-se fora do seu lugar. Steph piscou-lhe o olho. Nesse momento, deviam agir como uma equipa porque sobre os membros do Limbo pesava uma espécie de culpa coletiva devido ao envolvimento de Eric Vincenti. Eram olhados com suspeita pelo simples facto de terem trabalhado com ele. Mila sentia-se incomodada por ser a única mulher presente.

No entanto, o que mais se destacava naquela assembleia de machos-alfa era a ausência do Juiz.

Embora a cabeça não se dignasse a intervir, o seu espírito adejava. E Mila estava convencida de que a câmara de segurança colocada no alto, num dos lados da sala, não estava inerte como parecia.

– Meus senhores, sentem-se, vamos começar – anunciou Boris, na tentativa de fazer cessar o sussurro daqueles que se tinham aglomerado à volta de uma mesa onde estavam duas grandes garrafas-termo de café quente mandado vir para a ocasião.

Em poucos segundos, tomaram os seus lugares.

Enquanto se baixavam as luzes para permitir a visão da tela, Mila teve uma sensação estranha. A comichão na nuca que habitualmente a avisava que alguma coisa iria mudar, irreversivelmente.

Há sete anos que não a sentia.

Não a alertava, necessariamente, para um perigo. Podia ser só o escuro aninhado dentro de si, que se tornava vivo e reclamava a sua dose de atenção.

Um feixe de luz poeirenta atravessou a sala atingindo a tela nas costas de Boris. Apareceram lado a lado as fotografias de Roger Valin, Nadia Niverman e Eric Vincenti.

– Seis vítimas em menos de quarenta e oito horas – começou o inspetor. – E sobre os responsáveis, de momento, só temos perguntas. Por que motivo estas pessoas decidiram desaparecer há anos? Onde estiveram durante tanto tempo? Porque regressaram precisamente agora para matar? Qual é o desígnio que está por detrás? – Fez uma pausa com efeito. – Como podem ver, há muitos pontos obscuros e nem sempre ligados entre si. Mas uma coisa é certa: seja lá o que for, vamos pôr-lhe um travão.

Na gíria dos polícias, aquelas frases deviam transmitir um sentido de segurança e determinação. Mas, em certas exposições musculares, Mila conseguia sempre vislumbrar uma sensação de impotência e perturbação.

Quando o inimigo está a bater-nos, em vez de reagirmos, preocupamo-nos em mascarar a nossa fraqueza. Era o que pensava a agente.

Mas também ela cometera um erro. Acreditara que Valin e Niverman se tivessem encontrado depois de terem fugido do mundo, que tivessem juntado os seus dramas e rancores para prepararem um plano de morte. Mas o acréscimo de um terceiro protagonista tinha posto em causa a teoria da dupla homicida. A presença de Eric Vincenti era a prova de que enfrentavam um fenómeno mais amplo e imprevisível. Por isso, também ela tinha medo e esperava que daquela reunião saíssem medidas tranquilizadoras.

– Depois de uma longa consulta com o Juiz, decidimos a estratégia a adotar. Mas, para interrompermos o que está a acontecer, temos primeiro de decifrá-lo.

Boris fez um sinal a Gurevich, que se levantou do seu lugar para tomar a palavra e avançar para a ribalta.

– Estamos diante de uma organização paramilitar de matriz extremista – afirmou de imediato diante da plateia.

*

Por um instante, Mila duvidou seriamente se teria percebido bem. Mas, depois, apercebeu-se de que Gurevich falava a sério. Terrorismo? Era uma loucura.

– No fundo, é evidente o carácter destes atos – continuou o inspetor para corroborar a tese. – O que nos abriu os olhos foi o último homicídio da série: excluindo os motivos de rancor e não sendo ainda clara a ligação entre o autor e a vítima, só resta uma explicação.

Gurevich passou em revista os presentes, interpelando-os com o olhar. Depois, disse, com ênfase: – Subversão.

Uma onda de preocupados sussurros partiu do fundo da sala e foi rebentar contra as mãos erguidas do inspetor.

– Por favor, senhores – disse, tentando acalmá-los. – Quem ataca são células compostas por um único indivíduo, que agem por aparente vingança, mas cuja única intenção é, na verdade, gerar pânico, provocando uma desestabilização da ordem estabelecida. Sabemos bem que o medo é mais poderoso do que mil bombas – afirmou com ousadia. – Procuram publicidade, mas nós negámos-lha, impondo ao caso o mais absoluto secretismo.

Aquela reconstituição era tresloucada, considerou Mila. Mas, no fundo, os polícias eram bons a forçarem a realidade: quando se encontravam encostados à parede, em vez de admitirem que estavam em dificuldades, readaptavam os factos para demonstrarem que estavam sempre no encalce do inimigo. Além disso, para eles, o móbil de um crime era matéria de processos e tribunais. Os polícias estavam interessados no *quem* e no *como*, o *porquê* era totalmente relativo ou considerado um dado adquirido.

Naquele instante, nas costas de Gurevich surgiram as filmagens da câmara de trânsito que retratavam Eric Vincenti a caminhar ao longo do

passeio, a parar no cruzamento junto dos outros peões e a inclinar-se, depois, sobre uma tampa de esgoto para atar um sapato, antes de tirar o chapéu para saudar, insolentemente, quem o observava.

A Mila parecia ridículo referir-se ao colega do Limbo como a um daqueles fanáticos em luta com a sociedade e os seus símbolos. Mas não podia deixar de pensar como Eric parecia diferente naquelas imagens.

– É inútil esconder que será difícil prever o próximo alvo – prosseguiu Gurevich, entrelaçando as mãos atrás das costas ligeiramente curvadas. – A isto devemos acrescentar o facto de que os três assassinos que agiram até agora não tinham cometido delitos anteriormente, pelo que não tinham cadastro: Roger Valin foi identificado porque revelou o seu nome ao único sobrevivente e graças a uma descrição da roupa que trazia vestida, Niverman por causa do anel de casamento no dedo da vítima, Eric Vincenti foi reconhecido por uma colega.

Mila ficou grata por não terem pronunciado o seu nome.

– Isto confirma a teoria de que não estamos a lidar com criminosos profissionais; por isso, também futuramente, não devemos esperar ver sair do arquivo uma identificação com uma impressão digital, sanguínea ou de ADN. Mas também não temos necessidade disso – afirmou confiante. – A partir deste momento, entram em vigor os protocolos do antiterrorismo. A prioridade será a caça ao homem: devemos capturar Roger Valin e Eric Vincenti, perceber quem são os seus cúmplices, quem os apoia cobrindo a sua clandestinidade.

O inspetor começou a enumerar com os dedos de uma mão: – Primeiro: Valin usou uma espingarda *Bushmaster*.²²³ para realizar o massacre. Onde a obteve? Um simples contabilista não arranja sozinho um brinquedo daqueles. Segundo: passamos a pente fino a internet em busca de páginas com proclamações fanáticas. Analisaremos as páginas de internet onde este tipo de pessoas se encontra para conspirar e para trocar opiniões contra o Governo ou

conselhos práticos para levarem a cabo os seus planos doentios. Terceiro: quero que apertem os ativistas políticos, os traficantes de armas e todos aqueles que, no passado, ainda que só vagamente, tenham posto a hipótese de atacar a ordem estabelecida. O nosso mote será «punho de ferro e tolerância zero». Apanharemos esses canalhas, isso é certo.

O aplauso partiu espontaneamente da plateia. Mas, mais do que a convicção, fora a incerteza que o provocara: aplaudindo, repeliam-na, mas era como colocar um tapete sobre um abismo. De facto, Mila dava-se conta de que todos ali dentro temiam ficar presos num caso que não conseguiam compreender. Gurevich estava a mostrar-lhes uma via de saída fácil e, embora não houvesse elementos suficientes para dar crédito à sua teoria, naquele momento, os colegas sentiam que não tinham outra escolha. Mas o inspetor estava a cometer um erro grosseiro: atribuir aos assassinos o rótulo de «terroristas» só era tranquilizador na medida em que tornava supérfluo perguntar o que poderia ser aquilo que estava a acontecer.

– Se queirmos a terra à sua volta e retirarmos impulso às suas iniciativas, desencorajaremos novos ataques – concluiu Gurevich, satisfeito.

Sem se aperceber, Mila começou a abanar a cabeça energicamente, a tal ponto que chamou a atenção do inspetor.

– Não está de acordo, agente?

Voltaram-se todos na sua direção e, só então, Mila se deu conta de que o superior se dirigia a ela. Agora, a única mulher presente na sala sentia na pele um ardor difuso, como se estivesse dentro de um gigantesco micro-ondas.

– Sim, senhor, mas... – respondeu com um certo embaraço.

– Bem, Vasquez, talvez tenha algo a sugerir...

– Não creio que sejam terroristas.

Ficou surpreendida por conseguir dizê-lo, mas já não podia voltar atrás. Por isso, continuou: – Roger Valin era um fraco. Talvez não devêssemos perguntar-nos *como* mudou nestes anos do seu desaparecimento, mas sim *o*

que provocou essa mudança, levando-o a decidir empunhar uma espingarda de assalto para realizar um massacre. Honestamente, não creio que a sua vingança possa ser atribuída a uma ideologia subversiva. Deve haver uma explicação mais íntima, mais pessoal. Parece-me o típico caso de um homem que interioriza o rancor para com a sociedade que o ignora. Quanto à senhora Niverman – prosseguiu Mila, destemida –, não conseguia revoltar-se contra o marido que a enchia de pancada ao ponto de acabar com ela. Francamente, parece-me difícil pensar nela como alguém capaz de cometer atentados.

Na sala começaram a subir os comentários negativos. Boris e Steph olhavam-na, preocupados.

Mila estava consciente do sussurro hostil que a rodeava, mas decidiu prosseguir na mesma.

– Para não falar de Eric Vincenti, um colega que se dedicou totalmente à solução de casos de desaparecimento e que vivia rodeado de fantasmas.

– Quer enternecer-nos com essas histórias? Será que está a afirmar que eram eles as vítimas? – Gurevich reservou-lhe uma expressão carregada de censura. – Aconselho-a a ter cuidado com aquilo que diz, agente Vasquez, porque corre um sério risco de ser mal entendida.

– Referia-me ao facto de, como o senhor disse, nenhum deles ter precedentes e de serem pessoas que o mundo abandonara antes de eles abandonarem o mundo.

– Exato. Logo, eram perfeitos para uma organização com finalidades subversivas: gente com pouco ou nada a perder, em constante conflito com a sociedade, desejosa de restituir um pouco do mal recebido. É evidente que alguém os recrutou, ajudando-os a desaparecer. Forneceu-lhes cobertura e, entretanto, procedeu ao seu treino. Depois, atribuiu-lhes uma missão.

– Tem razão, existe um objetivo – admitiu Mila, desorientando-o. – Mas não deveremos cometer o erro de nos contentarmos com uma primeira impressão só porque é ditada pela experiência.

Na sala não cessava o burburinho. Então, a agente ergueu o olhar, apontando para a câmara que, imóvel e silenciosa, vigiava a discussão desde o início.

– Digo-vos que há, certamente, um desígnio por detrás disto tudo. Que não há maneira de prever a próxima vítima ou o próximo culpado. – Foi obrigada a elevar o tom de voz para se sobrepor ao turbilhão de comentários à sua volta. – Digo apenas que desejo, com todo o coração, que se trate de terrorismo. Porque se não for, será difícil pará-lo.

Já tinha pedido a substituição dos pneus do *Hyundai* há mais de uma hora.

Mila queria regressar rapidamente a casa no final da reunião. Mas, ao chegar ao parque de estacionamento do departamento, deparou-se novamente com a desagradável surpresa, da qual se esquecera totalmente. E foi como se a revivesse, acrescida da raiva que sentia agora.

Teve de chamar um reboque para transportar o seu carro para a oficina. Enquanto observava a operação de substituição dos dois pneus furados, a sua mente estava noutro lugar, a sua calma era apenas aparente.

Não a tinham posto fora da reunião mas, depois da intervenção de Mila, a discussão prosseguira como se ela nunca tivesse aberto a boca. Assim, voltara a sentar-se e, ignorada por todos, esperara em silêncio que o encontro terminasse. Estava furiosa consigo mesma. Fizera uma figura ridícula. E estava ressentida com Eric Vincenti, porque sentia que fora enganada por uma pessoa que estimava.

Eras Ahab ou Moby Dick?, pensou. Nenhum dos dois, ou talvez ambos e, por isso, nunca me apercebi.

Faltava um móbil claro para o homicídio que o colega cometera – se é que se podia chamar homicídio ao ato de arrancar dentes da boca de alguém até provocar a sua morte. Mila estava perturbada por tão gratuita crueldade. Além do mais, não havia nada que levasse a polícia ao delito seguinte. Também por isso era palpável o nervosismo entre os investigadores.

Não sabiam quem nem onde atacaria desta vez. Mas uma certeza era comum a todos: a história não acabaria ali.

Até então, a cadeia dos acontecimentos fora revelada por indícios precisos. Pequenos enigmas, como numa caça ao tesouro: a roupa de Valin, o

dente de Harash, o vídeo de Vincenti... Sim, mas por que razão o colega do Limbo se preocupara em não deixar impressões digitais ou vestígios orgânicos na cena do crime, preferindo realizar aquela espécie de desfile perante as câmaras?

Talvez a solução seja tão simples que não consigamos vê-la, disse Mila para si mesma.

Em vez de se concentrar no elo seguinte da cadeia, o departamento perdia-se em conjeturas loucas. Terroristas? Acreditavam realmente que seria suficiente atribuir um nome ao medo?

Pouco depois, devolveram-lhe o *Hyundai* com os pneus novos. Mila tirou os óculos de sol do tabliê e partiu para casa. O dia estava magnífico, nuvens dispersas sulcavam o céu muito azul, disseminando manchas fugazes de sombra a toda a volta.

Mas Mila conduzia para além dos seus olhos. As imagens do vídeo com Eric Vincenti passavam diante de si, continuamente. A sequência terminava e recomeçava, como se alguém na sua cabeça pusesse novamente o filme em marcha.

Sempre tivera a convicção de que, um dia, o colega reapareceria. Que a escuridão o cuspiria como algo indigesto, restituindo-o ao Limbo como o testemunho vivo de que era sempre possível voltar atrás.

Imaginava que Eric entraria de novo pela porta do gabinete trazendo-lhe café e, como se não se tivesse passado nem um dia, sentar-se-ia na secretária habitual, ligaria o rádio sintonizado na estação que só transmitia ópera e recomeçaria a trabalhar.

Em vez disso, Mila encontrara-o no local mais inesperado.

Nunca conseguiria tirar da memória a figura filmada pela câmara de trânsito. O homem com o impermeável que se inclinara sobre uma tampa de esgoto para atar o sapato e que, com um gesto descarado e, no fundo, também feroz, ao ponto de arrepiá-la, tirara o chapéu para saudar na direção da

objetiva.

Porquê aquela pantomima? Seria realmente apenas para ser reconhecido?

Parecia mesmo uma reivindicação, o que dava crédito à teoria subversiva. Mas Mila via algo mais naqueles fotogramas: o colega – que ela ainda tinha dificuldade em definir como *ex* – sofrera o batismo da escuridão. E a encenação diante do olho da câmara significava, sobretudo, uma coisa.

Que agora Eric Vincenti dançava com as sombras.

O sol da tarde, que já caía por detrás das casas, enchia de luz dourada a sala de estar do apartamento de Mila, percorrendo o pó em torno das pilhas de livros como se quisesse desalojá-lo. Do outro lado da rua, o casal de gigantes sorria ao mundo que passava sob a tela publicitária – até ao vagabundo que empurrava um carrinho de supermercado cheio de sacos de plástico e velhos cobertores. Mais tarde, Mila deixar-lhe-ia comida no caixote à entrada da ruela. Desta vez não haveria hambúrguer, talvez uma sopa de galinha.

Recuperada a calma, a agente afastou-se da janela. Sentou-se diante do portátil e ligou-o. Poucos minutos depois, o *software* ligado à microcâmara de vigilância estava operacional. No ecrã surgiu de novo o quartinho da menina que ela controlava à distância.

A pequena estava sentada a uma mesa redonda baixa a desenhar. À sua volta, um composto parlamento de bonecas.

Qual seria a sua preferida?

Os longos cabelos louros apanhados num rabo de cavalo que deixava metade do rosto visível. Empunhava um lápis de cor e, pela expressão, parecia muito concentrada no seu trabalho – *uma perfeita senhorinha de seis anos*, pensou Mila enquanto aumentava o volume. No entanto, dos altifalantes só provinha um ruído de fundo.

No enquadramento entrou a mesma senhora que vira quando fizera a conexão, duas tardes antes; levava uma bandeja. Embora tivesse mais de

cinquenta anos, ainda era muito bonita.

– O lanche – anunciou.

A menina voltou-se, mas regressou rapidamente ao seu trabalho.

– Um momento.

A mulher pousou a bandeja na mesinha. Havia um copo de leite, bolachas e comprimidos coloridos.

– Vá, acabas depois. Agora tens de tomar as tuas vitaminas.

– Não posso – insistiu ela, como se estivesse empenhada em terminar a tarefa mais importante do mundo.

A mulher aproximou-se e tirou-lhe o lápis da mão. A menina teimosa achou inútil comentar. *Não há perigo*, disse Mila para consigo. *Está tudo bem*. Em seguida, a pequena pegou numa boneca com cabelos vermelhos e apertou-a contra si, usando-a como uma espécie de barreira, enquanto a cara assumia a forma despeitosa do amuo.

Que mãe seria eu se não soubesse o nome da boneca preferida da minha filha?

– Deixa estar essa coisa – censurou-a a mulher no ecrã.

Ela não sabe, disse Mila para si mesma. *Não sabe, caramba*.

– Não é uma «coisa» – protestou a menina.

A mulher suspirou, deu-lhe as vitaminas e o copo de leite e voltou-se para arrumar a mesa.

– Vê só que confusão – ralhou-lhe.

Aproveitando a distração da mulher, a menina fingiu que atava um sapato e, em vez disso, escondeu os comprimidos no vestido da boneca dos cabelos vermelhos.

Face à esperteza da pequena, Mila deixou escapar um leve sorriso. Mas desvaneceu-se nos seus lábios quase de imediato, do mesmo modo que os seus olhos deixaram de olhar o ecrã mesmo tendo-o, ainda, diante de si. Era como se a imagem tivesse sido substituída, na sua mente, pela imagem da

câmara de trânsito.

Eric Vincenti a parar antes do cruzamento e, juntamente com os outros peões, à espera que surgisse o verde. Eric Vincenti, em vez de atravessar, a inclinar-se sobre uma tampa de esgoto para atar um sapato. Eric Vincenti a tirar o chapéu para saudar.

Não, não é isso, disse Mila para consigo. Não está simplesmente a saudar. Quer ser reconhecido, sim, mas... também chamar a atenção.

Eric conhece os polícias, sabe como fazê-los enlouquecer. Sabia que se perderiam em complicadas conjeturas para não admitirem que estavam em dificuldades. A opção terrorista era a demonstração disso.

Com certeza a solução é tão simples que não conseguimos vê-la, repetiu Mila a si mesma. Percorreu novamente de memória cada instante da sequência, como se estivesse a passar os fotogramas do filme em câmara lenta.

Uma associação de ideias entre a imagem de Eric e o truque das vitaminas da menina trouxe-lhe luz.

Talvez Vincenti, ao inclinar-se, tenha escondido alguma coisa para eles no passeio.

24

A esquina da rua era invadida pelo trânsito de peões que se apressavam a regressar a casa.

Do outro lado da faixa de rodagem, Mila observava o vaivém dos sapatos de salto alto, das sapatilhas, dos mocassins, das havaianas. Gente que ignorava que aos seus pés pudesse estar oculto um vestígio muito importante do qual dependia a vida ou a morte de alguém.

Não querendo deixar nada ao acaso, a agente atravessou para reconstituir o que vira Eric Vincenti fazer no filme.

Primeiro encaminhou-se ao longo do passeio, mantendo o olhar baixo. O seu andar estorvava os passos de quem lhe passava ao lado, despreocupado ou distraído, e se via obrigado a refrear o passo. Mas Mila continuou a observar cada centímetro do empedrado, até chegar junto da tampa do esgoto ao lado do qual Vincenti se inclinara, antes de saudar a câmara.

Repetiu o gesto do colega do Limbo. Com as costas inclinadas, imóvel como uma rocha num rio de peões obrigados a desviarem-se, observou a tampa de ferro fundido na qual estavam gravados o brasão do município e o nome da fundição que a fabricara. Pormenores sobre os quais ninguém, habitualmente, se detinha. Um objeto que todos pisavam, mas que se limitava a fazer parte do campo visual dos transeuntes.

Mila percorreu as fissuras a toda a volta, até encontrar um pequeno bilhete dobrado. Usando as pontas dos dedos procurou extraí-lo, mas estava muito enterrado. Tentou diversas vezes, obstinadamente, partindo mesmo uma unha da qual começou a sair sangue. Finalmente, conseguiu.

Chupando o dedo para parar a pequena hemorragia, pôs-se de pé. Sem desviar o olhar do bilhete, e curiosa como uma menina que acaba de descobrir antes dos outros o indício de uma caça ao tesouro, dobrou a esquina

seguinte deixando-se levar pelo fluxo de peões. Na ruela, com as mãos a tremer de impaciência, abriu o pedaço de papel.

Era um recorte de jornal.

Para ser exato, tratava-se de uma breve notícia local que apresentava o relato de um homicídio ocorrido a 21 de setembro – o dia antes do massacre de Roger Valin.

O facto merecera um espaço de crónica pelas absurdas e cruéis modalidades daquela morte. Mas a circunstância de a vítima ser apenas um pequeno traficante tinha atirado a notícia para o fundo da página.

Mila leu-a.

Segundo as declarações do irmão, Victor Moustak odiava água. No entanto, morrera afogado. Mais precisamente, em três centímetros de líquido turvo. O assassino tinha-lhe atado as mãos e os pés e, em seguida, imergira a cara numa tigela de metal usada para dar de beber aos cães.

Os investigadores tinham as impressões digitais do homicida, numa das cordas que usara para prender Moustak. Todavia, não tinham registo das mesmas em arquivo e o culpado ficara sem identidade.

Por outro lado, o jornalista referia outra coisa estranha que caracterizara o homicídio.

O assassino, antes de ir-se embora, usara o telemóvel de Moustak para enviar uma mensagem ao irmão da vítima – mas havia a probabilidade de o contacto ter sido seleccionado da lista ao acaso. A polícia não quisera difundir o conteúdo da mensagem.

Quando acabou de ler, Mila apercebeu-se de que havia no fim do recorte uma anotação escrita a lápis.

P.V.H.

Tirou o telemóvel do bolso e fez uma chamada.

– Stephanopoulos – respondeu, prontamente, o capitão do Limbo.

– Talvez a série de homicídios tenha começado antes do massacre de

Roger Valin.

– Como sabes?

– Eric Vincenti deixou-me um indício.

Steph calou-se durante uns segundos e Mila intuiu que não estava sozinho.

– Podemos falar daqui a pouco? – perguntou o capitão.

– Preciso que entres no arquivo do departamento com o teu computador.

– Dá-me dez minutos e volto a telefonar-te do meu gabinete.

Passaram quinze até que o telemóvel de Mila soou.

– Que história é essa? Deves avisar Boris e Gurevich.

– Para validar a sua teoria da conspiração terrorista? Nem penses. Ligar-lhes-ei quando tiver as ideias mais claras.

– Por favor, Mila – limitou-se a dizer, sabendo que não conseguiria fazê-la mudar de ideias.

– Fica tranquilo.

Contou-lhe rapidamente como encontrara o artigo do jornal na tampa de esgoto. No fim, pediu-lhe que verificasse o caso de Victor Moustak no arquivo.

– Quero saber o que estava escrito naquela mensagem.

O capitão levou algum tempo a ler e a rever os vários relatórios policiais. Chegado à parte da mensagem, deixou escapar uma risadinha.

– É um engano, Mila. Acredita.

– Dizes-me ou não?

Steph começou a ler.

– *A longa noite começou. O exército das sombras já está na cidade. Preparam a sua vinda, porque em breve ele chegará. O Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite: são mais de mil os nomes de Kairus.*

O exército das sombras, pensou Mila. Era uma definição perfeita.

– Que história é esta?

– Eis o motivo pelo qual a polícia não divulgou esta mensagem à imprensa: porque é uma coisa ridícula. Desiste, acredita em mim.

Mas Mila não tencionava ceder.

– Quero saber mais. Até pode ser que desista.

Steph suspirou, sabendo que se encontrava diante de um muro intransponível.

– Há uma pessoa que pode contar-te tudo. Foi quem tomou conta do caso. Mas, antes de te encontrares com ele, há umas coisinhas que deves saber.

– E que são?

– Já foi um polícia de ação, todo «músculos e distintivo». Mas, com o tempo, as coisas mudaram e reinventou-se num papel completamente diferente: começou a estudar Antropologia.

– Antropologia? – perguntou Mila, maravilhada.

– Tornou-se o maior perito de interrogatórios do departamento.

– Então por que motivo nunca ouvi falar dele?

– Esse é outro aspeto da sua personalidade, mas irás descobrir sozinha. Só queria dizer-te para evitares joguinhos com ele. Terás de convencê-lo a colaborar, o que não será fácil.

– Como se chama?

– O seu nome é Simon Berish.

– Onde o encontro?

– Todas as manhãs toma o pequeno-almoço no *snack-bar* dos polícias, no bairro chinês.

– Ótimo. E também precisava que verificasses se, no caso do afogado, as impressões digitais do assassino se encontram entre os relatórios das P.V.H. Era o que estava anotado a lápis no recorte de jornal.

– Pergunto a Krepp, mas não lhe digo para que é – antecipou-se o capitão.

– Obrigada.

- Vasquez...
- Sim?
- Tem cuidado com Berish.
- Porquê?
- É um rejeitado.

O *snack-bar* chinês era um lugar frequentado por polícias.

Os polícias, como os bombeiros, escolhiam os seus locais preferidos e mantinham-se fiéis. Na base de que alquimia era feita esta escolha continuava a ser um mistério – habitualmente não dependia nem da qualidade da comida ou do serviço, nem sequer da distância ao local de trabalho. E era igualmente difícil remontar à origem de tal hábito. Quem tinha sido o primeiro agente a pôr os pés num determinado restaurante? E por que motivo os outros o tinham imitado? O facto é que estes locais se tornavam uma espécie de território exclusivo, em que os restantes clientes – os «civis» – eram uma minoria tolerada, mas não propriamente aceite. Os donos não tinham motivo de queixa da coisa, pelo contrário, era um maná caído do céu: o rendimento estava sempre assegurado e, além disso, dispunham de uma segurança especial contra ladrões, mal-intencionados e fornecedores fraudulentos.

Quando Mila entrou no local, foi invadida pelo cheiro penetrante dos fritos. O impacto com a vozearia das fardas azuis que enchiam a sala foi igualmente fastidioso. Uma empregada chinesa acolheu-a e, identificando uma nova cliente, comunicou-lhe de imediato que os pratos tradicionais seriam servidos a partir da hora do almoço, enquanto o pequeno-almoço era o clássico internacional. Por um instante, Mila teve a tentação de perguntar por que razão um restaurante de cozinha cantonesa servia ovos com bacon até às nove da manhã mas, em vez disso, agradeceu a informação e começou a olhar à volta. Bastou-lhe uma olhadela para ter a clara percepção do que Steph queria dizer quando definira como rejeitado o homem que viera procurar.

No meio de dezenas de polícias que comiam o pequeno-almoço tagarelando e brincando entre si, Simon Berish era o único que comia sozinho.

Mila caminhou entre as mesas até chegar à última do fundo, fechada entre dois biombo. O homem de casaco e gravata estava concentrado na leitura de um jornal e levava aos lábios uma chávena de café. À sua esquerda estava pousado um prato com restos de ovos mexidos e bacon e meio copo de água com gelo e limão. Aos pés do homem estava deitado um cão de tamanho médio, de pelo dourado, que dormitava tranquilamente.

– Desculpe – começou a agente, para se apresentar. – Agente especial Berish?

O homem baixou o jornal, quase surpreendido por alguém se dirigir a ele.

– Sim.

– Chamo-me Mila Vasquez, somos colegas.

Estendeu-lhe a mão mas, em vez de apertá-la, Berish limitou-se a observá-la como se fosse uma pistola apontada. Simultaneamente, Mila apercebeu-se de que todos os olhares convergiam na sua direção, como se tivesse acabado de violar um tabu.

– Gostava de falar consigo sobre um antigo caso seu – disse, baixando a mão e sem se importar com o que acontecia à sua volta.

Berish fixou-a com um ar desconfiado, deixando-a estacada sem a convidar a sentar-se.

– Que caso?

– O do Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite. Ou Kairus, como preferir.

O agente especial ficou tenso.

Mila sentia-se cada vez menos à vontade naquela situação.

– Só lhe roubarei alguns minutos.

– Não creio que seja boa ideia.

Berish olhou em redor para assegurar-se de que ninguém tinha ouvido o que a agente dissera.

– Explique-me, pelo menos, porquê, e deixá-lo-ei em paz – insistiu Mila,

que compreendera que o colega faria qualquer coisa para livrar-se dela. – Quem é o Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite?

– O protagonista de uma fábula – disse Berish em voz baixa. – Pode fazer companhia ao papão e ao monstro de Loch Ness. Há vinte anos, as pessoas pariram-no numa espécie de sugestão coletiva, uma histeria que não poupou ninguém. E os meios de comunicação fazem-no reviver sempre que alguém desaparece: basta condimentar a notícia com um daqueles nomes e rapidamente a audiência sobe às estrelas. É como ter um fato azul no guarda-roupa: podes vesti-lo num funeral, mas também serve para um casamento.

– Mas acredita na sua existência, apesar de tudo.

– Foi há tanto tempo. Ainda você era uma menina – esquivou-se o agente especial. – Agora, se me dá licença, gostaria de acabar o meu pequeno-almoço.

E voltou a dedicar-se à leitura das notícias.

Mila estava prestes a partir. Mas, naquele momento, os agentes fardados da mesa ao lado pagaram a conta e levantaram-se. Um deles passou próximo dela e, com a anca, bateu no prato que Berish deixara na borda da mesa. Salpicos de ovo acabaram na gravata do agente especial. Fora um gesto deliberado. Até o cão debaixo da mesa ergueu o focinho, percebendo a tensão.

Mila já imaginava o pior, mas Berish acariciou o animal, que recomeçou a dormir. Depois, muito calmamente, tirou do casaco um lenço bem passado, molhou-o no copo de água e limpou os resíduos de comida, fingindo que nada acontecera. Mila estava pasmada. Um subalterno faltara ao respeito a um superior de modo grosseiro, ainda por cima em público, e agora ia-se embora, tranquilamente, sem sofrer as consequências. Inclusivamente, deixara escapar um sorrisinho gabarola na direção dos colegas. Quando Mila estava prestes a intervir, sentiu agarrarem-lhe o pulso.

– Deixe estar – disse-lhe Berish, sem olhar para ela e estendendo-lhe o

lenço.

Pelo tom gentil que usara, Mila compreendeu muitas coisas. Inclusive a razão pela qual não a convidara a sentar-se à sua mesa. Não era antipático, simplesmente não estava habituado a ter companhia. Estranhamente, Mila entendia o que lhe passava pela cabeça. Não por empatia, infelizmente, mas por experiência. Segundo o código de honra não escrito dos policiais, existiam poucos mas insuperáveis motivos para serem rotulados como rejeitados. Entre estes, os mais graves eram a traição e a delação. A pena equivalia à perda de parte dos seus direitos civis mas, sobretudo, da segurança. Porque quem, por lei, deveria protegê-los, não moveria mais um dedo por eles. No entanto, Berish parecia suportar bem a situação.

Mila aceitou o lenço e retirou do colete de pele os salpicos que também a tinham sujado.

– Quer comer alguma coisa? – perguntou, subitamente, Berish. – Eu ofereço.

Mila sentou-se do outro lado da mesa.

– Ovos e café, obrigada.

O agente especial chamou uma empregada, fez o pedido e mandou trazer também um café para ele. Enquanto esperavam pelo serviço, Berish dobrou o jornal e encostou as costas ao estofado do biombo.

– Por que razão uma pessoa com um belo nome hispânico como o seu decide ser chamada de Mila?

– Como sabe como me chamo realmente?

– María Elena, não é? É essa a origem do diminutivo.

– É um nome que não me pertence, ou talvez seja eu que não lhe pertenço.

Berish tomou nota e continuou a observá-la com os seus olhos escuros. Mas Mila não ficou incomodada. Havia uma bonita luz naqueles olhos e não lhe desagradava ser olhada assim. Berish parecia confortável naquela

situação. A sua atitude reflexiva, o físico tonificado, os músculos que se intuía sob a camisa, faziam o fato formal que trazia vestido parecer uma espécie de couraça. Não tinha sido sempre como Mila o via agora. Steph dissera-lhe que Berish começara a estudar Antropologia. Mas, de momento, não lhe interessava saber o que o levava a uma mudança tão radical.

– Então, podemos falar sobre Kairus?

O agente especial consultou o relógio.

– Dentro de quinze minutos este local ficará deserto. Por isso, aproveite o pequeno-almoço e então responderei às suas perguntas. Depois disso, despedimo-nos, e não voltarei a vê-la. Entendido?

– Por mim, tudo bem.

O pedido chegou. Mila comeu os ovos e Berish bebeu o café. Pouco depois, tal como ele prognosticara, o *snack-bar* esvaziou-se. A empregada levantava as mesas. A vozeria que reinava até poucos minutos antes foi substituída pelo som dos pratos a serem removidos.

Nada mudara para o cão aos pés de Berish, que continuava tranquilamente na sua soneca. Por sua vez, o agente especial recomeçou a falar.

– Não quero saber a razão por que veio aqui, não me interessa. Pus essa história de lado há muitos anos. Por isso dir-lhe-ei o que sei, ainda que possa lê-lo no respetivo dossiê.

– Foi o meu capitão, Stephanopoulos, quem me aconselhou a falar consigo.

– O velho Steph – comentou Berish. – Foi o meu primeiro comandante mal saí da academia.

– Não sabia. Julgava que Steph tinha estado sempre no Limbo.

– Mas não, estive à frente do Programa de Proteção de Testemunhas.

– Nunca ouvi falar disso.

– De facto, já não existe. Era a época da grande criminalidade e a cidade

tinha de fazer face aos processos para prender os chefes do crime organizado. Terminada a emergência, a unidade foi dissolvida e fomos todos recolocados noutras funções. – Fez uma pausa. – E você...

– Eu, o quê?

Berish perscrutou-a com atenção.

– É você, não é?

– Não percebo.

– Estava envolvida no caso do Sugeridor, já me lembro.

– Tem uma boa memória. Mas, se não se importa, deixemos de lado os meus fantasmas e falemos um pouco dos seus – fixou-o. – Kairus, fale-me dele.

Berish suspirou profundamente. E foi como se tivesse aberto uma porta fechada há muito tempo dentro de si. Como Mila intuía, por detrás daquela porta ainda se agitavam velhos espectros. Afloraram no rosto do agente especial no momento em que começou a falar.

Habitualmente, o dia que precede o fim do mundo é tranquilo.

As pessoas vão para o trabalho, apanham o metro, pagam os impostos. Ninguém suspeita de nada. Porque haveriam de suspeitar? Continuam a fazer o que sempre fizeram baseando-se numa simples constatação: se hoje é igual a ontem, porque haveria de ser diferente amanhã? Era um pouco este o sentido do discurso de Berish, e Mila partilhava-o.

Por vezes, o mundo acaba para todos. Outras vezes, só para alguns.

Podia acontecer que uma manhã um fulano acordasse sem saber que seria o último dia da sua vida. Porém, em certos casos, o fim é silencioso, mesmo invisível. Amadurece imperturbado, para depois se revelar num detalhe fora do lugar, ou numa formalidade.

O caso do Senhor da Boa Noite, por exemplo, começara com uma multa de estacionamento.

A viatura apresentava no para-brisas o dístico que autorizava os residentes a estacionarem naquela rua. Mas duas rodas estavam fora dos espaços permitidos. Os vigilantes municipais do trânsito tinham visto a infração. Colocaram a multa no limpa-para-brisas numa normalíssima manhã de terça-feira. No dia seguinte, uma multa idêntica foi fazer-lhe companhia. E a cena repetiu-se durante toda a semana, até ser afixada na janela uma intimação ao proprietário para que removesse, imediatamente, o veículo. Passados vinte dias, um reboque dos serviços municipais tratou do assunto. O carro – um *Ford* cinza-metalizado – acabou num depósito da polícia judiciária. Se o proprietário quisesse resgatá-lo, teria de desembolsar uma quantia considerável. De acordo com o previsto na lei, quatro meses depois da remoção forçada terminaria o prazo da medida de sequestro, ao qual se seguiriam mais sessenta dias, concedidos ao proprietário para pagar, antes

que o bem fosse leiloado para satisfazer o montante devido ao município. Também aquele prazo decorrera inutilmente. No leilão em que fora proposta a aquisição do *Ford* não aparecera ninguém e a viatura acabou por ser enviada para a sucata. Para recuperar o montante, o município enviou um oficial de justiça a casa do infeliz proprietário para penhorar-lhe os bens.

Só então se deram conta de que o homem – um tal de André García, que não tinha família, que havia sido demitido do exército por causa da sua homossexualidade e que vivia com um subsídio do Estado – tinha desaparecido há vários meses.

Folhetos e desdobráveis acumulavam-se na caixa do correio. Os serviços de água e eletricidade tinham sido cortados por falta de pagamento. O frigorífico tornara-se uma cripta para comida em estado de putrefação.

Na época, os jornalistas estavam sempre à caça de historietas para demonstrar que os políticos conseguiam extorquir dinheiro aos cidadãos com os métodos mais perversos, servindo-se da lei e com a cumplicidade da burocracia.

Assim, André García apareceu no jornal.

O artigo contava como se pusera em movimento o mecanismo persecutório e como ninguém, antes da intervenção do oficial de justiça, se tinha lembrado de ir bater à porta daquele cidadão para lhe perguntar por que raio de motivo não se decidia a pôr o maldito carro meio metro para trás. Os jornais tinham brincado com o assunto, intitulando: «O mundo não se lembra dele, mas o município não se esquece!» E também: «O presidente da câmara declara: García, dá-nos o nosso dinheiro!»

Na realidade, ninguém se interrogou sobre o destino do pobre André. Podia ter deixado a cidade ou ter sido lançado ao rio, mas se não houvesse elementos para pôr a hipótese de um delito do qual tivesse sido alvo, estava no pleno direito de escolher o fim que quisesse para si mesmo. De qualquer modo, tinha um mérito: servira de exemplo. Do mesmo modo que o público

gostava de indignar-se, os meios de comunicação tinham procurado casos semelhantes em que o município, ou os bancos, ou as finanças, continuavam a cobrar indevidamente dinheiro a pessoas que, eventualmente, já estavam mortas e enterradas há muito tempo, ou que estavam, simplesmente, em coma no hospital, na sequência de um acidente banal.

Assim, foi quase por brincadeira que surgiram os outros seis. Quatro mulheres e dois homens, com idades entre os dezoito e os cinquenta e nove anos, desaparecidos num período de doze meses.

Os insones.

– Eram pessoas normais, semelhantes à empregada que nos serve o pequeno-almoço todas as manhãs no *snack-bar* do costume, ao tipo que nos lava o carro todos os fins de semana ou ao homem que nos corta o cabelo uma vez por mês – explicou Berish. – Viviam sozinhos. Como muitos outros, poder-se-ia objetar. Mas a sua solidão era diferente. Tinha-lhes crescido em cima como uma planta trepadora. Pouco a pouco, envolvera-os e ocupara-lhes todo o espaço, escondendo completamente o que estava por debaixo. Andavam no meio dos seus semelhantes com aquele parasita no corpo que se nutria, não do seu sangue, mas da sua alma. Não eram invisíveis, podia-se interagir com eles, trocar umas palavras ou um sorriso enquanto se esperava pelo café, pela conta ou pelo troco. Era possível encontrá-los frequentemente, mas eram facilmente esquecidos. E era como se nunca tivessem existido, só voltando a existir na vez seguinte que os encontrássemos, para depois desaparecerem de novo. Porque eram insignificantes, o que é muito pior do que ser-se invisível. Destinados a não deixarem qualquer marca na vida dos outros.

No decurso das suas existências não tinham despertado nenhum interesse em quem os rodeava. Mas, inesperadamente, com o desaparecimento, não só todos se lembravam deles, como se tornavam objetos de uma consideração tardia.

– Como posso esquecer-me daquele rapaz que fazia entregas ao domicílio, ou da estudante que colecionava unicórnios. Do professor de ciências reformado ou da viúva que os três filhos nunca iam visitar. Ou ainda da mulher com um defeito na perna que geria um negócio de lavandaria em casa ou da empregada comercial que passava todos os sábados na mesma mesa de um bar à espera que alguém se apercebesse dela.

Os meios de comunicação, um tanto arbitrariamente, ligaram os sete desaparecimentos entre si, pondo a hipótese de que, por detrás de todos eles, houvesse uma mesma razão, talvez a mesma mão. A polícia, como acontecia habitualmente nestes casos, procurou-os, indagando sobre eventuais responsabilidades de terceiros. Puseram-se hipóteses, houve discussões. Embora não se falasse abertamente, alguns faziam referência a um possível *serial killer*.

– Parecia um *reality show*, quando ainda não existiam os *reality shows* – comentou Berish. – Os sete desaparecidos eram os protagonistas. Todos se sentiam autorizados a falar deles, a coscuvilharem as suas vidas, a julgá-los. Até a polícia federal era passada à lupa, correndo o risco consequente de fazer má figura. O único ausente era a verdadeira estrela: o assassino. Presumível, obviamente, porque não havia cadáveres. Na ausência de um nome, batizaram-no de várias maneiras. *O Mago*, porque fazia desaparecer as pessoas. *O Encantador de Almas*, porque não se encontravam os corpos. A definição era um pouco «*dark*», mas vendia bem. No entanto, o nome que mais se enraizou foi *O Senhor da Boa Noite*, porque o único dado que resultou da investigação, e também a única coisa que os desaparecidos tinham em comum, era que os sete sofriam de insónia. E, para conseguirem dormir, tomavam soníferos.

Normalmente, se não tivesse havido tanta pressão, a polícia federal não teria dado muita importância a um caso baseado numa tão frágil coincidência.

– No entanto, a história teve um tal protagonismo que nós, a polícia,

difficilmente poderíamos largar o caso. Ainda que ninguém acreditasse que houvesse, realmente, um caso. Acabou como muitos tinham previsto: não houve mais desaparecimentos de insones, as pessoas cansaram-se da história e os meios de comunicação seguiram o público, desviando o interesse para outra coisa. Tudo começou como uma farsa – a multa por proibição de estacionamento passada ao pobre soldado André García – e como farsa acabou: o caso ficou sem um culpado e, desde então, não se soube de mais nada.

– Até hoje – acrescentou Mila.

– É por esse motivo que está aqui, imagino – disse Simon Berish. – Mas eu não quero saber nada sobre isso.

Passava pouco das dez e o *snack-bar* chinês começava a reanimar-se com novos clientes. Comuns civis que aproveitavam a ausência dos homens de farda para reivindicarem comida e um pouco de atenção.

– Explicou-me as alcunhas do presumível monstro, mas não me disse qual a razão do nome Kairus – disse Mila.

– Na verdade, é a primeira vez que ouço falar desse nome.

Mila apercebeu-se de que o agente especial evitara, cuidadosamente, o seu olhar. Berish podia ser o melhor especialista de interrogatórios do departamento, mas talvez não fosse tão bom a mentir. No entanto, Mila não tinha a certeza. Mostrara-se cooperante e não queria ferir a sua suscetibilidade acusando-o de esconder alguma coisa.

– Então, vou lavar-lhe isto – disse, referindo-se ao lenço que ele lhe emprestara pouco antes. – E obrigada pelo pequeno-almoço.

– Não tem de quê.

O telemóvel da agente emitiu um som que a avisava da chegada de um SMS. Leu-o e voltou a pôr o telefone no bolso juntamente com o lenço, preparando-se para se levantar da mesa.

– O que lhe disse Steph sobre mim? – perguntou Berish.

– Que você é um rejeitado e que tivesse cuidado.

O homem anuiu.

– Muito sábio da sua parte.

Mila inclinou-se para fazer uma carícia ao cão de Berish.

– Mas gostava de saber uma coisa... Porquê aconselhar-me para falar consigo e advertir-me para ter cuidado, ao mesmo tempo?

– Sabe o que sucede a quem se dá com um polícia rejeitado, não sabe? É como uma infeção.

– Ao ver o seu à-vontade nessa situação não me parece que deva ter medo.

Berish encaixou o sarcasmo de Mila com um sorriso.

– Está a ver este lugar? – perguntou, indicando o restaurante. – Há muitos anos, dois polícias de patrulha entraram por aquela porta à hora do pequeno-almoço e, tal como você, pediram ovos e café. O proprietário, que por acaso acabara de chegar da China, tinha duas possibilidades: dizer-lhes que o pedido não estava no menu perdendo, provavelmente, dois clientes, ou começar a bater ovos na cozinha. Escolheu a segunda opção e, a partir desse momento, durante três horas por dia, serve comida que não tem nada a ver com a tradição da cozinha cantonesa, mas que determinou a sua sorte. E só porque aprendeu uma lição importantíssima.

– Aquela do cliente que tem sempre razão?

– Não. Que é mais fácil adaptar um pouco uma cultura milenar do que fazer mudar de ideias um polícia que pretenda comer ovos e bacon na porra de um restaurante chinês.

– Desde que me sinta bem, estou-me nas tintas para o que os colegas pensam de mim.

– Crê que é um jogo em que fazer-se de dura serve para ganhar pontos, mas engana-se.

– Ainda há pouco não reagiu quando um subalterno lhe faltou ao respeito.

– Poderá julgar-me um covarde, mas aquilo não teve nada a ver comigo – afirmou Berish, divertido. – Quando estou sozinho à minha mesa, ninguém se atreve a incomodar-me. Fingem que não existo ou, quando muito, olham-me como se eu fosse um pelo que lhes caiu no prato: sentem nojo, mas removem-no e continuam a comer... O que aconteceu esta manhã deve-se apenas à sua presença. Era a si que queriam avisar, a mensagem era bastante clara: «Mantenha-se longe desse tipo, ou acontecer-lhe-á o mesmo.» No seu lugar, seguiria a sugestão.

Mila estava atónita e irritada pelo modo como Berish estava a tratá-la.

– Então, por que vem a este *snack-bar* todas as manhãs? Steph tinha a certeza de que o encontraria aqui. É masoquista ou quê?

Berish sorriu.

– Comecei a vir aqui quando entrei para a polícia e não me veio à cabeça mudar de restaurante. Embora, diga-se a verdade, não se coma grande coisa e o cheiro a fritos impregne a roupa. Mas, se deixasse de aparecer, daria razão a todos aqueles que gostariam de ver-me, também, fora do corpo.

Mila não conhecia o pecado pelo qual Berish cumpria penitência e sabia que, certamente, não haveria remédio mas, em relação ao caso Kairus, uma coisa tinha percebido. Apoiou uma mão na mesa de maneira a poder debruçar-se e aproximar-se do agente especial.

– Steph mandou-me vir ter consigo porque, ao contrário de todos os outros, não ficou em paz, certo? Continuou a procurar a verdade sobre aqueles sete desaparecimentos, enquanto todos se esquivavam. E foi então que cometeu o erro que o transformou num renegado. Mas, na minha opinião, ainda não desistiu de saber como tudo aconteceu. Talvez quisesse, mas há uma parte de si que não pode fazê-lo, embora eu não saiba porquê. A paz de que se cerca como um monge zen não é outra coisa senão raiva transformada em silêncio. A verdade é que, se desistisse, nunca mais se perdoaria.

Berish ergueu o olhar.

- Como pode dizer isso?
- Porque comigo aconteceria o mesmo.

O agente especial pareceu atingido pela resposta. Talvez estivesse habituado ao juízo severo, por vezes injusto, dos outros, mas na polícia ainda não tinha encontrado ninguém que não tivesse medo da maldição que trazia consigo.

– Faria bem em esquecer esta história, digo-o para seu bem. Kairus não existe e o resto foi uma alucinação coletiva.

– Sabe o que significa P.V.H.? – perguntou Mila à queima-roupa, referindo-se às iniciais escritas a lápis no final do artigo de jornal deixado na tampa do esgoto por Eric Vincenti.

– Onde quer chegar?

– Potenciais Vítimas de Homicídio. Existe um arquivo precisamente para eles no Limbo. Conservamos impressões digitais, sangue ou ADN de pessoas desaparecidas que podem ter sido mortas. Recolhem-se objetos pessoais: um telecomando, uma escova de dentes, o cabelo preso num pente, um brinquedo. Os relatórios são conservados, sobretudo, para a eventualidade de terem de ser reconhecidos restos humanos.

– Porque me conta isso?

– Há quatro dias, um vendedor de droga foi morto. Para ser precisa, afogaram-no em três centímetros de água suja numa tigela para cães. O assassino deixou impressões digitais nas cordas que imobilizavam o corpo. Não obstante, nunca foi identificado.

– Não tinha ficha.

– Tinha, mas não no arquivo dos criminosos: no das vítimas... P.V.H. – Mila tirou do bolso o telemóvel e mostrou-o a Berish. – Há cinco minutos chegou-me este SMS. Segundo a polícia científica, as impressões digitais pertencem a um certo André García, ex-militar homossexual do qual não havia notícias há vinte anos.

Berish empalideceu.

– Agora, se lhe apetecer, pode dizer-me que não lhe interessa saber o que se passa aqui – Mila gozou cada segundo de silêncio. – Mas, segundo parece, uma das presumíveis vítimas do Senhor da Boa Noite voltou a aparecer.

Mila percebera.

Não havia dúvidas sobre o assunto. Depois de ter passado a porta do restaurante chinês, deixara-o sozinho com o eco daquela última frase.

Anunciava o regresso de André García do mundo das sombras.

E não se tratara de um acontecimento casual e imprevisível. Regressara para matar. Isto punha em perigo muitas coisas. Coisas que Simon Berish, apesar de tudo, tinha decidido proteger.

O agente especial estava com os pés pousados na secretária do seu gabinete. Balouçava-se temerariamente na cadeira e tinha o olhar perdido no vazio, como um louco equilibrista, suspenso nos seus pensamentos.

Hitch observava-o do canto onde estava sempre deitado – uma das vantagens de ser um rejeitado era poder ter o cão no gabinete sem que ninguém protestasse.

Fora da sala, o departamento estava no auge do seu fervilhar habitual. Mas o frenesim nunca ultrapassava a porta, tal como não o faziam os colegas de Berish, que se mantinham à devida distância do seu espaço. Para ele, eram fugazes passagens escuras na opaca transparência do vidro esmerilado da porta.

O gabinete era o seu exílio.

Mas mantinha-o em ordem como se estivesse sempre à espera de uma visita. Os classificadores de documentos estavam perfeitamente alinhados nas prateleiras. Sobre a mesa estavam cuidadosamente dispostos uma lâmpada estereoscópica, um porta-canetas, um calendário e um telefone. E em frente à secretária havia duas cadeiras à mesma distância.

Fora a rotina que o salvara, naqueles anos de isolamento forçado.

Construíra à sua volta uma barreira de hábitos polidos que lhe permitia

resistir ao desprezo dos outros e à solidão. Depois de ter batido no fundo, tivera de reinventar uma vida e uma nova maneira de ser polícia. O facto de ter perdido a estima de todos deveria tê-lo forçado à única solução sensata – a demissão. Mas aquilo que precisamente não tolerava era ter de enfrentar uma condenação sem recurso. Se tivesse renunciado ao distintivo, teria continuado a cair no abismo. Assim, pelo menos, parara a queda a meio.

Não obstante o preço que deveria pagar todos os dias, os gestos desrespeitosos e os olhares malévolos ofereciam-lhe um pretexto para lutar.

A batalha começara quando comprara o primeiro texto de Antropologia. Sempre fora um homem de ação, mas decidira desfrutar da parte de si que descurara durante muito tempo e fizera-o de maneira a tomar o lugar da pistola.

A mente tornou-se a sua arma.

Atirou-se de alma e coração ao estudo da matéria e foi escrupuloso. Começou como uma simples curiosidade mas percebeu, de imediato, o seu potencial. Uma lição a aplicar ao trabalho quotidiano da polícia.

A Antropologia abriu-lhe novos horizontes, fazendo-o perceber coisas sobre os outros e sobre si.

No departamento, todos pensavam que tinha enlouquecido, visto que passava as horas do turno entrincheirado na sua sala a ler livros e mais livros. Mas, no fundo, não tinha mais nada para fazer. Os superiores já não lhe atribuíam casos e os colegas não queriam trabalhar com ele.

Todos esperavam que desistisse e se retirasse.

Por isso, tinha de preencher, de alguma maneira, o vazio dos seus dias. E aqueles livros eram uma ótima decoração. A princípio pareciam-lhe escritos numa língua incompreensível. A tentação de atirar um contra a parede assomou-o, algumas vezes. Mas, a pouco e pouco, o significado das frases começou a despontar das páginas, como os restos de uma civilização perdida a emergir do oceano.

Os colegas observavam-no com desconfiança, enquanto levava caixotes de livros para o gabinete, questionando-se sobre o que tencionaria fazer. Na realidade, nem Berish sabia para que serviria semelhante empenho. Mas estava convencido de que, mais cedo ou mais tarde, o descobriria.

Quando, passados muitos anos, conduzia o interrogatório de um suspeito, em vez de forçar a confissão ou de extorqui-la, pôs-se ao mesmo nível e transformou a discussão numa conversa. O segredo do seu sucesso estava numa simples constatação.

As pessoas não gostavam de falar mas gostavam, seguramente, de ser ouvidas.

Para alguns, parecia uma espécie de oximoro. Poucos percebiam a diferença. Berish estava entre estes e, desde então, nunca mais parara. A fama do seu talento particular não superara a de rejeitado, mas era transmitida como um segredo maçónico, o remédio extremo para os casos desesperados. Quando não podiam passar sem ele, chamavam-no.

Construíra, assim, o seu lugar entre eles, mas mantinha-se invisível.

Porém, Mila Vasquez pusera em perigo o frágil equilíbrio do habitat que cuidadosamente cultivara naqueles anos. Embora a agente não lhe tivesse dito nada a propósito, Berish ficara com a impressão de que havia outros mortos, para além do caso de André García.

Desaparecidos que regressavam para matar.

Nos últimos tempos sentia uma certa tensão dentro do departamento. Obviamente ninguém falava com ele, mas tinha a certeza de que alguma coisa estava a acontecer. Se a agente se tivesse limitado a dizer-lhe que as impressões digitais de García tinham sido descobertas na cena do homicídio de um traficante, o agente especial teria ficado preocupado.

Mas falara no nome de Kairus. E isso aterrorizava-o.

No restaurante chinês procurara dissimular a sua surpresa e dissera a Mila Vasquez que era a primeira vez que ouvia aquele pseudónimo. Mas não era

verdade.

A agente percebeu, repetiu para si mesmo. Sabe que lhe disse uma mentira.

O nome Kairus era um detalhe do caso dos sete desaparecidos de há vinte anos que a polícia não quisera revelar.

Acontecia muitas vezes que nas investigações mais delicadas se evitasse difundir alguns pormenores determinantes, com o fim de desmascarar eventuais mitómanos ou para testar a honestidade de um testemunho. A escolha de não divulgar o nome Kairus fora ditada por razões de conveniência muito mais graves. Por isso, só quem estava realmente envolvido no caso poderia conhecer aquela palavra.

Mas Stephanopoulos aconselhara a agente a ir falar com ele: se o velho capitão se comprometera assim tanto, havia, certamente, uma viragem determinante.

Simon Berish teve a desagradável sensação de que, dentro do invisível, se estava a manifestar uma presença.

Talvez tivesse sido um pouco precipitado a despachar Mila Vasquez.

Há mais de trinta e seis horas que não se descobria outro homicídio.

Enquanto no departamento todos aguardavam um novo movimento daquilo que julgavam ser uma organização terrorista, Mila estava cada vez mais convencida de que tinha seguido a pista certa e, de momento, não tinha qualquer intenção de partilhar as suas descobertas com os superiores.

Era um risco, mas fazia parte da sua natureza.

A conversa com Berish no restaurante chinês tinha-lhe aberto os olhos. Tinha a certeza de que o agente especial não lhe dissera toda a verdade. O capitão Steph recomendara-lhe que tivesse cuidado com aquele homem, mas omitira-lhe que o tivera sob o seu comando no passado, quando Berish saíra da academia e ele dirigia o Programa de Proteção de Testemunhas.

No entanto, Mila tivera uma ideia. O agente especial nunca se rendera ao que quer que tivesse acontecido que o transformara num renegado. Não escolhera a garrafa para trocar a frustração e o rancor pela consolação alcoólica, como faziam muitos polícias desiludidos. Adotara outra estratégia.

Mudara.

Depois de ter deixado o *snack-bar* chinês, Mila regressara ao departamento. Após a reunião em que se sentira ridícula, Boris e Gurevich nunca mais a tinham procurado, provavelmente estavam ocupados a dar caça a um *mass murderer* e a um polícia que se transformara em assassino.

Ninguém suspeitava que, efetivamente, a cadeia dos crimes não fora interrompida com o assassinio realizado por Eric Vincenti e que, pelo contrário, prosseguia no passado recente, com a morte por afogamento de um traficante, ocorrida a 21 de setembro – um dia antes de Roger Valin realizar o seu massacre. O método sugerido pela sequência de delitos era claro: a agente encontraria as respostas às interrogações recuando nos anos. Devia remontar

ao que acontecera há vinte anos e compará-lo com o que estava a acontecer agora.

Havia uma ligação evidente entre o presente e o passado.

A máquina para voltar atrás no tempo era o arquivo situado no subterrâneo do Limbo.

Mila desceu um lance de escadas que se perdia num subterrâneo sem saída. Quando os degraus terminaram, estendeu um braço no escuro e acionou um interruptor. As lâmpadas de néon despertaram uma a uma – como um bater de pálpebras ao longo do baixo teto – e mostraram um dédalo de corredores com paredes cobertas de armários.

O cheiro dos alicerces e uma frescura húmida envolveram-na. Era um lugar distante do mundo, a luz do dia era banida e o sinal dos telemóveis parava à entrada, quase como se tivesse medo de entrar.

Mila dirigiu-se com passo seguro para a esquerda.

Os móveis que deslizavam ao seu lado estavam marcados com códigos ordenados e tinham portadas de vidro através das quais se podia ver o conteúdo – objetos de natureza diversa preservados em invólucros de plástico etiquetados. Havia peças de roupa bem dobradas e empilhadas umas sobre as outras, escovas de dentes de diversos tipos e sapatos sem par – porque seria inútil conservar os dois. Óculos, chapéus, pentes e beatas de cigarro. Mas, além de restos do quotidiano e de adereços pessoais, havia telecomandos para a televisão, fronhas e lençóis manchados, talheres ainda sujos, aparelhos telefónicos.

Tudo o que pudesse guardar um vestígio orgânico do desaparecido estava ligado ao seu dossiê.

Os agentes do Limbo procuravam sempre um objeto com o qual a pessoa que buscavam estava habitualmente em contacto, a fim de obter o ADN ou, simplesmente, as impressões digitais. Quando existia a fundada suspeita de que não se tratava de um afastamento voluntário, classificavam o caso como

um P.V.H. – Potencial Vítima de Homicídio.

Tratava-se de um tratamento padrão quando os desaparecidos eram crianças, mas era também seguido nos casos em que o desaparecimento deixava supor um crime violento.

Cada cidadão adulto e plenamente capaz de entendimento e de vontade era livre de desaparecer no nada, se o desejasse. «Nós, no Limbo, não obrigamos ninguém a voltar atrás», dizia sempre Steph. «Só queremos assegurar-nos de que não lhe aconteceu nada de mal.»

E, de cada vez que punha os pés no arquivo, Mila recordava as palavras do capitão.

Depois de ter percorrido um curto trajeto, sabido de cor no decurso das várias visitas, desembocou numa espécie de sala – na realidade, um espaço quadrado deixado no meio dos armários – que constituía o coração do labirinto.

No centro, uma mesa de fórmica, uma cadeira e um velho computador.

Antes de começar a trabalhar, Mila colocou o casaco nas costas da cadeira e libertou os bolsos dos objetos que os tornavam pesados, pousando-os na mesa. Entre as chaves de casa, o telemóvel e as chaves do *Hyundai*, surgiu o lenço que Berish lhe emprestara no *snack-bar* chinês. Instintivamente, levou-o ao nariz.

Cheirava a água de colónia.

Um pouco de mais, disse para consigo para afastar a ideia de que, pelo contrário, o perfume lhe agradava. Pô-lo junto do resto e decidiu esquecer-se dele. Depois, foi rapidamente procurar o dossiê que resumia o caso dos sete desaparecimentos de há vinte anos. A digitalização do arquivo só fora feita um ano depois, por isso, só poderia consultá-lo em papel.

Encontrou-o e regressou com ele à mesa de fórmica.

Mal começou a folheá-lo, apercebeu-se de que dentro dele havia apenas os relatórios relacionados com cada um dos desaparecimentos – todos

classificados como P.V.H. – e mais nada. Nenhuma referência ao Mago, ao Encantador de Almas ou ao Senhor da Boa Noite, muito menos a Kairus. Só uma breve referência à possibilidade de uma só mão poder estar por detrás dos desaparecimentos.

Mila teve a impressão de que o processo fora «limpo», isto é, que os verdadeiros resultados do caso se encontravam noutro lado e que aquilo que estava no arquivo do Limbo era um dossiê-espelho – chamava-se assim aos atos que eram mantidos em segredo por razões de conveniência ou de segurança.

Mas ela tinha André García.

O homem da multa por pagar poderia ser comparado ao paciente zero de uma pandemia. A origem de todas as coisas.

De entre os sete desaparecidos de há vinte anos, o ex-militar fora o primeiro cujos vestígios tinham desaparecido. De entre os quatro assassinos dos últimos dias, fora o primeiro a regressar.

E a atacar, recordou Mila.

Por isso, poderia aprender muito com André García. Precisamente como um epidemiologista que procura o foco inicial do contágio para compreender a evolução da doença.

Veio-lhe à cabeça uma ideia sobre o que poderiam ter em comum García e Valin, por um lado, e Niverman e Vincenti, por outro.

Quando alguém decidia desaparecer, normalmente não preparava bagagens, até porque tudo que possuía lhe recordaria a vida a que procurava fugir. No entanto, se o desaparecido levava consigo alguma coisa, podia acontecer que o objeto – ou melhor, a ligação afetiva que encarnava – funcionasse como um cabo de segurança que, a qualquer momento, poderia ser percorrido ao contrário para regressar a casa. Mas eram mais frequentes os casos em que a fuga não era premeditada. E estes eram, também, os mais difíceis de resolver.

Por vezes faz-se o que se tem a fazer e pronto, disse Mila para consigo. Foge-se de qualquer coisa – de uma obsessão, de uma dor, ou de alguém – e a única solução que se vislumbra é anular-se completamente. No Limbo, confiavam em alguns truques e na sorte para encontrarem estas pessoas.

A esperança era sempre que o desaparecido mudasse de ideias, ou que pudesse cometer uma imprudência, como utilizar a caixa multibanco para levantar dinheiro ou o cartão de crédito para um pagamento. Ou que tentasse adquirir os medicamentos que tomava regularmente. Por exemplo, se o sujeito fosse diabético teria necessidade de insulina. Por isso, os agentes do Limbo falavam com o seu médico para saberem de eventuais patologias e, durante a primeira revista à sua casa, faziam um inventário do conteúdo das gavetas dos medicamentos.

Foi precisamente esta última prática que fez saltar algo na cabeça de Mila.

Em primeiro lugar, iniciou o velho computador que tinha diante de si, porque assim não precisava de regressar à sua secretária. Através dele, acedeu ao arquivo digital do Limbo.

Inseriu no computador os nomes de Roger Valin, Nadia Niverman e Eric Vincenti. Um de cada vez, os respetivos dossiês emergiram do mar de *bytes* no ecrã. Enquanto os percorria, Mila tomava notas num bloco que tinha ao lado do rato. Terminada a busca, observou o que anotara na folha. Os sete desaparecidos de há vinte anos tomavam medicamentos para dormir – *o Senhor da Boa Noite*, recordou.

Pois bem: Roger Valin tinha em casa o *Halcion* que fora prescrito à mãe doente. Nadia Niverman só tinha adquirido uma embalagem de *Minias*. Por sua vez, Eric Vincenti tinha uma receita médica para o *Roipnol*, embora o medicamento nunca tivesse chegado ao seu apartamento.

Existia uma ligação com García e os outros desaparecidos de há vinte anos – as insónias.

Mila não sabia se estava mais excitada ou assustada com aquela descoberta. Um velho caso de desaparecimentos em série por detrás do qual se levantara a hipótese de haver a mão de alguém –um *serial killer*? – sem que houvesse, no entanto, qualquer confirmação a este respeito. Desaparecimentos que tinham começado sem um motivo e que, também sem uma razão, tinham cessado.

Mas, à luz do que acabara de encontrar, o último dado podia ser desmentido.

Os desaparecimentos dos insones são intercalados por períodos de tempo, refletiu Mila. Tinham passado três anos de silêncio, para que a atenção se desviasse e, só então, se dera o desaparecimento seguinte, de Roger Valin, que desaparecera, efetivamente, há dezassete anos. Ninguém ligara o desaparecimento do contabilista aos precedentes e tudo recomeçara do início.

– Mas, se estas pessoas estão a voltar, quer dizer que não estão mortas, por isso, é errado chamar-lhes vítimas – disse Mila ao silêncio.

Da mesma maneira, a hipótese de haver alguém por detrás dos desaparecimentos – o Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite – era totalmente arbitrária, naquele momento.

Mas Berish tivera uma estranha reação quando lhe dissera o nome de Kairus, recordou Mila enquanto apagava o computador para regressar ao piso de cima. Havia algo que não batia certo na reconstituição. Uma peça em falta, na verdade. O agente especial tinha uma informação crucial sobre o que acontecera vinte anos antes, mas escondera-lha.

Kairus não foi uma alucinação coletiva, disse para consigo com convicção.

Pegou no bloco e no lenço perfumado de Berish que pousara na mesa e seguiu pelos corredores até às escadas. Passava pouco das nove quando começou a subir em direção aos gabinetes do Limbo.

Para dar continuidade às suas reflexões e às consequências que teria produzido a existência de uma mente subtil por detrás do caso, Mila quase não se apercebeu de que o telemóvel no bolso do colete de pele começara a vibrar quando faltavam poucos degraus para a saída.

Tirou o aparelho e olhou para o ecrã: uma dezena de SMS avisavam-na que alguém tinha tentado contactá-la várias vezes.

Era o número da sala de operações do departamento. Havia um único motivo pelo qual telefonariam a um agente do Limbo. Um arrepio percorreu-lhe as costas.

Chegada à sala dos passos perdidos, devolveu o telefonema. A resposta não tardou a chegar.

– Agente Vasquez? – perguntou uma voz masculina. – Tentámos falar consigo toda a tarde. Temos aqui um alarme.

Mila sabia o que significava aquela frase.

Os casos de desaparecimento de adolescentes muitas vezes eram afastamentos voluntários ou fugas que se resolviam depressa e favoravelmente. As novas gerações estavam demasiado ligadas à tecnologia e, se os jovens tinham com eles o telemóvel, era uma questão de tempo até que se denunciassem.

Habitualmente, mantinham o aparelho desligado para não serem contactados e, conseqüentemente, aumentarem a ansiedade dos pais. Mas, normalmente, não resistiam mais de vinte e quatro horas sem verificarem se a amiga ou o amigo do coração lhes tinha enviado alguma mensagem. Mal ligavam o telefone, mesmo sem telefonarem ou enviarem mensagens, o cartão SIM ligava-se a uma das células existentes no território e, naquele momento, os polícias sabiam onde se encontravam.

Quando a sorte não era tão generosa e os desaparecimentos se arrastavam silenciosos no tempo, o Limbo pedia às companhias telefónicas para não desativarem o serviço, porque podia acontecer que, passados alguns anos, um

telemóvel ou um cartão SIM voltasse ao ativo. Depois, a sala de operações do departamento monitorizava o número, à espera de um sinal.

– Temos uma reativação – disse o operador. – Verificámos, não é um sinal fantasma, ainda que não tenham sido efetuadas chamadas. A reativação está confirmada.

Se não havia erros, Mila sentiu que estava, realmente, a suceder alguma coisa.

– Quem é? – perguntou de imediato.

– A titular do serviço é uma Diana Müller.

Catorze anos. Morena, olhos escuros. Desaparecida numa manhã de fevereiro quando ia pela rua a caminho da escola. Segundo os registos telefónicos, o seu telemóvel tinha deixado de funcionar por volta das oito horas e dezoito minutos.

Depois de nove anos de silêncio, o telefone tinha voltado à vida.

– Conseguiram localizar o sinal?

– Sim – disse o operador.

– Está bem, dê-me a morada.

O telefone era um velho *Nokia*.

Diana Müller encontrara-o num banco do parque, talvez esquecido por alguém. Mas era impossível chegar ao proprietário. Ainda funcionava, mas não era um telemóvel por aí além – a bateria durava poucas horas e o ecrã estava lascado devido a todas as quedas acidentais – e, certamente, não podia competir com os *smartphones* de última geração, que, na época do desaparecimento da rapariga, nem sequer existiam.

Mas para Diana, que nunca tivera um telemóvel, significava muito.

Representava uma espécie de passaporte para entrar no mundo dos adultos. Não obstante já ser um modelo antiquado, a rapariga cuidava dele como se fosse novo. Até tinha conseguido embelezá-lo, acrescentando-lhe um berloque com um anjo azul e uma capa cheia de estrelinhas douradas. No interior do espaço para a bateria escrevera *Propriedade de Diana Müller* e desenhara um coraçãozinho com as iniciais do rapaz da escola de quem gostava. Parecera-lhe uma espécie de gesto mágico para propiciar uma chamada sua – talvez, quem sabe, um dia.

O telefone de que a rapariga estava tão orgulhosa provavelmente não teria despertado nenhum interesse num moderno jovem de catorze anos. Não se podia aceder à internet ou descarregar joguinhos e aplicações. Não se podia utilizar como GPS nem como máquina fotográfica.

Só se podia telefonar ou, em alternativa, enviar mensagens.

– Tantas coisas que perdeste, Diana – disse Mila a meia-voz enquanto conduzia para a morada onde fora localizado o telemóvel. Não estava muito distante do local do desaparecimento, e isso causou-lhe um certo desconforto.

Nove anos antes, uma vida jovem parecia ter-se desmaterializado, ou dissolvido no vento. Mas Mila considerava que a origem do mistério estava

ligada ao que representava para Diana o telemóvel, que, agora, enviava sinais do escuro.

Uma obsessão.

Na idade em que seria vulgar uma rapariguinha regressar a casa com um cachorro vadio, Diana voltara da escola com um velho rádio a contar que o encontrara na rua, que teria sido uma pena deixá-lo ali e que, certamente, o proprietário não sabia o que estava a fazer quando o deitara fora.

Mas, ao contrário do telefone, o rádio estava avariado e não podia ser reparado. No entanto, isso parecia não lhe fazer qualquer diferença.

Também daquela vez a mãe não dissera nada, sem saber que, a partir daquele momento, a rapariga começaria a levar para casa as mais variadas coisas – um cobertor, uma cadeira de bebé, bugigangas de vidro, velhas revistas –, justificando cada achado com uma história convincente.

A princípio, a mãe de Diana, mesmo estando consciente de que havia algo de errado no estranho hábito da filha, não conseguiu contrapor-lhe razões válidas para fazê-la desistir. Mas a mania ocultava uma ligação doentia com os objetos conhecida como disposofobia.

Ao contrário daquela mulher, Mila sabia que se tratava de uma perturbação obsessivo-compulsiva. Quem sofre dela, acumula coisas das quais nunca se desfaz.

No caso de Diana, a situação prolongara-se até que os objetos que amontoava no quarto se tornaram um incómodo excessivo. Além da falta de espaço, ao ponto de não se conseguir movimentar facilmente na divisão, havia a questão higiénica, porque se suspeitava que «os tesouros» que Diana dizia ter encontrado casualmente fossem provenientes do lixo.

A mãe tomara consciência do problema no dia em que a casa fora invadida pelas baratas. Estavam por toda a parte – nos guarda-roupas, nas prateleiras da cozinha, debaixo da alcatifa. Vinham do quarto de Diana e, quando a mulher foi revistá-lo para procurar compreender o que se passava,

reconheceu horrorizada os sacos do seu próprio lixo. Há algum tempo que, sem uma razão compreensível, a filha começara a levá-los de volta para casa, escondendo-os no meio das outras coisas.

Mila imaginava a tremenda e perturbadora sensação de encontrar-se perante algo que, por hábito natural das sociedades de consumo, consideramos já ter sido eliminado da nossa existência e, conseqüentemente, da memória. Deitamos fora restos de comida ou os objetos que já não nos servem e, ao mesmo tempo, temos a certeza de que aquelas coisas não nos interessam e que serão outros a ocuparem-se delas. Mas a mera ideia de que aquilo de que nos desfizemos possa voltar inesperadamente a atormentar-nos assusta-nos, como se alguém que julgávamos morto regressasse ao mundo dos vivos.

É algo de incompreensível e, ao mesmo tempo, aterrador – como as imponderáveis motivações dos loucos ou a patológica pulsão dos necrófilos.

A mãe de Diana, em pânico, decidiu desembaraçar-se de todas as coisas da filha, deitando tudo fora. Quando a rapariga regressou da escola, foi obrigada a enfrentar o vazio sozinha. E, em poucos dias, o vazio engoliu-a.

A mãe de Diana chamava-se Chris, e só a tinha a ela. Mila reviu o olhar perturbado da mulher. Na altura do desaparecimento da filha, a agente ainda não estava ao serviço no Limbo. Só se conheceram depois, porque Chris passava regularmente pela secção para saber se havia novidades. E, de cada vez que o fazia, era um sofrimento também para ela.

Via-a à entrada da porta da sala dos passos perdidos, à procura do rosto de Diana para se certificar de que a fotografia ainda estava no seu sítio na parede e de que ninguém a tinha esquecido. Depois de a localizar entrava quase em bicos de pés e esperava que alguém notasse a sua presença.

Habitualmente, era Eric Vincenti que se ocupava dela. Mandava-a sentar-se e oferecia-lhe um chá. Depois, ficava a conversar um pouco, até ter a certeza de que estava pronta para regressar a casa. Desde que o colega

desaparecera, a tarefa de consolar Chris recaía sobre Mila.

Não sentindo nenhuma empatia, era-lhe difícil imaginar o que podia passar-se no coração dela – que tipo de sofrimento sentia. Mila era boa a classificar *a sua própria* dor: lâmina, queimadura, nódoa negra. Juntamente com a raiva e com o medo, era o único recurso emotivo que possuía. Talvez por isso nunca conseguira entrar verdadeiramente em contacto com a mulher, como fazia Vincenti. De qualquer forma, tinha conseguido perceber muitas coisas sobre ela.

Percebera, por exemplo, que Chris não era uma má mãe. Sabia educar a filha e ser severa quando era necessário, mesmo na ausência de um marido ou companheiro que fizesse de pai. Tolerara a absurda mania de Diana porque sabia que ela própria não era perfeita e isso punha-a, muitas vezes, numa situação de desvantagem. Uma vez, dissera a Mila que tinha a certeza de que a sua menina era infeliz e que, em segredo, a odiava. Ainda que Diana – tão doce e terna – fosse a pessoa menos propensa a odiar alguém.

A culpa de Chris era gostar de homens.

Sempre permitira que eles se aproveitassem – uma consciência masoquista que a levava a colecionar erros sobre erros.

Mas Diana era a verdadeira vítima das suas atitudes.

Quantas vezes acontecera a mulher de um dos amantes agredir Chris no supermercado, dizendo-lhe que desistisse dos maridos das outras? E de quantos trabalhos fora obrigada a sair porque o chefe se cansara de uma relação e a despedira? Eram obrigadas a mudar de casa continuamente, abandonando tudo, para fugir aos mexericos e à maldade das pessoas.

Assim, quando Diana começou a sua «coleção» talvez quisesse enviar uma mensagem à mãe e, ao mesmo tempo, marcar o território de modo a torná-lo, finalmente, seu. Não tendo um percurso de objetos e coisas familiares a que se agarrar, apoderava-se do passado que os outros deitavam fora sob a forma de lixo.

Chris apercebeu-se demasiado tarde e tratava a sua filha como uma pobre doente mental. Uma vez, disse a Mila que tinha a certeza absoluta de que Diana não desaparecera nem fora raptada. Estava convencida de que ela se matara por culpa da sua mamã prostituta, porque desaparecera de casa uma embalagem de *Roipnol*.

Mila travou de repente o *Hyundai* e o motor parou. Ficou no meio da estrada deserta com o tiquetaque proveniente do relógio do carro e a recordação daquela frase, vinda sabe-se lá donde.

Um sonífero no desaparecimento de Diana não podia ser uma coincidência.

Não é verdade. Não é possível. Não acredito, repetiu para si mesma. Desta vez tinha de avisar Boris. Não podia assumir o risco.

Mas, agora, já foste longe de mais, pareceu-lhe dizer uma voz vinda de dentro. *Assim, excluir-te-ão definitivamente da investigação*.

O sinal emitido pelo telemóvel que voltou a funcionar passados nove anos era um convite, e estava reservado só para ela. Algo ou alguém estava à sua espera. Mila repôs o *Hyundai* em marcha.

Não queria faltar ao encontro.

30

O bairro financeiro ficava junto ao rio.

Os altos prédios prateados albergavam sobretudo escritórios e, àquela hora da tarde, eram vazias catedrais transparentes. Em vez dos empregados, no interior podia ver-se o pessoal das limpezas a empurrar enceradoras e máquinas de lavar tapetes e a esvaziar cestos de papel rasgado.

Mila passou por três quarteirões até encontrar a travessa que lhe interessava.

Virou à esquerda e percorreu a rua até chegar a uma parede de chapa que se estendia entre dois edifícios, interrompendo o caminho. Grandes cartazes indicavam trabalhos em curso.

Estacionou o carro e saiu, olhando à volta. A morada encontrava-se para lá da barreira. Telefonou para a sala de operações para pedir a confirmação de que o sinal do telemóvel de Diana ainda estava ativo e que não tinha mudado de local.

– Ainda lá está – disse o operador.

Encerrou a conversa e pôs-se à procura de uma passagem. Encontrou-a junto do edifício à direita. Inclinou-se para passar no ponto em que a chapa estava dobrada para o interior.

Endireitou-se, limpou o pó das mãos e dos *jeans*. O estaleiro que tinha diante de si estava deserto. Esperava que houvesse pelo menos um guarda, mas ninguém vigiava o local. Havia um prédio em construção que, de momento, não ia além de dez andares mas, considerando a amplitude da base, estava destinado a ficar muito mais alto. Ao lado, estava presente o abismo para os alicerces de um segundo prédio gémeo ainda não iniciado. Ao fundo, havia outros edifícios em construção que deveriam constituir os anexos dos dois principais.

Mesmo no meio destes últimos, vislumbrava-se uma vivenda de tijolo vermelho que remontava ao século anterior – últimos vestígios do velho bairro, varrido pelas escavadoras para dar lugar aos arranha-céus. Mila observou o número da porta na fachada e entrou no largo, passando ao lado da maquinaria e das ferramentas. Em vez de a deter, a mão invisível do medo impelia-a.

Caminhava em direção à casa. Mas a casa também ia ao seu encontro.

A vivenda de tijolo vermelho tinha dois pisos. As janelas estavam tapadas por dentro com painéis de fórmica e havia inscrições feitas com *spray* a avisar sobre o perigo de derrocada. No meio das novas arquiteturas, o baixo edifício tinha o aspeto de um dente cariado. E parecia em estado de completo abandono.

A agente aproximou-se do pesado portão de madeira da entrada, no qual estava colada uma folha. Tratava-se de uma ordem de expropriação emitida pelo município com pouco mais de vinte dias. Por decisão do presidente da câmara, a vivenda seria demolida para dar lugar a outras construções, no quadro do novo plano urbanístico. Por isso, intimava-se os proprietários a esvaziarem o edifício no prazo máximo de três semanas.

Mila refletiu. Segundo o documento, as operações de demolição começariam no dia seguinte.

Tateou o portão para verificar se podia entrar. A grade não se moveu. Tentou manejar a fechadura, mas foi em vão.

Então, afastou-se para ganhar um pouco de balanço e forçou a porta com as costas. Uma, duas vezes. Não cedeu.

Olhou à volta em busca de um objeto que pudesse ajudá-la na tarefa. A poucos metros de distância viu uma pá. Foi buscá-la e, pouco depois, enfiou a lâmina na fissura central do portão. Forçou para fazê-la entrar alguns centímetros e saíram umas lascas. De seguida, colocou todo o peso do corpo no cabo e empurrou, em jeito de alavanca. A madeira emitiu uns rangidos,

começava a ceder. Mila não se deu por vencida. Insistiu alguns segundos, enquanto gotas de suor lhe desciam ao longo da testa.

Depois, algo se quebrou no interior e a porta abriu-se.

Mila pousou a pá e deu um passo em frente. A sua entrada no átrio escuro foi saudada pelo eco. Um intenso cheiro invadiu-a. Era algo de adocicado, como um gigantesco fruto apodrecido. Não conseguiu reconhecer a sua origem.

Em primeiro lugar, tirou a lanterna do colete de pele. Acendeu-a e apontou-a em frente. O foco iluminou de imediato um único espaço, vazio, e uma escadaria que conduzia ao piso superior.

Voltou-se para a porta que acabara de arrombar. Notou que, de facto, na parte interior havia uma trave que servia para fechá-la. Estava inteira, enquanto a fechadura de ferro, consumida pela ferrugem, tinha cedido à pressão da alavanca.

Mila pôs-se à escuta do eco, esperando que lhe revelasse a presença de alguém.

O som, o cheiro e a consistência da escuridão faziam lembrar um poço secreto no qual se lançam as coisas que já não nos servem, ou que queremos manter longe da vista, já que não podemos esquecê-las.

Não conseguiu resistir ao mau cheiro. Procurou no bolso o lenço que Simon Berish lhe dera no *snack-bar* chinês para limpar-se dos salpicos de ovo. Encontrou-o e atou-o à volta da boca.

Ainda estava impregnado com a água de colónia do agente especial.

Observou a escuridão que a rodeava, ousada. Mila não temia o escuro, porque sentia que fazia parte dele desde criança. Mas isso não fazia dela corajosa. Apenas não fugia diante do medo, tinha necessidade dele. A dependência daquele sentimento tornava-a imprudente, estava consciente disso. Deveria voltar-se e regressar ao carro para chamar os colegas do departamento. Em vez disso, tirou a pistola e começou a subir os degraus,

lentamente, para ver o que a esperava lá em cima.

31

No cimo das escadas havia uma porta.

O miasma nauseabundo provinha de lá, podia senti-lo mesmo através do filtro do lenço que lhe protegia o nariz e a boca. Mila estendeu a mão para testar a resistência da porta, mas ela abriu-se com a simples pressão dos dedos.

Apontou a lanterna.

Colunas de velhos jornais chegavam quase até ao teto, que tinha, pelo menos, três metros de altura. Estavam adossadas uma à outra, como que formando uma única parede intransponível, e delimitavam um espaço apenas suficiente para abrir a porta.

Mila entrou naquele corredor perguntando-se como faria para ultrapassar a barreira, quando, ao desviar o foco de luz, descobriu uma passagem.

Sem hesitar, enfiou-se por ali.

Diante dela, um corredor que mal dava passagem a uma pessoa prosseguia como uma garganta no meio de duas paredes de coisas amontoadas. Seguiu por aquele trilho. Como um domador que com o chicote detém um animal feroz, Mila servia-se da lanterna para afastar o escuro que ameaçava, continuamente, agredi-la.

À sua volta, havia de tudo: caixotes de plástico, garrafas vazias, latas. Mas também sucata. Roupas de diversas formas e cores. Uma máquina de costura dos anos 20. Livros antigos encadernados em pele, ou modernos com capas coloridas e desbotadas pelo tempo. Cabeças de bonecas. Maços de cigarros amarrotados. Chapéus. Malas. Caixas. Um rádio velho. Componentes de motor. Uma ave empalhada.

Parecia o depósito de um ferro-velho louco. Ou então o estômago de uma grande baleia que recolhera todo o género de objetos nas suas longas viagens

por mar.

Mas a desordem tinha um sentido.

Mila não conseguia compreendê-lo, mas podia vê-lo. Tinha-o diante dos olhos mas era difícil de explicar, apercebia-se disso. Era como se houvesse um método. Como se cada coisa tivesse sido atribuída exatamente ao lugar onde devia estar. Como se alguém tivesse procurado, sabe-se lá por que motivo obscuro, pôr ordem na gigantesca lixeira, catalogando os resíduos segundo um critério secreto, em que cada coisa tinha um papel e era importante.

A resposta ao que tinha diante dos olhos era: disposofobia. A perturbação obsessivo-compulsiva de Diana Müller.

Mas, desta vez, fizera as coisas em grande. Devia tratar-se de um amplo armazém repleto até ao inverosímil. Um único e grande local onde fora erguido um labirinto.

Enquanto prosseguia pelos seus meandros, Mila dava-se conta da presença de outras coisas sob os pés. Objetos que tinham caído do amontoado e que lhe davam uma ideia precisa da instabilidade daquilo que a cercava. Prosseguiu, prestando muita atenção.

Quando chegou ao fundo, viu que o desfiladeiro se bifurcava. Apontou a lanterna nas duas direções, procurando um motivo para escolher uma ou outra. Optou pela direita, até porque lhe parecia convergir para o centro do labirinto.

Era como o arquivo do Limbo. Parecia que naquele lugar tinham sido apinhados os restos de milhares de vidas humanas. As únicas provas da existência do mundo de pessoas que já não existiam.

O exército das sombras, recordou Mila. Onde vim cair? Onde está o telemóvel de Diana Müller? Onde está a rapariga?

Um ruído repentino, um sussurrar, obrigou-a a parar. Ratos. Deviam estar por todo o lado, tal como as baratas. Desviando a luz para o chão, teve a

confirmação das suas suspeitas. Estava repleto de pequenas fezes.

Podia sentir múltiplos olhinhos apontados para si – talvez milhares. Observavam-na dos seus esconderijos para perceberem o que iria fazer, enquanto instintivamente se questionavam se a intrusa seria uma ameaça ou a oportunidade de um succulento banquete.

Para afastar esse pensamento, Mila movimentou-se mais velozmente, batendo com o joelho numa saliência da parede. Mal levantou a cabeça viu que um montão de coisas estava prestes a cair-lhe em cima e a derrubá-la. Protegeu-se, erguendo os braços sobre a cabeça e a cascata de objetos, uns duros e outros moles, caiu sobre ela com uma espécie de fragor. A lanterna foi atingida, escorregou-lhe das mãos, ficou coberta e apagou-se. O mesmo aconteceu à pistola, da qual partiu um disparo que ribombou naquele espaço muito estreito, ensurdecendo-a. A agente baixou-se e esperou durante uns longuíssimos instantes que o desabamento terminasse.

Finalmente, cessou. E, lentamente, ela pôde reabrir os olhos.

Nos ouvidos ressoava um fortíssimo zumbido – um som único, persistente e perfurante. A dor que sentia misturara-se com o medo. As vértebras e os braços gemiam sob a roupa. De qualquer modo, o colete de pele amortecera, parcialmente, o embate. O coração batia apressado. Recordou-se que devia respirar, desatou o lenço da cara e, não obstante o fedor, deu tréguas à pressão que estava a perfurar-lhe o peito. A experiência de anos passados a infligir dor a si mesma dizia-lhe que não tinha nada partido.

Levantou-se e retirou os objetos que a tinham coberto. A escuridão tinha-se aproveitado para assaltá-la – podia sentir o seu mau hálito na cara. Assim, a primeira coisa que fez foi escavar em busca da lanterna.

Se havia coisa pior do que morrer soterrada sob uma avalanche de lixo era, seguramente, permanecer na escuridão ali dentro, sem a possibilidade de descobrir a saída.

Finalmente encontrou o que procurava. As mãos tremiam-lhe e quando premiu o botão para acendê-la, o único instante de hesitação da luz quase lhe causou um enfarte.

Moveu a lanterna para ver o que tinha acontecido e para tentar encontrar a pistola. À sua volta tinha-se formado um amontoado. Afundou as mãos esperando que as pontas dos dedos conseguissem reconhecer a arma. Baixou-se o mais que pôde e encontrou-a.

Estava a um metro dela, mas as coisas que tinha por cima serviam de escora. Se retirasse apenas um daqueles objetos, a montanha cairia de novo.

Maldição, pensou.

Levou uma mão à boca, enquanto a outra estava apoiada na anca dorida. Tentou refletir. Mas não era fácil com os ouvidos a assobiarem-lhe incessantemente. Tinha de continuar, depois voltaria para recuperar a pistola. Não havia outra maneira. Olhou à volta para procurar alguma coisa que pudesse usar como arma. Encontrou uma barra de ferro. Empunhou-a, testando as suas potencialidades. Talvez servisse.

Onde antes havia um muro, a derrocada criara uma passagem. Mila transpô-la, porque agora era a única via que podia tomar, e chegou a um corredor paralelo.

Avançou com cautela. De vez em quando, apercebia-se de algo que se assemelhava ao formigar de insetos, mas preferia ignorá-lo. E ouvia o som dos ratos em correria.

Era como se a guiassem numa direção precisa.

Entre uma viragem e outra, calculou que tinha percorrido, pelo menos, cinquenta metros. O foco de luz iluminou um obstáculo a poucos passos dela. Uma outra parede tinha desabado, a passagem estava obstruída. Estava para voltar para trás, quando viu algo que despontava na base do montículo. Um longo objeto esbranquiçado. Não queria errar, por isso, aproximou-se.

Uma tibia.

Não era uma alucinação. Mila desviou a lanterna e vislumbrou outras partes do esqueleto a despontar do amontoado. Um cotovelo, os dedos de uma mão.

Não teve dúvidas. Diana Müller.

Quem sabe há quanto tempo tinha morrido. Provavelmente há, pelo menos, um ano. Podia acabar como ela, disse para consigo. Se a avalanche de há pouco não tivesse parado, ter-lhe-ia, seguramente, tocado a mesma sorte. Evitou pensar nisso e tentou ultrapassar o obstáculo, tomando atenção para não pisar o que restava do corpo.

A pouca distância havia uma clareira.

Ao chegar lá, descobriu que se tratava de uma espécie de alcova, com um colchão no chão, submerso em cobertores e lençóis sujos – era ali que Diana dormia? Numa mesa havia boiões de comida malcheirosa, vários objetos como garfos de plástico, alguns CD ou brinquedos que, por algum motivo indecifrável, tinham sido considerados mais preciosos do que o resto e merecido um lugar privilegiado.

No meio da confusão, reconheceu um berloque em forma de anjo azul. Depois, viu que ainda estava atado ao telemóvel de Diana.

Mila pousou a barra e colocou a lanterna entre os dentes. Agarrou o aparelho e observou com atenção a capa de estrelinhas douradas.

O ecrã estava aceso, mas não havia registo de chamadas efetuadas ou recebidas.

Quando retirou a tampa posterior do telemóvel, em busca da última confirmação de que se tratava mesmo do telefone da rapariga desaparecida – a inscrição *Propriedade de Diana Müller* e as iniciais do colega de quem gostava –, apercebeu-se de que a bateria tinha sido substituída recentemente. Era natural, visto que Diana se queixara da duração. De outro modo, não poderia ter funcionado ininterruptamente durante toda a tarde.

Mila teve um pensamento fulminante. Não tinha sido a mulher, que agora

jazia morta a poucos passos dali, quem fizera a substituição. Nem teria sido Diana a ligar o telemóvel, passados nove anos.

O escuro veio tocar-lhe as costas e Mila ficou hirta. Recuperou a barra e agarrou de novo na lanterna. Voltando-se lentamente para revistar melhor o local, reparou que mesmo atrás dela, engastada no lixo, havia outra passagem do labirinto.

Mila partiu para a abertura. Era necessário pôr-se de gatas para atravessá-la. Arrastava no pavimento nojento, coberto por uma camada de jornais, a mão que empunhava a barra. Com a outra mão, mantinha a lanterna direita e o foco precedia o seu avanço. Finalmente, a toca terminou.

Havia uma segunda sala.

Mas, ao contrário da primeira, reinava nela uma ordem peculiar. Cuidada. Uma verdadeira cama estava colocada no centro, com lençóis e cobertores e, ao lado, uma mesa de cabeceira. Velas de vários tamanhos estavam empilhadas numa mesa baixa. A atenção dedicada ao arranjo daquele local fez vir à memória de Mila o quarto dos hóspedes de que a sua mãe tanto se orgulhava.

Teve a impressão de que, para além de Diana Müller, aquele lugar oferecia refúgio a outra pessoa. Uma pessoa importante, a quem se reserva uma extrema consideração. No fundo, era o local perfeito para desaparecer do mundo.

Os seus pensamentos estavam completamente absorvidos pela descoberta. Mas, quando ouviu o rumor de um novo desabamento proveniente de um ponto distante do labirinto, não hesitou e apagou a lanterna.

Estava ali alguém.

O silvo incessante nos ouvidos impedira-a de se aperceber daquela presença.

Só graças ao barulho do desabamento tivera consciência dela. Verificou que a outra pessoa também tinha uma lanterna, cujo clarão se refletia no teto.

Escapara ao desabamento e, agora, estava a aproximar-se.

Mila saiu do espaço que batizara como «o quarto dos hóspedes», porque não tinha qualquer intenção de ser surpreendida num beco sem saída. Poderia ter voltado ao corredor, de maneira a ter, pelo menos, uma via de fuga. Mas, tendo de apagar a lanterna para não ser descoberta, era difícil mover-se sem o risco de causar um novo desabamento.

Precisava de pensar numa saída. Já não tinha a pistola e a barra que encontrara só seria útil num embate corpo a corpo. Mas o que aconteceria se a outra pessoa tivesse uma arma de fogo?

Se for o hóspede dirigir-se-á à sua toca, disse para consigo. Precisamente na sua direção. De momento, a única solução era ir ao seu encontro e enfrentá-lo. Mas isso seria loucura.

Mila procurou manter a calma e aplicar as regras que aprendera na academia de polícia e que lhe tinham sido úteis durante os anos de experiência no terreno. Primeiro, era necessário estudar o lugar onde estava a operar. Naquela escuridão, a agente procurou rememorar a configuração do local que a circundava.

Recordou-se do catre de Diana e que em cima do colchão que estava no chão tinha visto cobertores. Apanhou um e regressou, às apalpadelas, passando por cima dos restos da mulher morta.

Talvez existisse uma maneira de fugir ao hóspede.

Mas, para que o seu plano funcionasse, era necessário encontrar o local

apropriado. Havia um ponto onde o corredor se alargava para dar espaço a um pilar e Mila considerou que a largura era suficiente. Estendeu-se no chão e envolveu-se com o cobertor malcheiroso.

O plano era esconder-se e esperar que o hóspede passasse.

Depois disso, teria o caminho livre para seguir até à saída. Na falta de alternativas, parecia-lhe uma boa ideia. Mas devia agir depressa – quem quer que fosse, estava perto.

Havia bastante espaço para que passasse ao seu lado sem se aperceber da sua presença. Se, infelizmente, isso acontecesse, Mila sairia do cobertor e enfrentá-lo-ia com a barra. Mas era uma eventualidade que não queria considerar. *Vai correr bem*, disse para consigo.

Colocou-se no sítio e pôs-se à escuta. Os zumbidos gerados pelo disparo não davam sinais de cessar. Provavelmente, o temor aumentava-os. Mila pôs-se debaixo do cobertor de maneira a deixar um espaço livre para os olhos e a poder controlar o que acontecia à volta. No entanto, a imobilidade constrangia-a a uma visão muito limitada.

Primeiro, viu o foco de luz que explorava o horizonte do túnel. Embora não pudesse ouvir os passos que chiavam no tapete de resíduos, sabia que o hóspede se aproximava com prudência e talvez mesmo com circunspeção.

O hóspede sabe que tem um intruso, repetia uma vozinha na cabeça de Mila. *Sabe-o*.

A presença aproximava-se, quase podia ouvir a sua respiração. Uma sombra parou mesmo ao lado do ponto onde ela se encontrava. Pelo espaço que deixara para observar, podia ver uns sapatos de homem. Procurou não fazer ruídos, evitando mesmo respirar.

Porque permanece aqui e não se move?

O tempo parou, algo lhe acelerou na barriga. O medo que tantas vezes invocara difundiu-se como uma maré fria nas veias. Por um instante, pensou que os silvos que lhe ressoavam na cabeça a levariam rapidamente à loucura.

A sombra voltou-se precisamente na sua direção e, no momento em que o foco da lanterna incidiu no seu esconderijo, a agente recuperou todas as forças e surgiu brandindo a barra. A luz ofuscou-a, impedindo-a de ver, mas conseguiu mover-se na mesma. A tranca prosseguiu o seu curso sem interrupções, sinal de que tinha falhado o alvo. Tentou novamente e, desta vez, apanhou-o de raspão. Foi suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio e cair no chão. A lanterna caiu-lhe da mão e, mais uma vez, a escuridão apoderou-se do espaço.

– Mila – ouviu-o gritar do chão. – Espera.

Com a respiração ofegante e a barra sempre à procura do alvo às cegas, a agente deu consigo a perguntar, quase gritando: – Quem és tu?

A sombra ficou calada.

– Quem és tu? – repetiu, com mais convicção.

– Sou eu, Berish.

Os zumbidos impediam-na de reconhecer a sua voz.

– Como conseguiste encontrar-me? – A ansiedade tornou o seu tom estridente.

– Telefonei para o departamento, disseram-me que estavas aqui.

– E porque decidiste vir?

– A situação é grave. Mudei de ideias e decidi ajudar-te.

Mila pensou uns instantes. Mas, depois, convenceu-se de que a história era sensata.

– Vai à merda, Berish – disse baixando a barra. – Agora encontra a tua maldita lanterna, por favor. Não consigo continuar no escuro.

– Então ajuda-me a levantar.

Mila ia estender-se para ele, para procurá-lo às apalpadelas. Mas naquele instante, nas suas costas, alguém lhe agarrou a mão. Instintivamente, voltou-se e foi suficiente para sentir um cheiro familiar. Estava assustada, mas não reagiu. Foram instantes infindáveis. A presença atrás dela puxou-a para si.

Em seguida, começaram as explosões. Os tiros de pistola troaram naquele surdo labirinto, mas por entre os breves clarões Mila reconheceu que quem a puxara era o verdadeiro Simon Berish, e o odor que a acalmara era o aroma da sua água de colónia.

O homem estendido no chão enganara-a. Na sequência dos clarões instantâneos não conseguira ver o rosto do impostor, porque ele tivera tempo de virar-se e tentar a fuga. Viu-o desaparecer na primeira esquina, por entre as balas, enquanto as paredes de entulho ruíam, fechando-se nas suas costas, como que a proteger a sua fuga.

Quando os disparos cessaram, o verdadeiro Berish vira-se na sua direção.
– Vamos embora, rápido – gritou.

Arrastou-a para a escuridão, embora passados alguns metros tivesse acendido a lanterna que levava consigo. Mila seguia atrás dele, agarrada à sua mão. Só tinha de prestar atenção onde punha os pés. Berish corria e parecia ter aprendido bem o caminho até à saída.

O pânico apoderou-se dela, os passos eram refreados – como a angustiante lentidão que caracterizava sempre a fuga nos sonhos maus. Impelia os joelhos para a frente, mas parecia-lhe que corria num fluido oleoso, quase como se a escuridão tivesse adquirido densidade, subitamente.

Um pouco depois, a agente reconheceu o corredor que vira à chegada. A porta estava ali. Tão próxima que parecia inatingível, porque a ideia de transpô-la era tão bela que parecia irreal. Sentiu o ar fresco que provinha do exterior e era como se a porta respirasse.

Ultrapassaram aquela fronteira e enfrentaram as escadas. Teve a sensação de que os degraus se inclinavam sob os seus pés, como os dentes de uma criatura que escancara a boca. Ouviu os latidos insistentes de um cão que parecia chamá-los de fora da casa. Por isso, a liberdade estava próxima.

Um pouco antes de ultrapassar o portão, Mila sentia que o edifício de tijolos vermelhos estava a fechar-se sobre eles. Fechou os olhos, contou os

passos.

Berish parou ao lado do seu cão, inclinando-se para acariciá-lo.

– Calma, *Hitch*, está tudo bem.

Retomaram o fôlego. O animal acalmou-se. O agente especial observou Mila, que ainda estava abalada e levava as mãos aos ouvidos, num esgar de dor. Sentiu necessidade de explicar-lhe.

– Encontrei-te porque telefonei para o departamento e eles disseram-me que tinhas vindo aqui – disse-lhe em voz alta, intuindo que não estava em condições de ouvir bem.

– Então, quem se fez passar por ti sabe que te procurei, que pedi a tua ajuda. Se assim é, está a seguir-me. – Mila teve uma repentina sensação de mal-estar. – Quem era aquele homem? – perguntou, indicando a vivenda.

Mas o agente especial evitou a pergunta.

– Caramba, um *ninho*. Nunca tinha visto um.

– Estás a falar de quê?

Berish ainda estava dobrado sobre os joelhos.

– Do refúgio de um disposofóbico.

Um ninho para o quê? Mila teve uma sensação de nojo. Diana Müller tinha ficado fechada naquela casa, recusando o mundo exterior e preparando a toca de alguém.

– Havia um quarto ali dentro: a rapariga recebia uma visita.

Berish agarrou Mila pelos ombros.

– Tens de avisar todos, fazê-los vir aqui. Seja quem for, está bloqueado lá dentro, percebes? Não tem saída.

No olhar do agente especial havia uma luz preocupada. Sem perguntar mais nada, Mila pegou no telefone para ligar a Boris, mas *Hitch* recomeçou a ladrar, desta vez mais alto. Indicava algo atrás deles. Os olhos de Mila e Berish desviaram-se repentinamente para a vivenda de tijolos vermelhos.

Das janelas tapadas saía um fumo cinzento. Passados alguns segundos, as

chamas fizeram-nas explodir.

Os dois agentes protegeram o rosto com as mãos e afastaram-se rapidamente com o cão, enquanto no interior rebentava o inferno.

Quando chegaram a uma distância segura, voltaram-se para o incêndio.

– Não, não – deixou escapar o agente especial, com uma inflexão infeliz e impotente.

– Olha para mim – disse Mila, obrigando-o a fixá-la. – Quem era aquele homem? Conhecia-lo.

Berish baixou os olhos.

– Não vi a sua cara. Mas suponho que fosse ele.

– Ele quem?

– Kairus.

ALICE

Relatório 443-Y/27

Depoimento do paramédico de serviço na ambulância na noite de 26 de setembro [REDACTED]: «Chegámos junto à habitação do ferido pouco antes da meia-noite. Já tínhamos sido informados por rádio das suas condições e que se tratava de um representante das forças policiais. À nossa chegada, o paciente apresentava queimaduras difusas de terceiro e quarto grau, além de sintomas de uma grave asfixia. Não obstante o quadro clínico seriamente grave, o homem permanecia consciente. Enquanto a equipa de socorro se preparava para levar a cabo o normal procedimento para evitar possíveis complicações procurando, ao mesmo tempo, estabilizar a respiração, o sujeito mostrava-se um tanto inquieto e insistia em comunicar connosco. Conseguiu retirar a máscara do respirador durante alguns segundos e repetiu frases desconexas, entre as quais entendemos apenas as palavras “por favor, não quero morrer”. Mas o óbito aconteceu durante o trajeto na ambulância.»

Estavam todos à espera do Juiz.

A área do estaleiro das obras estava protegida pela polícia, mas ninguém diria ou faria nada antes da chegada do chefe de departamento. A cena estava como que congelada.

Entretanto, o incêndio fora controlado, mas a vivenda de tijolo vermelho ruíra, de imediato. A combustão dos materiais acumulados na casa tinha produzido uma nuvem tóxica que, combinada com a luz da alvorada, conferia ao céu uma cor brilhante.

O efeito era, simultaneamente, fascinante e letal, pensou Mila ao admirá-lo.

Até as coisas más podiam parecer belas. Os bombeiros tinham sido obrigados a evacuar o bairro.

– É mesmo o tipo de publicidade de que precisávamos – foi o comentário de Boris.

Recusava-se a falar com ela. Estava zangado, mas Mila temia que também estivesse desiludido. Não o pusera ao corrente das suas descobertas, deixando-o de fora. E, sobretudo, não confiara nele. Algo se tinha quebrado irremediavelmente na relação entre eles.

Também Gurevich estava a ignorá-la. Mila telefonara-lhe nessa noite, e não a Boris, para não causar a suspeita de que estava em conluio com o velho amigo. Quando chegaram os reforços, o inspetor recolheu o seu relatório sem fazer um gesto. A agente tinha-lhe referido os desenvolvimentos da investigação a solo – partindo do recorte de jornal descoberto na tampa do esgoto, acrescentando o pormenor da mensagem que falava de Kairus e completando o relato com a história de Diana Müller.

Só omitira um detalhe. Simon Berish.

Tinha sido ela a mandá-lo embora. Não queria que os superiores o encontrassem ali. A reputação do agente especial estava bastante comprometida, além de que não devia expor-se num caso que não era seu. Mila assegurara-lhe que o manteria informado.

Os bombeiros tinham-nos autorizado a tirar as máscaras antigás havia cerca de dez minutos. As exalações tóxicas que provinham do entulho fumegante tornaram-se inertes após os jatos de espuma.

O silvo no ouvido tinha cessado, mas Mila não conseguia deixar de pensar na voz do homem na sombra.

Tinha sido hábil a atraí-la à armadilha do ninho. *Observou-me*, disse para consigo. *Sabe que sinto o chamamento do medo.*

Berish dissera que se tratava de Kairus, admitindo assim a existência do Senhor da Boa Noite. Mas porque teria o agente especial omitido a verdade no primeiro encontro?

Um *BMW* negro e com os vidros fumados ultrapassou a barreira policial que impedia aos jornalistas e curiosos a entrada na zona de operações. Foi estacionar mesmo debaixo do arranha-céus em construção. Mila reconheceu o carro do Juiz. Gurevich e Boris foram rapidamente ao seu encontro.

Em vez de sair, o passageiro permaneceu sentado no habitáculo e baixou a janela para conversar com os dois que estavam em pé, no exterior. Mila encontrava-se do lado oposto da viatura e não podia assistir ao diálogo. Decorreram alguns minutos. Em seguida, os inspetores afastaram-se, finalmente, para permitirem a abertura da porta.

O salto de doze centímetros pousou no chão poeirento de cimento. A cabeleira louríssima surgiu logo a seguir. O *tailleur* era negro, como sempre, e a maquilhagem perfeita, mesmo àquela hora da manhã.

Como sempre, Joanna Shutton, o Juiz, estava impecável.

Sobre ela giravam muitas histórias dentro do departamento. Nenhuma ultrapassara o estatuto de mexerico. Sabia-se apenas que era solteira e que a

sua vida privada estava blindada. Mas o mais importante de tudo é que nenhuma daquelas bocas continha uma insinuação de natureza sexual. Isso dizia muito sobre o seu poder de intimidação. Tinha um currículo perfeito para ascender ao papel de comandante-chefe.

Depois de se ter distinguido na academia como a melhor do curso, a Joanna Shutton não fora reservado um papel de prestígio. A rapariga tinha um futuro promissor, mas ao seu lado os colegas do sexo masculino faziam má figura e, além disso, era uma pedante chata. Por isso, só lhe confiavam casos menores. No entanto, conseguia sempre encontrar maneira de distinguir-se, graças à capacidade de aprendizagem, empenho e abnegação. Também ganhara a alcunha difamatória de «Juiz», que ela depressa transformaria em título de mérito.

Os jornalistas rapidamente começaram a adorá-la.

Era perfeita para as primeiras páginas e para a televisão, com as semelhanças com uma modelo e o carácter severo de um polícia da velha guarda. Comprovara-se aquilo que os seus superiores temiam. Não queriam que a imagem da polícia federal fosse filtrada através da figura de uma loura sensual.

Em apenas dois anos, manobrando por várias funções, Joanna Shutton tornara-se a mais jovem inspetora da história do departamento. Desde então, mais ninguém conseguira criar obstáculos à sua ascensão até ao topo do comando.

A mulher tirou os óculos de sol e dirigiu-se com passo seguro para o centro da cena, avaliando o espetáculo oferecido pelas ruínas da vivenda de tijolo vermelho.

– Quem pode pôr-me a par da situação?

Imediatamente, em torno da chefe reuniram-se o zeloso Gurevich, Boris e o comandante dos bombeiros. Foi este último quem falou.

– Controlámos as chamas há uma hora. Mas o edifício desabou quase de

imediatamente. Segundo disse a vossa agente, o fogo rebentou de repente. Mas não me parece que possa confirmar a natureza dolosa: com todo o material inflamável que estava amontoado lá dentro bastaria uma faísca.

O Juiz ponderou a frase.

– Uma faísca que, segundo parece, esperou anos e escolheu precisamente esta noite para incendiar tudo.

O comentário sarcástico de Shutton caiu no silêncio como uma pedra num charco. Nunca sabiam como reagir diante dela, notou Mila. Não se percebia se estava a brincar ou se utilizava a ironia como um chicote, com a única intenção de mantê-los na linha.

– Agente Vasquez – convocou-a a mulher, sem sequer olhar para ela.

A agente aproximou-se do grupo. A aura de *Chanel* do Juiz expandia-se em redor, como uma esfera de poder que, naquele momento, abrangeu também Mila.

– Sim, senhora.

– Dizem-me que viu um homem lá dentro e que ele tentou agredi-la.

Não tinha sido precisamente assim, mas Mila respeitou a versão combinada com Berish.

– Houve uma breve luta corpo a corpo durante a qual a lanterna me caiu. Ficámos às escuras mas consegui disparar alguns tiros para pô-lo em fuga.

– Então não o feriu.

– Creio que não. – Desta vez Mila era sincera. – Só o vi fugir. E fugi também porque corria o risco de me cair tudo em cima.

– E perdeu a pistola. É exato?

Mila baixou o olhar. Não era honroso para um polícia perder a arma. Não podendo revelar que tinha sido Berish a disparar, salvara-se também da obrigação de ter de admitir que a pistola lhe caíra da mão devido a uma estúpida desatenção. Em qualquer dos casos, não fazia boa figura.

– É exato, Juiz.

Shutton desinteressou-se momentaneamente de Mila e olhou à sua volta.

– Onde está Chang?

Pouco depois, o médico-legista emergiu num fato de amianto dos escombros incandescentes. Tirou o capacete e juntou-se a eles.

– Mandou chamar-me?

– Descobriram corpos na cena?

– No local estavam grandes quantidades de substâncias químicas, hidrocarbonetos e plástico: tudo coisas que, quando se inflamam, produzem temperaturas altíssimas. Acresce que os tijolos da construção funcionaram como fornalha. Em semelhantes condições, qualquer resto humano seria praticamente dissolvido – disse, seguro, o médico-legista.

– No entanto, estava lá o homem – afirmou Mila com voz quase estridente, sem se dar conta de que ninguém estava a acusá-la de mentir. – E havia o esqueleto de Diana Müller, uma rapariga desaparecida quando tinha catorze anos, da qual não havia notícias há nove anos.

– Como é possível que nunca ninguém se tenha apercebido de nada? – perguntou o Juiz.

– A casa fazia parte de uma herança indivisa – detalhou Gurevich, ignorando Mila. – Segundo a empresa que hoje deveria demolir o prédio, não vivia lá ninguém. E é estranho que não tenha chegado aos serviços sociais nenhuma notificação durante todo este tempo. Olhem em redor: não estamos propriamente num subúrbio desabitado. É a zona empresarial, com milhares de pessoas que transitam e trabalham aqui todos os dias.

Sim, mas depois do pôr do sol este local é um deserto, gostaria de rebater Mila, mas sacudiu simplesmente a cabeça em sinal de negação.

Só Boris não caiu sobre ela, limitando-se a evitar olhá-la. Aquele silêncio feria mais a agente do que as veladas acusações do outro inspetor. Por sua vez, Joanna Shutton parecia imperturbável.

– Se aconteceu como diz a agente Vasquez, então o homem que a agrediu

também provocou o incêndio e escolheu morrer entre as chamas – afirmou Gurevich num tom pedante. – Porquê? É insensato.

O Juiz voltou-se novamente para o comandante dos bombeiros.

– Imagino que tenha falado com a empresa que gere o estaleiro das obras.

– Efetivamente, falámos com eles porque conheciam bem a área onde deveríamos intervir.

– Diga-me, excetuando a entrada principal, havia outra maneira de aceder à casa?

O comandante refletiu um momento e respondeu: – Bem, os esgotos passam mesmo por baixo da propriedade. Não excluiria que alguém tivesse encontrado maneira de aceder a eles pelo interior do edifício.

O Juiz voltou-se para os seus dois colaboradores.

– Aqui está uma possibilidade que não tomaram em consideração. Isto é, que os habitantes da casa usassem uma via diferente para entrarem e saírem sem serem vistos. O agressor pode tê-la utilizado para escapar depois de pegar fogo a tudo.

Mila acolheu o apoio inesperado de Shutton. Mas não se iludiu.

Finalmente, o Juiz fixou-a.

– O ceticismo dos seus colegas, minha cara, deve-se ao facto de ter agido sem esperar ordens, demonstrando uma absoluta falta de respeito pelas hierarquias. Além disso, pôs em risco a investigação. Será difícil retomar o fio da meada, dado que as provas, se é que as havia, foram destruídas pelo incêndio.

Mila gostaria de dizer que lamentava, mas as suas palavras pareceriam uma infeliz mentira. Por isso, calou-se e, de cabeça baixa, continuou a sofrer.

– Se pensa que é melhor do que nós, então diga-o. Conheço o seu trabalho, sei que é boa. Mas nunca esperei de uma agente tão experiente um comportamento semelhante. – Em seguida, Shutton dirigiu-se aos outros: – Deixem-nos a sós.

34

Os três homens afastaram-se depois de uma rápida troca de olhares.

Não obstante estarem em maioria, diante de uma mulher como o Juiz, os homens pareciam estar sempre em inferioridade.

Ao ficarem sozinhas, Shutton esperou uns segundos antes de falar, como se quisesse refletir bem.

– Gostaria de ajudá-la, agente Vasquez.

A agente, que esperava outra reprimenda, ficou estupefacta.

– Desculpe, como disse?

– Acredito em si.

Era muito mais do que um apoio. Parecia mesmo a proposta de uma aliança.

Shutton começou a andar e Mila acompanhou-a.

– Quando vinha para aqui, o inspetor Gurevich pôs-me a par do que aconteceu. Referiu que você teria a intenção de inserir no relatório algumas referências a factos ocorridos há vinte anos.

– Sim, senhora.

– O Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite... É exato?

– E Kairus – acrescentou Mila.

– Sim – disse o Juiz, parando. – Agora há também este nome.

Mila convenceu-se de que Shutton já o conhecia. Mas talvez fizesse parte de uma verdade reservada a poucos.

– Recordo-me do caso dos insones – afirmou a chefe do departamento. – O caso marcou também o declínio do Programa de Proteção de Testemunhas. Alguns anos depois, um dos agentes especiais envolvidos perdeu a sua dignidade por um outro caso sórdido.

Mila intuiu que estivesse a referir-se a Simon Berish. Não perguntou o

que acontecera, mas foi Shutton quem lho disse.

– Aceitou uma quantia de dinheiro para deixar fugir um criminoso arrependido que deveria proteger mas, também, vigiar.

Mila não conseguia acreditar que fosse aquele o motivo pelo qual Berish era considerado um rejeitado. Não o imaginava no papel de polícia corrupto. De repente, deu-se conta de que Shutton morria de vontade de lhe contar a história. Decidiu aguentar o seu jogo.

– Aquele agente já não estará ao serviço, imagino.

O Juiz parou, voltando-se para olhá-la.

– Infelizmente nunca conseguimos encontrar as provas para prendê-lo.

– Porque me diz tudo isso?

– Porque não quero que se dirija a ele. – Admitiu-o com extrema franqueza. – Aconteça o que acontecer, você só se dirigirá a mim. Estamos entendidas?

– Entendidas. Há algum fator que me impeça de referir Kairus no meu relatório? – perguntou para provocá-la.

– De todo – minimizou o Juiz. O tom tornou-se confidencial. – Mas se quer um conselho, de mulher para mulher, não o faria. É um caso antigo, com vinte anos: sem provas ou indícios, corremos o risco de ficarmos empancados. E depois, aqueles nomes não significam nada. São apenas um espantalho bom para o público, criado pelos meios de comunicação para aumentar a audiência televisiva ou vender mais alguns exemplares de jornais e revistas. Não se deixe ridicularizar andando atrás de um personagem de banda desenhada.

Mas Mila não podia evitar pensar na figura que encontrara naquela casa. Era humano, de carne e osso como toda a gente. Talvez o contexto – o ninho e a escuridão misturados com o medo – tivesse contribuído para que o idealizasse. Podia concordar com o facto de que não se tratava de um monstro.

Mas estava lá e era real.

– E se no relatório afirmasse que tinha sido simplesmente agredida por um desconhecido?

Shutton sorriu.

– Parece-me, decididamente, muito melhor. – Logo a seguir, perscrutou-a. – Segui os seus passos desde o início da investigação e creio que se moveu bem. Sei que manifestou perplexidades em relação à hipótese de haver uma organização terrorista por trás da série de homicídios.

– Sim, efetivamente. E continuo a não acreditar nisso.

– Posso permitir-me investir na sua ideia, agente Vasquez?

Mila não compreendia em que estava a pensar o Juiz.

– Gurevich pediu-me que a afastasse do caso, mas considero que você pode ser útil de outro modo. – Shutton fez sinal ao seu motorista, que saiu rapidamente do carro trazendo-lhe uma pasta castanha.

O Juiz entregou-a a Mila que a observou. Era muito fina.

– Do que se trata?

– Quero que siga uma nova pista. E aqui dentro há uma coisa que tenho a certeza que lhe interessará.

O escritório tinha sido sempre o seu refúgio mas, agora, parecia-lhe uma cela.

Berish andava de um lado para outro procurando uma maneira de evadir.

– Não consegui atingi-lo – disse, virado para *Hitch* que, deitado no seu canto, seguia com a cabeça a inquieta caminhada do dono.

Não conseguia ter paz devido ao que acontecera na noite anterior. No escuro, a mão tremera-lhe e não conseguira atingir o alvo. No fundo, não empunhava a pistola há algum tempo. O homem de ação tornara-se um homem da mente, recordou a si mesmo, rindo-se.

Mas a coisa pior era não ter conseguido ver bem o rosto do artífice do tormento que o perseguira durante vinte anos. Assim, deveria interrogar-se mais uma vez, sem tréguas.

Kairus voltou, repetia para si próprio.

Naquela noite, antes de abandonar o estaleiro das obras, Mila revelara-lhe tudo o que acontecera nos últimos dias, pondo-o a par do massacre realizado por Roger Valin e dos homicídios cometidos por Nadia Niverman e Eric Vincenti. Todas as pessoas que, como André García, tinham desaparecido e depois reaparecido, apenas para matar.

Berish ouvira com atenção o relato dos crimes que haviam sido inicialmente identificados como vinganças e, depois, como atos terroristas, enquanto um antigo medo o invadia, seguindo por um caminho conhecido mas que não percorria há anos. Um grumo de dúvidas e apreensões subira-lhe à garganta.

O que estava a acontecer? Porquê aqueles delitos interligados?

Cada vez que ficava inquieto, Sylvia procurava acalmá-lo. A recordação atravessava o manto informe das angústias, como uma miragem luminosa que

rasga a neblina. Vinha consolá-lo com o seu sorriso e com uma carícia na mão.

Não havia um dia em que Berish não pensasse nela.

Embora estivesse convencido de que tinha conseguido desterrar a sua memória num lugar fechado a si mesmo, Sylvia arranjava sempre maneira de regressar. Como um gato que consegue encontrar o caminho para casa. Surpreendia-o nos objetos, ou numa paisagem. Ou vinha falar-lhe com as palavras de uma canção.

Por mais breve que tivesse sido a sua história, ele ainda a amava.

Mas já não era o sentimento selvagem que se revoltara ferozmente contra ele desde que acabara, quase a pedir-lhe explicações pelo que acontecera e a atribuir-lhe a culpa. Transformara-se numa longínqua nostalgia. Aflorava no coração, ele recolhia-a por um instante com os dedos, contemplava-a como se fosse um panorama sugestivo e, depois, deixava-a cair de novo.

No primeiro encontro, ficara surpreendido com a sua trança preta. Depressa aprenderia que o gesto de desfazê-la era o sinal de que queria fazer amor. Não estava bonita naquele dia. Mas Berish percebeu, de imediato, que não podia passar sem ela.

Três batidas despertaram o agente especial.

Berish parou no meio da divisão. Também *Hitch* se pôs alerta.

Ninguém batia à porta daquele gabinete.

– Provavelmente o homem que vimos na casa conseguiu salvar-se do incêndio escapando através dos esgotos.

Mila estava fora de si. Berish puxou-a para o gabinete, esperando que os colegas não a tivessem visto.

– Porque vieste aqui?

A agente do Limbo apontou para uma pasta castanha.

– Shutton falou-me de ti. Tomou ela a iniciativa, aconselhando-me, ou melhor, intimando-me a desistir de ti. Mas se o chefe do departamento deu

um passo destes, então é porque há qualquer coisa.

Berish estava desorientado. Não conseguia imaginar o que Shutton poderia ter contado a Mila. Ou talvez imaginasse muito bem e não quisesse que a agente se deixasse condicionar. Mas, se tinha vindo ali, essa possibilidade poderia ser excluída.

– Sei que preferirias deleitar-te na tua condição de renegado – dizia Mila, reagindo ao seu silêncio. – Até percebo, mas agora essa atitude parece-me demasiado comodista. Quero saber tudo.

O agente especial procurou fazê-la baixar a voz.

– Já te disse tudo.

Mila indicou a porta.

– Lá fora, no mundo real, tive de mentir por ti. Conteí uma quantidade de mentiras ao chefe do departamento para não te criar problemas. Penso que agora me deves alguma coisa.

– Não te basta que te tenha salvado a vida esta noite?

– Agora estamos os dois envolvidos.

Mila pousou a pasta que trazia consigo na secretária.

Berish olhou-a como se se tratasse de uma granada de mão pronta a explodir.

– O que há aqui dentro?

– A prova de que, até este momento, não nos enganámos.

O agente especial caminhou em torno da mesa, sentou-se e cruzou as mãos sob o queixo.

– Está bem. O que queres saber?

– Tudo.

Para os desaparecimentos dos sete insones, vinte anos antes, houvera um epílogo.

A polícia federal indagara o que poderiam ter em comum um ex-militar homossexual, um rapaz que fazia entregas, uma estudante, um professor de

Ciências reformado, uma viúva, a proprietária de uma lavandaria e uma empregada comercial.

Se tivessem encontrado aquilo que tinham em comum, talvez tivessem percebido se, e por que razão, alguém se interessara por eles, fazendo-os desaparecer. Mas nada surgira, excetuando a particularidade demasiado fraca da insónia.

Parecia um caso propositadamente montado pela imprensa com base em meras coincidências. No fundo, quantas pessoas desapareciam todos os dias nas cidades? E quantas tomavam soníferos? Mas a opinião pública afeiçoara-se à ideia macabra de que havia um responsável. A teoria parecia menos credível a quem fora chamado a indagar sobre o caso.

Foi então que surgiram as testemunhas.

– Há sempre alguém que viu ou julgou ver alguma coisa. No departamento estávamos preparados para reconhecer fanfarrões ou mitómanos atraídos pelas luzes da ribalta, e sabíamos como lidar com eles. Em primeiro lugar, avaliávamos se tinham esperado muito tempo para aparecerem. Depois, todas as versões que habitualmente contavam eram, mais ou menos, semelhantes: é um clássico. Falavam-nos de um tipo suspeito que andava junto da casa de um dos desaparecidos. Então, submetíamos-os à prova de identificação. Não sei porquê, mas quando se trata de criminosos as pessoas descrevem sensivelmente a mesma cara: olhos pequenos e testa grande. Segundo a Antropologia, é uma herança da evolução: o inimigo aguça o olhar quando está a fixar-nos e a testa é a primeira coisa que nos habituamos a notar no caso de termos de identificar um adversário que se esconda num espaço aberto. De qualquer maneira, se ocorrem os dois elementos somáticos, então, pode-se duvidar legitimamente que a identificação seja autêntica. – Berish aclarou a voz. – Mas um deles forneceu-nos uma descrição que parecia digna de crédito.

O agente especial abriu a gaveta da secretária e entregou a Mila uma

folha com uma retrato-robô.

Kairus – o homem que fazia desaparecer as pessoas – tinha um rosto andrógino.

Foi a primeira coisa que a agente notou enquanto observava com atenção para perceber se reconhecia o rosto vislumbrado na noite anterior, entre os clarões dos disparos da pistola de Berish. Não obstante a pobre reprodução do retrato, privado de perspectiva, do desenho emergia a delicadeza dos traços. Pareciam convergir em torno dos olhos negros que, como espirais gêmeas, absorviam a luz à sua volta. Os cabelos escuros faziam de coroa a uma testa ossuda. As maçãs do rosto eram altas e os lábios cheios. A meio do queixo, uma pequena cova imprimia força e graça, simultaneamente.

Como era previsível, Kairus não parecia, realmente, um monstro.

– O depoimento da testemunha era cuidado, preciso, circunstanciado: relevável em todos os pormenores. Segundo o relato, Kairus andava pelo metro e setenta de altura, corpo atlético, à volta dos quarenta anos. A testemunha apercebera-se dele porque, no momento do encontro, um comportamento particular tinha esculpido aquela figura humana na sua memória.

O Senhor da Boa Noite sorria.

– Sem um motivo, como se quisesse, simplesmente, que se recordasse dele. A testemunha explicou-nos que tivera uma sensação mista de mal-estar e inquietação.

Puseram-na sob proteção. Mas não foi suficiente.

– Enquanto a protegiam, desapareceu no nada.

No rosto de Berish formou-se a típica expressão de quem reconhece estar perante uma ameaça que não é capaz de compreender.

– É como se fosses ao cinema ver um filme de terror e o monstro atravessasse a tela: o medo pelo qual pagaste o bilhete torna-se outra coisa e não sabes como denominá-lo. É pânico, mas também algo mais. É a própria

ideia de não ter saída. A irremediável e súbita consciência de que não existe distância que possa pôr-te a salvo. E que a morte conhece o teu nome. – Berish passou uma mão pelos cabelos grisalhos. – Chamámo-lo e ele apareceu: o Senhor da Boa Noite está entre nós. Não só tinha um rosto, como tinha escolhido precisamente como queria ser chamado.

Kairus.

– Três dias depois do desaparecimento da única pessoa que o tinha visto face a face, chegou um envelope ao departamento. Dentro dele havia uma madeixa de cabelo pertencente à testemunha. Estava acompanhada por um bilhete. Uma única palavra. Um nome. Kairus.

Não se contentara em aparecer à luz do dia. Apresentara-se como num verdadeiro desafio para um duelo.

– Parecia que dizia: não se enganaram até agora. Fui sempre eu. Têm o meu retrato-robô e agora também o meu nome. Encontrem-me.

No departamento reinava um pesado ar de derrota e o medo não poupava ninguém. Porque, se era esse o nível da provocação, então a intimidação dizia respeito a todos, e não apenas aos seres humanos mais insignificantes.

– Acabou ali, nunca mais ouvimos falar de Kairus e não houve mais desaparecimentos – prosseguiu Berish. – A partida mais conseguida do Senhor da Boa Noite foi deixar-nos sozinhos diante de uma dúvida. Não podia ser chamado de assassino, porque não havia cadáveres. Não podia ser definido como raptor, porque não existia prova de que os desaparecimentos tivessem ocorrido por meio da força. Em torno dele e das suas motivações só havia hipóteses. Kairus era o autor de um crime sem nome. Mesmo que tivesse sido capturado, não saberíamos do que o poderíamos incriminar. Mas, para as pessoas desaparecidas, era igualmente usada a denominação de vítimas.

– Como se chamava a testemunha?

– Sylvia.

A testemunha era uma mulher.

Mila apercebeu-se de que Berish hesitara ao pronunciar o nome, como se lhe custasse.

– Se essa Sylvia já vos tinha fornecido o rosto de Kairus, porque a fez desaparecer?

– Para mostrar-nos o que era capaz de fazer. E como estava determinado a fazê-lo.

– E conseguiu-o – concluiu amargamente a agente. – Porque, obviamente, quando o retrato-robô não vos levou a nenhum lado, decidiram arquivar o caso, antes que o falhanço vos perturbasse. Mas, na realidade, foi um verdadeiro abafamento: no arquivo do Limbo só encontrei um dossiê limpo. Apresentaste uma justificação afirmando que o Senhor da Boa Noite era apenas uma invenção, uma espécie de lenda, um *bluff*. – Mila estava fora de si de raiva. – Em vez disso, era real – e de que maneira. E a prova é que esta noite tivemos-lo diante de nós.

O agente especial ainda parecia abalado pelo que sucedera na vivenda de tijolo vermelho.

– Estavas sob o comando de Steph no Programa de Proteção de Testemunhas, por isso te tocou a tarefa de proteger Sylvia, foi isso? – No rosto de Mila havia, agora, desilusão. – Além de ti e do capitão Stephanopoulos, quem mais estava envolvido?

Berish enfrentou a agente com franqueza.

– Joanna Shutton e Gurevich.

Mila ficou bloqueada. O Juiz? Por isso lhe oferecera a sua ajuda um pouco antes.

– De acordo com o vosso capitão Steph, fizeram um pacto para salvarem

as vossas carreiras. Mais ninguém procurou os desaparecidos. Não quiseram saber de mais nada.

– Vens falar-me a mim de carreira? – Berish exibiu-se numa risada irónica. – E Stephanopoulos pediu para ser colocado no Limbo porque não queria demitir-se.

– Mas tu permitiste que os outros desistissem em nome dos seus interesses pessoais. Foste cúmplice.

Berish sentia que merecia a acusação. Mas quis rebater.

– Se pudesse voltar atrás, faria tudo na mesma, porque Shutton e Gurevich são ótimos polícias. Não lhes fiz um favor a eles, mas ao departamento.

Mila perguntou-se por que motivo o agente especial tomava a defesa dos colegas que, certamente, o desprezavam. Voltou a pensar na história que o Juiz lhe contara sobre a suspeita de que Berish fosse um polícia corrupto. Por um instante foi invadida pela dúvida que fosse tudo verdade.

Mas a agente começava a perceber o motivo da forma como tinham sido abafados os homicídios dos últimos dias – a começar pelo massacre realizado por Roger Valin. Evitando fugas de notícias, os seus superiores não procuravam proteger a integridade das investigações, mas sim a si próprios, de um escândalo pelo que acontecera há vinte anos.

– E Klaus Boris estará ao corrente desta história?

– Tu e o teu amigo são apenas peões neste jogo.

Mila sentiu um ligeiro alívio ao ouvir as palavras de Berish. Não podia ter a certeza de que correspondessem à verdade, mas confortavam-na.

– Então por que motivo me entregou o Juiz aquela pasta? – Apontou para o envelope castanho em cima da mesa.

– Não sei o motivo – viu-se obrigado a admitir Berish. – Na realidade, deveria ter-te tirado do caso. Mas, com Joanna, nunca se pode saber. É boa a usar as pessoas.

– Se leres o que está escrito aí, verás que praticamente me ofereceu uma ocasião para chegar à verdade sobre o que vocês decidiram há vinte anos.

Berish sorriu amargamente.

– E confias nela? Tê-lo-á feito porque já percebeu que a história acabará por ser divulgada. Está só a preparar-se para o pior, acredita em mim.

O agente especial podia ter razão. Por isso, Mila decidiu que não lhe importava ter de relacionar-se com um polícia que, provavelmente, se deixara corromper no passado por um criminoso arrependido.

– Porque não dás uma olhadela ao dossiê? Poderias também decidir dar-me uma ajuda...

Berish bufou. Olhou Mila, depois a pasta castanha. Finalmente, estendeu a mão até à mesa e começou a lê-la.

Mila observava-o enquanto os seus olhos percorriam as linhas de uma única folha. Quando acabou, pousou-a.

– Se aqui está escrita a verdade, então muda tudo.

Era uma terça-feira de fim de setembro que parecia verão.

O ar quente envolvia-os como um abraço do qual era impossível libertarem-se. *Hitch* ia com a cabeça fora da janela do *Hyundai*, desfrutando a brisa artificial, produzida pela velocidade do carro.

Mila observava a estrada, enquanto Berish, no banco ao lado, relia pela enésima vez o conteúdo da pasta castanha.

O agente especial tinha uma mancha de café no punho da camisa que procurava esconder puxando obstinadamente a manga do casaco. Fazia-o quase sem se aperceber disso. Mila reparou no gesto pelo canto do olho e pareceu-lhe amável. Berish tinha em atenção o seu aspeto, mais pelo decoro do que, propriamente, pela aparência. Recordou-lhe o seu pai que, quando era vivo, tinha o cuidado de engraxar os sapatos todas as manhãs. Dizia que era importante apresentar-se bem, por respeito aos outros. Embora não tivesse, certamente, a idade do seu pai, Berish possuía maneiras de homem à antiga. E isso, para Mila, era tranquilizador.

– Há quanto tempo não dormes? – perguntou-lhe distraidamente.

– Estou bem.

As últimas vinte e quatro horas tinham sido uma frenética sucessão de acontecimentos. O calor da tarde produzia um efeito calmante nos nervos da agente. Os subúrbios que estavam a atravessar eram tranquilos. Compostos por vivendas familiares, todas diferentes, eram habitados, sobretudo, pela classe operária. As pessoas trabalhavam e criavam os filhos, não aspirando a mais do que uma vida serena. A comunidade devia ser muito unida e, obviamente, todos se conheciam.

Passaram diante da igreja batista no fundo do quarteirão. Uma construção branca no meio de um amplo relvado com um campanário no cimo. Ouviam-

se hinos de alegria, embora no exterior estivesse estacionado um carro funerário.

Mila virou mesmo ali ao lado e foi parar diante da terceira casa da rua, à sombra de um grande olmo.

Saíram do carro e uma rajada de vento quente veio acolhê-los para depois seguir o seu caminho. No jardim em frente à modesta habitação, que se desenvolvia num único piso, havia três crianças – dois rapazes e uma rapariga. Pararam de brincar para observarem os dois intrusos. Os seus rostos estavam cobertos por pequenas manchas vermelhas.

– A mamã está em casa? – perguntou Berish, enquanto mandava *Hitch* sair do carro.

Nenhum dos três respondeu, concentrando-se de imediato no *hovawart*.

Naquele momento, apareceu à porta da casa uma mulher com uma criança de cerca de dois anos nos braços que, por um instante, os perscrutou com ar de desconfiança. Mas, depois, a criança sorriu para o cão.

– Bom dia – disse a mulher.

– Bom dia – respondeu Berish devolvendo o tom cordial. – Senhora Robertson?

– Sim, sou eu.

Nesse momento, os dois agentes percorreram o caminho de entrada, passando por alguns brinquedos e por um triciclo, subindo depois os degraus que conduziam ao terraço.

– Somos da polícia federal. – Chegado à porta, o agente policial tirou a única folha que trazia na pasta castanha e, mantendo-a erguida entre dois dedos, mostrou-a à mulher. – Reconhece esta denúncia?

– Sim – disse a senhora Robertson, um pouco desorientada. – Mas nunca mais tive notícias.

Berish trocou um rápido olhar com Mila e dirigiu-se, novamente, à dona de casa.

– Podemos entrar?

Pouco depois, *Hitch* divertia-se no jardim junto dos filhos mais crescidos da senhora Robertson, enquanto os dois agentes estavam sentados na sala de estar da casa.

O tapete aos seus pés estava repleto de construções e de peças de um puzzle. Na mesa de refeições havia um cesto cheio de roupa para passar a ferro. Um prato sujo estava em equilíbrio no braço de uma poltrona.

– Desculpem a desordem – disse a dona de casa, enquanto colocava num parque a criança que tinha ao colo. – É difícil estar atenta a tudo com cinco filhos a crescerem.

Já tinha explicado que os mais crescidos não estavam na escola porque tinham contraído rubéola. O penúltimo tinha ficado naquele dia em casa com ela porque no infantário tinham medo do contágio. Quanto ao mais pequeno, de apenas três meses, dormia no berço colocado na entrada.

– Não se preocupe – disse Mila. – Nós é que pedimos desculpa por virmos sem avisar.

Camilla Robertson era uma mulher robusta que já tinha ultrapassado os trinta anos. Os braços fortes emergiam de uma blusa amarela sobre a qual se destacava um colar com um pequeno crucifixo de prata. Cabelo castanho curto, tez clara e límpidos olhos azuis realçados por faces vermelhas. A impressão geral era a de uma mamã atarefada mas feliz.

– O meu marido é o pastor Robertson da igreja batista aqui na esquina – decidiu dizer a mulher enquanto se sentava com eles, depois de ter libertado a poltrona do prato sujo. – Está a celebrar as exéquias de um irmão da comunidade que morreu ontem e eu deveria estar agora junto dele.

– Lamentamos muito pelo vosso amigo – interveio Berish.

A mulher reservou-lhe um sorriso sincero.

– Não têm de lamentar. Agora está nas mãos do Senhor.

A casa estava mobilada de maneira simples, os únicos embelezamentos

eram constituídos por molduras com fotografias de família e quadros que representavam Jesus, a Virgem ou a Última Ceia. Para Mila, não pareciam ornamentos de uma fé desmedida, mas o tributo a uma religiosidade profunda que acompanhava todos os aspetos da vida familiar.

– Posso oferecer-vos alguma coisa? – perguntou a mulher.

– Não se incomode, senhora Robertson – respondeu-lhe Berish.

– Camilla – corrigiu-o ela.

– De acordo, como quiser... Camilla.

– Posso servir-lhes um café? É um instante.

– A sério, temos muita pressa – procurou refreá-la o agente especial. Mas a mulher já se levantara para ir à cozinha.

Foram obrigados a esperá-la alguns minutos, enquanto o filho de dois anos os observava de dentro do parque. Camilla regressou com uma bandeja e duas chávenas fumegantes que serviu de imediato aos visitantes.

– Poderia contar-nos a história daquela denúncia? – perguntou Mila para acelerar as coisas.

A senhora Robertson voltou a sentar-se na poltrona, juntando as mãos entre os joelhos.

– O que vos posso dizer? Já foi há tanto tempo, praticamente numa outra vida.

– Não é necessário que seja precisa, pode referir só aquilo de que se recorda – encorajou-a Berish.

– Vejamos... Tinha quase dezasseis anos. Vivia com a minha avó num condomínio para os lados da passagem ferroviária. A minha mãe deixou-me quando eu tinha poucos meses, era uma desatinada e não sabia ocupar-se de mim. Quanto ao meu pai, nunca o conheci. Mas não os censuro, perdoei-lhes.

– Fez uma careta ao pequenino no parque que trocou com ela um sorriso desdentado. – A minha avó Nora não me queria, dizia sempre que era um peso para ela. Recebia um subsídio de doença porque, quando era jovem,

fraturara a bacia ao trabalhar numa fábrica. Afirmava que, se não fosse eu, com aquele dinheiro estaria muito melhor, mas, por minha culpa, era obrigada a fazer uma vida de cão. Procurou várias vezes colocar-me numa instituição, mas eu fugia sempre para regressar a sua casa. Sabe-se lá porquê. Depois, com oito anos, fui confiada a uma família. Eram boas pessoas e tinham mais seis crianças – alguns de outros pais, precisamente como eu. Viviam em harmonia e estavam sempre felizes. Eu, pelo meu lado, estava desorientada porque não conseguia perceber o motivo daquele afeto desinteressado. A mulher não era minha familiar e, no entanto, ocupava-se de mim: fazia o meu lanche, preparava-me as refeições, e coisas assim. Pensava que, de algum modo, deveria estar grata, ou que fosse esperado que estivesse. Assim, uma noite, tirei a roupa e meti-me na cama com o seu marido, como vira fazer num filme que passara uma noite na televisão da minha avó. O homem não se zangou. Foi gentil e disse-me que certos comportamentos não ficavam bem a uma menina e que voltasse a vestir-me. Mas apercebi-me, de imediato, que ficara muito perturbado. Como poderia eu saber que o que procurara fazer com ele era uma coisa de adultos? Nunca ninguém mo tinha explicado. No dia seguinte, uma assistente social veio buscar-me. Nunca mais voltei a vê-los.

Camilla Robertson contara o episódio com um à-vontade que surpreendeu Mila. Como se já tivesse ajustado contas com o passado e estivesse plenamente em paz, sem ter de preocupar-se em esconder alguma coisa. E no tom de voz não havia rancor, apenas uma vaga tristeza.

Berish gostaria que chegasse ao que lhes interessava, mas apercebeu-se de que deveria deixá-la falar.

– O primeiro telefonema chegou quando tinha dezasseis anos, no dia do meu aniversário. O telefone tocou várias vezes, eram duas da tarde e, habitualmente, a avó dormia até às seis. Os toques terminaram e recomeçaram, logo de seguida. Foi então que respondi. Do outro lado havia

um homem que me deu os parabéns. Foi estranho, nunca ninguém se lembrava do meu aniversário. Até então, tivera apenas um bolo com velinhas, durante um dos meus muitos anos passados no instituto, e tivera de apagá-las juntamente com cinco crianças que tinham nascido no mesmo dia. Foi bonito, mas não especial. Mas quando aquele homem ao telefone me disse que telefonara só para mim, senti-me... lisonjeada.

Mila observou as fotografias dos Robertson espalhadas pela sala. Dezenas de bolos de aniversário e faces sorridentes sujas de creme e natas.

– Esse homem disse-lhe quem era? – perguntou Berish.

– Nem sequer lho perguntei. Não me interessava. Os outros referiam-se a mim chamando-me «a neta da Nora», e quando a Nora precisava de mim utilizava palavras feias. Por isso, o que contava era que *ele* conhecesse o meu nome. Perguntava-me se estava bem e queria saber algumas coisas da minha vida, por exemplo, como ia na escola, quem eram os meus amigos, o meu cantor ou grupo preferido. Mas sabia também muitas coisas: que a minha cor preferida era o violeta, que mal tinha um pouco de dinheiro no bolso corria para o cinema, que era louca pelos filmes com animais e que gostaria de ter um cão com o nome *Ben*.

– Não a surpreendeu que soubesse assim tanto sobre si? – espantou-se Mila.

Camilla Robertson sacudiu a cabeça, divertida.

– Asseguro-lhe de que ficava mais impressionada pelo facto de alguém se interessar por mim.

– O que aconteceu depois?

– Os telefonemas tornaram-se regulares. Habitualmente telefonava ao sábado à tarde. Falávamos durante cerca de vinte minutos, mas falava-se, sobretudo, de mim. Era agradável e não me pesava não saber quem era ou que rosto tinha. Pelo contrário, por vezes era bonito pensar que me escolhera para estabelecer uma relação especial. Nunca me disse para não contar a

outros as nossas conversas, por isso, não suspeitava que tivesse más intenções. Nunca pretendeu encontrar-se comigo ou que eu fizesse qualquer coisa para ele. Era o meu amigo secreto.

– Durante quanto tempo falaram? – perguntou Berish.

A mulher fez um cálculo.

– Durante cerca de um ano... Depois, os telefonemas cessaram. Mas ainda me recordo do penúltimo. – Fez uma pausa e ficou séria. –Tinha um tom de voz diferente. Mas fez uma pergunta que nunca me tinha feito e que soava mais ou menos como: «Gostarias de ter uma nova vida?» Depois, explicou-me o que queria dizer. Se quisesse, poderia mudar de nome e de cidade, recomeçar de novo sem uma avó e talvez ter um cão chamado *Ben*.

Mila e Berish trocaram um rápido olhar de entendimento.

– Não me explicou como poderia acontecer uma coisa do género, só me disse que, se o desejasse, ele podia torná-lo realidade.

Mila estendeu-se para a mesinha para pousar a chávena de café, muito lentamente, porque não queria quebrar o clima que fora criado.

– Parecia-me uma loucura e pensei que fosse uma brincadeira. Mas ele estava muito sério. Assegurei-o de que estava bem e que não queria outra vida. A verdade é que só procurava tranquilizá-lo. Desagradava-me que tivesse pena de mim. Ele disse-me para pensar bem na proposta e que poderia dar-lhe uma resposta no sábado seguinte. Quando telefonou de novo, uma semana depois, repeti-lhe as mesmas coisas. Não parecia incomodado por isso. Recomeçámos a falar disto e daquilo. Não sabia que seria a nossa última conversa. Recordo-me que, sete dias depois, não tendo soado o telefone, tive uma sensação de abandono como nunca me acontecera na vida. – A criança no berço começou a chorar e Camilla Robertson recompôs-se dos seus pensamentos. – Desculpem-me – disse, levantando-se para ir ver a criança.

Mila voltou-se para Berish e falou em voz baixa: – Tenho a impressão de que ainda há muito por contar.

O agente especial indicou com um dedo a pasta castanha com a denúncia.
– Ainda temos de falar disto...

Pouco depois, Camilla Robertson regressou com a criança.

Ficou de pé, embalando-a nos braços para que voltasse a adormecer.

– Não suporta o calor e, francamente, eu também não. O Senhor ofereceu-nos um verão longo este ano – seja louvado.

– Diga-me, Camilla – interveio Mila. – Voltou a falar com aquele homem ao telefone...

– Aconteceu muitos anos depois. Eu tinha vinte e cinco anos e não levava uma existência que se pudesse definir como correta. Quando atingi a maioridade, a minha avó pôs-me fora de casa. Disse que já não tinha obrigações para comigo. Veio a falecer pouco tempo depois e rezo todos os dias para que vá para o paraíso.

– Quando se viu sem uma casa, as coisas tomaram um rumo difícil – intrometeu-se Berish.

Camilla fixou-o sem receio.

– Sim, assim foi. No início tinha medo, mas também estava convencida de que, de qualquer modo, seria feliz. Só Deus sabia como me enganava... Na primeira noite que dormi na rua roubaram-me o pouco que tinha. No segundo dia acabei no hospital com uma costela partida. Passada uma semana, percebi o sistema de sobrevivência instaurado e comecei a prostituir-me. E, um mês mais tarde, descobri o segredo para ser feliz naquele inferno, fumando a minha primeira dose de *crack*.

Quanto mais observava a mulher serena e conciliadora que tinha diante de si, menos Berish conseguia acreditar que ela estava a falar de si mesma.

– Fui presa diversas vezes. Entrava e saía da prisão ou das comunidades de recuperação, mas recomeçava sempre a mesma vida. Por vezes não comia durante dias para poder comprar a droga. Aceitava-a como pagamento dos

clientes – os poucos que ainda tinham a coragem de vir comigo, dado que estava reduzida a pele e osso, com os cabelos a cair e os dentes cariados.

Enquanto a mãe falava, o pequeno procurava agarrar-se ao seio através da blusa.

Havia uma dissonância entre a cena de pureza que se abria diante dos olhos dos dois polícias e as que eram evocadas pela mulher nos seus relatos.

– Recordo uma noite de inverno, chovia a cântaros. Não havia vivalma na rua, mas era obrigada a andar pelas ruas para juntar dinheiro para uma dose. Além disso, não sabia para onde ir. Passava grande parte do tempo numa espécie de dimensão paralela, alienada. E isso acontecia quando me drogava, mas também quando estava limpa, porque o único instinto de sobrevivência que conhecia não me impelia a comer ou a dormir, mas apenas a voltar a esse estado de alienação. Durante o temporal encontrei refúgio numa cabine telefónica. Não me lembro quanto tempo lá fiquei à espera que parasse de chover. Estava encharcada e sentia muito frio. Procurava aquecer-me esfregando as mãos no corpo, mas não conseguia. Naquele momento, o telefone no interior da cabine tocou. Ainda me recordo que o olhei durante um tempo, sem me aperceber do que estava a acontecer. Deixei-o tocar porque não tinha coragem de atender. Mas algo dentro de mim me dizia que não se tinham enganado no número. Que a chamada era mesmo para mim.

Mila esperou que a mulher tomasse o seu tempo, como se estivesse de novo naquela cabine e, na memória, atendesse de novo o telefonema, tal como fizera muitos anos antes.

– A primeira palavra que disse foi o meu nome: Camilla. E reconheci imediatamente a voz. Recordo-me que me perguntou como estava, mas sabia que já conhecia a resposta, pelo que comecei a chorar. Não podem imaginar como é bom chorar depois de não o fazermos durante anos e anos, mesmo tendo razões para isso. Uma única lágrima e estaria morta naquele mundo impiedoso: era a única fraqueza que não podia conceder-me. – Algo se

quebrou na voz da mulher. – Depois, pela segunda vez, o homem fez-me a mesma pergunta: «Gostarias de ter uma nova vida?» E eu disse-lhe que sim.

O pequenino adormecera de novo nos braços da mãe, enquanto a outra criança brincava tranquilamente no parque. Lá fora, os três filhos crescidos gritavam alegres, perseguindo *Hitch*. Na vivenda, Camilla Robertson estava rodeada pelas coisas mais queridas. Tinha posto empenho e dedicação na construção daquele pequeno mundo, como se nunca tivesse desejado outra coisa.

– Explicou-lhe como faria para oferecer-lhe uma vida nova? – perguntou Berish.

– Deu-me instruções precisas. Deveria adquirir soníferos e dirigir-me na noite seguinte a uma pensão. Ali encontraria um quarto reservado em meu nome.

O detalhe do narcótico amplificou o interesse de Mila e de Berish: talvez estivessem perto de uma explicação para o mistério dos insones. Mas os dois agentes evitaram olhar-se para não interferirem no fluxo do relato.

– Devia deitar-me na cama e tomar o comprimido para dormir – prosseguiu Camilla. – Depois, acordaria num lugar diferente e poderia recomeçar tudo de novo.

Mila tomou nota – mentalmente – das referências. Ainda não conseguia acreditar que a história fosse real. No entanto, tinha um sentido.

– E você o que fez? Foi lá?

– Sim – confirmou a mulher. – O quarto tinha sido reservado em meu nome. Subi as escadas, abri a porta. Para além da miséria, não havia nada que me perturbasse ou me fizesse pensar num perigo. Peguei no frasco dos comprimidos e deitei-me na cama, sem a desfazer e sem sequer me despir. Recordo-me de ter a embalagem nas mãos, cruzadas no colo, e de ter olhado para o teto. Droguei-me durante sete anos mas, naquele momento, tinha medo de tomar um sonífero. Continuava a perguntar-me o que aconteceria e se, de

facto, estava pronta para uma nova vida.

– O que aconteceu depois? – perguntou Berish.

Camilla Robertson olhou-o com olhos cansados.

– Com uma lucidez que julgava não possuir, pensei que, se não procurasse uma saída sozinha em vez de mergulhar no vazio, morreria seguramente. Percebe, agente Berish? Pela primeira vez dei-me conta que, apesar da autodestruição a que me submetera, de facto, não queria morrer. – Suspirou profundamente e a cruz que tinha ao pescoço ergueu-se, juntamente com o tórax. – Levantei-me daquela cama e fui-me embora.

Berish tirou do bolso do casaco o retrato de Kairus. Desdobrou-o e mostrou-o à mulher.

– Alguma vez viu este homem?»

Camilla Robertson demonstrou uma breve hesitação em pegar na folha que o agente especial lhe estendera, mantendo-a à distância, quase como se tivesse receio. Os olhos pousaram no rosto, percorrendo todos os traços e matizes.

Berish e Mila ficaram à espera, sustendo a respiração.

– Não, nunca vi.

Os dois agentes evitaram exhibir qualquer expressão de decepção.

– Gostaríamos de colocar-lhe apenas mais umas perguntas, se não se importa, senhora Robertson – interveio Mila. – Nunca mais recebeu nenhum telefonema?

– Nunca mais.

A agente acreditou.

– Não foi necessário – acrescentou Camilla. – Depois daquela experiência, entrei na comunidade, mas fazendo as coisas a sério. Conheci o pastor Robertson e casámo-nos. Como veem, consegui sozinha – concluiu num tom triunfante.

Berish perdoou com um sorriso aquele pecado de soberba.

– Por que motivo decidiu denunciar o fulano anos depois?
– Com o tempo mudei de opinião sobre ele. Já não tinha a certeza de que as intenções daquele homem fossem boas.

– O que a fez pensar isso? – O ponto de vista interessava muito a Berish.
– Não sei precisar. Quando conheci o meu marido e vi como se dedicava aos outros, perguntei-me por que razão alguém com bons propósitos sentiria necessidade de se esconder na sombra. Além disso...

Berish e Mila ficaram suspensos na pausa.

– Além disso... havia algo de... maléfico.

Berish ponderou a resposta. Não queria dar a Camilla a impressão de que tinha dito algo absurdo, porque intuía um sentido naquelas palavras.

– Uma última coisa – pediu Mila. – Recorda-se do nome da pensão e do quarto onde se dirigiu naquele dia?

– Certamente deverei lembrar-me... – Camilla ergueu o olhar para o teto à procura do nome nas suas recordações. – Quarto 317 do Ambrus Hotel.

O Ambrus Hotel era um lugar esquecível.

Tratava-se de um estreito paralelepípedo, encastrado numa fila de edifícios iguais.

A fachada não se diferenciava das outras. Quatro janelas em cada piso, até ao sexto. A paisagem era representada por uma ponte ferroviária sobre a qual passava um comboio, mais ou menos de três em três minutos. No telhado destacava-se um reclame de néon, apagado àquela hora da tarde.

No exterior formara-se uma coluna de carros – o som das buzinas misturava-se com a música *house* proveniente de um autorrádio. Quem trabalhava no centro e vivia nos arredores era obrigado a atravessar aquela parte da cidade para apanhar a circular que o conduziria aos subúrbios onde vivia a classe média. Mas muitos deles, sobretudo trabalhadores do sexo masculino, paravam ali durante algumas horas. De facto, a toda a volta, havia um florilégio de bares de luzes vermelhas, locais que prometiam espetáculos de *lap dance* e *sex shops* que aguardavam clientes. Os reclames de luz intermitente eram um irresistível chamariz para homens em busca de evasão. Da entrada do metro brotavam raparigas bonitas e excessivamente pintadas.

A função do Ambrus Hotel na economia local era bastante evidente.

Mila e Berish entraram pela porta giratória e desembocaram num *hall* poeirento. A ponte ferroviária impedia a entrada da luz do dia e os candeeiros amarelos não conseguiam iluminar o espaço, imerso numa penumbra de açafrão. O cheiro a fumo de cigarro impregnava o ar.

Do exterior provinham ainda os ruídos do trânsito, mas abafados. Uma música distante pairava na sala e, pela voz, Berish reconheceu um velho disco de Édith Piaf – uma aura de romantismo maldito que acolhia os condenados voluntários daquele involuntário inferno.

Num sofá de pele lisa estava sentado um homem idoso de cor com um casaco aos quadrados e o colarinho da camisa abotoado, mas sem gravata. Fixava um ponto impreciso diante de si e murmurava a canção da música de fundo com uma mão apoiada num bastão branco.

Mila e Berish passaram diante do cego, percorrendo a guia *bordeuax* que atravessava a alcatifa até ao balcão da receção. Do outro lado não havia ninguém. Esperaram.

– Olha – disse o agente especial, indicando a prateleira com as chaves, cada uma atada a uma placa de latão com o número inscrito. – O 317 está livre.

A cortina de veludo vermelho que dava para os bastidores deslocou-se. Um homem macérrio de calças de ganga e t-shirt negra espreitou, acompanhado pelas notas de um gira-discos. Era ele quem ouvia Édith Piaf, notou Berish.

– Salvé – disse, metendo na boca o último bocado de uma sanduiche.

– Salvé para si também – respondeu o agente especial, devolvendo-lhe as anacrónicas boas-vindas.

O homem tinha cerca de cinquenta anos. Limpou as mãos com uma toalha. Os tendões dos braços estavam tensos e a pele coberta de tatuagens descoloradas. Os cabelos grisalhos estavam cortados à escovinha, uma argola dourada pendia do lóbulo esquerdo e os óculos de leitura pousavam na ponta do nariz – era o retrato de uma estrela rock envelhecida.

– Querem um quarto? – disse, sentando-se no seu lugar do outro lado do balcão e baixando de imediato o olhar para o registo das presenças. Evidentemente, a clientela habitual da pensão não gostava de ser perscrutada pelo porteiro. E ele observava-os o menos possível.

Durante um instante, Mila e Berish trocaram um olhar. Tinha-os tomado por um casal ocasional em busca de privacidade.

– Sim – respondeu ela, deixando-o acreditar. – Obrigada.

– Já inventaram os nomes para o registo, ou faço eu?

– Faça você – respondeu Berish.

– Também querem toalhas? – O porteiro indicou com a caneta uma pilha de toalhas de felpa num carrinho de lavandaria.

– Não, está bem assim – concluiu Mila, mas depois acrescentou: – Será que podemos escolher o quarto 317?

O homem levantou o olhar do registo.

– Porquê?

– É o nosso número da sorte – respondeu Berish debruçando-se sobre o balcão. – Há algum problema? – Estudou a reação do porteiro.

– São satânicos, espiritistas ou simplesmente curiosos?

Berish não percebeu.

– Alguém vos disse para virem aqui? Porque, de outro modo, não se explica.

– Explicar o quê? – perguntou Mila.

– Caralho, não finjam que não sabem. Eu aviso desde já, se querem mesmo aquele quarto custar-vos-á quinze por cento mais. Não me aldrabem.

– Pagaremos sem problemas – disse Berish para o acalmar. – Agora digam-nos o que tem de especial o quarto 317?

O homem fez um gesto de reprovação com a mão.

– Coisas de idiotas... Dizem que há cerca de trinta anos mataram lá uma pessoa. De vez em quando lá aparece alguém que sabe da história e pede-o para ir lá dar uma queca. – Depois, fixou-os. – Não são mesmo praticantes de *bondage*? Na semana passada, tive de ir lá acima buscar um em cuecas de pele que tinha pedido a uma puta que o enforcasse no guarda-roupa.

– Fique tranquilo, não lhe daremos problemas – tranquilizou-o Berish, pondo fim à conversa.

– Porque esses doentes da cabeça chegam em bando. Se apanho quem pôs a circular essa história do 317, eu é que lhe mostro como é – acrescentou o

homem enquanto se voltava para o chaveiro para pegar na placa de latão com o número correspondente. – Uma hora chega?

– Perfeitamente – disse Berish.

Pagaram e pegaram na chave.

Utilizaram o ascensor para subir. Na cabina de madeira mal cabiam os dois. O mecanismo de cordas e roldanas elevou-os, lentamente, ao terceiro andar. Quando lá chegaram, parou com um breve solavanco.

As portas abriam-se à mão, tal como a grade que os separava do patamar. Depois de Berish tornar a fechar a cabina, seguiram as indicações para os quartos.

Chegaram diante daquele que procuravam. Era o último ao fundo do corredor ao lado do monta-cargas. Uma porta negra – de madeira lacada, semelhante às outras – na qual se destacavam três números de metal polido.

317

– Em que pensas? – perguntou Mila antes de o agente especial meter a chave no buraco da fechadura.

– Que a proximidade do monta-cargas torna-o perfeito para transportar corpos adormecidos sem dificuldade.

– Então crês que o Senhor da Boa Noite se serviu sempre do mesmo quarto para atrair as suas vítimas?

– E porque não haveria de fazê-lo? Não sei se é verdade ou não que mataram alguém, mas certamente o boato foi útil a Kairus.

– Certamente – concordou Mila. – Reservando sempre o mesmo quarto, mesmo usando nomes falsos, mais cedo ou mais tarde alguém poderia suspeitar. Mas, graças à sua fama macabra, o 317 era já o mais procurado da pensão. Uma escolha acertada, na minha opinião.

Berish girou a chave na fechadura.

Entraram.

O 317 apresentava-se como um vulgar quarto de pensão. As paredes estavam revestidas com papel de parede vermelho-escuro. O pavimento estava coberto por uma alcatifa da mesma cor mas com grandes flores azuis – escolha propositada para que os clientes não distinguissem os pontos em que teria sido manchada ao longo dos anos. Por cima da cama de casal em madeira lacada havia um candeeiro de parede coberto de pó. A colcha era de cetim *bordeaux* e apresentava algumas queimaduras de cigarro. Havia duas mesas de cabeceira com tampos de mármore cinzento. Num deles estava pousado um telefone preto. Na parede acima da cama era visível a sombra deixada durante anos por um crucifixo que, entretanto, fora retirado. Todas as janelas estavam voltadas a oeste e davam para a rua. A cerca de trinta metros de distância passava a linha ferroviária elevada, com o seu vaivém de carruagens.

Sem dar explicações, Berish começou imediatamente em busca de qualquer coisa no quarto.

– Acreditas mesmo que encontraremos indícios para perceber as motivações de Kairus? – perguntou Mila.

– Repara – respondeu Berish enquanto abria o guarda-roupa e as gavetas –, ele contactava-os por telefone e conquistava-os pouco a pouco com a promessa de uma nova vida. Não demorava muito a cativá-los, visto que se dirigia sobretudo a quem não tinha outra coisa senão dor e indiferença. Bastava-lhe mostrar-se amigo, conceder atenções que ninguém lhes dava. Depois, quando chegava o momento, dizia-lhes para virem aqui com uma embalagem de soníferos. O sono é a condição em que todos estamos mais indefesos. Ele convencia-os a entregarem-se, vulneráveis. Dás-te conta da força de persuasão que é necessária? Kairus é isso.

Mas a busca de Berish não deu frutos. Não havia ali nada para além de uma série de cruzetas vazias, alguns cobertores poeirentos e uma velha Bíblia

com a capa a imitar pele na qual estava gravado o logótipo do hotel.

Mas ele não desistiu e prosseguiu com a revista, desta vez na casa de banho.

Estava revestida de azulejos brancos esmaltados, enquanto o chão era de mosaicos em xadrez preto e branco. Havia um lavatório, uma retrete e uma banheira.

Da entrada, Mila viu o agente especial a tirar do armário fechado pelo espelho um frasco de gel de banho meio consumido e uma caixa vazia de preservativos.

– Não respondeste à minha pergunta... Para que queria o Senhor da Boa Noite aquelas pessoas?

– Estava a formar um exército... O exército das sombras, lembras-te?

– Sim, mas porquê voltarem apenas para matar?

No momento em que Berish ia responder, um toque agudo – estridente e incómodo – soou no quarto. Da porta da casa de banho, os dois agentes olharam para o quarto.

O telefone negro numa das mesas de cabeceira chamava a sua atenção.

Berish deu um passo na alcatifa, enquanto Mila não conseguia sair da entrada da casa de banho.

O agente especial voltou-se para ela, indicando-lhe o aparelho.

– Temos de atender.

Mila observou-o como Berish se lhe tivesse proposto atirarem-se juntos pela janela.

Entretanto, o telefone não parava de os chamar para junto dele.

A agente assumiu a honra de lhe fazer a vontade. Finalmente, avançou para a mesa de cabeceira mas, quando apoiou a mão no auscultador, na sua mente irromperam as palavras com as quais o Senhor da Boa Noite se dirigia às suas vítimas.

Gostarias de ter uma nova vida?

Tinha a certeza que do outro lado seria recebida com aquela mesma frase. Levantou o auscultador e o toque cessou de imediato. Levou-o à orelha e ouviu um vazio feito de silêncio. Parecia provir de um poço escuro e sem fundo.

Berish interrogou-a com o olhar. Estava prestes a dizer qualquer coisa só para pôr termo àquela quietude opressiva, mas as palavras dissiparam-se-lhe na boca, antepostas por uma música.

Era um trecho clássico, uma melodia antiga e distante.

Mila estendeu o braço com o telefone na direção do colega para que também ele pudesse ouvi-la.

A enigmática mensagem era a confirmação de que se encontravam na pista certa. E talvez constituísse também o indício que os levaria ao próximo homicídio. Mas era, seguramente, a prova de que Kairus sabia antecipadamente dos seus movimentos. E que os observava à distância.

A linha foi interrompida.

Naquele mesmo instante, Mila sentiu um arrepio que nunca experimentara antes. Olhou o agente especial e repetiu a pergunta que já lhe fizera, de maneira diferente, duas vezes desde que tinham posto os pés no quarto 317, sem obter uma resposta dele. Mas desta vez foi mais direta.

- Berish, o que é o exército das sombras?
- Posso dizer-te que não se trata de terroristas.
- Então o que são?
- Um culto.

40

– Alguma vez ouviste falar na Hipótese do Mal?

A voz de Simon Berish ecoava na grande biblioteca. Mila observava-o sentada a uma das compridas mesas da sala de leitura, circundada por antigas livreiras cheias de textos que se elevavam até aos altos tetos. Na mesa de mogno estavam espalhados vários tomos que o agente especial pescara das prateleiras. Agora, movia-se impaciente à sua volta. Entretanto, *Hitch* corria satisfeito pelo amplo local.

Estavam sozinhos.

– Na verdade, não – admitiu Mila respondendo à pergunta do agente especial.

– Primeiro, devo precisar que esta história não tem nada a ver com os demónios ou Satanás, nem com Deus ou os santos.

– Então qual é a questão?

– A questão é a ideia de culto, e não tem a ver com a religião, caso contrário, teríamos tido até agora assassínios rituais, caracterizados por um evidente simbolismo e pela repetição da mesma liturgia de morte. Certamente, entre os nossos homicídios, existem muitas semelhanças, mas interessam-nos mais as diferenças.

Mila viu que havia uma luz diferente nos olhos do agente especial, como se estivesse a experimentar uma feliz epifania.

– Bem, os aspetos comuns já conhecemos – disse ela. – Quem mata são pessoas desaparecidas que regressam passado muito tempo. Nos primeiros dois casos, o móbil é o rancor.

– Pode parecê-lo – corrigiu-a Berish –, mas não é assim – Procurava raciocinar em voz alta. – Roger Valin extermina a família do proprietário de uma indústria farmacêutica porque o remédio que poderia prolongar a vida da

sua mãe era demasiado caro? Não acredito. – O agente especial pôs as mãos nas ancas. – Nadia Niverman mata o advogado do marido. Mas atenção: não faz nada ao cônjuge.

– Queria que ele vivesse com medo.

– E foi por isso que se suicidou depois?

Mila calou-se. De facto não tinha pensado nisso. A tortura de John Niverman durara muito pouco.

– Como vês, o móbil do rancor do qual resultaria a vingança é fraco em ambos os homicídios. Agora, vejamos os casos dos outros dois assassinos... Eric Vincenti mata «o coveiro», um usurário com o qual nunca teve relação nenhuma.

– E falta também uma relação no delito cometido por André García – constatou Mila. – Por que motivo atacou um traficante? Não nos parece que, antes de desaparecer, o ex-militar fosse toxicodependente.

Pela primeira vez Mila tinha diante de si um quadro das incongruências. Tinha estado tão empenhada em rejeitar a tese dos outros sobre o terrorismo que não se preocupara em avaliar a sua.

– Então estás a dizer que aquelas pessoas foram mortas só porque o mereciam?

– Não, nem isso. – Berish apoiou as mãos na mesa e inclinou-se para ela.

– A resposta é o sentido da Hipótese do Mal.

O agente especial agarrou um dos livros e contornou-a para mostrar-lho. Colocou-o diante dela e Mila viu que se tratava de um antigo texto de zoologia aberto no capítulo dedicado à ética animal.

– Existe um postulado antropológico que se relaciona com este assunto.

Apontou-lhe a ilustração de uma leoa que se lança sobre as crias da zebra. O desenho era a preto e branco mas, mesmo assim, era muito explícito.

– O que te inspira esta imagem?

– Não sei – disse Mila. – Pavor! E, também, uma sensação de injustiça.

– Certo – concordou Berish, secamente, voltando a página.

Uma segunda figura representava a mesma leoa a alimentar as suas crias com a carne das zebras.

– O que sentes agora?

A agente refletiu um momento.

– Parece-me, pelo menos, justificado.

– É essa a questão. A leoa que mata as crias de zebra para matar a fome das suas crias é boa ou má? A zebra sofrerá certamente pela morte dos seus filhos, mas a única alternativa é que a leoa veja morrer os seus por causa da fome. As categorias de bem e mal confundem-se porque não existem leões vegetarianos, certo? No mundo animal, quando a escolha é obrigatória, o juízo fica suspenso. E para os seres humanos?

– Nós somos mais evoluídos. Deveria ser mais simples escolher entre bem e mal.

– Na realidade, a resposta está noutra pergunta. Se existisse um único homem na terra, seria bom ou mau?

– Nem uma coisa nem outra... ou talvez as duas.

– Exato – disse Berish. – De facto, as duas forças não são uma dicotomia, dois opostos necessários segundo os quais sem o mal não existiria o bem e vice-versa. Por vezes, o bem e o mal são o resultado de uma convenção mas, sobretudo, não existem de forma absoluta. De facto, a Hipótese do Mal afirma: «O bem de alguns coincide com o mal de outros, mas também é válido o contrário.»

– É um pouco como afirmar que fazendo o mal se pode também fazer o bem e que para fazer o bem, por vezes, é necessário fazer o mal.

Berish anuiu, satisfeito com a nova aluna. Mila estava admirada com o modo como a conduzia através do seu raciocínio. Nunca tinha pensado nisso. A Hipótese do Mal era uma síntese assombrosa do que via todos os dias como polícia. Mas explicava, também, muitas coisas sobre ela.

É das trevas que venho, e é às trevas que, por vezes, devo regressar.

Quanto ao agente especial, a solidão e os anos de marginalização tinham-lhe deixado uma marca profunda. Era evidente a vontade que tinha de partilhar os conhecimentos que acumulara naquele longo período. E Mila sentia-se uma privilegiada.

– Então, agora diz-me: como se transforma uma vítima como Roger Valin ou Nadia Niverman ou Vincenti ou García num homicida? – perguntou Berish.

– Convencendo-os de que aquilo que fizerem melhorará a vida de outras pessoas.

– Precisamente – disse ele. – E depois?

– Para Valin e Niverman não se tratou de vingança. Devendo decidir quem atingir, a sua escolha recaiu, simplesmente, nos alvos que conheciam melhor. Foi a experiência que os impeliu, não o rancor.

– A motivação é tão poderosa que Nadia Niverman veio pessoalmente ao metropolitano para te entregar o indício do dente e, depois, suicidou-se. Não para evitar o risco de ser capturada mas, sobretudo, para demonstrar que a sua fé no culto era tão forte que a fez escolher a morte. – Depois, Berish acrescentou: – Quem dá origem a um culto cria uma nova sociedade, pequena ou grande que seja, fornecendo-lhe um código de conduta, logo, um novo ideal de justiça.

– Kairus motivou os seus adeptos.

– Salvou-os de existências miseráveis, doutrinou-os dando um objetivo às suas vidas inúteis. Tornou-os parte integrante de algo grande: um projeto... Um traficante que explorava a infelicidade dos outros para despachar a sua droga, um industrial farmacêutico que poderia ter salvado vidas mas que só se interessava pelo lucro, um advogado que deveria defender a lei e que, em vez disso, dava-lhe a volta, um usurário que explorava a situação de necessidade dos devedores para lhes tirar tudo: os assassinos não pretendiam

simplesmente puni-los pelos seus malefícios. Eliminando-os, eliminariam o problema.

– Uma missão – disse Mila.

– Os nazis, as seitas milenaristas, os extremistas rastafarianos, até os cristãos durante as cruzadas, serviram-se da Hipótese do Mal para justificarem as suas ideias ou as suas iniciativas – continuou Berish. – Chamaram-lhe «o mal necessário».

– À luz disso, Kairus é um guia.

– Muito mais – disse Berish com uma voz que se tornava grave. – É um pregador.

O eco da última frase perdeu-se no teto e, por um instante, o silêncio apoderou-se de novo da biblioteca.

Na época da internet e do domínio da Rede, aquele lugar era o anacrónico vestígio do saber. Aparentemente, tão inútil como um chapéu de chuva diante de um furacão. Mas os homens voltariam ali se um cataclismo informático subitamente pusesse fim à era digital, pensou, por um instante, Berish. Depois, observou o seu cão: separavam-nos milhões de anos de evolução e aquela biblioteca era a prova do primado humano.

Mas existe um instinto animal também nos homens. E é a parte mais vulnerável de cada um. É sobre ela que agem os pregadores, disse para consigo o agente especial. Em seguida, voltou a pensar nos insones.

Kairus fê-los desaparecer e transformou vítimas em carrascos.

O mesmo destino podia ter tocado à sua Sylvia. Mas Berish, por um momento, preferiu afastar aquela perspetiva da mente.

– Há diversas categorias dos chamados «manipuladores de consciências».

– Procurava chegar gradualmente ao ponto fulcral. – *Os semeadores de ódio* são aqueles que, sem aparecerem, criam um ideal maldoso esperando que cada um decida segui-lo: servem-se de informações artificiais e difundem-nas para instigarem os outros à violência. Depois, há os *perseguidores de*

vingança, que conseguem impor como objetivo de uma multidão desconhecida a aniquilação de um seu inimigo.

Berish inclinou-se atrás de Mila para mostrar-lhe um outro texto, desta vez de Antropologia. Naquela posição podia sentir o odor dela. Era um estranho misto de suor e desodorizante, mas não era mau, pelo contrário. Provinha dos seus cabelos e do pescoço. E aquele prazer roubado obrigou o agente especial a perguntar-se há quanto tempo não estava assim perto de uma mulher. *Há demasiado*, foi a resposta.

– Não existem só estas categorias, pois não? – perguntou ela para retomar o fio do discurso.

– Não – admitiu Berish, endireitando-se. – De facto, existe uma terceira. E é aquela que nos interessa... Os pregadores.

Voltou à mente do agente especial a pergunta que Kairus fizera a Camilla Robertson ao telefone – «*Gostarias de ter uma nova vida?*» – antes de mandá-la para o quarto 317 do Ambrus Hotel.

Era a promessa com que o Senhor da Boa Noite recrutava os seus discípulos.

– A principal qualidade de um pregador é o *mimetismo*, e nisso o talento de Kairus está mais do que demonstrado, visto que não conseguimos encontrá-lo há vinte anos. Entra na vida das pessoas, talvez fazendo-se passar por uma figura amiga. Interessa-se por elas, cria uma ligação. E assim conquista-as. O segundo dote é a *disciplina*. É zeloso, obstinado e firme no seu credo. – Berish avançou para ela, brandindo um punho para enfatizar as suas palavras. – A sua vontade é totalmente íntegra, a sua visão tão fervorosa que se impõe de maneira absoluta aos seus sequazes. O nome «culto» atribuído ao fenómeno provém do facto de que, tal como numa verdadeira religião, os adeptos adoram e obedecem cegamente ao líder, que, no entanto, não é uma divindade hipotética e distante. O seu deus é uma pessoa de carne e osso.

Mila levantou-se da mesa, mas foi um movimento instintivo porque não sabia onde ir.

Havia medo naquele gesto, mas também desorientação, notou Berish. Subitamente, também o ímpeto do agente especial cessou. Talvez no fervor da explicação tivesse dito algo de errado. Talvez, sem se aperceber, tenha sido insensível com ela.

– Não, não posso... outra vez – balbuciou para si mesma a agente, abanando a cabeça.

Berish compreendeu que Mila estava a pensar no Sugeridor e no que se passara por culpa daquele caso. E, agora, a história, fatalmente, repetia-se. Havia um outro inimigo invisível – o enésimo manipulador de consciências – que ameaçava intrometer-se na sua vida. Antes da sua lição sobre a Hipótese do Mal, o culto e os pregadores, a agente não vira Kairus sob aquele perfil.

Mas não podia ser só isso. Havia, seguramente, outra coisa.

Aproximou-se dela.

– O que se passa?

– Não me sinto bem em relação a tudo isto.

– Porquê? – insistiu ele.

Teve a confirmação que as razões da colega estavam para lá do que acontecera anos antes com o Sugeridor. O problema tinha a ver com algo de contingente na sua vida atual.

– És a pessoa mais adequada para caçar o Senhor da Boa Noite. Por que motivo queres recuar agora?

Mila voltou-se para fixá-lo com olhos assustados.

– Porque tenho uma filha.

Regressar a casa naquela noite não fora fácil.

Parecia-lhe que caminhava para trás, como se a vida se desenrolasse levando-a para lugares onde não gostaria de voltar. Lugares dentro de si, sobretudo.

«*Não posso*» fora a frase com que se despedira de Berish. E estava a falar a sério. Na manhã do dia seguinte telefonaria ao Juiz para renunciar ao cargo. O agente especial estava desiludido, ainda que na verdade devesse sentir-se aliviado, dado que, inicialmente, as resistências haviam partido só dele. Mila estava convencida de que Berish tinha algo a ganhar com a história de Kairus.

Mas ela não queria ter nada a ver com isso.

A visita ao quarto 317 do Ambrus Hotel, a música antiga ouvida por telefone, a Hipótese do Mal... Já chegava.

Por isso, percorreu o último troço que a separava do prédio com passo acelerado. O casal de gigantes no cartaz publicitário saudou-a com o sorriso fixo habitual. Por um instante, afastou-se dos seus pensamentos e apercebeu-se de que tinha traído a sua rotina.

Não se tinha ocupado do jantar do vagabundo que habitava na ruela abaixo da sua casa.

Viu-o deitado num catre de cartões. Sob um monte de cobertores, dormia um sono tranquilo, como o das crianças. Aproximou-se. Meteu a mão ao bolso e tirou umas moedas para colocá-las junto dele. Mas foi obrigada a repensar naquilo que Berish dissera sobre a Hipótese do Mal. Aquele ato de generosidade aliviaria a consciência de quem o realizava, mas não era certo que constituísse o bem de quem o recebia. Porque o vagabundo poderia gastar o dinheiro em mais uma garrafa, perseverando na sua degradação, em

vez de numa refeição quente.

Mas Mila deixou ficar as moedas.

No fundo, aquele homem assemelhava-se a ela. Estava em luta contínua com a aspereza do mundo. Como um asceta ou um cavaleiro medieval. O mau cheiro era a sua armadura, servia-lhe para manter os inimigos afastados.

Assim, deixou-o entregue aos seus sonhos – ou talvez aos seus pesadelos. Chegada à porta, sentiu nascer uma urgência dentro de si. Apressou-se a tirar as chaves. Estava cansada, já não sabia há quanto tempo não dormia e nos últimos dias dedicara poucos momentos ao sono. Apercebeu-se de que tinha os sentidos alterados.

Mas, antes de se entregar ao repouso, tinha necessidade de ver a filha.

Dera-lhe o nome de Alice, como a protagonista do livro que lia sempre desde pequena. Uma fábula ambígua e perigosa, a história de um mundo paralelo e escondido, como o que ela visitava todos os dias. Um sítio de cuja existência as pessoas nem suspeitavam.

Em casa as luzes estavam apagadas, o ecrã do computador criava um halo luminoso em torno de Mila, que se estendera na cama, de roupão.

Alice tinha seis anos. E se a sua mãe tivesse de escolher um adjetivo para defini-la, diria «atenta». Observava as pessoas com olhos profundos e intensos, como se conseguisse compreender coisas que, na sua idade, deveriam representar um enigma.

Mas, ao contrário de Mila, Alice era muito sensível às emoções dos outros. Sabia sempre o que fazer para consolar alguém ou para demonstrar-lhe afeto. Eram gestos não convencionais, geralmente desconcertantes.

Uma vez, no jardim, uma criança esfolou um joelho e começou a chorar. Alice aproximou-se dela e, sem dizer uma palavra, começou a limpar as suas lágrimas com os dedos. Primeiro as que caíam no chão, depois as que caíam na roupa e, finalmente, as que escorriam das faces. Uma de cada vez, colocou-as num lenço. No início, a criança não tinha feito caso mas, depois,

começou a olhá-la, surpreendida. Deixou-a continuar e, entretanto, esqueceu a ferida e, depois, o choro. Quando desistiu de tudo, também Alice parou, sorrindo-lhe e afastando-se com o tesouro das lágrimas. Mila tinha a certeza de que a criança ficara com a sensação de ter perdido alguma coisa. O que ela deitara fora, Alice recolhera – na próxima vez pensaria antes de entregar-se ao desespero por tão pouco.

No ecrã do computador, Mila observou a filha a dormir noutra cama, noutra casa. Estava de costas para a objetiva da microcâmara escondida, mas na almofada estendia-se uma longa cabeleira que ela sabia ser de cor louro cinza.

Assemelham-se aos cabelos do pai, disse para consigo, sem que tal fosse necessário.

Como no caso do Sugeridor, também o nome daquele homem fora banido da sua vida. Não podendo esquecer ambos e o que lhe tinham feito, decidira apagar para sempre dos seus lábios a forma dos seus nomes.

Houve um momento, durante a gravidez, em que pensara conseguir superar tudo. Imaginava poder viver serenamente – ela e a filha. Fora o período em que recomeçara a sentir alguma coisa pelos outros, em que se sentia como uma cega a quem tivessem restituído a visão. O tempo necessário para compreender que nunca conseguiria fugir do mal, que para ela «longe» nunca seria «suficientemente longe», que a escuridão ainda podia atingi-la, onde quer que estivesse.

Depois de ter tido a filha, a empatia desvaneceu-se.

Então percebeu que não se enganara: o intervalo em que se sentira de novo humana era mérito da criança, não seu. Por isso decidiu que não seria saudável para Alice crescer ao lado de uma mãe como ela – não totalmente inapta a sentir emoções, mas incapaz de sentir *as suas* emoções. Tinha o terror de não conseguir compreender se a filha estava triste ou infeliz, ou quando tinha necessidade da sua ajuda.

Os primeiros meses tinham sido horríveis. De noite a criança acordava no berço e chorava. Mila ficava na cama, vigilante, mas incapaz de sentir pena pelo desesperado apelo. O estado de total alienação afetiva impedia-a de compreender as necessidades de um pequeno ser tão frágil. *Poderia deixá-la sufocar no sono só porque não consigo aperceber-me de que está mal*, dizia para consigo.

Poucos meses depois, pedira à avó de Alice que tomasse conta dela.

Ines ficara viúva cedo e tivera uma única filha, Mila. Apesar de já não ser jovem, aceitara cuidar da neta. Mila ia vê-la, de tempos a tempos. Normalmente, ficava uma noite e partia no dia seguinte.

As interações entre ela e Alice ficaram reduzidas ao mínimo. Mila tinha tentado beijá-la e acariciá-la, como faria uma mãe normal. Mas aqueles gestos tinham sido incómodos para a pequena que, de facto, não os pedia.

Mila escondera a sua filha.

Mas em vez de a ter escondido do resto do mundo, escondera-a de si mesma. Colocar uma microcâmara no quartinho para, de vez em quando, verificar que ela estava bem era só uma maneira de absolver-se da culpa de não estar presente na sua vida. Mas, por vezes, acontecia alguma coisa que anulava de novo tudo, tornando inúteis os seus esforços e fazendo-a sentir-se inadequada.

Não és uma boa mãe se não conheces o nome da boneca preferida da tua filha.

Uma daquelas frases que revelavam uma verdade incómoda. Desde que a ouvira ser pronunciada por uma mãe desnaturada, Mila fizera dela uma obsessão.

Por isso, procurou no ecrã. Viu-a no chão, ao lado da mesa de cabeceira. A boneca de cabelos vermelhos da qual Alice nunca se separava – devia ter-lhe deslizado dos braços enquanto dormia.

Mila não se recordava como se chamava, ou talvez nunca tivesse sabido.

Tinha de descobrir, antes que fosse demasiado tarde. Estava consciente de que isso não faria dela uma mãe melhor. As falhas eram outras. Mas algo dentro de si a impelia a remediar, pelo menos, isso.

Enquanto pensava na boneca e prometia a si mesma mudar, as pálpebras começaram a pesar-lhe. Voltou-lhe à memória a música que ouvira pelo telefone no Ambrus Hotel. Desta vez, a suavidade da melodia prevaleceu sobre qualquer significado malévolo. Deixou-se embalar pela recordação das notas. O cansaço envolvia-a como um cobertor quente. Os últimos restos de consciência começaram a misturar-se com o delírio do primeiro sono.

Mas, enquanto adormecia, viu no ecrã uma mão desaparecer debaixo da cama da filha.

– Vá, atende.

Conduzia com o telemóvel colado à orelha. Do outro lado, o telefone continuava a tocar sem que alguém se decidisse a atender – a extenuante sequência de um único som, o sinal em código para o desespero. Entretanto, Mila pressionava o acelerador.

Desde que o medo a agredira, restituindo-lhe a consciência, agarrara-se ao telefone para contactar a mãe. Ao mesmo tempo, tentava disfarçar procurando parecer lúcida. Lembrara-se de trazer a pistola de reserva que conservava no guarda-roupa – dado que a arma de serviço se perdera no incêndio do ninho de Kairus. Não poderia fazer outra coisa.

A imagem da mão afilada que recuava na sombra debaixo da cama de Alice ainda estava viva na sua memória. Tratara-se de apenas um instante, mas Mila estava segura daquilo que vira.

Não podia avisar os colegas da polícia. Além de não saber o que havia de dizer-lhes, não acreditariam em si. E teria perdido um tempo precioso.

O *Hyundai* disparava pelas estradas ultrapassando os veículos numa hora em que os noctâmbulos saíam em busca de aventura e transgressão. Mila passava os semáforos e os cruzamentos sem nunca tocar no travão, confiando apenas na sorte como forma de evitar colisões.

Nunca correria tantos riscos. No entanto, era assim que, habitualmente, conseguia sentir-se viva. Mas, desta vez, havia uma situação diferente. Incluindo coisas que muitas vezes ouvira dos outros pais, sem nunca as ter vivido pessoalmente. Era o que a sua mãe definia como «o terceiro olho para olhar o mundo. Aquele que te aparece no meio dos outros dois, desde que deste à luz».

Um filho era exatamente isso. Um novo sentido, completamente diferente

dos outros cinco, que te oferece uma percepção inimaginável daquilo que te circunda. E, subitamente, tudo o que envolve a carne da tua carne olha-te diretamente.

«Se te concentrases, podes sentir quando a Alice está contente ou em sofrimento», dizia também a sua mãe. Mas Mila nunca o sentira. Não queria revelar-lhe que não podia sentir empatia, tê-la-ia desiludido. Enquanto guiava como uma desesperada para chegar o mais depressa possível à casa onde vivia a filha, não sabia se a ansiedade que crescia dentro dela era comparável a sentir alguma coisa através de alguém.

Mas aquilo de que estava perfeitamente consciente era que, se tivesse acontecido alguma coisa de mau à sua menina, a dor – o sentimento amigo que a limpava das fealdades do mundo – desta vez, seria insuportável.

A zona residencial da colina destacava-se do resto da cidade como uma estrutura estranha. As habitações à sua volta eram mundos separados.

Assim crescera Mila. Com o pai e a mãe, só os três. Planetas com órbitas diferentes e distantes que de vez em quando – raramente – se cruzavam.

O carro saltava violentamente nas lombas dissuasoras de velocidade, enfrentadas sem abrandar, emitindo um surdo ruído de chapas. Percorreu uma longa avenida ladeada por silenciosos jardins e deu uma guinada próximo da meta. Uma longa travagem concluiu a corrida do *Hyundai* que, depois de ter galgado o passeio, afundou as rodas no relvado diante da casa.

Mila fez cair o telemóvel no banco do lado, substituindo-o pela pistola, e saiu do carro. Nem tinha a certeza de conseguir respirar.

As janelas dos dois pisos da vivenda estavam escuras.

Correu para o pátio sob o qual um candeeiro branco velava ao lado da porta de entrada verde. Em redor, só o canto dos grilos. Colou-se à campainha e começou a bater na madeira com a palma da mão – nem sequer tinha a chave da casa onde crescera. A única resposta que obteve vinha dos cães dos vizinhos que começaram a ladrar.

Bastaram poucos instantes para esquecer as regras que aprendera durante a formação na polícia. Não tinha verificado o perímetro da casa, para ver se havia sinais de arrombamento. Não pensara em proteger a sua integridade física, evitando expor-se à provável resposta de um eventual inimigo. Por fim, infringira a regra mais importante, segundo a qual, seja o que for que aconteça, é necessário manter o controlo.

Não obtendo respostas à sua insistência, Mila preparava-se para disparar na fechadura. Mas, num instante de racionalidade, recordou que a mãe tinha sempre uma cópia da chave de casa escondida debaixo de um vaso do jardim. Voltou atrás e começou a procurá-la. Encontrou-a à terceira tentativa, erguendo um vaso de begónias.

Quando, finalmente, conseguiu entrar, encontrou a entrada imersa num pesadíssimo silêncio.

– Onde estão? – perguntou em voz alta. – Respondam – gritou.

Viu uma luz acender-se no cimo das escadas. Subiu os degraus dois a dois. A sua mãe apareceu para lá da balaustrada a apertar um roupão.

– O que se passa? Mila, és tu? – perguntou com a voz empastada pelo sono.

Mas ela chegou ao patamar e afastou-a, dirigindo-se para o quatinho de Alice.

– Mas o que... – conseguiu balbuciar a mulher, que por pouco não perdeu o equilíbrio.

As batidas do coração de Mila eram passos gigantes – uma enorme criatura avançava dentro dela, como o monstro de uma fábula.

Chegada ao fundo do corredor, enquanto as luzes da casa se acendiam atrás dela, estendeu uma mão no escuro para procurar o interruptor no quarto de Alice.

Um candeeiro em forma de abelha iluminou o espaço.

Uma menina estava deitada e Mila agarrou-a só com um braço, como se a

arrancasse das mandíbulas da cama, transformada numa horrenda criatura, enquanto apontava a pistola com a outra mão. Alice assustou-se e deu um grito. Ela nem se apercebeu, dando um pontapé no colchão para descobrir o que escondia.

Os pulmões bombeavam ar no seu tórax e, durante alguns segundos, esse foi o único som que Mila conseguiu ouvir. Os ouvidos ficaram subitamente tapados, como se estivesse a cair de uma altura sideral. Uma respiração, depois duas – arquejando. E os ruídos começaram a voltar. O primeiro de todos foi o choro de Alice, que se debatia nos seus braços.

No chão só havia um emaranhado de cobertores, peluches e almofadas.

43

Na cozinha, Ines preparava um chá.

Mila observava-a atarefada com a chaleira e pareceu-lhe reviver uma cena de quando era criança – os mesmos rolos nos cabelos, o mesmo roupão rosa – quando, de noite, a mãe punha ao lume um pouco de água para ela e começava assim o rito consolador, depois de um mau sonho.

– Não percebo o que me aconteceu – disse. – Lamento.

Não queria dizer-lhe que escondera uma câmara no quarto da filha – ninguém o sabia. E não queria que Ines pensasse que não confiava nela. Assim, contou-lhe uma mentira.

– Eu sei que nunca telefono de noite, mas tive vontade de saber como estava Alice e, quando não me atendeste o telefone, entrei em pânico.

– Já o disseste – comentou Ines voltando-se com um sorriso. – Mas não o repitas. A culpa também é minha, que tenho o sono pesado. Deveria ter ouvido o telefone tocar.

Coubera à avó voltar a pôr Alice na cama, tranquilizá-la e esperar, com paciência, que adormecesse. Mila ficara no corredor, encostada à parede, de cabeça baixa, a ouvir a mãe que, mais uma vez, a substituíra.

Deveria ter dito à filha que estava tudo bem, que não havia perigo, que se enganara e que não estava ninguém debaixo da cama. Além disso, a casa tinha vigilância. *Não durmo há mais de quarenta e oito horas*, dissera a si mesma para justificar-se. A percepção da realidade fora alterada pela falta de sono. E juntara-se a novidade de outro manipulador de consciências em circulação. Tudo isto despertara dentro dela o medo de que regressassem os dias do Sugeridor.

Ines deitou o conteúdo da chaleira em duas chávenas e levou-as para a mesa, onde se sentou com Mila. A luz quente do candeeiro baixo formava

uma espécie de bolha protetora à volta delas.

– Então, como estás? – perguntou-lhe a mãe.

– Estou bem – respondeu ela sem se alongar. Sabia que Ines se contentaria com aquelas duas palavras, sem indagar mais. A mãe não concordava com a sua escolha de profissão. Teria preferido outra coisa. Talvez médica, ou arquiteta. E, certamente, que se casasse.

– Há já algum tempo que queria falar contigo, Mila.

A voz tinha um ar preocupado.

– Trata-se da Alice. No outro dia na escola subiu para a cornija do segundo andar. Demoraram algum tempo a convencê-la a sair de lá, não queria descer. Dizia que não era perigoso. Mais, segundo ela, era divertido.

– Outra vez essa história? – Mila começou a protestar, não era a primeira vez que falavam disso.

– Alice não tem o sentido do risco. Lembras-te daquela vez no mar? Foi para fora de pé, esteve quase a afogar-se. Ou quando a perdi de vista por um instante e a encontrei a andar no meio da estrada, com os carros a esquivarem-se e a buzinares?

– Alice é uma menina normalíssima, até os médicos o disseram.

– Eu preferia ouvir outra opinião. O que sabe um psicólogo infantil? Não passa com ela horas a fio todos os dias.

Mila baixou o olhar para a chávena.

– Nem eu, é isso que queres dizer?

Ines suspirou.

– Não era essa a intenção... Só que aprendi a conhecer a menina melhor do que qualquer outra pessoa, dado que vive comigo. Não estou a dizer que se passa alguma coisa com ela, estou só preocupada porque não posso vigiá-la todo o tempo. – A mulher estendeu uma mão para agarrar a da filha. – Sei que te preocupas com ela e também sei como te custa estar longe.

Mila sentia o peso insuportável do braço da mãe sobre o seu. Gostaria de

retirá-lo, porque não lhe agradava o contacto físico. Mas esforçou-se, com a pele a doer-lhe e uma sensação de repulsa, como se um réptil estivesse a deslizar-lhe entre os dedos.

– O que sugeres que se faça?

Ines retirou a mão e olhou a filha com olhos compadecidos.

– Alice pergunta-me sempre pelo pai. Talvez devesse fazer com que se encontrasse com ...

– Nem digas o seu nome – disse Mila, antecipando-se a ela. – Eu já não o chamo assim. Aliás, nem sequer falo nele.

– Pronto. Trata-se apenas de mostrar à Alice, pelo menos, a cara do pai.

Mila pensou um momento.

– Está bem. Amanhã levo-a.

– Parece-me a coisa acertada. E deverá ser suficiente.

Mila levantou-se da cadeira.

– Passo de tarde.

– Porque não ficas cá esta noite?

– Não posso, tenho de levantar-me cedo para ir trabalhar.

Ines não insistiu, pois sabia que não serviria de nada.

– Cuida de ti.

Parecia seriamente ansiosa por ela. E, com aquela única recomendação – cuidar de si: uma palavra que só as mães sabem preencher de múltiplos significados –, a mulher quisera dar-lhe a entender que devia mudar, para o seu próprio bem. Mila gostaria de responder que estava tudo bem, mas a frase soaria pouco sincera. Limitou-se a ir buscar a pistola que deixara em cima da mesa, mas depois, ao chegar à porta da cozinha, voltou-se de novo para a mãe. Aquilo que ia perguntar embaraçava-a.

– A boneca preferida da Alice é aquela dos cabelos vermelhos, não é?

– Comprei-lha eu no Natal passado – confirmou Ines.

– Por acaso sabes que nome lhe deu? – perguntou quase distraidamente.

– Parece que lhe chama *Miss*.

– *Miss* – repetiu Mila, saboreando a conquista daquele nome. – Agora vou embora. Obrigada.

Contava encontrá-lo no *snack-bar* chinês.

Assim, entrou esperançosa. Na sala repleta de polícias, a mesa de Simon Berish estava vazia. Mas, no lugar habitual, ainda havia os restos de um pequeno-almoço não terminado.

Mila ia perguntar à empregada há quanto tempo se tinha ido embora, quando vislumbrou a presença de *Hitch* debaixo da cadeira. Imediatamente a seguir, viu sair o seu dono da casa de banho a procurar limpar uma mancha de café da camisa com uma toalha de papel. Não era difícil imaginar o que lhe tinha acontecido. Conseguia ouvir, ao fundo, a chacota do habitual grupo de polícias onde se incluía o agente que, uns dias antes, salpicara Berish com ovo e bacon.

O agente especial regressou ao seu lugar e recomeçou a comer calmamente. Mila seguiu por entre as cadeiras até junto dele.

– Desta vez pago eu – disse.

Berish fixou-a, atónito.

– Como há algum tempo que não me relaciono com o próximo, estou enferrujado quanto ao preciso significado de gestos e palavras. Não percebo os duplos sentidos, escapam-se-me os matizes e até tenho algumas dificuldades com as metáforas... Por isso, a tua oferta de pagares o pequeno-almoço deverá ser uma maneira de dizeres que queres que colaboremos, certo?

O sarcasmo de Berish esteve para arrancar-lhe um sorriso, mas conseguiu conter-se. Como conseguia aquele homem ser cordial depois de acabar de ser humilhado pelos colegas pela enésima vez?

– Já percebi. Calo-me já – disse ele, erguendo as mãos em sinal de rendição perante a sua expressão contrariada.

– Bem, assim estamos de acordo. – Mila sentou-se. Pediu algo para comer e uma sanduíche para levar.

Berish perguntou-se para quem seria, mas preferiu tratar das suas coisas. Entretanto, fixava-a e, quando a empregada se afastou, fez-lhe uma pergunta que tinha em mente há algum tempo.

– Por que razão uma agente competente como tu, e que foi capaz de resolver o caso do Sugeridor, escolheu o Limbo?

Mila pensou, embora já soubesse a resposta.

– Assim não tenho de caçar os culpados. Eu procuro as vítimas.

– É um sofisma. Mas é sensato. Então podes explicar-me por que motivo lhe chamam Limbo: sempre me perguntei donde provém esse nome.

– Talvez seja pelas fotografias nas paredes da sala dos passos perdidos. Aquelas pessoas encontram-se numa condição suspensa... Vivos que não sabem que estão vivos. E mortos que não podem morrer.

Berish assimilou a explicação. Pareceu-lhe razoável. Os pertencentes à primeira categoria partiam para o mundo dos espectros – ignaros e ignorados –, esperando só que alguém lhes dissesse que *ainda* estavam vivos. Por sua vez, os segundos eram erradamente incluídos entre os vivos, porque quem ainda esperava por eles não conseguia resignar-se.

A palavra-chave era «ainda» – um prolongamento indefinido do tempo, que tem como solução a verdade ou o esquecimento.

– Continuas com a ideia de que não devo referir ao Juiz, nem sequer a Gurevich ou a Boris, que estás envolvido na minha investigação?

A pergunta de Mila voltou a trazer o agente especial à realidade.

– Deixa que eles cuidem dos terroristas, nós devemos ocupar-nos de um culto.

– Algumas ideias sobre como proceder?

Berish baixou o tom de voz e estendeu-se sobre a mesa.

– Lembras-te da música que ouvimos pelo telefone no Ambrus Hotel?

– Sim. E então?

O agente especial rejubilava.

– Descobri de que trecho se trata.

Mila estava incrédula.

– E como o fizeste?

– Admito que não sou um perito em música clássica... Mas esta manhã fui ao conservatório e pedi para falar com um docente. – Embaraçava-o um pouco contar o resto da história. – Fi-lo ouvir a música e ele reconheceu-a.

– Queres dizer que lha cantaste? – Mila deixou escapar uma expressão divertida.

– Não tinha outra alternativa. Mas, em troca da performance, o docente ofereceu-me isto... – Berish tirou do bolso um cd.

O pássaro de fogo, de Igor Stravinsky.

– É uma peça para bailado que o músico compôs em 1910... Se seguirmos o indício, chegaremos ao próximo homicídio.

– Francamente, não percebo como tencionas usar a informação...

– Na história narrada no bailado, a música que ouvimos corresponde à cena em que o príncipe Ivan captura o pássaro de fogo.

Mila procurou raciocinar.

– Os elementos são três: a captura, o pássaro de fogo e o nome Ivan. O primeiro poderia significar uma espécie de desafio.

– É verdade apenas em parte – disse o agente especial, para esclarecer as coisas. – Kairus não está em competição connosco: o pregador quer doutrinar-nos. Por isso, não se trata de desafios, mas de testes. Cada vez que nos submete a um, quer que consigamos superá-lo. O telefonema no quarto 317 foi um deles. Humilha-nos para nos fazer sentir inferiores mas, no fundo, está do nosso lado. É por isso que as respostas aos seus complexos enigmas são sempre simples.

– O que há de simples na imagem de um pássaro de fogo? – objetou Mila.

– Não sei, mas descobri-lo-emos. De momento, concentrar-me-ei, sobretudo, no nome Ivan.

– Pensas que se refere à identidade da próxima vítima?

– Ou à do homicida... Pensa bem: que sentido teria indicar-nos um nome se não tivéssemos a possibilidade de encontrar, de imediato, uma correspondência?

– E onde?

Berish bateu com a mão na mesa.

– Devemos passar a pente fino o arquivo dos desaparecidos em busca de uma ligação com o nome Ivan.

– Tendo presente que estamos a lidar com um intervalo tempo de vinte anos, sabes de quantos estamos a falar?

– Não sei, és tu a especialista.

– Não temos tempo. Já passou muito tempo desde o último homicídio, e certamente um novo discípulo do pregador prepara-se para atacar brevemente.

Berish parecia desiludido, gostaria que a sua ideia funcionasse.

– Teremos de pensar noutra coisa – disse Mila, para procurar consolá-lo.

– Talvez devêssemos começar a perguntar-nos o que pretende realmente de nós o Senhor da Boa Noite.

Berish ergueu o olhar para ela.

– No fim do caminho iniciático, espera-nos uma revelação.

O olhar de Mila perdeu-se no vazio por um instante.

– Não sei se conseguirei ir até ao fim.

– Suponho que continua a ser por causa da tua filha.

Mila sentia que tinha falado demasiado. Respeitou o guião maternal e deixou-o acreditar que o seu temor dependia unicamente de Alice. Mas a verdade era que, se houvesse algo na escuridão, sentia-se compelida a ir ver o que era. Deveria ter-lhe dito isso, para o avisar. Em vez disso, decidiu

confirmar a sua tese e perguntou-lhe: – Tens família, Berish?

– Nunca fui casado e não tenho filhos.

Pensou logo em Sylvia e no que poderia ter acontecido se tivessem ficado juntos. Mas o agente especial impediu a recordação que continuava a fazer-lhe mal de cada vez que teimava em intrometer-se no presente.

– Não me ponho em jogo como tu, bem sei. Mas também sei que se trata de um risco calculado – concluiu Berish.

– O que queres dizer?

– São pessoas.

– Falas dos nossos inimigos.

– São seres vulneráveis como todos nós. Só que não conseguimos vê-lo. Existe uma explicação para o seu comportamento, e é racional. Talvez nos pareça absurdo mas, como me ensinou a Antropologia, trata-se, em todo o caso, de uma razão humana.

Ponderaram em silêncio aquela afirmação. Mesmo rodeados por uma multidão vociferante e barulhenta, sentiram ambos o frio de uma súbita solidão. Mila pediu a conta e a empregada trouxe-a com a sanduíche que pedira.

– Estou a ver que também tens um cão – constatou Berish para quebrar o gelo, contrariando a sua decisão anterior de se meter na sua vida.

– Na verdade é para um vagabundo que vive junto da minha casa. – E não acrescentou mais nada.

Mas o agente especial parecia interessado.

– É um amigo teu?

– Nem sequer sei como se chama. Além disso, pensando bem, de que serve chamar-se isto ou aquilo? É totalmente supérfluo para alguém que escolheu ser esquecido, não te parece?

Berish parecia partilhar o pensamento, mas pareceu também iluminar-se.

– Acho que me surgiu uma ideia de como explorar a pista da identidade

escondida na música de Stravinsky.

– E que ideia foi essa?

– Para encontrar um nome é necessário um homem que nunca teve nenhum.

Berish utilizou um telefone público para fazer a chamada.

Mila esperava-o no carro, juntamente com *Hitch*, perguntando-se sobre o motivo de tanta prudência. Terminada a conversa, o agente especial desligou e permaneceu onde estava. Mila não percebia. O colega andava de um lado para outro no passeio, como se esperasse a chegada de alguém.

Passaram vinte minutos sem que acontecesse nada.

Quando Mila ia sair do *Hyundai* para pedir explicações, Berish dirigiu-se novamente para o telefone público que, evidentemente, começara a tocar. Falou com um misterioso interlocutor, regressando em seguida.

– Temos de ir a alguns sítios – anunciou-lhe em tom lacónico.

Mila ligou o motor sem fazer perguntas, embora começasse a ter bastantes. Primeiro passaram pela residência onde Berish morava. O colega não a convidou a subir ao apartamento e, pouco depois, desceu sem dizer uma palavra. Mas, quando entrou no carro, Mila apercebeu-se de que trazia um envelope no bolso de dentro do casaco.

Indicou-lhe o caminho e, meia hora depois, chegaram à zona industrial que se situava na margem oeste da cidade – uma série de barracões todos iguais e de camiões TIR que faziam o vaivém nas estradas. O local para onde se dirigiram era uma fábrica de processamento de carnes.

Quando chegaram ao parque de estacionamento da empresa, Berish fez-lhe sinal para parar e desligar o motor.

Ao lado dos anónimos edifícios brancos estava situada uma rampa de carga. Os animais eram introduzidos por ali no ciclo produtivo. Uma chaminé lançava um fumo cinzento que conferia ao ar um odor acre e, por vezes, nauseabundo.

– Então, quem é o teu amigo? – perguntou a agente, curiosa e um tanto

aborrecida pelo facto de o colega não lhe ter revelado nada.

– Não lhe agradam as perguntas – limitou-se a avisá-la.

Mila não tinha a certeza de conseguir. Só esperava que caísse depressa o ridículo véu de sigilo que Berish impusera à situação.

O agente especial permaneceu em silêncio. Depois, por uma pequena porta nas traseiras da fábrica, saiu um homem forte, por volta dos cinquenta, com uma camisa branca e um capacete, que se dirigiu ao *Hyundai* com passo seguro e de mãos nos bolsos.

Berish desbloqueou as entradas para o deixar entrar para o banco de trás.

– Olá agente, há quanto tempo – começou o pequenote.

Hitch ladrrou-lhe.

– Ainda com este canzarrão?

Evidentemente, não se suportavam.

O homem olhou para Mila.

– Quem é esta?

– Agente Vasquez – apresentou-se ela, ofendida. – E *você* quem é?

O homem ignorou-a e dirigiu-se novamente a Berish.

– Disseste-lhe que não gosto de perguntas?

– Disse – confirmou o agente especial, reservando a Mila um olhar de reprovação. – Mas ainda não lhe expliquei o que fazemos aqui porque queria que fosses tu a tratar disso.

O homem pareceu apreciar a atenção de Berish e, por isso, desta vez, dirigiu-se diretamente a Mila.

– Eu não tenho nome – disse-lhe. – O meu trabalho não existe. O que irá ouvir deverá esquecê-lo de imediato.

– Ainda não sei a que se dedica – replicou Mila.

O homem deixou escapar um sorrisinho.

– Eu faço desaparecer as pessoas.

Nos quinze minutos seguintes, Mila compreendeu o significado daquela

expressão.

– Imaginemos que é um abastado homem de negócios com alguns problemazitos com a lei. Uma pessoa como eu poderia ajudá-lo a desaparecer de circulação.

– Faz realmente isso? – perguntou a agente, espantada e horrorizada. – Ajuda os delinquentes a livrarem-se dos problemas?

– Só quem cometeu crimes fiscais ou financeiros. Também tenho a minha ética, o que julga?

Berish interveio: – Aqui o nosso amigo é um *escape artist*, um verdadeiro profissional da fuga: com um computador consegue apagar a existência de uma pessoa acedendo a locais aos quais um homem da justiça não poderia sequer aproximar-se sem um mandado: arquivos estatais, bases de dados de bancos e de seguradoras, e assim por diante.

– Eu elimino os vestígios da passagem das pessoas e, ao mesmo tempo, crio falsas pistas para eludir eventuais perseguidores. Adquiro um bilhete para a Venezuela, faço uma compra com um cartão de crédito no *duty free* do aeroporto de Hong Kong ou frete um *Piper* para Antígua ainda que, ao aterrar, só lá esteja o piloto... Funciona assim: enquanto os perseguidores se perdem no meu jogo da glória, já o meu cliente está confortável e tranquilamente a apanhar sol numa praia de Belize.

Mila fixou Berish.

– Pode-se fazer isto?

O agente especial anuiu. O sentido da tácita resposta era que também os desaparecidos do Senhor da Boa Noite poderiam ter seguido por aquele caminho. Mas, não dispondo dos meios económicos de um gestor da alta finança, o apoio de um bom especialista informático bastaria.

E era provável que Kairus fosse um desses especialistas.

– A explicação é sempre racional, lembras-te? – resumiu Berish, recordando-lhe o que lhe dissera algumas horas antes.

Desta vez coube a Mila anuir.

– Mas o nosso artista da fuga também consegue fazer o inverso, isto é, entrar nos bancos de dados mais inacessíveis para descobrir vestígios do homem que procuramos.

E, para esclarecer melhor a ideia, acrescentou: – São coisas que vocês, no Limbo, não podem fazer.

Tinham bastado poucos minutos de conversa para que Mila se desse conta de como eram inadequados os meios de que dispunha, habitualmente, na atividade de investigação. Os rostos na sala dos passos perdidos exigiram que os usasse, dali em diante.

Berish virou-se no banco para olhar de frente o homem sem nome.

– Então, podes ajudar-nos?

No reflexo do retrovisor Mila viu que, enquanto fazia a pergunta, o colega deslizara para o bolso do outro o envelope que fora buscar ao seu apartamento, antes de se dirigirem ali.

Deixaram *Hitch* de guarda ao automóvel e seguiram o especialista ao longo dos corredores da indústria de carnes.

– Quando terminarmos, poderás levar um bom bife ao teu animal – assegurou o pequenote a Berish.

– Porque trabalha aqui? – deixou escapar Mila.

Mas ele não ligou.

– Nunca disse que trabalho aqui.

– Como, desculpe?

– Eu não tenho computador, telemóveis ou cartões de crédito. Eu não existo, lembra-se? Todas essas coisas deixam vestígios. Berish contacta-me através de uma mensagem para um gravador de voz que ouço, em média, de hora a hora. Depois, telefono-lhe para o número que me indica de vez em quando.

– Então, o que fazemos neste sítio? – perguntou Mila, cada vez mais

curiosa.

– Hoje, um empregado está de baixa por doença e, por isso, há um computador livre. Usaremos esse.

Era inútil perguntar como fazia para sabê-lo, pensou a agente. Aquele fulano era realmente bom a obter informações.

Cruzaram-se com diversos operários, mas nenhum lhes ligou. O local era demasiado grande para que as pessoas se dessem conta de movimentos estranhos ou de rostos desconhecidos.

Ao chegarem junto de um gabinete, o especialista olhou em volta. Assegurando-se de que não havia ninguém por ali, serviu-se de uma chave-mestra para entrar.

Era um pequeno local com uma secretária e alguns ficheiros. Além de alguns cartazes com imagens de vacas a pastarem, um tanto macabros para o contexto, havia as fotografias de família do empregado que ali trabalhava.

– Fiquem tranquilos, não virá ninguém – garantiu-lhes o homem. Em seguida, começou a trabalhar com o computador.

– De que precisam?

– Estamos à procura de um fulano desaparecido nos últimos vinte anos que se chama Ivan ou que tem um nome parecido – referiu Berish.

– É uma pista um pouco fraca – comentou o especialista. – Não sabem mais nada?

O agente especial incluiu na informação o detalhe do bailado *O pássaro de fogo* de Stravinsky e a cena da captura do pássaro pelo príncipe.

– Quem nos forneceu este dado queria que encontrássemos uma correspondência, não deve ser impossível.

– Um desafio – disse o homem, satisfeito. – Bom, gosto de desafios.

Não, é um teste, pensou Mila, e esteve tentada a corrigi-lo com as mesmas palavras com que Berish lhe explicara o objetivo do pregador. Em vez disso, observou-o a dar início ao trabalho. Num silêncio religioso,

começou a digitar comandos no teclado, acedendo via internet aos arquivos digitais de bancos, hospitais, jornais, e até da polícia. Os dedos movimentavam-se ligeiros nas teclas, como se conhecessem o caminho para entrar em todos os lugares do universo informático. *Passwords*, chaves eletrónicas, códigos encriptados foram violados com uma facilidade extrema. No ecrã materializava-se todo o género de informações. Artigos de imprensa, fichas clínicas, certificados de registo criminal, extratos de contas bancárias.

Passou quase uma hora sem que Berish dissesse uma palavra. Andava de um lado para o outro pela sala com ar inquieto, olhando pela janela de vez em quando. Mila aproximou-se dele.

– Como se conheceram? – disse, indicando o especialista com um gesto da cabeça.

– Trabalhava para o Programa de Proteção. Ajudava-nos a esconder as testemunhas daqueles que tinham interesse em silenciá-las para sempre.

Mila não fez mais perguntas, pois achou que Berish talvez não pudesse partilhar muito mais. Ou, provavelmente, era ela que não queria saber toda a verdade. A cena em que ele passara às escondidas um envelope suspeito ao especialista ainda a perturbava. Ressoavam-lhe na cabeça as palavras de Joanna Shutton referindo-se indiretamente a Berish: «Um dos agentes especiais envolvidos perdeu a sua dignidade por outro caso sórdido... Aceitou uma quantia de dinheiro para deixar fugir um criminoso arrependido que deveria proteger mas também vigiar».

A consulta do especialista não era, certamente, barata. Mas como teria o agente especial todo aquele dinheiro em casa?

– Chama-se Michael Ivanovič. Desapareceu quando tinha seis anos.

A idade de Alice, pensou Mila de imediato. Era estranho como os desaparecimentos de crianças a tocavam particularmente desde que tinha uma filha.

– Sempre pensaram que tivesse sido raptado por um maníaco –

prosseguiu o especialista. – Se realmente se trata da mesma pessoa, agora terá cerca de vinte e seis anos.

Mila olhou para Berish.

– Desapareceu no mesmo período dos insones.

– Se nessa época não o incluímos entre as primeiras vítimas de Kairus, evidentemente não haveria o detalhe do sonífero.

Sete pessoas desaparecidas no nada, à qual se juntara Sylvia, a testemunha. *Mas existia um novo desaparecido.*

– Onde esteve todo este tempo? – perguntou Mila.

– Não sei – respondeu o especialista. – Mas posso afirmar com certeza que os seus vestígios reapareceram subitamente na net há uma semana. É como se «virtualmente» tivesse regressado.

– Embora não haja a particularidade do narcótico, parece-me uma coincidência excessiva, não vos parece? – afirmou Berish, entusiasmado. – Na minha opinião, é ele.

Mila concordou.

– Agora como o encontramos?

– Os vestígios de que vos falava servem precisamente para isso. Ivanovič contactou uma companhia telefónica para ativar uma linha de telemóvel, deixando nome e apelido. Fez o mesmo ao pedir a abertura de uma conta *online*. Mas as moradas não coincidem, sinal de que só pretendia lançar uma mensagem para o ar na esperança de que alguém a recolhesse. Michael quer dar-vos a saber quem é mas, ao mesmo tempo, não quer ser encontrado.

Porque tem uma tarefa a levar a cabo, pensou Mila. Tem de matar alguém.

– E agora? – perguntou Berish.

– Tenho a resposta para ti – sorriu o mágico do computador. – Graças a um velho relatório médico de quando era criança sabe-se que Michael Ivanovič é portador de uma anomalia congénita um tanto rara que tem o

nome de *Situs Inversus total*.

– O que significa isso? – perguntou Mila.

– Que tem todos os órgãos invertidos: coração à direita, fígado à esquerda, *etc.* – respondeu Berish.

A agente nunca ouvira falar de semelhante.

– E o que fazemos com essa informação?

– As pessoas com *Situs Inversus*, numa percentagem que atinge noventa e cinco por cento dos casos, sofrem de cardiopatias. Por isso, têm necessidade de exames médicos frequentes – acrescentou o homem.

Para Berish, a ideia era ótima.

– Não devemos procurar o seu nome, mas a sua anomalia. Assim, ainda que tenha utilizado identidades falsas, poderemos reconstituir os seus movimentos através de quem o tratou.

– Não será muito simples – afirmou o outro, atenuando o entusiasmo. – Na internet não há nenhuma ficha clínica que descreva um caso de *Situs Inversus* num rapaz de vinte e seis anos.

– Como é possível? – perguntou Berish.

– Talvez durante todo este tempo Michael Ivanovič nunca tenha ido a um hospital, mas antes a médicos generalistas ou a especialistas. Será necessário mais algum tempo para saber quem são.

Berish bufou.

– O facto é que não temos o tempo de que precisas.

O homem levantou as mãos.

– Desculpem mas, por agora, não posso fazer mais.

– Está bem – interveio Mila dirigindo-se, em seguida, ao agente especial.

– Não vamos desencorajar. Tenho a certeza de que, se o deixarmos trabalhar, ele descobrirá alguma coisa sobre o nosso Michael.

Berish gostaria de alimentar a mesma esperança.

– Está bem, tentemos. E, enquanto esperamos, o que fazemos?

Mila viu as horas.

– Tenho um compromisso.

A primeira vez que Alice perguntara pelo pai fora há mais ou menos quatro anos.

Mas a pergunta já existia há algum tempo na sua cabeça. Como acontece muitas vezes com as crianças, assumia outras formas – introduzia-se nos gestos ou nos discursos. Começara a desenhar há algum tempo a sua família, incluindo uma figura da qual nunca ouvira falar. Não se sabia quando surgira nela a consciência de ter um outro progenitor. Certamente acontecera quando se confrontou com os da sua idade ou quando ouviu Ines falar do seu marido, o avô. Se Mila tinha tido um pai, porque não o tinha ela? De qualquer modo, a primeira pergunta que fizera a propósito fora uma espécie de compromisso.

– Quantos anos tem o meu papá?

Uma maneira de contornar a questão sem perder de vista o alvo principal.

Pouco tempo depois, Alice voltara ao assunto, dessa vez, a propósito da estatura. Como se a preciosíssima informação pudesse mudar o seu destino. Desde esse momento, as perguntas sucederam-se. A cor dos olhos, o número que calçava, o seu prato preferido.

Era como se, peça a peça, Alice estivesse a tentar reconstituir a imagem do pai.

Um exercício paciente e cansativo, especialmente para uma menina – Mila apercebera-se disso. Ines dera-lhe a entender que talvez fosse altura de pai e filha se encontrarem. Mila foi adiando, porque esperava o momento certo. Embora não soubesse exatamente como o teria identificado. Na noite anterior, quando Ines voltara à carga, Mila não hesitara em dizer-lhe que sim, para que não houvesse discussões. Depois do que acontecera – a irrupção em casa, o pânico e o desconcerto –, Mila sentia que estava em dívida com Alice. Duvidava que fosse uma boa mãe, mas não podia impedir a menina de sentir-

se uma boa filha.

E as boas filhas vão ter com os papás.

Além disso, os acontecimentos daquela semana tinham-na levado, inevitavelmente, aos dias do Sugeridor. O pedido da menina já não era impossível de satisfazer. Talvez fosse seu destino fazer as contas com o passado. Ou talvez Alice estivesse a comunicar-lhe que não se podia ignorar o mal realizado.

Até porque, sem aquele mal, ela não teria nascido.

A estrada trepava pelas colinas, acariciada pelas copas das árvores.

Alice olhava pela janela do carro e, por um instante, Mila pensou ver-se a si própria, em menina, no retrovisor. Também ela gostava de roubar instantes à velocidade. Imagens que lhe fugiam diante dos olhos e das quais só conseguia captar alguns fragmentos. Uma casa, uma árvore, uma mulher a estender roupa.

Mãe e filha não tinham falado muito desde o início da breve viagem. Mila tirara do porta-bagagens do *Hyundai* a cadeirinha de segurança a colocar no banco de trás para Alice e deixara que Ines instalasse a neta, assegurando-se de que estava bem presa com os cintos e na companhia da sua boneca preferida.

Nesse dia, Ines pusera-lhe um vestido de algodão cor-de-rosa, com umas alcinhas que lhe deixavam os ombros descobertos. Calçava umas sapatilhas brancas e tinha uma fita da mesma cor a prender-lhe os cabelos.

Passados alguns quilómetros, Mila perguntara-lhe se tinha calor ou se queria ouvir rádio, e Alice sacudira a cabeça e apertara *Miss*, a boneca dos cabelos vermelhos, ainda mais contra si.

– Sabes onde vamos?

A menina continuava a olhar para fora.

– A avó disse-me.

– E estás contente?

– Não sei.

Com uma simples afirmação, Alice pusera termo a qualquer veleidade de Mila de continuar a conversa. Outra mãe aprofundaria o sentido daquela dúvida. Outra mãe talvez propusesse voltar para trás. Outra mãe talvez tivesse sabido o que fazer. Mas Mila sentia que já era «a outra mãe» para Alice, porque a verdadeira era, agora, a avó.

O edifício de pedra cinzenta surgiu à distância.

Quantas vezes lhe fizera uma visita nos últimos sete anos? Devia ser a terceira. A primeira ocorrera nove meses depois do sucedido, mas não conseguira entrar e fugira. Na segunda vez chegara, vira-o e não lhe dissera nada. No fundo, era tão pouco o tempo que tinham passado juntos que não tinham assuntos a partilhar.

A única noite que vivera com ele tinha-a marcado com mais de mil cortes. A dor que sentira fora devastadora, mas também tão bela e tão intensa que não podia ser comparada a nenhuma forma de amor. Ele a despi-la revelando o segredo do seu corpo ferido, ele que percorria com beijos as suas cicatrizes, ele que lhe confiava todo o seu desespero, sabendo que ela faria bom uso dele.

Há pelo menos quatro anos que não voltara a encontrá-lo.

Um empregado de cor veio recebê-las no parque de estacionamento. Mila avisara por telefone da sua visita.

– Bom dia – saudou-as o homem, a sorrir. – Temos o prazer de vos receber. Hoje está muito melhor, sabem? Venham, está à vossa espera.

A representação dirigia-se à menina, para não assustá-la. Tudo deveria parecer natural.

Entraram pela porta principal. Atrás de um balcão estavam dois guardas privados que perguntaram se se recordava do procedimento a seguir para aceder à estrutura. Ela entregou a pistola, o distintivo e o telemóvel. Os guardas verificaram também a boneca dos cabelos vermelhos. Alice seguia as

operações com curiosidade, sem protestar. Depois, mãe e filha passaram por um detetor de metais.

– Ainda recebe ameaças de morte. – O empregado referia-se ao seu hóspede principal.

Percorreram um longo corredor cheio de portas fechadas. Havia no ar um cheiro a desinfetante. De vez em quando, Alice perdia o passo de Mila e era obrigada a acelerar. Por um instante, a menina estendeu a mão para a da mãe mas, apercebendo-se do erro, retirou-a de imediato.

Tomaram um ascensor que os levou ao segundo andar. Mais corredores, desta vez mais animados. Dos quartos provinham sons cadenciados – o som cadenciado dos respiradouros e o tinido prolongado dos monitores cardíacos. As pessoas que trabalhavam naquele lugar estavam vestidas de branco e movimentavam-se disciplinadamente, repetindo uma rotina essencial feita de seringas que se enchiam, bolsas de soro que eram substituídas, sacos que era preciso esvaziar ou cateteres que era necessário deitar fora.

A cada um era atribuído um visitante, até se esgotar o tempo de que dispunha. Pelo menos fora o que um médico dissera a Mila.

«Nós estamos aqui porque estas pessoas receberam um excesso de dias ao nascer.» E ela pensara numa espécie de erro de fabrico. Como se a vida e a morte tivessem ganho impulso e, agora, prosseguissem unidas e constantes num lentíssimo prolongamento de existência, até que a primeira cedesse à segunda.

Mas nenhuma das pessoas deitadas nas camas daquela clínica podia esperar regressar da viagem iniciada.

Mortos que não sabiam que estavam mortos e vivos que não podiam morrer. Era assim que Mila definira para Berish os desaparecidos do Limbo. E, naquele sítio, acontecia a mesma coisa.

O empregado conduziu-as até ao quarto.

– Querem estar sozinhas com ele?

– Sim, obrigada – respondeu Mila.

Mila deu um passo adiante em relação a Alice que, por sua vez, ficou parada à entrada da porta, com as sapatilhas perfeitamente alinhadas e a boneca sempre apertada contra si.

Fixava o homem deitado na cama, com os braços de fora do alvo lençol perfeitamente dobrado à altura do tórax. As palmas das mãos estavam molemente apoiadas nos cobertores. O tubo fixado no pescoço, através do qual respirava, fora coberto com um velo de gaze, certamente para não perturbar a jovem visitante, pensou Mila.

Alice fixou o pai com um olhar imóvel. Talvez procurasse encontrar uma maneira de fazer coincidir o que tinha diante dos olhos com a imagem que construía dele na sua cabeça.

Mila poderia ter-lhe feito acreditar desde o início que o pai tinha morrido, teria sido muito mais fácil – mesmo para ela. Da forma como as coisas estavam, teria sido uma verdade mentirosa. De qualquer modo, era certo que chegaria o dia das interrogações mais importantes – respostas que estavam para lá da cor dos olhos e do número do calçado. Por isso, mais valia esperar para explicar-lhe que aquele corpo inútil era a intransponível prisão da alma condenada do seu pai.

Mas, para sorte das duas, ainda ia a tempo.

Alice não se moveu, inclinou a cabeça por um instante, como se tivesse captado um matiz da cena – coisas que os adultos não podem ver. Depois, voltou-se para Mila e disse apenas: – Já podemos ir embora.

O desaparecimento de Michael Ivanovič ocorrera numa época em que as fotografias das crianças desaparecidas eram estampadas nas embalagens do leite.

Uma ideia de investigação simples mas potencialmente muito eficaz. O resultado era que, todas as manhãs, as famílias de todo o país se sentavam à mesa com aquele rosto. Através deste astuto expediente, os cidadãos eram induzidos a memorizá-lo e podiam indicar eventuais avistamentos fortuitos. Se existia, de facto, um raptor, era uma maneira de fazê-lo sentir-se perseguido.

Mas também havia um efeito colateral.

O menor desaparecido acabava por ser, teoricamente, adotado por todo o país. Era o filho ou o neto por cuja sorte se estava ansioso e se rezava todas as noites, e a sua descoberta era esperada como a extração dos números da lotaria, com a certeza de que haveria um vencedor.

Mas, depois, surgira um problema: os investigadores – e com eles os produtores de leite – perguntaram-se por quanto tempo a fotografia deveria permanecer nos pacotes. Porque, quanto mais tempo passava, menores eram as probabilidades de um fim feliz. A dada altura, não era agradável para ninguém tomar o pequeno-almoço com a imagem de uma criança que poderia estar morta. Assim, de uma manhã para a outra, a fotografia desaparecia. Mas ninguém protestava. Preferiam esquecer.

Michael Ivanovič – que, de imediato, todos tinham rebatizado afetuosamente de «o pequeno Michael» – permanecera durante dezoito meses nos pacotes de leite. Tinha feito seis anos há uma semana no dia em que desapareceu no nada. Os seus pais estavam a separar-se e defrontavam-se com as disputas legais do divórcio. Os meios de comunicação insinuaram que

os dois estavam demasiado empenhados no litígio para prestarem a devida atenção ao seu único filho. Assim, alguém aproveitara para intrometer-se furtivamente nas suas vidas e levar a Michael.

Tudo ocorrera numa tarde, já no fim da primavera, no pequeno jardim situado em frente ao local de trabalho da mãe. Michael brincava no balanço enquanto ela falava energicamente de um telefone público com o homem que, em breve, se tornaria o seu ex-marido. A mulher jurou aos inquiridores que praticamente não desviara o olhar do filho. E que, de qualquer modo, estava tranquila porque ouvia constantemente o chiar do balanço.

Só que o assento de madeira continuava a balançar sem o peso de Michael.

Pelo rapto do pequeno fora preso um canalizador de trinta e cinco anos. A denúncia partiu da mulher que vivia com ele, depois de ter encontrado em casa a camisola verde de riscas brancas que a criança vestia no dia do desaparecimento. Mas o homem justificou-se afirmando que a recolhera de um caixote do lixo e que decidira guardá-la porque a criança já era famosa e agradava-lhe a ideia de possuir a «recordação de uma celebridade». No final, a sua versão foi considerada credível e incriminaram-no unicamente por entrave às investigações.

Para além daquele episódio, durante vinte anos não aparecera um único indício sobre o destino de Michael Ivanovič. Nem um vestígio, nem uma palavra, nem sequer uma pista falsa. Ninguém o dizia, mas todos acreditavam que estivesse morto.

Como habitualmente acontecia em casos semelhantes, foi difundido um aviso, a título reservado, a todos os médicos-legistas do país. Continha a descrição anatomopatológica da criança para fins de identificação, no caso de ser encontrado o cadáver de um menor.

O comunicado relatava o detalhe – nunca difundido na imprensa – de uma condição congénita de Michael Ivanovič, que tinha o nome de *Situs*

Inversus.

Quando acabou de ler, Berish fechou o dossiê. Tinha feito uma cópia, descarregando-a do arquivo do Limbo graças à palavra-passe que Mila lhe fornecera.

A nona vítima na ordem cronológica do Senhor da Boa Noite, repetiu para si mesmo.

Mas na pasta não havia pistas sobre quem, hoje, pudesse ser o alvo de Michael Ivanovič. Era demasiado jovem no momento do desaparecimento, por isso, era improvável que tivesse identificado o objetivo na base da sua experiência – como fizeram Roger Valin e Nadia Niverman. A ligação entre vítima e homicida seria, certamente, casual – como com Eric Vincenti e André García.

Mas o facto de Kairus ter escolhido, desta vez, o mais jovem dos seus discípulos para aquela missão de morte significava que queria que os investigadores fizessem tudo o que fosse possível para encontrá-lo. Porquê?

– Quer fazer-nos sentir inadequados – pensou Berish em voz alta. – Desta vez, tem em mente um alvo dos grandes.

O agente especial tinha passado grande parte da tarde fechado no seu gabinete à espera de uma chamada do amigo especialista em informática. Acabado de estudar o dossiê de Michael Ivanovič, guardou-o na gaveta, viu as horas e olhou para *Hitch*, que estava tranquilo no seu canto, sem protestar. Já passava das dezoito horas e ambos tinham fome. Por isso, decidiu sair com o cão.

Ativou o atendedor de chamadas e saiu com *Hitch* para comprar alguma coisa para comer.

Um quiosque vendia sanduíches e bebidas a dois passos da entrada do departamento. Os cachorros quentes eram a paixão de *Hitch* – o seu dono estava convencido de que seria por causa do nome do acepipe.

Puseram-se na fila com os outros polícias que, como habitualmente,

lançavam sobre Berish olhares desdenhosos. Pela primeira vez, depois de tanto tempo, o agente especial podia sentir a picada dos seus olhares sobre si, como se a couraça que sempre o protegera estivesse mais fraca.

Hitch percebeu a sua tensão porque levantou a cabeça e ladrou para certificar-se de que estava tudo bem. Berish acariciou-lhe o focinho. Quando chegou a sua vez, comprou dois cachorros, sanduíches de atum e uma lata de *Red Bull*. Depois, afastaram-se com passo expedito. No caminho de regresso, voltou a pensar no que acabara de acontecer. Nada mudara, mas era como se tudo tivesse mudado. Voltar a ser operacional após anos de inatividade fazia-o sentir-se vivo. Depois de décadas de interrogatórios em que conseguira obter a confissão dos pecados de assassinos e criminosos, sabia que não era pior do que eles. Mas sempre acreditara que se abriam porque reconheciam nele uma espécie de companheiro.

Não pareço um polícia. É por isso que me contam tudo.

Mas, agora, esse talento apresentava-se como aquilo que era na realidade: uma condenação. E uma voz de fundo no seu coração decretava que chegara o momento de pôr termo à pena.

Já pagaste tudo, Simon. Chegou a hora de seres, de novo, um polícia.

Enquanto ruminava aqueles pensamentos, percorria o corredor para o gabinete. Numa mão levava o saquinho com as sanduíches, na outra a lata de *Red Bull* e não se lembrou de que precisaria de libertar uma das duas para abrir a porta.

Foi *Hitch* quem lhe chamou a atenção para o facto de já estar aberta.

— Olá, Simon.

Por pouco não lhe caiu a lata da mão. Teve de recorrer a todo o autocontrolo de que dispunha para não ter um enfarte.

— Santo Deus, Steph.

O capitão do Limbo estava sentado diante da sua secretária, com as pernas cruzadas.

– Não queria assustar-te. Desculpa. – Depois bateu as mãos para chamar o cão. – Vem cá, lindo.

Hitch foi de imediato ao encontro de Stephanopoulos, que lhe agarrou a cabeça peluda entre as mãos, esfregando-a afetuosamente.

Berish retomou o fôlego, fechou a porta atrás de si e pôs os cachorros quentes na tigela do cão.

– Quando uma pessoa se habitua a ser ignorada, algumas surpresas podem ser fatais.

Steph riu-se.

– Dou-me conta disso. Mas primeiro bati à porta, juro. – Depois, ficou sério. – Não teria entrado para esperar-te se não tivesse algo importante para discutir.

Berish observou a expressão do seu velho superior.

– Queres uma das minhas sanduíches? – disse enquanto se sentava do outro lado da secretária.

– Não. Mas tu come, se quiseres. Não demoro muito tempo.

Berish abriu a lata de *Red Bull* e deu um sorvo.

– Então, o que se passa?

– Vou dizê-lo sem rodeios e espero uma resposta igualmente direta.

– Está bem.

– Tu e Mila estão a fazer uma investigação não autorizada?

– Porque não o perguntas a ela? Não é uma agente tua?

Steph não pareceu contente com a meia admissão.

– Fui eu que lhe disse que viesse falar contigo.

– Isso eu sei.

– Mas não esperava que fizesses conluio. Apercebes-te de que isso pode prejudicar a sua reputação no departamento?

– Creio que ela sabe tratar de si.

– Tu não sabes um caralho. – Steph teve um dos seus habituais impulsos

de violência. – Mila é atraída pela escuridão como as crianças pela marmelada. Em pequena aconteceram-lhe coisas terríveis. Coisas que nem eu nem tu poderemos alguma vez imaginar, graças a Deus. Podia sair disso de duas maneiras: ceder ao terror para o resto da vida, ou usá-lo como um recurso. Mila enfia-se nas situações mais arriscadas porque tem necessidade disso. Do género daqueles veteranos de guerra que pretendem regressar de imediato para a frente. O medo de morrer cria dependência.

– Percebi o género – atalhou Berish. – Mas também sei que nenhum de nós dois poderá alguma vez dissuadi-la ou travá-la.

Stephanopoulos abanou a cabeça, contrariado, e pousou os olhos nos do agente especial.

– Estás convencido de que apanhas Kairus, não é?

– Desta vez sim – confirmou Berish.

– E disseste a Mila porque te interessa tanto ajustar contas com o Senhor da Boa Noite? – Fez uma pausa. – Falaste-lhe de ti e de Sylvia?

O agente especial encolheu-se na cadeira.

– Não, não lho disse – admitiu friamente.

– E pensas fazê-lo? Ou para ti é apenas um pormenor negligenciável?

– Porque haveria de fazê-lo?

Steph bateu com a mão na secretária, assustando *Hitch*.

– Porque foi desde então que começaste a desatinar. Transformaste-te num estafermo e destruístes a tua carreira ao tornares-te um rejeitado do departamento. E tudo por causa do que aconteceu a Sylvia.

– Deveria tê-la protegido, em vez disso...

– Em vez disso, Kairus levou-ta.

Gostarias de ter uma nova vida?

As palavras do Senhor da Boa Noite ao telefone com as suas vítimas ressoaram no gabinete. Mas só Berish as ouviu.

Sylvia também estivera no quarto 317 do Ambrus Hotel? Também ela

tomara o ascensor até ao terceiro andar? E vira o papel de parede vermelho-escuro? E andara sobre a alcatifa com as enormes flores azuis? E, nessa altura, depois de ter ingerido um sonífero, deixara-se levar pelo Senhor da Boa Noite?

Houve um longo silêncio até que Steph voltou a falar.

– Qual é a tua culpa, Berish? Teres sido lixado pelo monstro ou teres-te apaixonado pela única testemunha que o vira cara a cara? Pensa bem.

– Deveria tê-la protegido – repetiu com voz parada, como um disco riscado.

– Quanto tempo passaste com ela? Um mês? Parece-te normal dares cabo do resto da tua vida por tão pouco?

Berish não disse nada.

Steph parecia aperceber-se de que tudo o que lhe dizia era inútil. Levantou-se e aproximou-se de *Hitch*, baixando-se para acariciá-lo.

– Na qualidade de chefe do Programa de Proteção de Testemunhas, sou tão responsável como tu pelo que sucedeu.

– E, na verdade, enterraste-te no Limbo.

O capitão deixou escapar um risinho amargo, pôs-se em pé e agarrou a maçaneta da porta, pronto para partir.

– Como alguns dos desaparecidos estão a regressar, pensas que também ela reaparecerá, certo? Por favor, faz-me ouvir pela tua voz que estou errado: diz-me que não acreditas que Sylvia ainda está viva.

Berish susteve o olhar do velho capitão, embora não soubesse o que havia de responder. O silêncio estava a tornar-se pesado e Steph não desistia. Foi o toque do telefone que quebrou a tensão.

O agente especial agarrou o telefone.

– Sim?

– Dentro de pouco tempo vais gostar muito, muito, muito de mim.

A voz pertencia ao perito de informática sem nome e, como ruído de

fundo, ouvia-se o rumor de uma máquina industrial. Sabe-se lá de que telefone seguro estava a chamar.

– Tens alguma coisa para mim? – Berish procurava ser evasivo porque Steph continuava a fixá-lo da porta.

– Michael Ivanovič foi a um médico privado com um nome falso há cerca de um mês.

– De certeza?

– Ouve esta: o médico lá achou que a Divina Providência o presenteara com a possibilidade de escrever um bom artigo para uma revista médica sobre o caso de *Situs Inversus*, e mostrou-se preocupado com as condições do coração de Ivanovič. Mas ele percebeu tudo e roeu-lhe a corda. Por sua vez, o médico não se resignou e seguiu-o até casa. Provavelmente Michael descobriu-o e, no dia seguinte, o desprevenido médico foi queimado, juntamente com o seu automóvel. A polícia e o seguro pensam que um problema na instalação elétrica provocou um rápido incêndio que não deu tempo ao condutor para se salvar, porque nem sequer teve tempo de sair do habitáculo. Mas quem devia investigar não se preocupou em aprofundar a questão. Primeiro, porque estas coisas acontecem, e segundo, porque o médico não era um tipo que tivesse inimigos. Assim, encerraram o caso como um incidente comum. Mas eu tive o incómodo de ir ler as notas no computador portátil do médico e, partindo do móbil, reconstituí toda a história.

– Espera um momento. – Berish tapou o auscultador do telefone e dirigiu-se novamente a Stephanopoulos. – Prometo que contarei a Mila sobre Sylvia e, tanto quanto me for possível, mantê-la-ei à margem dos problemas.

O capitão do Limbo pareceu aceitar como boas as suas palavras.

– Obrigado – disse, antes de deixar o gabinete.

Quando Steph se foi embora, Berish voltou ao seu interlocutor telefónico.

–Tens uma morada?

– Sim, meu amigo.

O perito comunicou-lha e o agente especial tomou nota, esperando que Michael Ivanovič ainda estivesse vivo. Estava para desligar de modo a telefonar a Mila de imediato, quando a voz ao telefone o parou.

– Mais uma coisa... Ivanovič podia escolher mil maneiras para matar o médico. Mas há um pormenor que deveria ter levantado suspeitas à polícia e ao seguro.

– E que é?

– A perícia sobre o incidente afirma que os fechos de segurança do carro tinham defeito, mas talvez tivessem sido, simplesmente, manipulados. Além disso, segundo o médico-legista, o estado do corpo levava a supor que se tratara de uma combustão lenta e não de um «incêndio rápido». Por isso, não excluo que o assassino tivesse previsto tudo e estivesse ali perto a gozar o espetáculo.

Berish pensou no pássaro de fogo do bailado de Stravinsky.

– Queres dizer que este Michael Ivanovič é um pirómano?

– Creio que o nosso amigo gosta de ver arder as pessoas.

Encontraram-se a dois quarteirões da casa de Michael Ivanovič.

Cada um chegara por sua conta. Berish fez entrar *Hitch* para o banco traseiro do *Hyundai* e sentou-se, sem perguntar a Mila onde estivera essa tarde – mas, pela expressão do rosto, percebeu de imediato que se passava alguma coisa.

– Temos a certeza de que mora mesmo ali? – perguntou Mila.

– Foi o que disse o nosso informador.

– Então, como fazemos?

Berish viu as horas: passava das oito.

– Corremos o risco de encontrá-lo em casa.

– Estavas a pensar numa busca?

– Não sei o que tinha em mente, talvez fosse melhor avisarmos o teu amigo Boris.

Mila deixou escapar um trejeito de desapontamento.

– Queres mesmo que lhe explique como obtive a informação? Porque mo irá perguntar, de certeza.

Berish não tinha pensado nisso. Fazê-lo significava queimar a sua fonte. Não existia outra maneira de ligar Mila a Michael Ivanovič.

– Tens razão. Mas se descobirmos qual é o seu objetivo, teremos de dar o alarme.

– Eu diria que podemos pensar nisso mais tarde.

Berish anuiu.

Os apartamentos estavam dispostos em círculo e em dois pisos. O complexo desenvolvia-se em torno de um buraco retangular cheio de um líquido infecto que outrora fora uma piscina.

Berish e Mila passaram a cancela e dirigiram-se de imediato para as

traseiras. Para subir sem serem vistos utilizaram a escada de incêndio. O apartamento de Michael Ivanovič era o 4B.

Chegados à base da escada, o agente especial deu instruções ao cão.

– Se chegar alguém, ladra. Percebeste, *Hitch*?

Os *hovawart* eram perfeitos para montar guarda. Por isso, o animal sentou-se educadamente, como se tivesse percebido a ordem.

Em seguida, os dois polícias tiraram as pistolas dos coldres.

– Não é a minha arma habitual – avisou-o Mila. – Com aquela que perdi no incêndio do ninho de Kairus sentia-me mais à vontade. Por isso, não garanto nada.

Berish apercebeu-se de que a precisão era uma maneira delicada de recordar-lhe que a sua pontaria fora ineficaz quando, no interior do absurdo labirinto da vivenda de tijolo vermelho, tivera a ocasião de disparar sobre Kairus. Apreciou-o, mas a palavra «incêndio» também lhe trouxe à memória a última frase do perito de computadores referida a Michael Ivanovič.

Creio que o nosso amigo gosta de ver arder as pessoas.

Contara-o a Mila, mas não lhe dissera que aquele detalhe o agitava particularmente. Nos livros de Antropologia Criminal aprendera que a piromania era a manifestação mais aguda de uma índole sádica.

E existia um nome adequado para as pessoas como Ivanovič. Enfrentar «uma criatura do fogo» era perigoso porque o objetivo dessa escória não era apenas a morte mas, também, a destruição.

Chegaram junto da porta de entrada. Não havia maneira de ver o interior. Entreolharam-se. Berish encostou a orelha, mas os únicos sons que ouviu provinham das televisões dos vizinhos – alguns tinham as janelas abertas por causa do calor.

Não lhes restava muito tempo para decidir, havia o risco que alguém os visse.

O agente especial deu o seu assentimento e Mila dobrou os joelhos para

ter uma visão melhor da fechadura enquanto a arrombava.

Poucos segundos depois, a porta estava aberta.

Berish empurrou a porta e apontou a pistola para o interior, imerso na penumbra. Atrás dele, Mila acendeu a lanterna e iluminou uma sala de estar com uma mesa no centro, coberta por velhos jornais e garrafas vazias. O apartamento continuava ao longo de um corredor e parecia deserto.

Entraram.

Berish avançou alguns passos enquanto Mila fechou a porta atrás de si. O alojamento não devia ser muito grande, no máximo três compartimentos. Pararam à entrada da sala de estar para ouvir os ruídos da casa.

– Parece que não está ninguém – murmurou o agente especial. – De qualquer modo, fiquemos com as pistolas – recomendou, como se fosse necessário.

– Também o sentes? – perguntou Mila.

Berish intuiu que ela se referia a um forte perfume artificial, algo parecido com detergente para o chão. Mas o local não parecia muito limpo. Sacudiu a cabeça porque não percebia donde vinha.

Na sala, a peça principal do mobiliário era um sofá castanho com o estofado rasgado. Um velho televisor estava num canto e, encostado à parede, havia um aparador vazio. Duas cadeiras desirmanadas e uma mesinha completavam a mísera mobília. O conjunto era dominado por um candeeiro com quatro braços nos quais estavam suspensas campânulas de vidro esmerilado.

Não dava a ideia de uma casa com vida, quanto muito um alojamento provisório. Berish percebeu, imediatamente, que não fora certamente aquela a residência de Michael Ivanovič nos últimos vinte anos.

Mudou-se para aqui há pouco tempo, disse para consigo. O local seria útil como covil até completar a missão. Depois disso, partiria.

– O nosso amigo não gostava da posição do sofá. – Mila serviu-se da lanterna para apontar para baixo.

Berish notou que, de facto, uma das pernas de madeira do sofá estava partida.

– Pode ter escondido alguma coisa debaixo dele.

Agarraram-no os dois pelos braços e desencostaram-no. Apontaram o foco de luz, mas não havia nada.

O agente especial parecia desiludido.

– Provavelmente fez a mesma coisa com os outros móveis da sala – disse Mila, indicando o pavimento de madeira riscado pela deslocação do aparador.

Se Ivanovič tinha programado ficar pouco tempo na casa, por que razão mudara a disposição da mobília? Para Berish, isso não fazia sentido.

À sua direita, uma cortina suja separava a sala de uma pequena casa de banho. Mila abriu-a e viu que havia uma retrete lascada, um lavatório de cerâmica de má qualidade invadido pelo calcário e um chuveiro.

– Faltam as torneiras – afirmou Berish. *Foram retiradas*, disse para consigo. Registou esta última coisa estranha e tentou compreender o motivo, esperando que os seus estudos antropológicos viessem socorrê-lo.

– Vamos ver o que há no outro lado – propôs Mila, interrompendo o raciocínio do colega.

Provavelmente o último compartimento era onde Michael Ivanovič dormia. A porta estava encostada e a agente dirigiu o feixe de luz para o interior da fissura.

– Olha.

Berish posicionou-se ao lado do seu braço e viu.

Dentro do quarto havia uma planta da cidade presa à parede com pioneses e uma área estava circundada a vermelho.

– Crês que... – Mila não acabou a frase, porque era óbvio que podia tratar-se do local onde o homicida decidira atacar. Só tinham de procurar uma confirmação. Assim, a agente dirigiu-se para o quarto.

Berish viu-a avançar com passo seguro e, num instante, deu-se conta de

que aquele movimento era estranhamente previsível. A sua mente antecipara o gesto de Mila porque já o esperava.

Que motivo levara Michael Ivanovič a deixar a descoberto um indício tão importante? Podia ser por estar seguro de si mesmo e do seu esconderijo, mas não poderia jurar que fosse isso. A resposta veio-lhe da Antropologia.

Em menos de meio segundo, o agente especial analisou uma série de dados aparentemente insignificantes.

O odor a detergente – o líquido inflamável mais facilmente acessível no mercado. Removeu as torneiras do banho – a água apaga as chamas. Deslocou os móveis – para que um eventual intruso fosse obrigado a colocar-se exatamente onde ele queria. A planta com um círculo vermelho – um convite a entrar no outro compartimento. A porta do quarto semiaberta – o isco.

– Para.

Mila voltou-se para o observar, atónita.

O agente especial ergueu o olhar para o teto e para o candeeiro.

Tirou a lanterna das mãos de Mila e apontou-a para cima, vislumbrando os pequenos cabos que saíam dos casquilhos: as campânulas de vidro esmerilado estavam cheias de um líquido oleoso.

– O que é aquilo? – perguntou Mila afastando-se.

– Uma bomba incendiária.

Berish seguiu com a lanterna o percurso dos cabos, que terminava na porta do quarto. Fez deslizar o feixe de luz e viu que às dobradiças estava ligado um dispositivo rudimentar composto por dois elétrodos e uma pilha de baixa voltagem, unidos por uma fita isoladora. Se Mila tivesse aberto a porta do quarto o circuito fechar-se-ia fatalmente. Não haveria uma explosão. Berish sabia-o. Mas uma cascata de chamas líquidas tê-los-ia apanhado, queimando rapidamente as suas roupas para, depois, lhes consumir também o corpo.

Mais do que uma morte, teria sido um suplício. Um passatempo típico das criaturas do fogo.

– O nosso Michael é bom. – O agente especial ponderava a simplicidade mas também a engenhosidade da armadilha.

Por sua vez, Mila ainda estava abalada. *Devia ter prestado mais atenção*, pensou.

Berish limitou-se a arrancar um cabo para desativar o engenho. Em seguida, entrou no quarto.

Ao chegarem diante da planta aperceberam-se de que o círculo vermelho assinalava uma estrada.

– O lugar não é longe. Fica apenas a nove quarteirões daqui. – Todavia, Mila leu no rosto do agente especial o mesmo ceticismo. – Mas quem nos garante que Michael Ivanovič queria deixar, realmente, um indício e que não se trata apenas da ficção utilizada para nos fazer cair na armadilha incendiária?

– Bem, descobri-lo-emos assim que lá chegarmos.

49

Perceberam que o lugar era aquele quando viram as pessoas na rua.

Mila e Berish chegaram diante de um prédio de seis andares. Soava um alarme de incêndio e os inquilinos estavam a abandonar o edifício. Mas não havia fumo.

Viram que no exterior estava estacionado um carro-patrulha. A porta do condutor estava totalmente aberta e as luzes da sirene estavam acesas.

– O agente de ronda ao bairro chegou antes de nós – disse Mila enquanto saía do carro.

Identificou de imediato o porteiro que estava a ajudar as pessoas a evacuarem o prédio. Juntamente com Berish foi ao seu encontro, mostrando o distintivo. *Hitch* seguia-os.

– Onde é o fogo? – perguntou Mila procurando que a voz cobrisse o som da sirene.

– Não sei, mas os sensores de fumo indicam que se trata de um apartamento no quarto andar.

– Quem habita lá?

– Um peixe graúdo do departamento. Vive sozinho, chama-se Gurevich.

Ao ouvir o nome do inspetor, Mila e Berish empalideceram.

– O que sucedeu? – perguntou este último.

– Quando soou o alarme saí rapidamente para facilitar a evacuação do prédio. Mas deveria haver um colega vosso lá em cima.

– Esta é a única entrada?

– Há outra nas traseiras.

– Então não viu nenhum desconhecido sair do prédio...

– Não, mas com tanta confusão não tenho a certeza.

Berish olhou para Mila.

– Tens de telefonar a Klaus Boris e dizer-lhe para mandar as equipas especiais.

Ela anuiu.

– E nós o que fazemos?

– Subimos, obviamente.

O som do alarme de incêndio ecoava na caixa das escadas e era ainda mais insuportável.

Berish fez sinal a *Hitch* para esperá-los sentado. O cão obedeceu e começou a fazer a guarda.

Quando chegaram ao patamar, Mila viu que a porta do apartamento de Gurevich estava encostada. Trocou um rápido sinal de entendimento com Berish e ambos se posicionaram dos lados da entrada. Fizeram a simbólica contagem decrescente anuindo juntos por três vezes. Em seguida, o agente especial ultrapassou a entrada da porta com a pistola apontada, enquanto Mila lhe cobria a retaguarda.

O apartamento estava na penumbra e da entrada não se via ninguém. Percorreram alguns metros. Não havia chamas, nem fumo. Mas, do corredor que tinham em frente, provinha um forte cheiro a queimado. Não se tratava do odor normal de um incêndio, notou Mila. Havia qualquer outra coisa no fundo daquele miasma, uma nota áspera, penetrante. Tentou reconhecê-la durante um instante. Era a mesma exalação que a sua pele emanava quando, há tempos, a marcara com um ferro em brasa para provocar a dor de que tinha necessidade.

Viu que Berish levava uma mão à boca, procurando conter os vômitos – também ele percebera. Depois, fez-lhe um sinal para dar-lhe a entender que deviam avançar. E assim fizeram.

A casa tinha móveis de época e quadros antigos. Reinava uma pesada sensação de passado. O papel das paredes escuro e os tapetes contribuíam para conferir ao ambiente um tom austero.

O corredor principal parecia a galeria de um museu. Não havia tempo para perguntar-se como podia um inspetor do departamento viver num luxo semelhante. Tinham de prosseguir.

Chegaram perto do quarto. A porta estava aberta e no pavimento, aos seus pés, alongava-se uma lâmina de luz. Verificaram que não havia esconderijos para o assassino à sua volta, no caso de ter pretendido atraí-los a outra armadilha. À porta do quarto, repetiram o ritual da contagem decrescente.

Mais uma vez, Berish foi o primeiro a entrar. Mila viu o seu pavor.

Havia dois corpos a pouca distância um do outro.

O agente do carro-patrolha estava estendido num tapete encharcado do sangue que lhe jorrava de uma ferida no pescoço. De costas e com a cabeça voltada para eles, exânime.

Gurevich estava irreconhecível. Um fumo malcheiroso elevava-se das carnes. No rosto queimado destacavam-se os olhos branquíssimos virados para o teto. Mila estava convencida de que já estava morto, mas as pupilas moveram-se para ela, como se a reconhecessem.

– Ocupa-te do polícia – disse a Berish, gritando para se sobrepôr ao alarme. – Eu trato dele.

Ajoelhou-se ao lado do inspetor, não sabendo o que fazer para aliviar as suas penas. A roupa estava colada à pele e formava uma camada semelhante a lava incandescente. Um pouco mais adiante havia uma cortina de veludo que fora arrancada dos suportes. Provavelmente o polícia utilizara-a para dominar as chamas antes de ser atacado por Ivanovič. Também lá estava a vasilha de que o pirómano se servira para espalhar o líquido inflamável.

Mila voltou-se para Berish que, mantendo-se atento à porta, se inclinava sobre o polícia e lhe auscultava o tórax, na esperança de sentir algumas batidas. Pouco depois levantou-se, sacudindo a cabeça.

– Gurevich ainda está vivo – comunicou-lhe ela.

– As patrulhas devem estar a chegar e haverá, certamente, uma

ambulância.

– Não sabemos se Ivanovič ainda está na casa ou no prédio, poderá estar armado, dado que feriu aquele desgraçado no pescoço. Devíamos verificar e garantir a segurança do local.

Mila viu que também Berish se esforçava por congeminar um plano.

– Um de nós deve ir lá abaixo explicar a situação aos nossos – disse o agente especial.

Naquele momento, Gurevich agarrou a mão de Mila.

– Está em choque, é melhor ires tu – afirmou a agente.

– Usarei o rádio para pedir à sala de operações para me pôr em contacto direto com o pessoal da ambulância. Assim, posso dizer-lhes de imediato as condições do ferido. Tu não tomes decisões arriscadas, está bem?

Mila notou que o tom de Berish era estranhamente protetor. Por um instante, pareceu-lhe Steph.

– Está bem – disse, para serená-lo.

Berish desceu as escadas olhando continuamente para trás. O porteiro dissera que o prédio tinha uma entrada nas traseiras, pelo que também era provável que Michael Ivanovič a tivesse usado na fuga.

Encontrou *Hitch* no ponto onde o deixara. Estava tranquilo.

Quando ultrapassaram o portão, viu ao fundo da rua as luzes das patrulhas que se aproximavam.

As sirenes misturaram-se com o alarme de incêndio e formaram uma cacofonia que, de certo modo, agitou Berish ainda mais.

O primeiro carro da polícia federal parou ao lado da multidão que se juntara aos inquilinos para assistir à cena. Saíram três homens com a divisa das forças especiais, entre os quais um sargento. Berish foi ao seu encontro sem pensar nas consequências.

– Aconteceu tudo no quarto andar. Um dos nossos morreu, o inspetor Gurevich está gravemente ferido e a agente Mila Vasquez está lá em cima

com ele. O responsável chama-se Michael Ivanovič e, certamente, está armado. Poderá ter fugido, mas não posso excluir a hipótese de que ainda se encontre no prédio.

Apercebeu-se de que o sargento o reconhecera e que, provavelmente, estaria a perguntar-se o que fazia ali o polícia rejeitado do departamento.

– Diga aos seus homens para controlarem os curiosos. – Berish indicou com a cabeça a pequena multidão. – O homicida é um pirómano que gosta de desfrutar do espetáculo, pelo que poderá ainda estar nas imediações.

– Sim, senhor. Está a chegar uma ambulância.

O sargento foi ter com os homens das forças especiais que se juntavam diante do prédio e comunicou as ordens, dando instruções para que se preparassem para subir.

Para não os estorvar, Berish dirigiu-se ao carro-patrulha que o polícia de ronda morto deixara sem guarda. Sentou-se no lugar do condutor e agarrou no microfone do rádio.

– Central, fala o agente especial Berish. Têm de pôr-me em contacto de imediato com o pessoal médico da ambulância que se dirige a casa do inspetor Gurevich.

Uma voz feminina respondeu ao altifalante.

– De acordo, agente, estamos a efetuar a ponte pela rádio.

À espera que lhe passassem os paramédicos, Berish batia impacientemente com o indicador no microfone do transmissor e olhava à volta. O ajuntamento de vizinhos e curiosos aumentava progressivamente.

Onde estaria Michael Ivanovič naquele momento? Escondia-se entre aqueles vultos e estava a observá-lo? Talvez quisesse sentir o cheiro que Berish ainda tinha nas narinas – fumo e carne humana. O agente especial pensou que nunca mais o esqueceria.

– Equipa de ambulância, dois-seis-seis – anunciou uma voz masculina na rádio. – Qual é a situação? Escuto.

– Temos um queimado. Tem dificuldades de respiração, parece grave mas ainda está consciente, escuto.

– O que causou a queimadura? Escuto.

– Julgamos que se trata de uma mistura de substâncias químicas. O ato é doloso e é obra de um pirómano, escuto.

Enquanto falava, Berish desviou distraidamente o olhar para o retrovisor.

Viu *Hitch* a mover-se atrás do carro, a ladrar.

Entre o alarme e o rádio, o agente especial não ouvira.

– A causa da queimadura foi controlada? Escuto – perguntava o paramédico.

Mas Berish ignorou-o, concentrando-se no que acontecia atrás do carro-patrolha.

– Senhor, percebeu a pergunta? Escuto.

– Volto a contactar mais tarde. – O agente especial encerrou a comunicação.

Deixou o microfone no banco, saiu do habitáculo e dirigiu-se para trás da viatura. *Hitch* ficou ainda mais agitado e Berish viu que o cão indicava a bagageira.

Está aqui, disse para consigo. Michael Ivanovič escondeu-se para escapar à captura. Não poderia escolher um local mais adequado.

O agente especial procurou com os olhos os colegas, mas nenhum olhava na sua direção. Percebeu que deveria agir sozinho. Tirou a pistola, esforçando-se por segurá-la firmemente. Depois, estendeu a mão livre para a bagageira. Com um gesto seco acionou o botão da fechadura e, ao mesmo tempo, apontou a arma para dentro.

Quando a boca de chapa se abriu diante dele, saiu um miasma que já conhecia. O corpo humano que o emanava apresentava queimaduras menos graves do que as de Gurevich.

Ainda estava consciente, e estava nu.

O homem que estava na sua frente não era Michael Ivanovič. Embora não estivesse fardado, Berish lembrava-se de o ter visto a tomar o pequeno-almoço no *snack-bar* chinês.

Num instante, a dinâmica do que acontecera foi-lhe clara, como num filme projetado na sua cabeça. Finalmente, inclinou-se para auscultar, talvez precipitadamente, o bater do coração de um polícia ferido de morte. Mas, para além do som ensurdecedor de um alarme, encostara a orelha ao lado errado do tórax. O esquerdo.

Nos Situs Inversus, o coração está à direita, disse para consigo. Em seguida, ergueu o olhar para o quarto andar do prédio.

Ergueu-se do tapete no instante em que Gurevich perdeu os sentidos.

O polícia redivivo tinha um estranho sorriso estampado no rosto. Empunhava uma faca e olhava-a como se observa uma presa quando se percebe que ela foi apanhada na armadilha.

Diante dos olhos de Mila desenvolvia-se uma cena irreal. A sua mente estava bloqueada, mas conseguira na mesma atribuir uma identidade ao morto-vivo.

Num instante tudo lhe foi claro.

Michael Ivanovič parara um carro-patrolha e, depois de ter neutralizado o ocupante, vestira a farda. Vestido de polícia, aparecera à porta de Gurevich, contornando com o seu aspeto qualquer pergunta relativa aos motivos de uma visita durante a noite. Lançara-lhe fogo, mas não conseguira fugir a tempo do prédio. Quando os ouvira chegar, fizera uma ferida no pescoço com a faca – suficiente para perder sangue e encenar a sua morte.

Com uma mão o falso polícia limpou o sangue do pescoço, confirmando, assim, que se tratava de uma ferida superficial. Com a outra mão deitou fora a faca para poder tirar do bolso da farda um objeto estranho. Era composto por uma pequena garrafa de plástico cheia de um líquido laranja na qual estavam inseridos dois pequenos cabos, que emergiam da tampa e terminavam numa caixa envolvida por fita isoladora preta.

Mila intuiu de imediato que se tratava de um engenho incendiário.

Poderia ter disparado sobre Ivanovič antes que ele desse um passo. Mas, por causa daquela coisa, não tinha a certeza de que fosse uma boa ideia. Não sabia se seria acionada por um botão que o pirómano poderia premir antes de cair.

Ivanovič continuava a sorrir.

– O fogo purifica a alma, sabia?

– Pare – intimou-o ela.

Michael Ivanovič estendeu o braço para trás, com um gesto elegante – como um discóbolo que se prepara para o lançamento perfeito. Mila ergueu a arma e fez pontaria. Estava para disparar quando viu atrás do pirómano uma grande nuvem branca que subitamente o engoliu, dirigindo-se rapidamente para ela.

Por entre o nevoeiro químico lançado pelo extintor, reconheceu os vultos escuros dos agentes das forças especiais. Gritavam frases enérgicas mas moviam-se em câmara lenta. Eram alienígenas, espectros – vindos de um outro mundo, ou de uma outra dimensão para salvá-la.

Em menos de um segundo estavam em cima de Michael Ivanovič, esmagando-o contra o chão. Mila apercebeu-se dos olhos do pirómano invadidos pela surpresa enquanto os agentes o imobilizavam, tirando-lhe da mão o perigoso brinquedo.

KAIRUS

Relatório 16-01-UJ/9

Excerto da gravação áudio do interrogatório do dia 28 de setembro [REDACTED], no departamento de polícia federal de [REDACTED].

17h42m

Interrogador: Onde está ela?

Suspeito: permanece em silêncio Interrogador: O que aconteceu ontem à noite?

Suspeito: permanece em silêncio.

Interrogador: O que tens a ver com o desaparecimento da agente Mila Vasquez?

Uma obsessão é o processo degenerativo de uma rotina.

É como se o mecanismo mental, habituado a replicar sempre os mesmos comportamentos, subitamente encravasse e continuasse a repetir um único gesto, até ao infinito. E lhe atribuísse um significado insubstituível e, sobretudo, quase vital.

Mas no «quase» estava contida a possibilidade de interromper a reiteração, libertando o indivíduo da escravidão psicológica da sua fixação.

No dia em que Berish amadureceu a definição, extrapolando-a dos estudos de Antropologia, também se deu conta de que, para ele, não haveria alternativa e que continuaria a pensar em Sylvia até ao fim dos seus dias.

O amor contamina tudo com a recordação, dizia-se. O amor é uma radiação.

Assim, cada vez que tocava em alguma coisa que pertencera ao breve período que haviam passado juntos – e que, por isso, também ela usara, manejara, aflorara –, a invisível energia negativa contida no objeto irradiava através da sua mão, subia pelo braço até aos ombros descendo, depois, até ao coração.

Uma hora antes de Sylvia ter entrado na sua vida, Berish estava a descascar batatas para o jantar. Estava a cozinhar um frango. Não era um grande cozinheiro, mas desenvencilhava-se.

Era uma tarde de junho e a luz da cidade mudara – abandonara os tons do cinzento e do amarelo intenso de maio e, agora, transformava-se em rosa e azul. Os vinte graus eram apenas um presságio de verão, uma temperatura amena o suficiente para poder esquecer-se dele. Através da janela aberta da cozinha chegavam as vozes excitadas dos rapazes que se defrontavam no campo de jogos. Os gritos das andorinhas passavam e desvaneciam-se numa

distância desconhecida. No rádio ligado, uma estação transmitia apenas canções do passado – *The man I love*, de Billie Holiday, *I wish I knew how it would feel to be free*, de Nina Simone, *I don't mean a thing*, de Duke Ellington e *Moanin'*, de Charles Mingus.

Simon Berish, de calças de ganga e camisa azul com as mangas arregaçadas, usava um ridículo avental amarelo-palha com folhos na frente e movia-se entre a mesa e o fogão com a ligeireza de um bailarino. E, como se não bastasse, assobiava.

Sentia-se estranhamente eufórico, sem saber porquê.

Gostava do trabalho, a sua vida agradava-lhe. Estava satisfeito. Depois de uns anos de permanência no exército compreendera que a prossecução natural da sua carreira só poderia ser na polícia. Distinguir-se na academia e, ao fim de pouco tempo, conseguira fazer um bom percurso, ao ponto de merecer a patente de agente especial com grande rapidez, relativamente ao habitual no departamento. A promoção ao Programa de Proteção de Testemunhas, sob o comando do capitão Stephanopoulos, fora a cereja em cima do bolo num ano inesquecível.

Por isso, na cozinha daquele velho apartamento no bairro popular, tinha todas as razões para estar contente e para merecer tanto o perfume do frango assado como Mingus, Ellington, Simone e Billie Holiday. Recordaria aqueles momentos para o resto da vida. Porque, uma hora depois, tudo mudaria. E aquilo que antes o satisfazia tornar-se-ia um prémio de consolação.

Alugara a casa há uma semana, usando para o contrato um nome inventado. Recebeu o dinheiro necessário do fundo do Programa de Proteção de Testemunhas. Foi posta à sua disposição uma quantia para as despesas correntes, bem como documentos falsos e um cartão de saúde.

O apartamento estava parcialmente mobilado, mas Simon fez na mesma uma pequena mudança nessa manhã, com móveis e utensílios recolhidos na sua verdadeira casa, de modo a chamar a atenção dos vizinhos para os novos

inquilinos do 37G.

O truque para passar despercebido era pôr-se à vista de todos.

Se se tivesse limitado a ocupar o alojamento, as pessoas teriam certamente começado a meter o nariz na vida dos misteriosos habitantes acabados de chegar não se sabia donde. Os mexericos eram o maior perigo no seu trabalho, passavam de boca em boca à velocidade da luz. Mas era conveniente manter sempre um perfil discreto.

Ninguém te espia, ninguém se interessa por ti se fores exatamente igual aos outros.

Por isso, quando acabou de descarregar o furgão, abriu as janelas de par em par para fazer sair o cheiro a mofo, e começou a arrumar tudo no lugar.

Depois da representação do marido consciencioso que prepara o ninho para a família, só faltava no quadro a esposa. Havia um único inconveniente.

Nunca a vira.

Mas lera sobre ela no dossiê que Steph lhe passara. Não era o primeiro caso mas, até então, nunca tivera de desempenhar o papel de cônjuge. «Será como com os casamentos por correspondência, percebes?», dissera-lhe o capitão. E dera-lhe uma aliança de casamento em casquinha de ouro.

O apartamento situava-se no rés do chão. Podia parecer uma posição vulnerável, mas tinha-a escolhido precisamente por assegurar mais vias de fuga. «Quando tens de proteger uma testemunha, não te pões a fazer de pistoleiro, escapas juntamente com ela», recomendava sempre Steph.

Quando a campainha soou, Simon parou de lavar os pratos, limpou as mãos no avental, tirou-o e foi receber a sua esposa à porta do prédio.

À entrada, ao lado do intercomunicador, estava a louríssima Joanna Shutton, que rapidamente lhe fez um esplêndido sorriso, como de costume. Berish perguntava-se por que razão, sendo tão bonita, não conseguia encontrar um homem. Os colegas receavam a sua beleza e, talvez por isso, começaram a chamar-lhe «o Juiz». Mas Simon considerava-a simpática e

muito capaz.

Joanna saudou-o como a um velho conhecido.

– Estás com bom aspeto – comentou, dando-lhe uma palmada no estômago. – Segundo parece, a vida conjugal ajuda a manter a forma.

Riram como se se conhecessem há uma vida inteira.

Depois, Joanna anunciou: – Trouxe-te a minha amiga, que fui buscar mesmo agora à estação. Disse que sentiu a tua falta nestes dias. Cuida dela.

Depois, pôs-se de lado, permitindo-o ver uma mulher estacada no passeio. Os cabelos pretos apanhados numa trança, um casaco azul demasiado grande para um corpo magro. Numa mão carregava uma mala cujo peso fazia pender ligeiramente para o lado a sua postura, enquanto a outra estava fechada em punho para não deixar deslizar do dedo uma aliança de casamento grande de mais – porque não tinham encontrado uma à sua medida.

Sylvia olhava à sua volta com ar desorientado e triste.

Simon procurou contornar a situação indo ao seu encontro com um grande sorriso. A mulher aceitou ser acolhida nos seus braços, Berish beijou-a com ímpeto na face e depois disse-lhe baixinho ao ouvido: – Convém que me abrace, senão começamos mal.

Sylvia não respondeu. Pousou a bagagem e fê-lo. Mas não se limitou a trocar o abraço, fez durar o gesto mais do que seria devido. Simon deu-se conta de que a mulher não queria largá-lo, apercebeu-se do seu medo enquanto se agarrava a ele com todas as forças.

Aquele gesto foi suficiente para dar a entender ao agente especial que a protegesse para além do seu dever.

Depois de ter-se assegurado de que não necessitavam de mais nada, Joanna despediu-se deles. Mas, à porta, agarrou Simon à parte.

– É instável – disse, referindo-se a Sylvia. – Creio que não aguenta os nervos. Poderá saltar-lhe a tampa.

– Não vai acontecer.

– De qualquer modo, podia calhar-te pior – comentou com uma malícia tipicamente feminina. – No fundo, é querida. Lembras-te de quando Steph me «casou» com aquele programador informático com caspa e fundos de garrafa em vez de óculos? Tiveste sorte.

Simon teve um instante de desorientação.

– Então, estás a corar? – Joanna era impiedosa.

– Sim, como podia não corar se gostas tanto de me ver atrapalhado. – Mas, depois, ficou sério. – Achas que o Senhor da Boa Noite virá procurá-la?

– Nem sequer sabemos se existe realmente. De qualquer modo, não deveria dizê-lo mas... mete-me medo.

Estava a ser sincera. Joanna Shutton dava a impressão do tipo de polícia que não se assusta diante de nada. Ou, pelo menos, do tipo que nunca o admitiria. No entanto, o que estava a acontecer também a mudara a ela. A identificação do rosto do Senhor da Boa Noite criara um estado de tensão.

Os traços infantis, os olhos eternamente imóveis e de tal modo profundos que pareciam vivos.

Eram polícias experientes, o melhor que o departamento podia oferecer a uma investigação. E o monstro com cara de menino era o inimigo perfeito.

– O meu turno termina daqui a uma hora – disse Joanna despachando-se. – Se tiveres necessidade de alguma coisa, esta noite está de serviço um tipo novo. Chama-se Gurevich e parece-me competente.

Ele e Sylvia passaram a primeira noite no apartamento mal se tocando.

Ele acendeu a televisão com o volume alto de maneira a dar aos vizinhos a impressão de que a casa tinha realmente vida – mas ninguém estava a olhar para ela. Sylvia arrumou no quarto as poucas coisas que levara consigo. Não fechou a porta, mantinha-a encostada de modo a tê-lo sempre ao alcance do olhar. Simon passava diante da porta de vez em quando, só para lhe dar a entender que estava ali e que não a perderia de vista.

Por um instante, ficou a observá-la do corredor enquanto ela pendurava

os vestidos no guarda-roupa. Nem sequer se dera conta que o fazia e foi ela quem o surpreendeu, o que lhe provocou um pequeno sobressalto. Afastou-se de imediato com uma sensação de idiota.

Mais tarde, jantaram o frango com batatas. Não estava grande coisa, mas ela não disse uma palavra. As únicas frases que trocaram durante a refeição foram para pedir o pão ou a água mineral.

Por volta das dez ela foi para o seu quarto. Simon deitou-se no sofá com uma almofada e um cobertor. Ficou a olhar o teto com um braço debaixo da nuca, sem conseguir adormecer. Pensava nela. Não sabia muitas coisas a seu respeito, a não ser o que lera no dossiê. Sabia que estava sozinha no mundo, que tinha crescido numa instituição e, mais tarde, em famílias de acolhimento. Que sempre se desembaraçara com pequenos trabalhos durante toda a vida, sem possuir um sonho. Ninguém gostara dela. Ninguém se preocupara com ela. Salvo o homem suspeito com quem se cruzara no último lugar onde fora vista uma das vítimas do Senhor da Boa Noite.

«Não fui eu que o vi, mas o contrário. Sorriu-me e, desde então, nunca mais consegui esquecê-lo.»

Deitado no sofá, Simon refletia sobre o facto de que, antes disso, o caso dos sete desaparecidos – rebatizados pelos meios de comunicação como «os insones» – só existia na imprensa e nos telejornais. A polícia federal lançara uma investigação oficial só para secundar os humores da opinião pública e não fazer má figura.

Mas a existência de uma testemunha ocular fora mantida em segredo. Bem como a notícia da identificação.

Stephanopoulos conseguira convencer os superiores a atribuírem a investigação ao Programa de Proteção de Testemunhas. Era anómalo que fossem precisamente eles a ocuparem-se do caso, mas o inspetor-chefe do departamento consentira sem qualquer objeção, sobretudo para evitar a chatice de um provável insucesso.

No início, ninguém queria acreditar em Sylvia. Só Steph estava convencido de que não se tratava de uma burla para obter cobertura mediática. Depois de a ter encontrado, também Simon se persuadiu que dizia a verdade.

Enquanto fantasiava, apercebeu-se de que ela estava parada na entrada da sala. Voltou-se e viu-a em camisa de noite. Inicialmente não percebeu o que queria. Ia dizer-lhe qualquer coisa, mas ela antecipou-se e caminhou para ele. Com calma e em silêncio procurou deitar-se. Simon afastou-se um pouco para lhe dar lugar, surpreendido com o que estava a acontecer.

Sylvia estendeu-se, virando-se de costas, mas com a cabeça apoiada no seu braço. Simon voltou a pôr a cabeça na almofada e descontraíu-se.

– Obrigada – disse-lhe, timidamente.

Vinte anos depois, ao pensar naquela primeira noite no sofá, Berish não conseguia afastar da mente a recordação do calor do corpo de Sylvia contra o seu – a fragilidade com que se colocara entre os seus braços para que cuidasse dela.

Mas talvez alguém exercesse sobre ela uma influência maior.

Gostarias de ter uma nova vida?

As palavras de Kairus ao telefone com as suas vítimas revelaram a Berish um cenário novo. Inimaginável até pouco antes. Aterrorizava-o a ideia de que existisse um grupo de pessoas que tivesse passado pelo quarto 317 do Ambrus Hotel e que, agora, essas pessoas estivessem dispostas a fazer o que quer que fosse pelo pregador. Nem a ocorrência do dia conseguia distraí-lo daquele pensamento.

A morte de Gurevich provocara um terramoto no departamento. Mas, sobretudo, lançara uma nova luz sobre a vida privada do homem.

O apartamento ricamente mobilado onde vivia não era justificável unicamente com o salário de inspetor. Era evidente que obtivera o dinheiro de outra forma.

Berish tivera uma suspeita e tinha a certeza de que o mesmo pensamento ocorrera àqueles que tinham posto os pés naquela casa após o homicídio – incluindo a Joanna Shutton. Tinha a ver com um suborno dado anos antes a um agente especial por um criminoso arrependido que, desse modo, escapara ao controlo do Programa de Proteção de Testemunhas.

Precisamente o ato de que fora acusado Berish, que ainda tinha às costas o ludíbrio e o desprezo dos colegas, embora nunca tivesse havido provas contra ele.

Mas o facto de o verdadeiro responsável poder ser Gurevich não implicava a sua reabilitação. Pelo contrário, poderia ser o fim de qualquer esperança de redenção.

Entretanto, algumas salas mais adiante, Michael Ivanovič estava a ser interrogado. O agente especial estava fechado no gabinete com *Hitch*, à espera que se cumprisse o seu destino.

Os superiores deviam decidir como puni-lo por ter conduzido uma investigação não autorizada.

Talvez o Juiz aproveitasse o pretexto para completar a destruição de um rejeitado, evitando assim manchar a memória de um inspetor morto. No entanto, Berish torturava-se, principalmente, com o sentido do exército das sombras.

E era obrigado a perguntar-se se a sua Sylvia também fizera parte dele.

A sala estava imersa numa penumbra conciliadora.

Não havia janelas e as paredes estavam pintadas de negro. O mobiliário era constituído por três filas de cadeiras iguais, viradas na mesma direção, como no cinema. Mas o que tinham em frente não era um ecrã, mas o lado transparente de um falso espelho.

Do outro lado estava a decorrer o interrogatório de Michael Ivanovič, conduzido por Klaus Boris.

Mila era a única espectadora.

Os outros preferiam acompanhá-lo através das câmaras de circuito fechado que filmavam a cena de vários ângulos, comodamente instalados diante de um monitor nos respetivos gabinetes. Já ninguém ia à sala do espelho.

Era o refúgio ideal.

A agente tinha os braços cruzados e olhava para o vidro. A sala dos interrogatórios estava iluminada por luzes de néon, com uma mesa maciça ao centro e duas cadeiras, uma em frente à outra. Numa estava Ivanovič, algemado, enquanto o inspetor andava inquieto à volta dele – como um felino que estuda a presa antes de saltar-lhe em cima. Boris tinha um auricular através do qual, provavelmente, recebia instruções do Juiz.

Michael – «criatura do fogo», devido aos cabelos ruivos e aos olhos verdes – já não trazia a farda de polícia. Tinham-lhe dado uma camisola de felpo, as calças de um fato de treino e chinelos em vez de sapatos. Visto assim, parecia dócil. Mas o perigo germinava nele como brasas sob as cinzas.

Mila observou as tatuagens que lhe cobriam os braços. Eram insólitas e inquietantes.

Não havia suásticas ou cruces invertidas, nem símbolos de ódio ou de

morte, mas uma série de sinais dotados de uma certa harmonia. Subiam do pulso para os bíceps e desapareciam sob a camisola. As mesmas incisões vislumbravam-se acima dos tornozelos algemados.

Não são tatuagens. Aposto que as fizeste sozinho, porque gostas de sentir o fogo na pele, pensou Mila.

O pirómano fazia frente ao interrogador.

– Tens uma vaga ideia dos problemas que estão a cair-te em cima? – perguntou o inspetor que, apesar das três horas fechado ali dentro, não despira o casaco nem desapertara a gravata. – Podemos atribuir-te o ferimento do polícia de patrulha, o homicídio de um dos chefes do departamento e, provavelmente, também a morte daquele médico que queria escrever um artigo científico sobre ti.

Depois de um longo confronto, tinham chegado ao ajuste de contas. Mas Ivanovič sorria, evitava olhar o interrogador e ostentava uma expressão insolente.

– Dá-me prazer que te divirtas, mas isso significa que, no melhor dos casos, irás apodrecer numa cela.

– Como quiser, senhor.

– Estás a gozar comigo, Michael?

– Não, senhor. Eu não fiz nada.

– Não? Então quem foi?

– Há uma voz na minha cabeça que me diz o que devo fazer – afirmou o prisioneiro com uma cantilena tranquila, como se recitasse propositadamente mal um guião.

Klaus Boris debruçou-se sobre ele.

– Outra vez a história das vozes?

– Estou a dizer a verdade, senhor. Porque não quer acreditar em mim?

Agora tinha um tom impertinente.

– Não acredito nas tuas balelas, Michael. Já verguei tipos melhores do

que tu.

– A sério, senhor?

– Oh sim, sim. E inventar histórias não te servirá de nada.

– Como quiser, senhor.

Boris olhou-o em silêncio. Depois, decidiu que já bastava. Dirigiu-se para a porta e, pouco depois, entrou na sala do espelho onde estava Mila.

O inspetor desligou o altifalante do qual, pouco tempo antes, provinham as vozes da sala de interrogatório.

– Preciso de um esclarecimento – anunciou-lhe com dureza, enquanto se servia de um copo de água de um distribuidor.

– Está bem.

Mila sabia que chegaria aquele momento, mas gostaria de evitar o olhar acusatório de Boris.

– Quando te encontrei no gabinete de Steph, no Limbo, para te propor que entrasses na investigação, não imaginava que uma semana depois chegaríamos a pôr em causa a nossa amizade. E por que razão?

– Eu sei, deveria ter-te posto ao corrente.

– Estás realmente convencida de que esse é o único problema?

– Diz-me tu, então...

Boris bebeu um gole de água e suspirou sonoramente.

– Julgava que confiavas em mim.

– Sou uma pessoa leal, tu conheces-me. Dirigir-me-ia a ti em caso de necessidade, mas não podia manter-te pontualmente a par do que estava a fazer, porque me terias impedido de fazê-lo ou sentirias o dever de comunicá-lo ao Juiz. Sejam sinceros, Boris: já fazes parte do sistema, mas eu não. E isso nunca acontecerá.

– Na tua opinião, qual é a minha culpa? Vejamos... Ter uma família em que pensar? Depender do salário e da carreira? É claro que sim, apanhaste-me: sou daqueles que respeitam as regras e os superiores, enquanto Mila

Vasquez está-se nas tintas para certas coisas... – Amarrotou o copo e deitou-o fora com raiva. – Dizes que me estimas, falas de lealdade, mas confiaste num tipo como Simon Berish.

Klaus Boris não era diferente dos outros polícias: quando se tratava de julgar, era guiado pelo espírito coletivo. Mila pensou novamente na circunstância que a fizera ter uma ideia errada sobre o agente especial. O que a levara ao engano fora o misterioso envelope que Berish trouxera de casa às escondidas e que, depois, entregara ao perito informático. Dissera para consigo que, no fundo, não lhe interessava, mas isso não aliviara, realmente, a suspeita. Apenas a visita a casa de Gurevich lhe esclarecera as ideias. E, agora, sentia-se ofendida pelo modo como Boris estava a tratar um colega seu, não querendo admitir que talvez estivesse inocente.

– O móbil que levou Michael Ivanovič a matar Gurevich era dar a saber a todos que se tratava de um polícia corrupto, e tu ainda me falas de Simon Berish?

A Hipótese do Mal: fazer bem ao próximo eliminando um falso honesto, disse Mila para consigo.

O inspetor parecia desorientado.

– Não sabes o que dizes – procurou rebater.

– Mostra-me que ainda sabes pensar pela tua cabeça, que não tomarás parte na tentativa de Joanna Shutton de encobrir o seu braço direito apenas para se salvar a si própria. – A agente viu que o amigo vacilava. – O Juiz sacrificará Berish, deixando que ainda se pense que foi ele quem traiu o departamento. Aquele homem pagará mais uma vez por culpas que não são suas.

– Queres realmente falar do que é certo ou errado? Então ouve esta...

Antes de prosseguir, o inspetor despiu o casaco e foi sentar-se numa das cadeiras na primeira fila.

– Nenhuma das vítimas de Michael Ivanovič terá justiça.

– O que queres dizer?

Boris deixou-se deslizar no espaldar.

– O Juiz queria que aplicássemos ao pirómano o protocolo do antiterrorismo. Segundo ela, deveríamos deportá-lo para uma qualquer prisão secreta e extorquir-lhe à força tudo o que sabe.

Mila percebeu que Shutton apoiaria mais uma vez a tese do terrorismo para distrair a atenção do escândalo Gurevich.

– E o procurador consentiu?

Boris sacudiu a cabeça, censurando a ingenuidade de Mila.

– Não te perguntaste por que motivo, no interrogatório de Michael, não estava presente o seu advogado?

A agente teve uma súbita perceção do que estava a acontecer.

– O advogado está a tratar do caso com o procurador.

– E sabes o que está a dizer-lhe neste momento? Que o seu constituinte é incapaz de entendimento e de vontade.

Mila estava pasmada.

– Michael planeou lucidamente o homicídio de Gurevich, foi bom a levar-nos ao engano: como pode ser definido como incapaz?

Boris apontou o dedo para o falso espelho e para Michael, que permanecia impassível na sala de interrogatórios, à espera de um destino que, talvez, já tivesse programado.

– Ouviste o que disse aquele psicopata? Que ouve vozes. Quer fazer-se passar por doido. O advogado de defesa dirá que Michael foi retirado à família quando era criança e que, por isso, terá sofrido um trauma. Além disso, sofre de uma grave patologia cardíaca ligada ao *Situs Inversus*, incompatível com o regime prisional. Enfim, é um pirómano com evidentes perturbações maníacas. Basta-te?

– E, na tua opinião, o que fará o procurador?

– Dirá que, enquanto não for certificada a sanidade mental do prisioneiro,

não poderemos aplicar nenhum protocolo antiterrorista e, muito menos, considerá-lo um comum suspeito. Ivanovič deverá ser transferido imediatamente para uma estrutura prisional psiquiátrica para ser acompanhado. Se os médicos confirmarem o diagnóstico, cumprirá a pena num hospital de custódia e tratamento psiquiátrico, do qual talvez consiga, um dia, fugir.

Mila estava horrorizada.

– Foi morto um polícia, o procurador nunca se porá contra o departamento.

– Não podemos fazer nada, lamento – rematou Boris.

– Se perdermos Ivanovič nunca conseguiremos chegar a Kairus.

Mila jogara a carta do Senhor da Boa Noite, segura de que Klaus Boris já estaria ao corrente de toda a história, incluindo o facto de que, vinte anos antes, o caso dos insones fora abafado com a cumplicidade do Juiz.

O inspetor tentou, mas não conseguiu responder.

Mila instou-o:

– A notícia sairá, mais cedo ou mais tarde. Shutton só tem uma hipótese de salvar o seu belo cu *Chanel*... E essa hipótese está nas mãos de Michael Ivanovič. Se conseguíssemos fazê-lo confessar que houve um mandante...

– Não é obrigado a avalizar a existência de um pseudomonstro que a polícia decidiu ignorar no passado.

Kairus não é um assassino, porque nunca matou. E não é um raptor se aqueles que desapareceram regressaram, repetiu Mila para consigo. *Segundo a lei, o Senhor da Boa Noite não existe.*

Naquele momento, Michael voltou-se na sua direção. Não podia vê-los através do espelho, mas o seu olhar cruzou-se com o de Mila.

– Dentro de pouco tempo virão buscá-lo para o levarem para o estabelecimento de saúde de segurança – disse Boris, desconsolado. – Para induzi-lo a trair-se devemos pôr em prática uma estratégia complexa, com

uma encenação apropriada dos papéis adequados. Além disso, devemos trabalhá-lo psicologicamente... Quando era ainda um especialista de interrogatórios, antes de subir de patente, sabia fazê-lo, por isso sei do que estou a falar. Mas agora não há tempo.

Mila voltou-se para olhar o amigo.

– Quanto tempo nos resta?

– Talvez duas horas. Porquê?

– Sabes, certamente, que nunca mais teremos uma vantagem do género sobre Kairus – declarou Mila.

– Resigna-te, não podemos usá-la.

Mila fez uma pausa, porque sabia que aquilo que ia propor era arriscado.

– Devemos fazê-lo tentar.

Boris não percebia.

– De quem estás a falar?

– Daquele que, atualmente, é o melhor especialista de interrogatórios do departamento.

O inspetor levantou-se da cadeira.

– Nem penses nisso.

– Nós devemos-lhe isso.

– Referes-te a quê?

– À possibilidade de limpar o seu nome. Além disso, Berish é a pessoa mais adequada, como tu bem sabes.

O inspetor continuava a opor resistência, mas Mila agarrava-se ao que lhe dissera o agente especial em relação à Hipótese do Mal e ao que faziam os pregadores.

Insinuavam uma ideia.

A agente aproximou-se do velho amigo.

– Também a mim me aborrece que aquele miserável possa safar-se quando um dos nossos está ferido e o outro morto para nada.

Pôs-lhe uma mão no ombro.

Boris pareceu surpreendido pelo gesto, pois Mila odiava o contacto físico.

– Está bem. Mas digo-te já que será difícil convencer o Juiz.

– Nem pensar!

Os gritos do Juiz ultrapassavam a porta fechada do gabinete onde decorria a reunião com Klaus Boris.

– Não deixarei que exponha o departamento ao ridículo!

– Mas, no fundo, o que temos nós a perder?

– Não me interessa.

No corredor, Mila olhava para o chão para não constranger o homem cuja presença bastara para desencadear o tumulto. Por sua vez, Simon Berish estava tranquilamente encostado à parede de braços cruzados. Nada parecia tocá-lo. A agente invejou o seu autocontrolo.

– Devemos deixá-lo tentar – dizia Boris. – Todos sabemos que nos últimos anos se saiu bem nos interrogatórios.

– Não vou desperdiçar o tempo que nos resta a permitir que um diletante faça experiências antropológicas com Michael Ivanovič. Por isso, arranjem outra ideia.

Talvez o amigo inspetor se lembrasse de fazer uma referência à provável corrupção de Gurevich para convencer Shutton. Mila esperava que isso acontecesse. Entretanto, perante as insinuações que provinham da sala ao lado, a calma de Berish era suspeita. Mila aproximou-se dele.

– Como consegues suportar tudo isto?

O agente especial encolheu os ombros.

– Passado algum tempo, é só uma questão de hábito.

A agente ganhou coragem.

– Eu nunca to perguntei, mas ficaste realmente com aquele dinheiro, ou foi Gurevich?

– Como haveria de saber o que fez Gurevich?

Berish gelou-a de imediato.

– É incrível: ainda o defendes.

– Não me vou limpar com a pele de um morto.

Mila não sabia se a atitude do agente especial era corajosa ou simplesmente louca.

– Estou a arriscar o pelo por ti.

– Ninguém te pediu nada.

– Queres dizer-me, pelo menos, como ocorreram os factos?

Era evidente que Berish não tinha vontade de fazê-lo, mas falou na mesma.

– Foi-me atribuída a vigilância de um criminoso que decidira trair os seus cúmplices. Protegíamo-lo sob um nome falso e devíamos mantê-lo sob vigilância. A missão tocou-me a mim e a Gurevich.

– Então, por que motivo, quando ele escapou, suspeitaram só de ti?

– Porque era eu que estava com o vigiado na noite em que o seu filho teve um ataque de apendicite. Queria ir vê-lo ao hospital e suplicou-me que o acompanhasse. Não digo que nos dias de convivência forçada nos tivéssemos tornado amigos, nem sequer havia solidariedade entre nós, mas apreciava a sua opção de colaborar. Não era fácil para alguém que escolhera seguir um caminho – por bom ou mau que fosse – mudar tudo arriscando a própria vida.

– E tu o que fizeste?

– Virolei o regulamento e levei-o. Assim, quando fugiu, serviram-se daquele episódio para afirmar que estávamos em conluio. A acusação caiu por terra porque nunca encontraram dinheiro nenhum, mas a fama ficou... e essa não se apaga facilmente.

– Não percebo – disse Mila. – Sem provas, os nossos colegas não tinham nenhum direito de julgar-te.

– Os polícias não precisam de ouvir a verdade porque, para eles, não é preciso um tribunal para julgarem um colega.

Mila já não suportava o seu sarcasmo.

– Pergunto-me como podes proteger a memória de Gurevich. Estás inocente, mas não queres que se saiba como ocorreram, realmente, as coisas.

– Os mortos não podem defender-se das acusações.

– Não é por isso. É que agora, como tu dizes, estás habituado a viver assim. Ou melhor, gostas. Não tens um pouco de amor-próprio? Utilizas as humilhações que sofres como uma forma de te martirizares. Assim talvez consigas enganar-te a ti próprio e sentires-te melhor, apenas porque aceitas a opressão e os abusos dos outros.

O agente especial não disse nada.

– Todos fazemos asneiras, Berish. Mas não é por isso que nos devemos deixar torturar pelo próximo, como tu fazes.

– Está certo. É por isso que todos procuram projetar uma imagem positiva de si próprios, mesmo em detrimento da realidade. E só confessam as suas culpas quando se encontram diante de alguém como eu. – Aproximou-se dela. – Sabes porque me tornei o melhor agente interrogador do departamento? Aqueles criminosos não me conhecem, não sabem quem sou, e mal olham para mim percebem que não sou diferente deles, que também eu tenho algo a esconder. – Berish apontou-lhe um dedo. – Verdade ou não, é essa a minha força.

– E estás orgulhoso disso? – Decidira pagar-lhe com a mesma atitude derrisória.

– Ninguém está disposto a admitir os seus pecados em troca de nada, Mila. Nem tu.

Ela pensou naquilo um momento.

– Lembras-te do vagabundo que vive junto a minha casa?

– Aquele a quem dás de comer?

– Não há nada de altruísta no meu gesto. Está ali há, pelo menos, um ano, e só procuro ganhar a sua confiança porque quero tirá-lo dali, para poder

olhá-lo de frente e, talvez, falar-lhe. Não lhe tenho afeto, só quero descobrir se se trata de um dos habitantes do Limbo. Não me interessa saber se é feliz ou não. Geralmente, a infelicidade dos outros só nos interessa quando reflete a nossa.

– E qual é a questão?

– A questão é que também eu desempenho um papel quando me interessa, mas não é por isso que estou disposta a aceitar compromissos comigo mesma.

– Será essa a tua culpa? – rebateu Berish num tom fingidamente ofendido.

– Por que motivo não me falas da tua filha?

Ao ouvi-lo mencionar Alice, Mila teve vontade de saltar sobre ele e dar-lhe um murro.

Mas Berish impediu-a de responder.

– Pelo menos eu não fujo. Pago pessoalmente pelos meus erros. E tu o que fazes? A quem entregaste a tua filha para não teres de aceitar as tuas responsabilidades? Porque é claro que ela não existe para ti, a não ser quando tu o decides.

– O que sabes tu?

As suas vozes quase se sobrepunham à discussão fervorosa da sala ao lado.

– Então diz-me, qual é a sua cor preferida? O que gosta de fazer? Tem uma boneca com a qual adormece nas noites em que tu não estás?

A última afirmação atingiu Mila com uma força inesperada.

Que mãe seria eu se não conhecesse o nome da boneca preferida da minha filha?

– É uma boneca com cabelos vermelhos e chama-se *Miss* – gritou-lhe na cara.

– Ah, sim? E como descobriste? Disse-te ela ou vigia-la às escondidas?

Mila bloqueou. Berish intuiu que a frase dita só para a ferir, afinal, era a verdade.

– Tenho de protegê-la – justificou-se.

– Protegê-la de quê?

– De mim.

Berish sentiu-se um estúpido. Deu-se conta de que atacara Mila apenas porque, no fundo, se sentia culpado. Ou talvez fosse o peso dos anos passados a sofrer contínuas humilhações. Também não fora capaz de ser sincero com ela.

Ainda não lhe revelara o caso de Sylvia. Mas agora só queria dizer-lhe que lamentava.

Naquele momento o silêncio também invadiu a sala ao lado, rapidamente seguido pela abertura da porta. O primeiro a sair foi Boris, que não abriu a boca. Depois, foi a vez do Juiz.

Joanna Shutton fixou Berish por um instante, como se não o conhecesse. Em seguida, dirigiu-se diretamente a Mila: – Está bem, agente Vasquez, o seu homem está autorizado.

A notícia pareceu abalar os dois, pondo termo à discussão de pouco antes.

Os saltos altos ressoaram no corredor enquanto o Juiz se afastava deixando atrás de si o habitual rasto de perfume demasiado doce.

Mila e Berish eram novamente uma equipa.

– Ouviste-a, não ouviste? – Disse-lhe Klaus Boris bruscamente. – Definiu-o como «o teu homem» para deixar claro que és tu a responsável. Se as coisas correrem mal, afundas-te com elas e eu não poderei fazer nada.

Simon Berish gostaria que Mila se voltasse e se deixasse tranquilizar pelo seu olhar. Mas ela não o fez.

– Eu sei – disse apenas.

Boris deslocou-se diante de Berish.

– Resta-nos mais ou menos uma hora. Do que precisas para interrogares Michael Ivanovič?

O agente especial não teve dúvidas.

– Tira-o da sala de interrogatórios e leva-o para um gabinete.

A câmara de vídeo foi colocada entre os dossiês empilhados num armário.

Berish afirmou que era inútil escondê-la. Seria melhor pô-la à vista num cavalete. Mas o Juiz não lhe deu ouvidos, só para reforçar que era ela que continuava no comando da investigação.

Na sala contígua ao gabinete, Joanna Shutton estava instalada na primeira fila para gozar o espetáculo diante do monitor que transmitia as imagens da gravação direta. Boris e Mila estavam um passo atrás. A agente ainda estava abalada pela discussão que tivera com Berish no corredor, mas esperava que ele conseguisse.

Acaba com este pesadelo, encorajava-o mentalmente.

Até àquele momento, só aparecia na tela o interrogador que, por razões de segurança, libertava a secretária de objetos com os quais Michael Ivanovič pudesse agredi-lo ou ferir-se a si mesmo. Berish espalhou alguns documentos na mesa, para que ele não a achasse demasiado vazia, e deixou um bloco de notas e uns lápis, além do telefone, que ficaria a uma distância segura de onde se sentaria o prisioneiro.

Tinha escolhido um gabinete comum para não dar ao interrogado a impressão de um ambiente hostil.

Pouco depois, escoltado por dois agentes que o seguravam pelos cotovelos, chegou Michael Ivanovič.

Arrastava os pés porque as algemas nos tornozelos o impediam de mover-se com agilidade. Os dois agentes ajudaram-no a sentar-se e, imediatamente a seguir, saíram da sala, deixando-o sozinho com Berish.

– Estás confortável? – perguntou o agente especial.

Como única resposta, Michael encostou as costas ao espaldar e, com

alguma dificuldade, devido às algemas dos pulsos, conseguiu apoiar o cotovelo direito na mesa.

O agente especial não ocupou a cadeira do outro lado da secretária, mas colocou-se diante dele. A câmara escondida apanhava-o da cintura para cima.

– Como estás? Deram-te de comer, de beber?

– Oh, sim. São todos muito simpáticos.

– Bem. Eu sou o agente especial Berish. – Estendeu-lhe a mão.

Ivanovič primeiro fixou-o, depois – com alguma dificuldade –, alongou os braços tatuados para a apertar.

– Posso chamar-te Michael, certo?

– Certo, é o meu nome.

– Aposto que estás farto de perguntas por hoje, mas não quero fazer batota contigo: isto é um interrogatório, Michael.

O prisioneiro anuiu, tranquilo.

– Já percebi. Há uma câmara a filmar-nos? – perguntou, olhando à volta. Berish indicou-lha.

– Está escondida entre aqueles dossiês.

Ao ver o rapaz a saudar com a mão na sua direção, Shutton rebentou: – Pois, fez-nos fazer figura de idiotas.

– O teu advogado é um tipo extraordinário – comentou Berish, olhando o relógio. – Dentro de cinquenta minutos sairás daqui. Do que queres falar, entretanto?

Ivanovič estava divertido, por isso, entrou no jogo.

– Não sei, escolha você.

Berish fingiu pensar.

– Desaparecer durante vinte anos pode ter os seus lados positivos. Por exemplo, poder assumir diversas identidades, ser quem se quer, ou mesmo ninguém. Assim não se pagam impostos. – Piscou-lhe o olho. – Sabes que, quando era pequeno, desaparecer era um dos meus desejos? Digamos que era

o meu segundo maior desejo, depois de ser invisível, para poder espiar os outros sem ser visto.

Os lábios de Ivanovič esboçaram um sorriso. Parecia vagamente curioso.

– Gostava de ter desaparecido – prosseguiu Berish. – De um dia para o outro, sem dar mais notícias. Teria andado ao acaso pelos bosques porque, naquela altura, adorava fazer campismo. Depois de uma semana ou duas, regressaria. Tinha a certeza de que todos me acolheriam com alívio, depois de tanta angústia. A minha mãe choraria, até o meu pai se comoveria. A avó prepararia o meu doce preferido e faríamos uma festa com a família e com os vizinhos. Viriam também os meus primos que viviam lá no Norte, ainda que só os tivesse visto umas duas vezes. Tudo por minha causa.

Ivanovič aplaudiu suavemente. E Berish agradeceu com um aceno de cabeça.

Mas Shutton não estava contente.

– O que está ele a fazer, a contar-lhe a sua vida? Deveria ser ao contrário.

Mila sabia que o agente especial estava a tentar criar um terreno comum. Mas deu uma olhadela ao relógio e fez votos para que o colega soubesse o que estava a fazer, porque já tinham passado cinco minutos.

– Bela história – disse Ivanovič. – E fez isso?

– Perguntas se fugi de casa?

O prisioneiro anuiu.

– Sim, fugi. – Agora, Berish estava sério. – E sabes o que aconteceu? A minha fuga durou bem menos de uma semana. Apenas algumas horas. Quando decidi que talvez já fosse suficiente e regressei a casa, não estava lá ninguém. Nem sequer se tinham dado conta.

O agente especial deixou que o prisioneiro refletisse sobre as últimas frases.

– Mas contigo não aconteceu o mesmo, pois não Michael? De facto, com seis anos, eras muito pequeno para fugires de casa.

Ivanovič não disse nada.

Através do ecrã, Mila apercebeu-se de que algo mudara no rosto de Michael. O agente especial tentava provocá-lo. Berish começou a andar.

– Uma criança é raptada de um baloiço. Ninguém se apercebe de nada, ninguém vê nada. Nem sequer a mãe que, no entanto, está ali perto, porque o pequeno jardim está situado mesmo em frente ao sítio onde trabalha. Leva sempre o filho para aquele parque, para brincar com as outras crianças. Mas, naquele dia, está distraída: está a falar ao telefone. Durante vinte anos, ninguém sabe o que aconteceu à criança. Para além disso, depois de todo esse tempo, as pessoas esquecem-se dele. Só duas pessoas sabem a verdade. Uma é o pequeno Michael que, entretanto, cresceu. A outra é quem o levou naquele dia. – Berish parou para olhá-lo nos olhos. – Não te perguntarei quem foi, porque tenho a certeza absoluta de que não mo dirias. Mas talvez queiras explicá-lo à tua mãe. Não tens vontade de rever a mulher que te deu à luz, Michael? Ela deu-te a vida: não achas que tem o direito de saber?

Michael Ivanovič não disse nada.

– Sei que a mandaram chamar. Está lá fora, posso mandá-la entrar. Ainda há tempo, se quiseres.

Era uma mentira, mas o rapaz acreditou ou fingiu acreditar.

– Porque haveria de querer ver-me?

Talvez Berish tivesse aberto uma brecha: pela primeira vez, Michael respondia com uma pergunta que lhe dizia pessoalmente respeito. O agente especial agarrou-se àquela mísera oportunidade.

– Sofreu durante todos estes anos. Não achas que é altura de libertá-la do seu sentimento de culpa?

– Ela não é minha mãe.

Mila notou que o tom de Ivanovič traía uma ligeira mágoa: Berish tinha marcado um ponto a seu favor.

– Percebo – secundou-o o agente especial. – Desistimos disso, então.

Por que motivo Berish atalhara a questão? Já conseguira criar um contacto. Mila não percebia.

– Importas-te que fume?

Sem esperar a resposta, o agente especial tirou do casaco um maço de cigarros e um isqueiro. Mila vira-o um pouco antes a pedi-los emprestados a outro polícia. Mas Berish não acendeu nenhum cigarro. Colocou simplesmente os objetos em cima da mesa.

O pirómano dirigiu o olhar para o isqueiro.

– Isto não estava no acordo – bradou Joanna Shutton. – Não pode correr um risco destes. Vou parar o interrogatório.

– Espere, dê-lhe mais um minuto – pediu-lhe Boris. – Ele sabe o que faz e nunca o vi falhar.

No ecrã, Berish tinha as mãos nos bolsos e andava à volta de Michael. O prisioneiro esforçava-se por parecer desinteressado, mas os seus olhos continuavam a procurar o isqueiro na mesa – como um vedor que, em vez de água, reconhece o chamamento do fogo.

– Gostas de futebol, Michael? Eu sou louco pelos jogos – lançou então Berish, sem razão aparente.

– Porque mo pergunta?

– Perguntava-me o que terias feito nestes vinte anos, só isso. Devias ter um *hobby*. Habitualmente as pessoas preenchem o tempo com um interesse, uma paixão.

– Eu sou diferente.

– Ah, isso eu sei. Tu és... especial.

Berish sublinhara a última palavra com ênfase exagerada.

– Não fuma aquele cigarro, agente?

– Em breve – respondeu Berish de imediato, fingindo preocupar-se com outra coisa mas talvez pretendesse precisamente aquele resultado.

Todavia, Mila começou a preocupar-se. Ivanovič desejava a visão do

fogo e Berish estava a usar o isqueiro como instrumento de pressão para obter algo dele. Qualquer que fosse a ideia que o agente especial tinha em mente, não estava a funcionar.

Dando razão à ansiedade da agente, Ivanovič agarrou num lápis da mesa e começou a rabiscar, distraidamente, no bloco de notas.

– Na casa do inspetor Gurevich disseste uma frase à agente Vasquez que espicçou a minha curiosidade – prosseguiu Berish, saltando de um assunto para outro, sem um aparente critério lógico.

– Não me recordo.

– Tranquilo, eu refresco-te a memória... Perguntaste-lhe se ela sabia que o fogo purifica a alma. – Berish torceu o nariz. – Não me parece uma frase por aí além. Talvez na tua cabeça fizesse sentido, mas achei um tanto banal.

– Não diria – respondeu o outro, picado.

Berish aproximou-se dos cigarros e tirou um. Pô-lo nos lábios e agarrou no isqueiro. Começou a passá-lo de uma mão para a outra, sem se decidir a usá-lo. Ivanovič seguia as evoluções do objeto, tal como uma criança se deixa encantar por um malabarista.

– O que está ele a fazer, a tentar hipnotizá-lo? – foi a frase de desprezo do Juiz.

Mila esperava que Berish ainda tivesse o controlo da situação.

O agente especial acendeu o isqueiro e manteve a chama acesa entre os dois.

– O que há no fogo, Michael?

No rosto do prisioneiro surgiu um sorriso sinistro.

– Tudo o que uma pessoa quer ver.

– Quem te disse isso? Kairus?

Os olhos do pirómano brilhavam. Mas a luz que iluminava as pupilas não era o reflexo da chama do isqueiro. Parecia que o fogo aflorava de dentro dele, das profundezas da sua alma. Entretanto, inadvertidamente, Michael

continuava com os seus rabiscos.

Berish tirou do bolso do casaco uma folha dobrada. Usando apenas a mão esquerda, com um rápido movimento do pulso – ao jeito de um prestidigitador – abriu-o diante dos olhos do prisioneiro. Continha o rosto do Senhor da Boa Noite. Aproximou-o do isqueiro.

– O que está ele a pensar fazer? – protestou Shutton. – Dentro de dois minutos interrompo tudo.

Entretanto, no ecrã, o rosto do pirómano transbordava de excitação, como o de um menino ansioso por começar um novo jogo.

– Que mais te disse o teu mestre? – insistiu Berish.

Michael parecia ausente e a mão tremia sobre o bloco de notas – continuava a rabiscar a folha com o lápis.

– Que, por vezes, é preciso ir ao fundo do inferno para conhecermos a verdade sobre nós próprios.

Berish instou-o.

– E o que há no fundo do inferno, Michael?

– Você é supersticioso, agente?

– Não, eu não. Porque mo perguntas?

– Por vezes, quando se conhece o nome do demónio, basta pronunciá-lo que ele responde.

O lápis que deslizava no bloco de notas era como uma agulha que media a tensão.

Por que razão Berish alimenta a narrativa da loucura? Mila não conseguia compreender. O agente especial estava não só a oferecer a Michael Ivanovič a possibilidade de tornar inútil qualquer esforço como a dar-lhe margem para tornar credível a tese da doença mental. E o tempo de que dispunha estava quase a acabar.

– Vão lá pôr termo a esta palhaçada – sentenciou o Juiz. – Já vi o suficiente.

Mas Berish não lhe deu tempo para intervir: soprou a chama e retirou o cigarro dos lábios. No rosto do pirómano o entusiasmo desvaneceu como fogo dominado.

Berish meteu o isqueiro no bolso e amarrotou o retrato de identificação.

– Está bem, Michael. Creio que já chega.

Mila ficou sem palavras. Joanna Shutton parecia muito determinada a pedir contas sobre o que acontecera.

Klaus Boris dirigiu-se à amiga.

– Lamento.

Em seguida, foram juntos para o gabinete onde decorrera o interrogatório.

Michael Ivanovič acabara de ser reconduzido à cela e o Juiz agredia verbalmente Berish – a sua voz ribombava no corredor.

– Acabaste, e não só com este caso. Assegurar-me-ei pessoalmente de que não possas causar mais danos.

Em seguida, reforçou a dose: – És um falhado, Berish. Não sei porque não te pusemos fora há anos, quando tivemos a oportunidade de o fazer.

Mila apercebeu-se de que o agente especial a deixava falar permanecendo impassível diante das críticas, como habitualmente. Subitamente, foi invadida pela dúvida atroz de que aquela farsa de interrogatório tivesse sido uma vingança pelo modo como sempre o haviam tratado. Contra Gurevich, que se deixara corromper e fizera recair a culpa sobre ele. Contra Shutton, que continuava a proteger, mesmo depois de morto, o verdadeiro corrupto, só para se salvar a si mesma. Enfim, contra todo o departamento e tudo o que representava.

E, o que era pior, Mila ajudara Berish a pôr em prática a desforra, ao pôr a hipótese, como uma estúpida, de que ele só procuraria reabilitar o seu nome.

O agente especial ajeitou a gravata e, como se nada fosse, ia sair do gabinete, mas Shutton, que evidentemente não estava habituada a ser

ignorada, postou-se diante dele.

– Ainda não te disse tudo.

Berish afastou-a com gentileza.

– Já ouviste falar de *efeito ideomotor*?

A pergunta irritou a chefe de departamento.

– O que é, mais um dos teus achados de Antropologia?

– Bem, para ser preciso, é Psicanálise – rebateu o outro. – Indica o processo através do qual uma imagem mental gera um movimento involuntário.

Shutton ia dizer algo, mas o instinto que lhe permitira fazer carreira travou-a.

Berish prosseguiu: – A um gesto ou a uma frase do interrogador corresponde um comportamento do interrogado. Por isso lhe mostrei o fogo.

– E então? – perguntou Shutton, com ar altivo.

– É como quando estás à mesa a conversar e, em vez de comeres, brincas com a comida e crias formas. Ou quando estás ao telefone e tens diante de ti um papel e uma caneta e, sem te dares conta, comesças a fazer uns rabiscos. Muitas vezes as coisas que desenhavas não significam nada mas, às vezes, têm um sentido. Por isso, se fosses a vocês, começaria já a procurá-lo...

Apontou para algo nas suas costas. Mila foi a primeira a voltar-se. De seguida, Boris e o Juiz fizeram o mesmo. O silêncio invadiu a sala. Todos fixavam o mesmo ponto na secretária.

O bloco de notas no qual o rapaz fizera os rabiscos pouco tempo antes.

Na folha estava desenhado um bloco retangular de quatro andares, com uma fila de claraboias no telhado, um grande portão e muitas janelas.

Atrás de uma delas vislumbrava-se uma figura humana.

Gostaria de pedir-lhe desculpa.

No entanto, após uma breve *reunião* no gabinete onde decorrera o interrogatório – enquanto ainda gozava o pequeno triunfo sobre Joanna Shutton –, perdera-a de vista. Talvez tivesse regressado ao Limbo, talvez tivesse ido para casa. Ou, muito provavelmente, talvez tivesse escapado porque não queria falar com ele.

Como lhe passara pela cabeça chamar à conversa a filha de Mila durante a discussão no corredor? Tinha sido cruel da sua parte. Não tinha esse direito.

Mas Simon Berish também estava convencido de que tinha tocado num ponto sensível. Caso contrário, por que motivo lhe teria a agente revelado tantas coisas? Porquê contar-lhe do vagabundo a quem dava de comer? Porquê revelar-lhe que vigiava a filha à distância? Por que motivo Mila lhe confessara os seus pecados?

Todos querem falar com Simon Berish, recordou.

E isso era válido para Mila, e também para Michael Ivanovič.

Ao entrar no apartamento que dividia com *Hitch* na residencial, o agente especial continuava a ouvir dentro de si a voz do pirómano.

O que há no fogo, Michael?

Tudo o que uma pessoa quer ver.

Berish lançou as chaves para a mesa e, sem acender a luz, caiu na poltrona de pele ao lado da janela. De fora, penetrava a luz fria e espectral de um lampião. Desapertou a gravata e, usando os calcanhares, descalçou os sapatos. *Hitch* foi deitar-se aos seus pés.

Devia telefonar a Mila. Além de pedir-lhe desculpa, tinha uma coisa a dizer-lhe. Não fora totalmente sincero com os outros um pouco antes: o desenho no bloco de notas não era o único resultado do interrogatório.

Os sinais tatuados nos braços de Ivanovič tinham-lhe dado uma ideia. Eram os símbolos de uma linguagem especial – a linguagem do fogo, inscrita na pele como uma espécie de hieróglifo a interpretar. E Berish falara com ele usando o mesmo jargão invisível.

O que mais te disse o teu mestre?

Que, por vezes, é necessário ir ao fundo do inferno para conhecermos a verdade sobre nós próprios.

O homem que falava não era Michael Ivanovič a fazer-se passar por louco. Berish tinha a certeza disso.

E o que há no fundo do inferno, Michael?

Você é supersticioso, agente?

Tinha sido aquela estranha pergunta que o iluminara. Tão extemporânea, tão fora do contexto. O pirómano estava a tentar enviar-lhe uma mensagem. Mas era a voz de Kairus que falava dentro dele.

Não, eu não. Porque mo perguntas?

Por vezes, quando se conhece o nome do demónio, basta pronunciá-lo que ele responde.

O agente especial estava convencido de que aquelas frases delirantes escondiam a chave para identificar o edifício que Ivanovič desenhara quase sem se aperceber. E, sobretudo, devia descobrir quem era a vaga figura humana que aparecia numa das janelas.

Na penumbra da sua casa, Berish começou a ouvir um som de uma bâtega de água. A chuva percutia tudo, mas só na sua cabeça. Deveria ter limpado esses pensamentos, mas continuava a carregá-los consigo.

E com a água voltou a recordação do passado.

As luzes da velha casa no bairro popular estavam apagadas. O temporal começara pelas seis e, subitamente, ficara escuro. Sylvia tinha febre alta e Simon tivera de sair para comprar um antibiótico. Habitualmente, era Gurevich quem se encarregava disso – Joanna tinha razão, o recém-chegado

era extraordinário. Fazia as compras, pagava as despesas de casa e, de vez em quando, ficava para jantar. Berish fazia-o passar pelo irmão mais novo que vinha visitá-los de vez em quando.

Mas, daquela vez, era uma espécie de emergência.

Simon sentia que a culpa era sua. Deveria ter verificado melhor o armário dos medicamentos para uma eventualidade do género. Havia gaze, pensos, aspirina e anti-inflamatórios. Mas nenhum antibiótico. Era um risco deixar Sylvia sozinha. Nunca o fazia. Mas, por causa do temporal, Gurevich estava bloqueado no trânsito e só conseguiria chegar lá daí a duas horas.

Sylvia delirara durante toda a tarde. No início, Simon arranjara-se com o que tinha em casa – um pano fresco na testa e paracetamol. Mas não servira de muito. E ela piorara.

Assim, com um guarda-chuva e em mangas de camisa, correu até ao fim do quarteirão, onde ficava a farmácia do bairro. Esperou que chegasse a sua vez ao balcão, com o olhar constantemente apontado para a vitrina: dali tinha uma visão parcial da entrada do prédio, mas não poderia ver se alguém entrava pela janela. Por isso, estava ansioso.

Depois de ter pago, agarrou o saco de papel e, sem sequer abrir o guarda-chuva, regressou rapidamente a casa. À chegada, estava completamente ensopado. Subiu os poucos degraus com o coração na garganta, temendo que todos os seus piores pesadelos aguardassem o seu regresso atrás da porta. Depois de abrir a porta dirigiu-se ao quarto.

Mas ela não estava.

O instinto levou a sua mão à pistola, porque o pânico o impedia de raciocinar. Gostaria de ter gritado o seu nome, mas não o fez. A chuva desabava literalmente sobre a casa. Voltou-se para a sala de estar e viu-a.

Sylvia estava em pé, diante da janela. A camisa de noite colara-se à pele com o suor. Não o ouvira entrar porque estava de costas. Agarrava o telefone com as duas mãos, como se fosse pesadíssimo.

Estava ao telefone com alguém.

A princípio, Simon não compreendeu o significado da cena. Aproximou-se dela e percebeu que estava a falar. Escutou.

– Quem é? – disse alarmado.

Ela estremeceu. Voltou-se para ele – a testa húmida, o olhar febril, tremia.

– Tocou, e eu levantei-me para atender. Mas não é ninguém.

Tirou-lhe delicadamente o telefone das mãos e ouviu o som repetido da linha desligada. Depois, acompanhou-a à cama, pensando que o telefonema tivesse sido fruto do delírio da doença.

Gostarias de ter uma nova vida?

Seria o que Sylvia ouvira ao telefone nessa noite? Seria de Kairus a voz que penetrava no coração de uma rapariga maltratada pela existência? Teria sido o Senhor da Boa Noite a convencê-la a confiar nas sombras e a ir ao quarto 317 do Ambrus Hotel?

Na poltrona da sua casa, Simon Berish encontrava, tantos anos depois, o confortável tormento de uma obsessão que, como uma velha amiga, voltava a tocar-lhe educadamente no ombro para o convidar a não ignorá-la.

E, em troca, oferecia-lhe esperança. Dolorosa, insensata esperança.

Alguns anos antes, quando já aprendera a conviver com o desaparecimento de Sylvia, durante a noite de um dia qualquer de uma semana qualquer de um mês qualquer, o telefone tocara. Respondeu-lhe o som de um temporal. O primeiro instinto fora olhar pela janela e, depois de ter constatado que no céu brilhava a Lua, compreendera que a chuva era longe – muito longe.

No meio do dilúvio parecera-lhe ouvir uma respiração.

Depois, a linha caíra, deixando-o sozinho com uma pergunta atroz. Uma vibração sob a pele dissera-lhe que sim, que era ela. E ele quis recordar a noite de febre e de bátegas de água.

Desde então, Berish desistira de resignar-se. A possibilidade de que

pudesse estar viva e bem deveria tê-lo consolado. No fundo, pelo menos uma das suas muitas preces fora atendida. Mas, em vez disso, trouxera à sua vida uma nova interrogação.

Porque não ficou comigo?

Na penumbra da sua casa, com a luz do lampião da rua a entrar pela janela, Berish sentiu-se repentinamente cansado. Mas estava demasiado perto de descobrir toda a história.

Que mais te disse o teu mestre?

Que, por vezes, é preciso ir ao fundo do inferno para conhecermos a verdade sobre nós próprios.

E o que há no fundo do inferno, Michael?

Você é supersticioso, agente?

Não, eu não. Porque mo perguntas?

Por vezes, quando se conhece o nome do demónio, basta pronunciá-lo que ele responde.

Ele responde, repetiu Berish para consigo. Mas quando desaparecera, com a idade de seis anos, Michael Ivanovič era demasiado pequeno para conhecer o nome do demónio. Demasiado inocente para que alguém lhe perguntasse se queria mudar a sua vida ou mesmo para desejá-lo. E demasiado jovem para ir sozinho para o quarto 317 do Ambrus Hotel...

Naquele momento, o agente especial teve uma intuição. Mas, para verificar se correspondia à verdade, deveria esperar pelo dia seguinte.

«Ela não é minha mãe», dissera Ivanovič durante o interrogatório quando lhe mencionara a mulher. E Berish notara que na afirmação havia um sólido rancor – ódio palpável. Não percebia por que motivo Michael sentira necessidade de fazer um esclarecimento tão preciso.

Só a verdadeira mãe poderia conhecer o motivo.

O agente especial decidiu que na manhã seguinte telefonaria a Mila e lhe explicaria tudo. E dirigir-se-iam a um sítio, para o descobrirem. E, durante o

trajeto, encontraria também uma maneira de lhe pedir desculpa.

O polícia rejeitado tinha a certeza que pelo menos ela o perdoaria.

Sentira uma vontade repentina de ver Alice.

Nas últimas horas criara-se em Mila a absurda angústia de perdê-la. Não sabia donde brotara, mas sentia-a. E era a primeira vez.

Por isso, acelerava ao máximo até à casa da mãe, com uma urgência diferente da ocasião em que corraera até lá por causa de uma estúpida alucinação. Queria ver Alice ainda acordada. Não voltaria atrás. Bastavam-lhe poucos minutos, mas não se viria embora sem a ver.

Mila sempre se sentira inadequada ao seu papel. Mas, depois da discussão com Berish e do encontro com Ivanovič, começara a acreditar que os seus erros não eram irremediáveis.

«Ela não é a minha mãe.»

Fora o que Michael dissera. Mas a mulher que agora repudiava não tinha culpa se, quando ele tinha apenas seis anos, alguém o levara. Ou talvez os pais sejam sempre responsáveis pelo que acontece aos filhos, pelo simples facto de os terem dado à luz num mundo obscuro, impiedoso e irracional, onde só o mal parecia ter sentido.

Mila estava a conduzir mas diante de si não tinha a estrada, os carros ou as casas. O para-brisas tornara-se um ecrã para as suas recordações. Os seus olhos projetavam no vidro imagens que vinham de longe.

Sem o mal que acontecera sete anos antes, Alice não teria nascido. Se algumas meninas não tivessem sido raptadas e assassinadas, se alguns pais não tivessem perdido o que tinham de mais querido, Mila não teria conhecido o futuro pai da sua filha. Fora o Sugeridor quem os juntara.

Fizera deles uma família.

Fora ele o artífice, previra tudo. Eles tinham seguido o plano. E Alice nascera. Mila estava longe dela, não só para protegê-la, mas também porque

não queria saber se o Sugeridor batizara com a sombra também a sua filha.

A Hipótese do Mal também era válida para ela. Ou melhor, sobretudo para ela.

A leoa que mata as crias da zebra para matar a fome dos seus é boa ou má? Do mesmo modo, a morte de meninas inocentes, graças à qual Alice tinha vindo ao mundo, era um acontecimento positivo ou negativo?

Porque se Mila tivesse aceitado fazer de mãe – estar perto da sua filha, ocupar-se dela, viverem juntas como uma família normal – deveria também aceitar que o mal que tinha sido feito era o preço a pagar pela felicidade.

Mas, para sua sorte, Mila não podia ser feliz. A incapacidade de sentir empatia impedia-a de saber o que estava a perder. No entanto, Alice tinha todo o direito de estar contente com a vida. Ela nada podia fazer. Ainda que, antes daquela tarde, antes da última semana, Mila não o tivesse percebido. E, agora, corria para ela para começar a remediar a situação.

Naquela noite não lhe bastava olhá-la através da microcâmara, num ecrã de computador.

Viu que em casa as luzes ainda estavam acesas. Percorreu o caminho de acesso e, para abrir, tirou a chave de debaixo do vaso de begónias.

Havia um perfume a biscoitos lá dentro.

A sua mãe surgiu da cozinha. Tinha um avental e os dedos pegajosos de massa.

– Não te esperávamos – disse.

– Fico pouco tempo.

– Não, fica. Estou a fazer pastéis de chocolate porque amanhã a Alice tem um piquenique da escola e tem de levantar-se cedo.

– Então já está na cama.

Mila ficou triste e Ines apercebeu-se disso.

– O que se passa?

– Tem a ver com o problema da Alice... Tenho medo que possa ser uma

forma de autismo.

No momento em que, finalmente, a filha manifestava preocupação pela menina, Ines sentiu-se no dever de tranquilizá-la.

– Ela está bem.

Mila suspirou profundamente.

– Espero que tenhas razão: se assim for, a falta de percepção do perigo deverá atenuar-se com o crescimento. De qualquer modo, só nos resta esperar. Entretanto, temos de mantê-la sob vigilância. Não quero que tente fazer de acrobata no teto ou que lance fogo à casa.

– Não acontecerá. – Ines procurava ostentar segurança para aplacar a apreensão de ambas. – Porque não vais vê-la? Talvez possas dar-lhe um beijinho enquanto dorme.

Mila foi mas, depois, voltou-se.

– Quando o papá morreu e ficámos sozinhas, como conseguiste aguentar?

Ines limpou as mãos no avental e apoiou-se na ombreira da porta.

– Era jovem, inexperiente. O teu pai era muito melhor do que eu a ocupar-se das tuas necessidades. A brincar dizia-lhe que devia ter sido ele a mãe. – Sorriu, mas subitamente ficou triste. – Depois da sua morte, eu não conseguia aceitar aquela perda. Metia-me na cama e já não conseguia ocupar-me de nós, de ti. A dor que sentia era o álibi perfeito: o teu pai já não estava e eu não era grande coisa como mãe. Talvez não te recordes, mas havia dias em que até tinha dificuldade em descer as escadas.

Mila não se recordava, mas não disse nada.

– Sabia que não era justo que tu estivesses comigo a suportar o peso das recordações desta casa vazia. E, sobretudo, a ver uma mãe que decidira enterrar-se viva.

– Porque não te desfizeste de mim?

– Porque uma manhã entraste no meu quarto e mudaste tudo. Puseste-te diante da cama e disseste-me: «Não me importa que estejas triste, eu tenho

fome e quero o meu *maldito* pequeno-almoço.»

Desataram a rir. Ines nunca praguejava, ficava-se pelas aparências e tinha sempre receio de fazer má figura. A Mila soou infinitamente estranho ouvi-la repetir aquele termo.

Quando os risos se esgotaram, a mulher aproximou-se da filha e fez-lhe uma carícia com o dorso da mão lambuzada de farinha.

– Sei que não gostas de ser tocada. Mas, desta vez, abre uma exceção.

Mila não disse nada.

– Conte-te isto porque vai acontecer-te o mesmo. Um dia, a Alice surpreender-te-á com uma frase, ou com um gesto. E desejarás voltar a tê-la e nunca mais a deixar. Até esse momento, ficarei eu com ela. Faz de conta que é só um empréstimo.

Mãe e filha olharam-se. Mila gostaria de agradecer-lhe pela história e pelas palavras animadoras, mas era inútil fazê-lo. Ines já o sabia.

– Há um homem – afirmou, sem sequer se aperceber. – Conheço-o há pouco, mas... – Não terminou a frase.

– Mas fez-te pensar – disse Ines por ela.

– Chama-se Simon, é um polícia. Não sei, creio que talvez... É a primeira vez, passado tanto tempo, que me aproximo assim de uma pessoa. Será porque estamos a trabalhar juntos e é tudo mais simples. Mas creio que confio nele.

Bloqueou por um momento. Depois acrescentou: – Já não confiava em ninguém.

Ines sorriu-lhe.

– É uma coisa boa para ti. E talvez também para Alice.

Mila anuiu, reconhecida.

– Vou lá.

O quartinho de Alice ao fundo do corredor estava imerso na penumbra ambreada, filtrada pelas persianas. Mila pensou que Alice estivesse a dormir

mas, ao chegar a um metro da porta, parou porque reconheceu a sua voz.

Viu-a claramente, refletida no espelho do guarda-roupa. Alice estava sentada na cama a falar com a boneca dos cabelos vermelhos.

– Eu também gosto muito de ti – dizia-lhe. – Verás, estaremos sempre juntas.

Mila estava para entrar, talvez lhe tivesse dado um beijo – embora quase nunca o fizesse. Mas lembrou-se que as crianças que brincam sozinhas são como os sonâmbulos, não se devem despertar. O regresso à realidade poderia ser traumático. O encanto da sua inocência poderia quebrar-se para sempre.

Assim, ficou a ouvir o tom atencioso com que Alice tratava a sua *Miss*. Um comportamento que a filha, certamente, não aprendera com ela.

– Não te deixo sozinha. Eu não sou como a minha mamã, estarei sempre contigo.

A frase feriu Mila como um murro no estômago. Nenhuma das feridas que infligia a si própria poderia ter provocado aquela dor. Não havia lâmina que pudesse causar-lhe tal sofrimento. Só as palavras de uma filha possuíam um tal poder destrutivo.

– Boa noite, *Miss*.

Mila viu Alice a meter-se na cama debaixo dos cobertores juntamente com a boneca e a apertá-la contra si. Sentia-se paralisada e faltava-lhe a respiração. No fundo, a menina dissera como as coisas eram, nem mais nem menos. A sua mãe abandonara-a. Mas ouvi-la repeti-lo era diferente. Teria, com certeza, chorado, se soubesse como se fazia. Mas os seus olhos permaneciam secos e a arder.

Quando, finalmente, conseguiu mover-se, percorreu velozmente o trajeto até à saída, sem sequer saudar Ines que, da cozinha, a viu desfilar diante de si, perturbada, seguida pelo bater da porta.

Deixou o *Hyundai* num local de estacionamento proibido – não lhe importava. Caminhou rapidamente para casa, com um único objetivo. Havia

um saco de papel escondido debaixo da cama. Ali encontraria tudo de que precisava.

Desinfetante, algodão, pensos e, o mais importante de tudo, um conjunto integral de lâminas.

Os gigantes no painel publicitário do prédio em frente acompanharam do alto a sua passagem. Na ruela, o vagabundo ergueu o olhar para ela, esperando qualquer coisa para comer, mas Mila ignorou-o.

Chegada ao portão, abriu-o com dedos invadidos pelo frenesim, que mal conseguiam manejar a chave. Tinha de controlar-se: daí a pouco, era essencial que a mão estivesse bem firme enquanto manejava a lâmina. Subiu os degraus dois a dois e entrou no segredo do apartamento. Os livros que invadiam os compartimentos ficaram mudos – já não continham histórias e personagens, mas apenas páginas brancas. Acendeu as luzes ao lado da cama sem sequer despir o colete. O único desejo que a pressionava verdadeiramente era o de se cortar. Sentir aquilo que no último ano tentara substituir pelo medo. Ver afundar o aço na carne, no interior das coxas. Sentir a pele ser arrancada como um velo, o sangue a brotar como um bálsamo quente.

Aliviar a dor com a dor.

Inclinou-se para tirar o saco de debaixo do colchão – poucos segundos e tudo estaria pronto para esquecer Alice. Fora ali que o escondera de si própria muito tempo antes, quando começara aquela estranha dieta, decidindo jejuar do seu sangue.

Estendeu a mão para o agarrar. Num segundo esforço, alcançou-o com a ponta dos dedos. Mais uns centímetros e conseguiu agarrá-lo, puxando-o para si. Abriu-o sem demora.

Mas, em vez do necessário para ferir-se, esperava-a algo diferente.

Mila observou o estranho objeto na sua mão, sem sequer se questionar como teria ido parar ali em baixo uma placa de latão com uma chave

agarrada.

O 317 do Ambrus Hotel.

Édith Piaf cantava *Les amants d'un jour*.

O *hall* imerso na penumbra açafião estava deserto. Não havia clientes, nem o velho cego de cor com o casaco aos quadrados sentado no sofá de pele, nem sequer o macérrimo porteiro de cabelos grisalhos à escovinha, com a argola dourada no lóbulo esquerdo e as tatuagens descoloradas – como uma estrela rock envelhecida.

Só a música habitava aqueles ambientes. Pungente como uma recordação esquecida, conciliadora como uma canção de embalar.

Mila avançou até ao elevador. Premiu o botão de chamada e esperou que a cabine viesse buscá-la.

Pouco depois, chegou ao terceiro andar. A agente percorreu o corredor, seguindo os números dos quartos. As portas negras de madeira lacada passavam-lhe ao lado, até que chegou diante daquela que lhe interessava.

Três algarismos de metal brunido. 317.

Mila tirou do bolso do colete a chave agarrada à placa de latão. Fê-la girar na fechadura. A porta abriu-se, deixando sair o escuro.

Ultrapassou a soleira e estendeu de imediato a mão até à parede para acender o interruptor. O candeeiro acima da cama iluminou-se fracamente – o coração de tungsténio das velhas lâmpadas incandescentes sussurrava, produzindo uma luz opaca.

O papel de parede vermelho-escuro, a alcatifa da mesma cor sobre a qual pareciam flutuar gigantescas flores azuis. A colcha de cetim *bordeaux* com as queimaduras de cigarro. As duas mesas de cabeceira. Em cima do mármore cinzento da da esquerda, ao lado de um telefone preto e em correspondência com a sombra na parede deixada durante anos por um crucifixo que tinha sido retirado, havia algo para ela.

Um presente do Senhor da Boa Noite.

É das trevas que venho e é para as trevas que, por vezes, devo regressar.

Um copo de água e dois comprimidos azuis.

O telemóvel tocava no vazio.

Talvez não quisesse falar com ele por ainda estar zangada. Era compreensível, pensou Berish. E merecia-o. Tinha vontade de passar pelo Limbo para esclarecer as coisas porque, àquela hora da manhã, era improvável que Mila estivesse em casa.

Por sua vez, o agente especial acordara tarde, e só porque *Hitch* exigira sair para fazer as suas necessidades.

Mas era certamente mais grave ter adormecido na velha poltrona ao lado da janela, ainda com a roupa vestida. Uma pontada torturava-lhe o centro da coluna, para não falar dos músculos do pescoço.

Não se lembrava de ter um sono tão pesado há anos, como se o organismo tivesse entrado num estado de hibernação. A postura desconfortável não conseguira despertá-lo, nem incomodá-lo durante a noite. E não tinha tido sonhos. Só um longo e constante trajeto entre o momento em que fechara os olhos e o despertar.

Não obstante as dores difusas, agora estava pimpão.

Depois de um duche rápido, mudou de roupa, vestiu um fato azul e bebeu um café. Batiam as onze horas naquela manhã pungente. O ar outonal estava, finalmente, a prevalecer sobre a agonia do verão. Berish encheu as tigelas de *Hitch* com comida e água. Desta vez não podia levá-lo consigo.

Chamou um táxi para verificar a intuição que o invadira na noite precedente, antes que o cansaço o vencesse.

Gostava que Mila estivesse com ele, mas talvez a colega tivesse necessidade de aplacar mais um pouco a sua raiva. Não sabia como comportar-se, conhecia-a há muito pouco tempo.

Mal aparecesse no Limbo com o resultado, que esperava obter dali a uma

hora no máximo, Mila esqueceria os motivos que os tinham levado a discutir. Na realidade, nem Berish os recordava, ou talvez não tivesse havido uma verdadeira razão. Às vezes acontecia.

O táxi parou junto da entrada do casario branco. Uma bandeira flutuava no mastro colocado no relvado inglês. O tinido dos anéis que a prendiam foi o único som que ouviu quando saiu do carro. Pagou ao taxista e, pouco depois, ultrapassou a entrada da casa de tratamento.

Era um bonito local, nem parecia um hospício para doentes. Nas traseiras do edifício principal desenvolvia-se uma verdadeira aldeia de cabanas brancas, com remates azul-cobalto.

Na receção tinham-lhe indicado aquela onde vivia a mãe de Michael Ivanovič, e Berish percorria as ruelas internas do complexo, procurando a porta certa.

Bateu e tirou o distintivo, à espera que alguém viesse abrir. Decorreram alguns segundos até que a porta se abriu.

A mulher que o acolheu estava sentada numa cadeira de rodas. O seu olhar incidiu, de imediato, sobre o distintivo.

– Já disse tudo aos seus colegas. Vá-se embora. – Interpelou-o antes que ele abrisse a boca.

– Espere, senhora Ivanovič. É importante.

Dissera a primeira coisa que lhe passara pela cabeça e apercebeu-se demasiado tarde que deveria preparar uma desculpa.

– O meu filho é um assassino, não o vejo há vinte anos: o que há de importante?

A porta ia fechar-se e Berish não sabia como travar o mecanismo inexorável que fora acionado. Lamentou não ter ao seu lado Mila que, certamente, estaria mais habituada a lidar com pessoas. Os demasiados anos passados a evitar o mundo e a ser evitado tinham-no tornado incapaz de interagir com o próximo, exceto nos interrogatórios.

– Falei com o seu filho ontem. Creio que Michael queria mandar-lhe uma mensagem...

Estava a mentir. Na realidade, Ivanovič até tinha sido muito claro.

«Ela não é a minha mãe.»

A porta parou a poucos centímetros da sua cara. A mulher reabriu-a lentamente e fixou-o com um angustiado desejo de saber.

Procura um perdão que não lhe posso garantir, pensou Berish antes de entrar na casa.

A senhora Ivanovič seguiu na cadeira de rodas até ao canto oposto da sala, enquanto o agente especial fechava a porta atrás de si.

– Vieram ontem à noite a minha casa, contaram-me que o Michael regressou. E disseram-me aquilo que fez, sem qualquer consideração pelo facto de ser a sua mãe.

A mulher teria, no máximo, cinquenta anos, mas parecia ter muitos mais. Os cabelos estavam acinzentados e tinha-os curtos, quase cortados à escovinha. O lugar onde vivia era parecido. Funcional como um quarto de hospital, essencial como uma prisão.

– Posso sentar-me? – perguntou Berish indicando o sofá coberto por um oleado.

A senhora Ivanovič fez-lhe sinal que sim.

O agente especial não tinha a certeza de possuir as palavras adequadas para consolá-la ou fazê-la sentir-se próxima. E nem sequer acreditava que o conseguisse. Havia demasiada raiva no tom de voz da mulher.

– Li o dossiê sobre o desaparecimento do seu filho – começou. – A cena de Michael a ser levado por mãos invisíveis de um baloiço aos seis anos ainda lhe deve causar calafrios.

– Não sei porque todos pensam assim – desmentiu-o a mulher. – Quer mesmo saber qual é o tormento mais recorrente? Se me tivesse virado um instante antes, não teria acontecido. A cabina telefónica estava apenas a dez

metros de distância. Teria bastado uma fração de segundo, uma palavra a menos na maldita conversa. Ensinam-nos a contar os segundos, os minutos, as horas, os dias, os anos... mas ninguém nos explica o valor de um instante.

Aquela concessão ao sentimentalismo deu alguma esperança a Berish. Talvez a senhora Ivanovič se abrisse.

– Nessa altura, a senhora e o seu marido estavam a separar-se.

– Ele tinha escolhido outra mulher, sim.

– O seu marido gostava do Michael?

– Não – respondeu de imediato. – Então, qual é a mensagem do meu filho?

Berish agarrou numa revista de uma mesinha, tirou a caneta do bolso interior do casaco e começou a reproduzir num canto da capa o desenho que Michael Ivanovič fizera no bloco de notas durante o interrogatório.

– Eh, o que está a fazer à minha revista?

– Desculpe-me, não havia outra maneira.

Completo a casa retangular de quatro andares, com a fila de claraboias no telhado, o grande portão e as muitas janelas. Colocou também a figura humana atrás de uma delas. Depois, entregou o resultado à mulher.

A mãe de Michael Ivanovič observou o desenho durante um instante. Em seguida, restituiu-o a Berish.

– O que deveria representar?

– Esperava que a senhora mo dissesse...

– Eu não sei o que é.

Não estava a ser sincera, notou Berish.

– Enquanto fazia este desenho, Michael pronunciou frases aparentemente sem sentido.

– Dizem-me que talvez tenha enlouquecido. Se faz coisas como matar e incendiar pessoas, provavelmente é verdade.

– Eu acho que só pretende fazê-lo crer. Quando lhe perguntei o que era o

fogo, ele respondeu-me que é tudo o que se quer ver. A frase fez-me pensar, e sabe porquê?

– Não sei, mas acredito que você me dirá – afirmou com desconfiança, deixando claro que o muro que criara à sua volta ao longo dos anos não seria transponível.

Berish tentou na mesma.

– Estamos tão habituados a ficar pelas aparências que não vemos o que está por detrás da chama. – Fez uma pausa e observou a mulher. – A chama esconde alguma coisa, senhora Ivanovič.

– E o que é?

– Por vezes, é preciso ir ao fundo do inferno para conhecer a verdade sobre si próprio – disse, repetindo servilmente as palavras de Michael.

A mulher esbugalhou os olhos e, por um instante, Berish teve a impressão de reconhecer uma expressão do filho.

– Sabe o que há no fundo do inferno, senhora Ivanovič?

– Vivo nele todos os dias.

Berish anuiu, como se tomasse nota do facto.

– De que se ocupava antes de...

A mulher olhou as pernas inertes.

– Era médica-legista. Bela ironia, não acha? – Torceu o nariz. – Trabalhei durante dez anos com cadáveres. As pessoas morrem continuamente, sem saberem como. E eu vi muita coisa... Existem mais diabos nesta vida do que no inferno. Mas você é polícia, sabe do que estou a falar.

– Por vezes, quando se conhece o nome do demónio, basta pronunciá-lo que ele responde – disse Berish, ancorando-se à frase da mulher para citar, novamente, Michael Ivanovič.

Ela olhou-o de esguelha.

– Está a brincar a desafiar Deus ou o diabo, agente?

– Com o diabo não se pode vencer.

Um silêncio reflexivo invadiu a sala e a mulher estudou-o com olhos cansados.

– A senhora é supersticiosa, senhora Ivanovič?

– Que raio de pergunta é essa?

Berish permaneceu tranquilo.

– Não sei, também mo perguntou o seu filho e não soube responder. Era a última parte da sua mensagem.

– Você está a brincar comigo. As coisas que me disse, aquele desenho... não têm nada a ver comigo. O que pretende realmente?

Berish levantou-se. O seu tronco corpulento estava sobranceiro à mulher, que se encolheu na cadeira de rodas.

– Sabe... antes de vir aqui esta manhã, não tinha a certeza que tudo isto tivesse a ver consigo mas, quando me abriu a porta, deu-me uma confirmação.

– Vá-se embora – disse a mulher, friamente.

– Mais um minuto. – Ponderou por onde começar. – Kairus entrava na existência das suas vítimas por meio do telefone.

– Quem é Kairus?

– Porquê, prefere que me refira a ele como o Senhor da Boa Noite? De qualquer modo, ele telefonava a pessoas caídas no desespero absoluto e propunha-lhes algo de melhor. Mas perguntei-me, como teria feito com Michael... Com seis anos, era demasiado pequeno para perceber o que era melhor para ele. Por isso, deve tê-lo raptado. Mas por que motivo correr um risco quando os outros desaparecidos – os insones – se entregavam espontaneamente a ele? Devia ter ótimas razões...

– Você está a delirar – tentou refreá-lo a mulher.

Mas Berish fixou-a.

– Michael possui uma condição congénita que tem o nome de *Situs Inversus*, que é também a causa de uma grave cardiopatia.

– Sim, e então?

– A senhora e o seu marido estavam a separar-se, o pai de Michael estava a reconstruir uma família na qual, provavelmente, não haveria lugar para um filho doente. Mas a senhora não poderia ocupar-se dele, certo? Suponho que na época já se tivessem manifestado os primeiros sintomas da grave patologia degenerativa que hoje a limita a uma cadeira de rodas.

A mulher calou-se, desorientada.

– Michael tinha necessidade de assistência contínua. Sem parentes que pudessem cuidar dele, acabaria numa instituição. Quem escolheria adoptá-lo naquelas condições? Além disso, necessitava de terapias dispendiosas. A senhora estudou Medicina, podia prever muito bem o que iria acontecer. Sem os necessários recursos económicos, quantos anos poderia sobreviver o seu filho?

A mulher rebentou num choro abafado.

– Mas, um dia, recebe um telefonema de uma voz desconhecida. O homem do outro lado diz-lhe coisas sensatas e conquista a sua confiança. Dá-lhe uma perspetiva diferente das coisas, uma esperança. Embora não saiba quem é, parece-lhe o único amigo que tem desde há muito tempo. Esse estranho amigo faz-lhe uma pergunta: «Gostarias de uma nova vida... para o teu filho?»

Berish deixou que a frase pairasse entre eles.

– E o que fez, senhora Ivanovič? A coisa que lhe pareceu mais justa naquele momento: dar a Michael, pelo menos, uma possibilidade... Levou-o ao quarto 317 do Ambrus Hotel, fê-lo tomar um sonífero e esperou que adormecesse. Depois, foi-se embora, deixando-o naquela cama e sabendo que nunca mais voltaria a vê-lo. E inventou para todos a história do baloiço.

As lágrimas desciam copiosas no rosto da mãe de Michael.

– Lamento profundamente por si, senhora Ivanovič – disse Berish com toda a compaixão de que foi capaz. – Deve ter sido terrível para uma mãe.

A mulher cerrou os lábios.

– Quando se corre o risco de perder apenas alguma coisa, nunca se consegue encontrar uma razão. Mas quando se pode perder tudo, percebe-se que, na realidade, não se tem nada a perder... E eu esperava morrer cedo. Mas ainda aqui estou.

Berish tinha vontade de partir, porque sentia que a sua presença já era inoportuna. O que poderia saber, quem não tinha filhos, de um drama semelhante? E tinha-lhe mentido para justificar a sua presença.

Ela não é a minha mãe.

A frase de desprezo de Michael continuava a ressoar-lhe na cabeça. Se tivesse sabido o que aquela mulher fizera por ele, do que se privara... Mas talvez o filho soubesse e a condenasse precisamente por isso. De qualquer modo, Berish não podia permitir-se sentir demasiada piedade por ela, porque não queria sair daquela sala sem antes obter todas as respostas. Por isso, prosseguiu: – Como dizia há pouco, Kairus correu um risco ao escolher uma criança porque, como se sabe, as pessoas afeiçoam-se às crianças desaparecidas, aquelas com a fotografia no pacote de leite, e não se resignam facilmente... Por isso, se Kairus decidiu abster-se e deixar à solta uma testemunha que poderia sempre mudar de ideias e contar qualquer coisa à polícia... terá tido uma boa razão.

A mulher sacudiu a cabeça.

– O que lhe pediu em troca, senhora Ivanovič?

A mãe de Michael baixou os olhos para a capa da revista com o desenho da grande casa retangular.

– Não acreditava que ainda se lembrasse passado tanto tempo... percebe, agente? O meu filho não me esqueceu. O edifício situa-se mesmo em frente ao parque onde o levava sempre.

Berish achou incrível que tudo se conjugasse finalmente, como num círculo perfeito. O pequeno parque com o baloiço onde Michael

desaparecera, a angústia de uma mãe, o desenho realizado pelo pirómano durante o interrogatório. Então, o agente especial ergueu a revista onde reproduzira o edifício e mostrou-o mais uma vez à mulher.

– Que sítio é este?

– Quando ainda era médica-legista, passei dez anos da minha vida fechada entre as paredes daquela morgue – admitiu a mulher.

Berish aproximou-se dela, pousando-lhe uma mão no ombro.

– A culpa não é sua se Michael se tornou um monstro. Mas ainda podemos apanhar quem lhe fez isto... O que queria Kairus de si há vinte anos?

– Um corpo.

Pensava que não conseguiria controlar o nervosismo.

Era uma questão de pouco tempo, só tinha de verificar. E queria dizê-lo a Mila, ela devia estar lá. Olhando para os seus olhos, Berish confirmara que era tudo verdade.

O agente especial não conseguia estar parado no banco do táxi que o levava ao departamento. A adrenalina corria veloz nas suas veias. Desistira de contactar Mila pelo telemóvel, até porque a verdade que tinha na sua posse exigia um relato pormenorizado.

Tinham sido necessários vinte anos. E agora que faltava pouco, já não conseguia resistir.

Entretanto, imaginava os cenários possíveis. Alguns faziam sentido, outros não. Mas estava convencido de que, no fim, cada peça acharia por si o seu lugar.

O artífice do grande engano – o Mago, o Encantador de Almas, o Senhor da Boa Noite ou Kairus – era uma mente subtil e sem escrúpulos.

Mas ele ainda podia vencê-lo.

O agente especial pediu ao taxista para deixá-lo perto da praça com a grande fonte, diante da sede da polícia federal.

As vidraças de espelho do prédio refletiam o sol das primeiras horas da tarde e o céu claríssimo sulcado por raras nuvens brancas. A sexta-feira era notoriamente o dia mais tranquilo da semana. Sempre se perguntara porquê. Talvez os polícias e os criminosos fizessem uma pausa, tendo em vista o excesso de trabalho do fim de semana. Não obstante, havia um vaivém de agentes que entravam e saíam dos gabinetes.

Berish juntou-se à corrente e seguiu para a porta principal.

No entanto, enquanto percorria o trajeto até à entrada, apercebeu-se dos

rostos que se voltavam à sua passagem. Como uma coreografia de girassóis em busca de um raio de luz, aqueles olhos deslocavam-se, precisamente, na sua direção.

Colegas que habitualmente o ignoravam, agora, estranhamente, olhavam para ele. Não havia nada de particular naqueles olhares, a não ser o facto de a frieza ter sido substituída pelo espanto.

Quando os olhares à sua volta se multiplicaram de maneira suspeita, Berish abrandou instintivamente o passo, procurando perceber o que estava a acontecer.

Uma voz nas suas costas gritou qualquer coisa, mas ele não compreendeu, à primeira, a quem se dirigia. Olhou à sua volta, temeroso como todos os outros.

– Para aí, Berish – insistiu a voz, desta vez acrescentando o seu nome.

O agente especial voltou-se e viu que Klaus Boris avançava para ele com os braços tensos. Estava mesmo a apontar-lhe uma pistola?

– Não te movas!

Berish só teve tempo de erguer os braços. Rapidamente outros polícias lhe caíram em cima para algemá-lo.

Na sala de interrogatórios, o silêncio era utilizado como uma tortura.

Mas tratava-se de uma crueldade invisível. Nenhuma lei a proibia.

No mesmo sítio onde, algumas horas antes, estivera Michael Ivanovič, estava agora fechado Simon Berish. Ao contrário dos outros que tinham passado por aquela sala, ele sabia por que motivo as paredes brancas estavam revestidas por material de insonorização. O princípio era o da «câmara anecoica», na qual os sons não podem penetrar. O organismo supre a ausência de som criando ruídos artificiais – sibilos, tinidos. Com o passar do tempo distingue-se cada vez menos a realidade da imaginação. Uma condição que, a longo prazo, pode levar à loucura.

Mas Berish sabia que não o deixariam ali dentro sozinho durante muito tempo. Por isso, aproveitou o silêncio para pensar.

Continuava a perguntar-se de que o teriam acusado, mas não lhe vinha nada à cabeça. Esperava sentado que alguém viesse ocupar o outro lado da mesa e lhe desse, finalmente, uma explicação. Entretanto, procurava parecer à vontade – mas não demasiado – para oferecer um espetáculo neutro às câmaras que o perscrutavam de todos os cantos. Tinha a certeza de que não havia ninguém atrás do falso espelho.

Conhecia demasiado bem as técnicas de interrogatório para ignorar que, antes de aparecerem, os colegas o deixariam a fritar durante algumas horas. Só tinha de aguentar. Não pediria água para beber ou para ir à casa de banho, porque os pedidos eram entendidos como sinais de cedência. E eram-no, um pouco. Para mostrar a sua estranheza a qualquer tipo de acusação, devia subverter os seus planos.

Um suspeito que se agitasse demasiado ou muito pouco era quase seguramente culpado. Alguém que continuamente perguntasse por que

motivo estava ali, também. Um tipo excessivamente frio confessaria rapidamente. Um calmo arriscaria a prisão perpétua. Os inocentes eram aqueles que faziam todas estas coisas. Mas, habitualmente, não acreditavam neles na mesma. Por isso, o segredo era a indiferença.

A indiferença desorientava-os.

Decorreram cerca de três horas até que a porta da sala se abriu. Entraram Klaus Boris e o Juiz, armados de pastas e com uma expressão determinada.

– Agente Berish – anunciou o chefe do departamento. – Eu e o inspetor Boris teremos algumas perguntas a fazer-te.

– Se pensaram assim tanto tempo, então é coisa séria – ironizou Berish. Mas, na realidade, estava com medo.

– Adquiriste bastante experiência com os interrogatórios para poderes manter-nos aqui toda a noite – disse Boris. – Por isso, não faremos joguinhos contigo e espero mesmo que não nos tornes a vida difícil e te decidas rapidamente a cooperar.

– Se assim não for, Simon, seremos obrigados a interromper a sessão e a transmitir o que sabemos ao procurador. Garanto-te que temos o suficiente para uma incriminação.

Berish estendeu os braços, a rir.

– Então, desculpem, porque estamos aqui?

– Todos sabemos, mas ainda quero dar-te a oportunidade de obteres algumas atenuantes. – Shutton apontou-lhe um dedo na cara. – Onde está ela?

O agente especial não disse nada, até porque não sabia o que dizer.

– O que aconteceu ontem à noite?

Por um instante, Berish pensou, realmente, que tinha feito qualquer coisa, esquecendo que dormira como uma pedra. Por isso continuou calado, na esperança de uma epifania.

Os dois não o aceitaram bem, porque Joanna Shutton deslocou-se para a sua direita e inclinou-se sobre ele, junto da orelha. Berish sentiu o hálito

quente, o perfume exageradamente doce e ficou enjoado.

– O que tens a ver com o desaparecimento da agente Mila Vasquez?

A pergunta gelou-o. Não tanto pela verdade que revelava mas porque não sabia a resposta.

– Mila desapareceu?

Os dois trocaram um olhar face a uma ansiedade tão autêntica.

Foi Boris quem falou.

– Ontem à noite saiu perturbada da casa da mãe. Mais tarde, a mulher telefonou-lhe para casa, mas ela não estava. Nem sequer responde pelo telemóvel.

– Eu sei, eu próprio tentei, esta manhã – disse Berish.

– Talvez para obteres um álibi – insinuou, rapidamente, o Juiz.

– Um álibi para quê? – Estava zangado. – Procuraram-na pelo menos?

Os dois ignoraram-no.

Boris foi sentar-se à sua frente.

– Diz-me, Berish, como entraste de novo no caso de Kairus?

O agente especial apelou a toda a sua paciência.

– Foi Mila Vasquez quem veio ter comigo. Colaborei com ela desde a noite do incêndio na vivenda.

Ao pensar no ninho de Kairus, arrepiou-se.

Shutton apoiou-se num canto da mesa.

– Estavas lá? Porque não o disseste? Porque deixaste que Vasquez respondesse sozinha pelo que aconteceu?

– Porque Mila não quis que eu fosse envolvido.

– E esperas que agora acreditemos nisso? – O Juiz sacudiu lentamente a cabeça. – Foste tu que a agrediste naquela noite na vivenda dos tijolos vermelhos, verdade?

– O quê? – Berish estava estupefacto.

– Apoderaste-te da sua pistola e encenaste a agressão.

– Havia alguém na casa, mas fugiu. Até vocês verificaram que existia uma passagem através dos esgotos. – Berish estava a perder o controlo e sabia que isso não era bom.

– Para quê sujar-se nos esgotos quando se pode utilizar a porta principal?
– espicçou-o Klaus Boris.

– Mas o que é que vos passa pela cabeça?

– Tens a certeza de que se fizermos uma revista na tua casa não aparecerá a pistola de Mila?

– Porque insistem nessa história da pistola? Não percebo.

Shutton suspirou.

– Porque, vê bem... Esta manhã acabaram de inspecionar o local do incêndio. Um corpo humano não resistiria a semelhantes temperaturas, nem qualquer plástico ou papel. Mas um objeto de metal sim. E entre os achados não estava a pistola de Mila. Por isso, onde está?

– Rapaziada, vão ter de inventar algo mais substancial se querem realmente puxar-me para dentro deste caso – ironizou Berish. – Caso contrário, estarão a estragar uma bela noite de sexta-feira para nada.

Mais uma vez os dois polícias entreolharam-se. O agente especial sentiu a desagradável sensação de que, na realidade, tinham alguma coisa na mão. Só que, de momento, brincavam com ele para jogarem o trunfo no momento mais oportuno.

– No caso dos insones, foste tu que pagaste as consequências maiores – afirmou Shutton. – Eu, Gurevich e até Stephanopoulos saímos dele e prosseguimos as nossas carreiras. Mas tu deixaste-te envolver sentimentalmente, cometeste erro após erro e tornaste-te o rejeitado do departamento.

– Ambos sabemos como correram as coisas e de quem são as culpas que paguei – desafiou-a Berish. – Estás só à procura de uma maneira de me calar.

Mas o Juiz parecia mais seguro de si.

– O teu silêncio a propósito de Gurevich não me é útil. E não tenho necessidade de truques para prender-te. Pelo contrário, o facto de não seres tu o verdadeiro corrupto é precisamente o móbil certo...

Agora Berish estava realmente assustado, mas não devia, de modo algum, fazê-lo transparecer.

– Móbil para quê?

– É duro perder a estima dos teus colegas – fingiu compadecer-se o Juiz.
– Sofrer as suas ofensas, ouvi-los quando falam de ti. E não o fazem nas tuas costas, mas olhando-te na cara. Dói. Sobretudo quando sabes que estás inocente.

Onde queria chegar Joanna com aquele discurso? Berish não conseguia perceber, mas sentia o cheiro a vigarice.

– Uma pessoa acaba por amadurecer motivos de ressentimento e talvez pense em fazer pagar a todos, mais cedo ou mais tarde... – concluiu Shutton.

– Querem insinuar que estou por trás de tudo? Que organizei o regresso dos desaparecidos e os homicídios?

– Convenceste-os porque, exatamente como eles, há muito tempo que sofres humilhações. O alvo do teu rancor era Gurevich e, juntamente com ele, todo o corpo da polícia. – O tom de Shutton era veemente. – Uma organização terrorista tem necessidade de uma ideologia e de um plano. E não há melhor parelha do que aquela cujo alvo seja um organismo estatal. Pode-se destruir uma instituição pelas armas, mas causam-se muito mais danos quando se atinge a sua credibilidade. Tu sempre estiveste contra o departamento.

Berish nem queria acreditar no que ouvia.

– E o que tem isto a ver com o desaparecimento de Mila?

– Ela compreendeu tudo – disse Boris. – Desde o princípio foi um peão teu, atraíste-a à vivenda dos tijolos vermelhos.

– Não.

O Juiz teve uma falsa expressão duvidosa.

– Manipulaste a agente Vasquez, fazendo-a crer que colaboravas com ela.
E tudo isso tendo a garantia de que não dizia nada aos seus superiores.

– Pensa nisso, assim estavas na melhor posição para acompanhar as investigações – ajudou-a Boris. – Invisível nas margens da ação.

– Mas quando Vasquez percebeu tudo, liquidaste-a.

– O quê?

– Até eu vos ouvi discutir acesamente no corredor ontem – afirmou o inspetor, com convicção.

– Uma discussão não prova nada – rebateu Berish com igual determinação.

– Certo: não é uma prova. – O Juiz parecia calmo. – Mas uma testemunha que te viu levá-la da sua casa ontem à noite, sim.

O primeiro pensamento que passou pela cabeça do agente especial foi que não era verdade. Estavam a fazer *bluff*.

– E quem foi? – perguntou, desafiando-os.

– O capitão Stephanopoulos.

Não têm nada na mão.

Estava novamente sozinho na sala de interrogatórios e continuava a repetir para si próprio que Shutton e Boris tinham montado a acusação de rapto só para ver se ele caía. E logo Steph? Porque iria o capitão fazer-lhe uma coisa dessas?

Durante um instante temeu que não lhe tivessem dito a verdade sobre Mila e que lhe tivesse acontecido algo de terrível. Mas em seguida serenou, porque, se assim fosse, rapidamente o teriam acusado de... Não queria pronunciar a palavra «homicídio» nem para si mesmo. Andava às voltas há um bocado, incapaz de enfrentar o problema.

Mas, agora, as urgências eram outras. Beber e ir à casa de banho. A estratégia da indiferença não estava a funcionar, dado que ainda o mantinham ali.

A essa hora, o procurador já deveria ter formulado a acusação, dizia para consigo. E deveria ser transferido para uma cela.

A propósito, que horas seriam? Nas salas de interrogatório não havia relógio, para confundir o suspeito e privá-lo da perceção do tempo. Tinham-lhe apreendido o seu, juntamente com a pistola e o distintivo, no momento da detenção. Mas, fazendo um cálculo mental, Berish concluiu que devia passar das oito da noite.

E pensar que o dia começara da melhor maneira. A visita à mãe de Michael Ivanovič talvez lhe tivesse fornecido a chave para resolver o caso mas, paradoxalmente, agora não podia usá-la. Por um momento pensou propor uma troca ao Juiz e a Boris, mas o que poderia pedir em contrapartida? Nunca o deixariam sair.

E escusado será dizer que não acreditariam nele.

A única esperança que tinha era fazer faiscar na cabeça de Shutton a possibilidade de ganhar alguma coisa. Se bem a conhecia, aceitaria qualquer condição para sacudir as culpas de Gurevich. Mas, para que isso acontecesse, Joanna devia surgir como a verdadeira vencedora do jogo – aquela que conseguira resolver o mistério de Kairus e dos insones, passados vinte anos. Berish tinha a certeza de que os jornalistas já tinham farejado a notícia e que, em breve, tudo cairia no domínio público.

Não conseguiriam manter o segredo por muito mais tempo.

Entretanto, viu que a porta da sala de interrogatórios estava a abrir-se e endireitou-se, de imediato, na cadeira. Segundo parecia, os seus adversários estavam de regresso. Assim, procurando reprimir a sede e a necessidade de urinar, preparou-se para o segundo *round*, rogando que conseguisse manter-se firme o maior período de tempo possível.

Pela porta entrou de costas um fulano que vestia um fato de treino azul com o emblema da polícia federal e um chapéu com a viseira descida sobre os olhos. Num instante, os sentidos alarmaram Berish, dizendo-lhe que, se alguém tinha necessidade de camuflar-se daquela maneira, não podia ter intenções amigáveis.

O agente especial pôs-se de pé, não podendo fazer outra coisa. O fulano virou-se. Era Stephanopoulos.

O capitão fechou rapidamente a porta. Berish fixava-o, desorientado.

– Não temos muito tempo – disse Steph de imediato, tirando o chapéu.

– O que fazes aqui? Não foste tu que me tramaste?

– De facto, fui – admitiu sem dificuldade. – Desculpa, mas tive de fazê-lo.

Berish estava incrédulo, sentia a raiva consumi-lo.

– Tiveste de fazê-lo?

– Ouve. – Steph agarrou-o pelos ombros. – Tinham decidido prender-te antes de Mila ter desaparecido. Eras perfeito para eles: o polícia rancoroso

que se põe à frente de uma organização terrorista. Não teriam de dar a conhecer à imprensa toda a história de há vinte anos, mas apenas a parte que diz respeito ao que aconteceu entre ti e Sylvia, para mostrarem como és pouco fiável.

– Mas com o teu depoimento forneceste-lhes a prova que lhes faltava – concluiu Berish.

– Sim, mas quando me desdisser, a sua base acusatória vacilará e, então, deverão dá-lo a conhecer aos meios de comunicação.

Berish refletiu. Era um bom plano. Desde que Steph estivesse disposto a desdizer-se. Naquele momento, recordou as diversas câmaras apontadas para eles.

– Estão a ver-nos agora, e tu acabaste de admitir que...

– Não te preocupes – apressou-se a dizer o outro. – Estão todos em reunião com o Juiz e, de qualquer maneira, antes de vir aqui interrompi a gravação do sistema de circuito fechado. Vamos ao segundo motivo que me trouxe aqui...

Berish não sabia o que esperar.

Os olhos de Steph traíram a sua apreensão.

– Quando souberem o que aconteceu realmente, desistirão de procurá-la.

– O quê? Do que estás a falar?

– Como sabes, nos casos de desaparecimento devem decorrer trinta e seis horas desde a última vez que o sujeito foi visto para poder ativar-se o protocolo de busca. Para um polícia, o intervalo reduz-se a vinte e quatro horas mas, mesmo assim, são demasiadas para ela.

– Não estou a acompanhar-te.

– Depois de a mãe de Mila ter denunciado o desaparecimento esta manhã, foram verificar a sua casa. O *Hyundai* ainda está estacionado junto ao prédio. Nenhum sinal de arrombamento na porta, apesar de isso não significar nada. Deixou o telefone, as chaves e até a pistola de reserva que trazia consigo

desde que perdera a arma de serviço no incêndio.

Berish começava a perceber.

– Com uma hipótese de crime não haveria necessidade de esperar um dia. Assim, tu acusaste-me de a ter raptado para acelerar as investigações.

– Para dar-lhe uma oportunidade – corrigiu-o o capitão, justificando-se. – E, de qualquer maneira, já estavas tramado, iam saltar-te em cima com a acusação de terrorismo.

O agente especial perscrutou o velho superior.

– Achas que o fez, não é verdade? Crês que ela desapareceu voluntariamente...

Steph parecia desencorajado.

– Não sei se alguém a raptou e depois levou as suas coisas para o apartamento para nos fazer crer que decidiu desaparecer. Mas já te disse uma vez: Mila tende a levar tudo ao extremo. É como se houvesse nela uma atitude de autodestruição ou, pelo menos, uma vontade excessiva de aproximar-se demasiado do perigo, como uma mariposa atraída pelas chamas.

Berish procurou raciocinar.

– Segundo Shutton e Boris, quando deixou a casa onde mora a filha, ontem à noite, estava perturbada.

Era provável que o motivo tivesse alguma relação com a pequena. Talvez tivesse desencadeado algo que germinava há muito tempo dentro dela. Berish recordou as palavras da mãe de Michael Ivanovič: «Quando se corre o risco de perder apenas alguma coisa, nunca se consegue encontrar uma razão. Mas quando se pode perder tudo, percebe-se que, na realidade, não se tem nada a perder.»

O agente especial compreendera que entre «tudo» e «apenas alguma coisa» estava a diferença em que Kairus era capaz de imiscuir-se.

– Creio que Mila quis ver com os seus próprios olhos o que havia no

escuro.

Berish sentiu que devia tomar uma decisão. Não havia tempo a perder. Tomou-a.

– Sei quem é Kairus.

O capitão ficou sem palavras. Empalideceu como se estivesse a ter um enfarte.

– Agora não posso dizer-te mais – prosseguiu Berish. – Mas tens de ajudar-me a sair daqui.

Steph pensou um momento: – Está bem.

O capitão afastou-se e, passados poucos minutos, regressou com o distintivo de Berish e umas algemas. O agente especial não pedira a pistola – numa caça ao homem geralmente fazia uma certa diferença o fugitivo estar desarmado, e ele não tencionava oferecer aos colegas mais um pretexto para dispararem sobre ele.

– O que farás com o distintivo? – perguntou Steph enquanto lhe entregava as suas coisas.

– Serve-me para entrar num sítio. – Não acrescentou mais nada e enfiou de imediato os pulsos nas algemas.

Stephanopoulos agarrou-o por um braço e saíram para o corredor.

Os polícias de guarda observaram-no, atónitos e desorientados. O capitão ignorou-os, tal como faria qualquer comandante consciente das suas ações. Ordenou mesmo a um deles que escoltasse com ele o prisioneiro à casa de banho.

Como, até àquele momento, Berish não pedira para lá ir, pareceu-lhe plausível.

Percorreram o corredor olhando à sua volta, com a esperança de conseguirem evitar Klaus Boris ou algum dos lambe-botas de Shutton. Quando chegaram junto da casa de banho reservada àqueles que estavam na condição de detenção ou de prisão preventiva, Steph seguiu em frente.

– Senhor, onde vai? – perguntou o homem da escolta.

Steph voltou-se e olhou-o de esguelha.

– Enquanto não for provada a sua culpa, não deixarei que um dos nossos mije na casa de banho dos detidos.

Assim, prosseguiram para a casa de banho dos polícias, onde não havia barras nas janelas. Chegados ali, Steph deixou de guarda o agente que os acompanhara e entrou com Berish.

– Esperarei cinco minutos antes de dar o alarme – disse, indicando-lhe a janela. – Tens tempo para chegar até ao Limbo. Dali há uma saída secundária que dá para as traseiras do prédio. – Entregou-lhe as chaves do gabinete juntamente com as da sua casa e do *Volkswagen*. – Está estacionado perto do *snack-bar* chinês.

– Devias ir buscar *Hitch* ao meu apartamento – disse-lhe Berish. – Há horas que está sozinho, o pobrezinho. Precisarás de beber e de sair.

– Não te preocupes – tranquilizou-o o capitão. – Vou de imediato.

– Obrigado.

– Meti-te nesta confusão, por isso não me agradeças. – Depois de lhe ter tirado as algemas, pôs-lhe na cabeça o chapéu com a viseira.

– Encontra Kairus e, em seguida, encontra também Mila.

Sentado no escuro, Berish ouvia as sirenes à distância.

Estavam à sua procura – estavam a persegui-lo. Não era seguro ficar na casa de Stephanopoulos. Os colegas não tardariam a verificar também ali. Mas não de imediato. Estavam muito ocupados a procurá-lo noutros locais. De qualquer modo, o apartamento de Steph era uma etapa obrigatória para os polícias, dado que o capitão deixara escapar o prisioneiro, praticamente debaixo do seu nariz.

Certamente, perguntar-se-iam por que motivo a testemunha-chave decidira ir ter com o acusado à sala de interrogatórios. Provavelmente desconfiariam de alguma coisa e começariam a apertá-lo. Mas, mesmo que o ameaçassem, Steph não falaria.

De momento, Berish ainda tinha alguma margem.

Estava sentado com o busto ereto e o olhar fixo em frente, as mãos perfeitamente assentes nos joelhos. Sob uma das palmas estava guardado o distintivo.

Não era um simples cartão de visita, mas a chave para aceder ao reino dos mortos.

Berish viu as horas. Passava da meia-noite. Levantou-se, podia ir.

Depois de ter estacionado o *Volkswagen* de Steph, parou a olhar para o que tinha à sua frente.

Uma casa retangular de quatro andares, com a fila de claraboias no telhado. Um grande portão e muitas janelas. Mas, ao contrário do desenho de Michael Ivanovič, atrás de nenhuma delas se vislumbrava uma figura humana.

Mas o homem que procurava estava ali dentro.

A morgue estatal era um velho monólito de cimento no meio do nada.

Mas a parte mais consistente do edifício estava enterrada.

Às vezes, é necessário ir ao fundo do inferno para conhecermos a verdade sobre nós próprios.

O jovem discípulo de Kairus tinha razão. De facto, a Berish interessava o último nível do subterrâneo.

Apresentou-se na entrada, onde havia uma guarita com um guarda concentrado num programa de televisão. As risadas do público e os aplausos multiplicavam-se no eco da entrada.

Berish bateu no vidro da divisória. O guarda, que certamente não esperava uma visita àquela hora, estremeceu.

– O que quer?

O agente especial mostrou-lhe o distintivo.

– Estou aqui para um reconhecimento.

– Porque não volta amanhã de manhã?

Berish limitou-se a fixá-lo sem dizer uma palavra. Foram suficientes alguns segundos daquele tratamento para o guarda se decidir a atendê-lo.

Pouco depois, o homem fez um telefonema para avisar o colega do subterrâneo que ia descer um visitante.

A sala 13 era o círculo dos adormecidos.

Enquanto a cabina de aço baixava lentamente para o subsolo, Simon Berish estava a pensar na escolha daquele número. «Você é supersticioso, agente?», fora a pergunta de Michael Ivanovič.

Habitualmente, os hotéis ou os construtores de arranha-céus saltavam o treze na numeração dos quartos ou dos andares. Mas ali não.

Não, não sou supersticioso, disse Berish para consigo. E os defuntos também não, porque não pode haver pior desventura do que morrer.

A descida parou com um sibilo pneumático e, depois, um silêncio que lhe pareceu infinito, as portas do ascensor abriram-se sobre o rosto rubicundo de um guarda.

Atrás do homem, um longo corredor.

Berish esperava que estivesse revestido de azulejos brancos e iluminado por uma ascética luz de néon, de modo a dar aos visitantes a ilusão de se encontrarem num amplo espaço, mesmo a muitos metros debaixo da terra, e a neutralizar a claustrofobia. Mas não, as paredes eram de cor verde e pontos de luz laranja estavam dispostos de maneira equidistante ao longo dos rodapés.

– A policromia bloqueia os ataques de pânico – explicou-lhe prontamente o guarda vestido de azul que o acolheu, estendendo-lhe uma bata da mesma cor.

Berish vestiu-a. Encaminharam-se.

– Os cadáveres deste piso são, sobretudo, sem-abrigo ou clandestinos. Não têm documentos nem parentes. Esticam o pernil e acabam aqui em baixo. Encontram-se todos nas salas um a nove – explicou o guarda. – Por sua vez, a dez e a onze são para pessoas como eu e como você, que pagam impostos e veem jogos na televisão, mas que, uma bela manhã morrem de enfarte no metro. Alguns passageiros fingem ajudá-los e, em vez disso, aliviam-nos das carteiras e *voilà*, o passe de magia é conseguido: o fulano ou a fulana desaparece para sempre. Mas, por vezes, é só uma questão de burocracia: uma empregada faz confusão com a papelada e acaba por convocar os familiares de um desaparecido para o reconhecimento do cadáver errado. E as pessoas continuam a procurá-lo, como se não tivesse morrido.

Berish notou que procurava impressioná-lo. Mas preferiu passar por cima.

– Depois, há os casos de suicídio ou de incidente: sala doze. Porque pode acontecer que o cadáver esteja em tão mau estado que se chegue a duvidar que tenha sido uma pessoa – acrescentou o guarda. – De qualquer maneira, a lei prevê o mesmo tratamento para todos: um período de permanência na câmara frigorífica não inferior a dezoito meses. Passado este prazo, se ninguém identificar ou reclamar os restos, e não subsistirem ulteriores

exigências das investigações, é autorizada a sua destruição através da cremação – citou de cor o regulamento.

Tudo certo, considerou Berish. Mas, para alguns, as coisas foram diferentes.

– Depois, há os da sala número treze – acrescentou o guarda, quase a ler-lhe o pensamento.

Referia-se às vítimas anónimas de homicídios não resolvidos.

– Nos casos de homicídio, a lei diz que o corpo constitui elemento de prova até ser estabelecida a identidade da vítima – afirmou o guarda. – Não se pode condenar um assassino se não se provar que a pessoa morta existia realmente. Sem um nome, o corpo é a única prova da sua existência. Por isso, é conservado sem limite de tempo. É uma daquelas extravagantes subtilezas legais que tanto agradam aos advogados.

Enquanto não era determinado o facto criminoso a que estava ligada a morte, os restos não podiam ser destruídos ou deixados à degradação natural. Mas Berish sabia que, sem aquele paradoxo de justiça, não estaria ali naquela noite.

– Chamamos-lhes os adormecidos.

Homens, mulheres e crianças desconhecidos para cuja morte não houvera sido identificado um culpado. Esperavam há anos que alguém viesse libertá-los da maldição de se assemelharem aos vivos. E, como numa história macabra, para que isso acontecesse, era suficiente pronunciar uma palavra secreta.

O seu nome.

O local que os acolhia – a sala número 13 – era a última, ao fundo.

Chegados diante da porta de metal, o empregado debateu-se com um molho de chaves até encontrar a certa. A abertura da porta libertou um bafo de ar viciado. O inferno, em vez de cheirar a enxofre, cheirava a desinfetante e formol, notou Berish.

Mal pôs um pé no escuro, acendeu-se no teto uma fila de lâmpadas amarelas acionadas por sensores de movimento. No centro da sala havia uma mesa de autópsia circundada por altas paredes frigoríficas com dezenas de câmaras.

Alvéolos de aço.

– Tem de assinar aqui, é o regulamento – disse o empregado entregando-lhe um registo. O agente especial achou uma brincadeira cruel ter de escrever os seus dados numa folha precisamente naquela sala.

O teu nome é a primeira coisa que aprendes sozinho desde que vieste ao mundo, pensou Berish. Uma criança de poucos meses reconhece o som e sabe que se referem a ele. Ao crescer, o teu nome diz quem és e é a primeira coisa que os outros te perguntam. Poderás inventar um novo ou mentir, mas saberás sempre qual é o verdadeiro e nunca poderás esquecê-lo. Quando morres, o teu nome é o que resta. Não o teu corpo, nem a tua voz. O que fizeste, mais cedo ou mais tarde, será superado. Mas o teu nome tornar-se-á o nome de todas as recordações. E sem um nome, nunca poderás ser recordado.

Um homem sem um nome não é um homem, concluiu Simon Berish enquanto assinava, distraidamente, o registo.

– Qual é o que lhe interessa? – perguntou o guarda, traído por uma ligeira inquietação.

Finalmente, o agente especial falou.

– O cadáver que está aqui há mais tempo.

AHF-93-K999.

A câmara com aquela etiqueta estava situada na parede à esquerda, a terceira a contar de baixo. O guarda indicou-a ao visitante.

– Entre as histórias dos corpos que estão aqui em baixo, nem é a mais original – precisou de imediato. – Uns rapazes encontraram-no num sábado à tarde enquanto jogavam futebol no parque. A bola foi parar a um silvado e foi

assim que o descobriram. Deram-lhe um tiro na cabeça. Não tem documentos, nem sequer as chaves de casa. O rosto ainda está perfeitamente reconhecível, mas ninguém telefona para os números de emergência em busca de informações nem são apresentadas denúncias de desaparecimento. À espera de um culpado, que pode bem nunca ser identificado, a única prova do delito é mesmo o cadáver. Por isso, o tribunal decidiu que fosse preservado até o caso ser resolvido e ser feita justiça. – Fez uma pausa. – Deste então passaram anos, mas ele continua aqui.

Há vinte anos, pensou Berish.

Provavelmente, o guarda contara-lhe a história porque, passando tanto tempo ali em baixo, não teria muitas ocasiões para falar com os vivos. Mas o agente especial já a conhecia, porque a mãe de Michael Ivanovič já lha tinha contado, precisamente nessa manhã.

O corpo era a solução.

– Abra – disse. – Quero vê-lo.

O guarda fez o que lhe era pedido. Acionou a válvula de escape para proceder à abertura da câmara e esperou.

Brevemente, o adormecido iria ser despertado.

A maca recuou sobre as dobradiças, deslizando para fora do frigorífico. Sob um lençol de plástico havia o preço que a mãe de Michael Ivanovič tivera de pagar ao Senhor da Boa Noite.

O cadáver.

O guarda destapou-lhe o rosto ainda jovem, apesar de terem decorrido vinte anos. *É o único privilégio da morte*, disse Berish para si mesmo, *não se pode envelhecer*.

Relativamente à identificação obtida pela descrição de Sylvia, efetivamente, Kairus não envelhecera.

O agente especial poderia deter-se sobre a ideia de que, durante muito tempo, aquela cara tinha sido a sua obsessão. Ou que, por meio de um

simples truque, o inimigo fizera com que andassem em busca de um morto, enquanto o pregador continuava a andar, despreocupadamente, à sua volta.

Mas, em vez disso, pensou na ironia de ter descoberto o Senhor da Boa Noite precisamente entre os adormecidos.

Não conseguia livrar-se do pensamento de ter chegado ao fim de um beco sem saída. O pouco que julgara saber sobre o caso até então, ou tudo o que lhe fora revelado nos últimos dias, podia ser um engano.

Não o sabia, e já não havia maneira de apurá-lo.

E isso significava que não teria nenhuma hipótese de encontrar Sylvia ou de descobrir o destino de Mila.

– Então, quem é? Como se chama? – perguntou o guarda com impaciência.

Berish olhou-o.

– Lamento, não o conheço.

O guarda voltou a cobrir o rosto do cadáver que, a partir daquele momento, voltou a chamar-se *AHK-93-K999*.

Por vezes, quando se conhece o nome do demónio, basta pronunciá-lo que ele responde.

Mas Berish só aprendera que o segredo do demónio era, precisamente, não ter nome. Só lhe restava ir-se embora.

Atrás dele, o guarda empurrou a maca para a câmara e fechou a porta – quem sabe por mais quanto tempo – num clangor metálico.

– O outro também disse a mesma coisa.

Berish estacou o passo.

– Como?

O homem ergueu os ombros sem interromper a operação.

– O polícia que veio aqui há alguns dias. Também não o reconheceu.

Durante um instante o agente especial não conseguiu falar. As palavras ficaram-lhe presas na garganta. Depois, acabou por pronunciar uma frase.

– Quem era?

O guarda dos mortos indicou-lhe o registo que tinha assinado antes.

– O nome está escrito ali, mesmo na página anterior à sua.

O homem mais procurado do momento regressou à sede da polícia federal.

Às duas da manhã o departamento parecia frenético como ao meio-dia, mas nenhum polícia imaginaria que Simon Berish fosse tão estúpido que entrasse precisamente ali.

Estacionou o *Volkswagen* numa rua lateral e encaminhou-se para a entrada secundária que utilizara para escapar algumas horas antes e que conduzia diretamente ao Limbo.

Entrou na sala dos passos perdidos e milhares de olhos mudos fixaram-se sobre ele. Deslizou no meio dos desaparecidos como um intruso que se sente culpado pelo simples facto de estar vivo – ou pelo menos pelo privilégio de saber que não está morto.

A sua caminhada ressoou por todas as salas, revelando a sua presença, mas Berish não se importava.

Tinha a certeza de que, mesmo a uma hora tão tardia, alguém estaria à sua espera.

Ouviu *Hitch* a ladrar – provavelmente reconhecera o dono. Estava amarrado fora da porta do gabinete. Berish acariciou-o para o acalmar. Libertou-o da trela, mas fez-lhe sinal para sentar-se e esperá-lo.

A porta estava encostada. No interior, a luz estava acesa e via-se uma sombra.

– Entra – convidou-o uma voz masculina.

Berish apoiou a palma na madeira e empurrou-a lentamente. O capitão estava sentado à sua secretária, ainda com o fato de treino azul vestido, com o emblema da polícia federal. Tinha os óculos apoiados na ponta do nariz: estava a escrever.

– Senta-te, estou quase a acabar.

O agente especial fez o que lhe foi dito. Sentou-se do outro lado da mesa, à espera que Stephanopoulos terminasse.

Passados alguns segundos, o comandante do Limbo pousou a caneta para dedicar-se a ele.

– Perdoa-me, mas era importante. – E, com calma, retirou os óculos. – O que posso fazer por ti?

– Até agora estivemos a caçar um fantasma.

– Então encontraste o corpo. – Steph pareceu regozijar-se, mas o sorriso destoava no seu rosto pálido.

– A primeira vez que Mila veio ter comigo, ao *snack-bar* chinês, disse-lhe que Kairus não existia, que era apenas uma ilusão. Mas estava errado. – Berish calou-se por um instante. – Foste tu que fizeste desaparecer aquelas pessoas. Mas, há vinte anos, os meios de comunicação e a opinião pública subitamente ameaçaram fazer ir tudo por água abaixo, ao ligarem entre si os primeiros sete desaparecidos, aqueles que, ingenuamente, rebatizámos como «os insones».

– Ainda era pouco experiente – admitiu Steph com um certo pesar. – Mas depois melhorei.

– Na época tiveste de desviar a investigação antes que te descobrissem. Só havia uma maneira: incriminar outra pessoa. Depois, deixarias passar um tempo e os desaparecimentos recomeçariam. Mas, desta vez, sem obstáculos.

– Vejo que vieste preparado.

– Há vinte anos contactaste a mãe de Michael Ivanovič, que trabalhava como médica-legista na morgue. Garantiste-lhe que salvarias a vida do filho, assegurando-lhe uma nova família e os tratamentos necessários... Convenceste-a com a mesma promessa de mudança que fizeste a Sylvia.

Steph cruzou as mãos sob o queixo num gesto de consenso.

– Mas pediste um preço: um cadáver anónimo. Para te satisfazer, a mãe

de Michael só teve de esperar a ocasião certa, que não tardou a chegar: um corpo sem identidade, encontrado casualmente por uns rapazes que jogavam futebol. Ninguém se aperceberia do imbróglio: os mortos desse género entram e saem de uma morgue, e a polícia tem casos mais importantes para se ocupar do que o homicídio de um desgraçado sem nome com uma bala na cabeça. No exame pericial do médico-legista não constava a data do falecimento, por isso a senhora Ivanovič poderia modificá-la, fazendo deslizar a morte para um mês depois. – Berish fez uma pausa. – Aquele desgraçado não podia morrer «oficialmente», certo? Teria de esperar trinta dias para te dar tempo para pores em prática o teu plano... E assim criaste Kairus. A mãe de Michael tirou uma fotografia ao rosto ainda íntegro do cadáver para que tu pudesses mostrá-la a Sylvia, dizendo-lhe o que deveria testemunhar à polícia.

– É linda a história de Kairus que lhe sorri para ser recordado, não achas?
– regozijou-se o capitão. – Uma descoberta que até me surpreendeu a mim.

– Quando Sylvia apareceu, pusemo-la sob proteção. Mas não seria por muito tempo... Porque, para que tudo funcionasse, devias fazer desaparecer, também, a testemunha.

– É um facto.

– A prova de que Kairus a apanhara foi a madeixa de cabelos de Sylvia, enviada alguns dias depois para o departamento.

– Com a data da morte atrasada um mês, o cadáver da morgue ainda estava vivo no dia do rapto da testemunha. Ninguém compreenderia o engano – disse Steph e sorriu. – Se alguém insistisse na investigação do Senhor da Boa Noite, faria com que se deparasse com um corpo sem identidade. Caso encerrado.

– Morte casual do culpado: um golpe de sorte, uma prenda do destino. Mesmo soando a farsa, a falsa verdade poria termo às investigações sem deixar rastros. – De repente, Berish sentiu-se cúmplice. – Mas não foi

necessário: a investigação foi abafada antes que isso acontecesse. Graças a mim, a Joanna e a Gurevich. E tu, que eras o nosso comandante, só tiveste de dar a autorização. E se alguém, como eu, não se resignasse, aquele corpo sem nome na sala número treze teria ficado ali à espera dele.

Stephanopoulos bateu três vezes as mãos, lentamente, aprovando todas as palavras pronunciadas.

– Ainda falta um pormenor – afirmou. – E tenho a certeza de que, agora, mo perguntarás.

E Berish fez-lhe a vontade.

– Porquê?

O lábio tremia-lhe, mas Steph pareceu contente na mesma com aquela pergunta.

– Porque aqueles que ajudava a desaparecer eram pobres infelizes. A vida tinha-os privado de qualquer alegria, e até da dignidade. Vê André García, o primeiro de todos, um perseguido que teve de abandonar o exército por causa da sua homossexualidade. Ou Diana Müller, obrigada a pagar as culpas da mulher que a trouxera ao mundo. Roger Valin, que teve de cuidar da mãe até à morte. E Nadia Niverman? Nunca conseguiria escapar àquele pulha violento do marido. Para não falar de Eric Vincenti, um polícia que dia após dia se atormentou diante dos meus olhos, aqui neste gabinete, com os casos de desaparecimento que não conseguia resolver. Todos mereciam uma segunda oportunidade.

– Usaste os recursos e a experiência do Programa de Proteção de Testemunhas para pôr em prática o teu plano absurdo. Tinhas acesso a dinheiro e a documentos para criar falsas identidades, os mesmos instrumentos que usávamos para dar uma nova vida aos que colaboravam com a justiça.

– Aos criminosos – corrigiu-o Steph. – Aquela gente não merecia o nosso apoio.

O capitão esforçava-se por parecer calmo, mas a sua testa estava perlada de suor.

– Como conseguias convencê-los por telefone? – perguntou Berish.

– Eles precisavam de mim. Sem o saberem, esperaram por mim toda a vida. E a prova disso é que confiavam em mim ainda que eu nunca aparecesse. Dava todas as instruções dizendo que, se desejavam realmente uma mudança radical, deveriam dirigir-se ao quarto 317 do Ambrus Hotel, deitar-se na cama e tomar o sonífero: um bilhete só de ida para o desconhecido.

– Ou para o inferno.

– Depois, eu chegava e salvava-os das suas vidas miseráveis, por vezes até de si mesmos, levando-os no monta-cargas.

– Nos últimos tempos, com a ajuda de Eric Vincenti.

Steph sorriu.

– Escolhi-o de propósito, estava a ficar velho.

– E quando acordavam, o que acontecia? – O agente especial não conseguia esconder a sua amargura.

O capitão sacudiu a cabeça, desiludido.

– Não percebes? Oferecia-lhes um novo destino. E podiam recomeçar de novo. A quantos homens é concedida uma segunda oportunidade?

O agente especial sabia que alguma coisa não estava bem na psique do velho superior.

– Quando é que perdeste o contacto com a realidade, Steph? Quando desististe de distinguir o que é verdade do que não o é?

No lábio do capitão surgiu, mais uma vez, a tremura de pouco tempo antes.

– E porquê eu? – Berish perguntou-lhe quase suplicando, e odiou-se por isso.

– Estás a pensar em Sylvia... – Steph estendeu-se para ele, para o olhar

nos olhos. – Mas não és diferente dos outros polícias. Tu não te importavas realmente com a rapariga, mas apenas com aquilo que te fazia sentir. Nunca te ocorreu a ideia de que talvez não fosses a escolha certa para ela?

– Enganas-te – rebateu Berish.

– Uma lição que aprendi nos anos de carreira é que ninguém está, realmente, interessado nas vítimas: não importa nada aos polícias, aos meios de comunicação ou à opinião pública. De tal maneira que, no fim, todos só se recordam, sempre, do nome dos culpados. As vítimas são esquecidas. E o Limbo é o testemunho de que tenho razão. – Steph começou a afervorar-se e ergueu a voz. – Estão todos interessados em capturar o monstro, em conhecer o nome do monstro, em condenar o monstro nos vossos tribunais... Por isso, e para vosso deleite, criei Kairus. – Irrompeu em grandes gargalhadas. – Era o nome do gato dos nossos vizinhos quando era criança. Escolhi-o assim, vê lá tu!

Berish pensou no que ouvira, e sentiu-se traído.

– E fiz dele a tua obsessão – prosseguiu o capitão. – Durante todos estes anos tu viveste graças a ele.

– *Ele* viveu graças a mim! – Berish bateu com os punhos na secretária. – Agarrou a minha vida para ter a sua. – Fez uma pausa, procurou acalmar-se. – Ou melhor, foste tu que me roubaste a existência, porque Kairus és tu.

Steph parecia divertido.

– Não sabes o que dizes.

– A Hipótese do Mal – deixou escapar Berish.

Mas o capitão não compreendeu.

– O quê?

– Quando se faz mal com a finalidade do bem. E o bem pode transformar-se em mal.

– Eu salvei-os! Nunca fiz mal a ninguém.

Berish fitou-o.

– Fizeste, sim. Mantiveste sempre os desaparecidos debaixo de olho, talvez para te regozijares do bom trabalho que fazias. Sentias-te um benfeitor. Mas quando começaste a perceber que não estavam contentes com a nova vida que lhes tinhas dado, convenceste-os a regressarem para se vingarem de tudo e de todos. És tu o pregador.

– Não, não é verdade – procurou defender-se o capitão, alarmado com as acusações do agente especial. – O Senhor da Boa Noite existe realmente. – Os olhos de Steph estavam esbugalhados, como os de um homem vencido pelo terror. – Fomos nós. Ao procurá-lo durante todos estes anos, evocámo-lo. E, por fim, ele apareceu.

– O que dizes não tem sentido. Estás louco – exclamou Berish.

Steph estendeu-se sobre a secretária, agarrando-lhe o braço.

– Foi por isso que fui à morgue há uns dias. Tinha de ter a certeza de que Kairus ainda estava na câmara frigorífica e que não tinha despertado, saindo dali pelas suas pernas. Passados tantos anos, eu, o seu criador, devia olhá-lo de frente.

Berish retirou o braço.

– Desiste, Steph: foste tu que nos puseste juntos, a mim e a Mila.

Mas o capitão já não estava a ouvi-lo.

– Já não posso pará-lo. Já não posso fazer nada. – Contraíu-se na cadeira, pousando as mãos no colo.

– Podes, sim: diz-me onde ela está.

O olhar de Steph virou-se, repentinamente, para Berish.

O agente especial viu surgir uma pistola por debaixo da secretária. O cano foi apoiar-se sob o queixo do capitão. O estrondo do disparo coincidiu com a sua última palavra.

– Encontra-a.

O tronco de Stephanopoulos caiu para a frente, e a cabeça tombou sobre a secretária. As folhas que a cobriam espalharam-se pela sala. Só então Berish

reagiu, levantando-se num salto.

Enquanto o cão, lá fora, começava a ladrar, o agente especial contornou a secretária e levantou o corpo. Deixou-o encostado ao espaldar e fechou-lhe os olhos com um gesto suave.

Apercebendo-se de que tinha as mãos sujas de sangue, deu um passo atrás. Também era culpa sua. A testa suada, a tremura do lábio, a palidez de Steph eram sinais que anunciavam aquele gesto louco, mas ele não os soubera interpretar.

Enquanto procurava pôr ordem no que acontecera, o olhar caiu na arma com que o capitão se suicidara e que jazia ao lado dele.

Leu a inscrição no punho. O número de série e as iniciais da agente a quem pertencia.

M.E.V.

María Elena Vasquez, disse para si mesmo. Era a arma que Mila perdera na vivenda de tijolo vermelho, antes do incêndio. Berish não queria acreditar: era Stephanopoulos no ninho de Kairus naquela noite. Tinha fugido quando disparou sobre ele. Se o tivesse atingido, aquela história teria acabado há muito tempo.

Mas o agente especial compreendeu também outra verdade. Estava lixado.

O Juiz e Klaus Boris julgavam que tinha sido ele que apanhara aquela maldita pistola. Agora, culpá-lo-iam, também, por aquela morte. Acusá-lo-iam de ter eliminado a testemunha que queria prendê-lo. E não lhe bastaria fazer desaparecer a arma: uma peritagem balística provaria que se tratava mesmo da pistola de Mila... Ah, Mila – o pensamento perturbou-o.

Embora por pouco tempo, esquecera-se dela.

A morte de Steph apagava qualquer esperança de encontrá-la.

Simon Berish permaneceu imóvel durante um longo instante, a observar a cena. Tudo na sala o acusava de homicídio. Tinha obtido as respostas, mas a

que preço? Agora não sabia o que lhe sucederia, ou a Mila.

Embora lhe parecesse impossível, devia permanecer lúcido. Senão mais valia entregar-se de imediato. Se existia mesmo alguma probabilidade de sair limpo do caso, deveria encontrá-la agora. *Depois* era uma palavra que não existia, *depois* era uma palavra que não significava nada.

Em primeiro lugar, devia passar em revista o que acontecera naquele gabinete desde que pusera os pés nele. Só assim encontraria os pontos fracos da cena do crime que, eventualmente, poderia utilizar em sua defesa.

Voltou atrás, ao momento em que abrira a porta. Steph convidara-o a entrar mas já estava sentado... e escrevia.

Talvez se tratasse de um bilhete em que explicava as razões do suicídio.

Berish foi rapidamente verificar as folhas que se tinham espalhado pelo chão. Não podia saber o que continha o papel – não tinha feito caso, maldição. Examinava-os, para em seguida os pôr de parte, freneticamente. Mas uma folha chamou a sua atenção pela grafia incerta, apressada: a de um homem desesperado que já decidiu acabar com tudo. Quer fosse ou não a pista certa, Berish só tinha uma possibilidade.

«Encontra-a...», dissera Steph no instante em que morria.

De facto, naquela folha havia um endereço.

O lugarejo encontrava-se a cerca de duzentos quilómetros da cidade.

Para lá chegar utilizou o *Volkswagen* de Stephanopoulos. Apanhar um comboio ou um autocarro seria muito mais arriscado na sua situação. Realizou o trajeto sem entrar na autoestrada, escolhendo percursos secundários e evitando duas operações stop.

Usar o carro de um morto – sobretudo quando se será acusado pela sua morte – não era a melhor ideia. Mas não lhe restava outra opção. Conduzira toda a noite, calculando – ou melhor, esperando ardentemente – que o cadáver no gabinete do Limbo não fosse descoberto por mais algumas horas.

Antes de partir, deixara *Hitch* num hotel para cães, explicando que se tratava de uma emergência. Não ousara levá-lo, não sabia o que encontraria e tinha medo que acontecesse alguma coisa ao seu único amigo.

O receio talvez fosse infundado mas, ultimamente, Berish fora invadido por uma estranha paranoia. As pessoas que amava desapareciam da sua vida. Primeiro Sylvia, depois Mila. A agente fora um pensamento fixo durante toda a viagem. Berish não conseguia tirar da cabeça que também ele era responsável por tudo o que lhe acontecera.

Sim... mas *o que* lhe acontecera?

A impossibilidade de responder levava-o a assumir novos riscos. Como, por exemplo, guiar até um endereço desconhecido numa povoação que nunca visitara antes.

Chegou às portas do povoado por volta das seis da manhã de sábado. As ruas estavam desertas, excetuando algumas pessoas que faziam *jogging* ou levavam os cães à rua. Os carros estavam ordenadamente estacionados às entradas das casas.

Berish seguiu as indicações de uma planta que comprara numa estação de

serviço chegando à zona do endereço – um bairro tranquilo, no limite oposto da povoação. Até há pouco tempo, toda aquela área deveria ainda ser composta por campos.

Procurou o número da porta e descobriu que correspondia a uma casa branca de dois andares, com o telhado inclinado e o jardim bem tratado.

Estacionou ao lado do passeio e, sem sair do carro, tentou perscrutar o interior através das janelas. Entretanto, tentou também examinar o que tinha diante dos olhos.

Em primeiro lugar, a casa não tinha o ar de um esconderijo ou de uma prisão. Parecia a habitação de pessoas com uma discreta disponibilidade económica. *Pessoas que poupam para mandarem os filhos para a universidade*, disse para consigo. Em suma, pessoas com família.

Mas também podia ser apenas uma fachada.

Berish não poderia afirmar que ali dentro se escondessem os sequazes do pregador que mantinham Mila prisioneira. Talvez daí a pouco visse sair Eric Vincenti, o colega do Limbo, e confirmasse que não estava errado. Mas, de momento, devia ficar no carro e esperar. Ser vencido pela ânsia de ir verificar não serviria de nada. Além disso, estava desarmado. O que poderia fazer?

Estava a enfrentar um grave perigo, e estava sozinho.

O exército das sombras andava à sua volta, por todo o lado e em lado nenhum. Por detrás de cada um escondia-se uma multidão invisível. Era assim o seu inimigo: uma única alma maldosa e muitas faces. Mas não havia nada de demoníaco em tudo isso, recordou Berish. Existia sempre uma explicação racional. Por isso, o agente especial sabia que ainda podia vencer.

O cansaço pelas excessivas horas passadas sem dormir começava a fazer-se sentir. Doíam-lhe os músculos das costas, contraídos por causa do stresse. Por um instante, apoiou-se com os braços no volante e sentiu um alívio inesperado. A tensão nervosa começou a diminuir e as pálpebras baixaram pelo efeito do calor no habitáculo. Sem se aperceber, estava a abandonar-se

ao sono.

Fechou os olhos, esquecendo-se de tudo. Bastou um segundo: um choque de adrenalina trouxe-o à realidade. Foi nesse momento que viu a mulher de roupão a regressar a casa depois de ter saído para apanhar o jornal à entrada.

A última vez que vira Sylvia fora numa tarde de fim de junho. Só depois do desaparecimento se dera conta de que nem sequer tinha uma fotografia sua. Por isso, durante vinte anos, a única imagem dela tinha ficado guardada na sua memória.

Quanto esforço lhe custara não perder nem uma pequena ruga daquele rosto. Quantas vezes a recordação ameaçara deslizar, juntamente com o passado. Quanto sofrimento sentira no dia em que se apercebera de que já não se lembrava do som da sua voz.

Na tarde de junho – aquela que seria classificada para sempre como «a última» – jantaram na varanda, despreocupados com o perigo. Como um verdadeiro casal.

Quem os observasse pensaria que se tratava do jovem casal do 37G. Ninguém suspeitava que fossem um polícia e a testemunha que estava a proteger. Talvez porque estavam, realmente, apaixonados.

Quando surgiu o sentimento – desde que se tinham beijado pela primeira vez –, ele deveria ter abandonado a missão sem hesitar. Sabia que um envolvimento emotivo seria perigoso para ambos. Mas ficara. Decidira pelos dois, não fora honesto.

Dera-se conta disso demasiado tarde. O que acontecera na manhã a seguir à fatídica última noite abriu-lhe os olhos.

Antes de adormecerem, fizeram amor. Ela acolheu-o com um ímpeto generoso, afundando a cabeça no seu ombro nu, respirando a sua pele.

De madrugada, Simon ainda não estava saciado do seu odor. Assim, estendeu a mão entre os lençóis, esperando tocá-la. Mas ela já se levantara. Então, teve a ilusão de sentir pelo menos o seu calor, que ainda deveria

impregnar o tecido e a almofada.

Mas só sentiu frio.

Nessa altura, aquela sensação, que nunca mais o abandonaria nos anos seguintes, deixou-o, simplesmente, alarmado. Levantou-se de rompante, atando o lençol à cintura para se cobrir. Procurou-a por toda a casa mas, dentro de si, já conhecia a verdade.

Quando o pânico lhe apertou o estômago, a primeira coisa que fez foi vomitar na casa de banho – certamente o comportamento menos adequado a um polícia experiente. Ao erguer a cabeça do lavatório, viu um objeto na prateleira do espelho.

O tubo de soníferos fê-lo compreender tudo.

Vinte anos depois, numa manhã muito semelhante, Berish sentiu a mesma vontade de vomitar.

«*Encontra-a...*»

Stephanopoulos não se referia a Mila. Sabia-o agora.

Simon tinha medo. No entanto, achava que estava preparado. Mas sempre que se permitira imaginar a possibilidade de reencontrá-la, a fantasia levava-o apenas ao instante exato em que a revia. O que aconteceria depois era um mistério que deveria descobrir sozinho.

Por isso, saiu do carro e, despreocupadamente, dirigiu-se para a porta de entrada.

Quando Sylvia a abriu, estava tal qual se recordava dela.

Até a trança preta era a mesma, só ligeiramente grisalha.

Encolheu-se no roupão e levou alguns segundos a perceber quem era o homem que tinha diante de si.

– Oh, meu Deus... – disse subitamente.

Berish acolheu-a entre os braços sem saber exatamente o que fazer. Os contactos físicos não tinham sido o seu forte depois dela. Estava zangado, desiludido, amargurado. Mas as sensações negativas dissiparam-se pouco a pouco, deixando um torpor benévolo, como se uma silenciosa força do universo tivesse atuado para concertar as coisas.

Sylvia afastou-se dele e olhou-o mais uma vez, sorrindo-lhe incrédula. Mas a expressão feliz transformou-se subitamente em apreensão.

– Estás ferido?

Berish baixou o olhar seguindo o dela, e viu que as suas mãos estavam cheias de sangue, bem como a roupa. Tinha-se esquecido que se sujara quando procurara socorrer Steph.

– Não, não é meu – apressou-se a precisar. – Eu explico-te.

Ela deu uma olhadela à volta, agarrou-o por um braço e, gentilmente, puxou-o para dentro.

Depois de o ajudar a despir o casaco, mandou-o sentar-se no sofá. Limpou-lhe o sangue do pescoço com uma esponja húmida.

Berish ficou surpreendido com aquele gesto de intimidade, mas deixou-a continuar.

– Tenho de sair daqui. Andam à minha procura, não posso ficar.

– Agora não te mexes por nenhum motivo – respondeu-lhe, gentil mas decidida.

Fez-lhe a vontade e, durante um instante, sentiu-se em casa. Mas não era a sua casa. Havia fotografias emolduradas nos móveis e nas paredes a testemunhá-lo. Retratavam uma Sylvia diferente. Sorridente. O agente especial teve uma sensação de inadequação e de mal-estar, porque ele nunca a fizera rir assim.

Com ela nas imagens havia uma criança que, depois, se tornara um rapaz. Diante de si, Berish tinha toda a história daquela transformação. Um rosto estranhamente familiar. E Simon pensou no filho que os dois poderiam ter tido.

Mas o que o atormentava era o vulto que não se via naquelas fotografias. Pertencia a quem as tinha tirado.

Sylvia apercebeu-se de que os seus olhos exploravam a sala.

– É lindo, o meu rapaz, não é?

– Imagino que estejas muito orgulhosa dele.

– De facto – regozijou-se. – Ali ainda é uma criança. Mas agora está crescido, sabes? Se visses como está. Faz-nos sentir velhos e ultrapassados.

– Não há o risco que regresse de um momento para o outro? E se me encontra aqui?

Ia levantar-se, mas ela pousou-lhe delicadamente uma mão no ombro, mantendo-o sentado.

– Fica tranquilo. Partiu por algum tempo, diz que tem de fazer «as suas experiências». – Franziu a testa. – E, no fundo, quem sou eu para impedi-lo? Um filho é assim: um dia pede-te leite com chocolate e no dia seguinte reivindica a sua independência.

Quando, pouco antes, se encontrara diante de Sylvia, Berish reudara que Steph – o pregador – tivesse regressado para convencê-la a cometer um ato homicida, como uma espécie de pagamento pelo bem que lhe fizera, vinte anos antes. Mas talvez o capitão nem sequer tivesse tentado porque, com ela, o plano de uma nova existência funcionara plenamente. Não havia vestígio de

desilusão naquela casa, nem rancor a que pudesse apelar.

Berish desviou o olhar de Sylvia, porque estava ansioso por fazer-lhe uma pergunta.

– Perguntava-me quem teria tirado as fotografias em que estás com o teu filho. – Depois, corrigiu-se: – Quero dizer, tens um marido ou um companheiro, não sei...

Ela deixou escapar um trejeito divertido.

– Não há um homem na minha vida.

Simon não queria dar-lhe a entender, mas estava contente com a resposta. No entanto, arrependeu-se quase de imediato do seu egoísmo, porque Sylvia sempre estivera sozinha no mundo e talvez merecesse uma família mais do que qualquer outra pessoa.

– O que fizeste nestes vinte anos? – Esperava uma resposta que desse um sentido ao tempo passado à sua espera.

– Esqueci-me. – O tom de Sylvia foi nítido. – É difícil, sabes? Requer determinação e tenacidade. Quando me conheceste, era uma rapariga infeliz. Nunca soube quem eram os meus pais. Passei grande parte da infância num instituto. Ninguém cuidou verdadeiramente de mim. – Depois da última frase, baixou os olhos, arrependida. – Obviamente, não falava do que houve entre nós.

– Pela minha parte, passei todo este tempo a tentar recordar tudo sobre ti. Mas os pormenores desapareciam sem que pudesse fazer alguma coisa.

– Lamento, Simon – interrompeu-o. – Lamento que há vinte anos tivesses passado por problemas por minha culpa. Enfim, eras um polícia.

– Problemas? – Estava espantado. – Eu amava-te, Sylvia.

Mas pela expressão do seu rosto compreendeu que, para ela, não fora a mesma coisa.

Iludira-se durante vinte anos. Sentiu-se um idiota por não o ter percebido antes.

– Não poderias salvar-me da minha tristeza – procurou consolá-lo. – Só eu podia fazê-lo.

As últimas palavras de Sylvia trouxeram à mente de Berish a história que Mila contara a propósito do vagabundo que vivia perto da sua casa e ao qual deixava sempre comida.

Quero tirá-lo dali, para poder olhá-lo de frente... Não lhe tenho afeto, só quero descobrir se se trata de um dos habitantes do Limbo...

Poucas frases com as quais tinha descrito a sua total ausência de empatia.

Não me interessa saber se é feliz ou não. Além disso, a infelicidade dos outros só nos interessa quando reflete a nossa...

Berish compreendeu, repentinamente, que não era muito diferente de Mila. Realmente, nunca pensara, verdadeiramente, no que Sylvia sentia. Tinha dado por adquirido que ela era feliz só porque ele o era.

Pretendemos sempre uma retribuição para os nossos sentimentos e, quando não nos é concedida, consideramo-lo uma traição. O agente especial deu-se conta de tudo isso em poucos instantes.

– Não precisas de justificar-te – disse a Sylvia, acariciando-a. – Alguém te ofereceu uma nova vida e tu aceitaste-a.

– Menti para a ter. – Referia-se ao falso testemunho em relação à identidade de Kairus – E, pior do que tudo, enganei-te.

– O que interessa é que estejas bem.

– Falas a sério? – Tinha as lágrimas nos olhos.

Berish agarrou-lhe a mão.

– Falo a sério.

Sylvia sorriu-lhe, grata.

– Vou preparar-te um café e arranjo-te uma camisa limpa – disse-lhe. – Uma do meu filho deverá ficar-te bem. Descansa um pouco, volto já.

O agente especial viu-a levantar-se e deixar a sala com a esponja com que o limpara. Não perguntara pelo nome do filho nem ela lho tinha dito. Talvez

fosse melhor assim: aquela parte da vida de Sylvia não lhe pertencia.

Deu-se conta de que, durante anos, estudara Antropologia para perceber as pessoas, mas sempre descurara que a análise do comportamento humano passava, necessariamente, pela esfera emotiva. Porque cada gesto – mesmo o mais insignificante – era ditado por um sentimento. Bastara-lhe a breve conversa com Sylvia para intuir o que poderia ter acontecido a Mila.

Klaus Boris dissera que saíra da casa da mãe e que estava perturbada.

Até àquele momento, Berish não tinha dado importância ao relato. Mas agora pressentia que, provavelmente, Mila se sentira ferida na noite antes de desaparecer.

Certamente tinha a ver com a filha.

Recordou que, depois de ter sabido que Kairus era um pregador, a agente não queria prosseguir com a investigação – receava as semelhanças com o caso do Sugeridor e que pudesse haver repercussões para a sua filha.

Se realmente acontecera alguma coisa entre ela e a filha, havia um único lugar para onde poderia ir.

O lugar que, para muitos – incluindo Sylvia – representara a solução para a infelicidade. No qual, como dissera Stephanopoulos, Mila poderia encontrar um bilhete só de ida para o desconhecido.

– Como pode ser tão insensível? – Sem se dar conta, Berish pronunciou a frase final daquele pensamento em voz alta.

Apercebeu-se de Sylvia, que se encontrava à porta com uma camisa lavada na mão e que, certamente, o ouvira.

– Não me queres dizer o motivo por que te procuram? – perguntou-lhe enquanto o seu rosto se toldava.

– É uma longa história, e não quero que sejas envolvida mais tarde. Por isso, sairei agora daqui e poderás continuar a tua vida como dantes. Ninguém me ligará a ti ou ao teu filho, prometo-to.

– Pelo menos dorme um pouco, tens um ar cansado. Podes deitar-te no

sofá, trago-te um cobertor.

– Não – disse ele. E, desta vez, estava seguro. – Tive uma resposta e era o que mais desejava. Agora tenho de ir: há uma pessoa que precisa de mim.

A porta giratória projetou-o novamente na dimensão suspensa do Ambrus Hotel.

Berish teve a impressão de que não entrava simplesmente numa pensão. Mais uma vez foi como ter ultrapassado a fronteira de um mundo paralelo – a imitação falhada do conhecido, obra de um deus enganador. O agente especial não se surpreenderia se, por exemplo, a gravidade não funcionasse ali e fosse possível caminhar pelas paredes.

Provavelmente, também *Hitch* tivera uma sensação semelhante, dado que parecia inquieto. Fora buscá-lo ao hotel para cães porque precisava do seu faro. O cão ficara feliz por rever o dono e enchera-o de festas.

– Ei, esse animal não pode entrar – interpelou-o, de imediato, o porteiro, saindo da cortina de veludo vermelho atrás do balcão da receção.

Berish notou que estava vestido como da primeira vez – calças de ganga e t-shirt negra. Juraria que, relativamente à vez anterior, as tatuagens no braço estavam menos descoloradas e os cabelos grisalhos cortados à escovinha tinham, de algum modo, ganhado cor. Sentiu-se como se tivesse feito uma viagem atrás no tempo, e se encontrasse diante do mesmo porteiro, agora mais jovem.

Mas eram perceções falsas, fruto de uma ansiedade indigesta e da necessidade de atribuir um sentido – ainda que absurdo – ao que acontecera entre aquelas paredes ao longo dos anos.

O ambiente conservava uma energia.

Era o resíduo dos amplexos clandestinos, ou da passagem de milhares de vidas por aqueles quartos – gente que tinha simplesmente dormido ou aliviado os baixos instintos. Depois de cada vinda, faziam-se as camas, os lençóis e as toalhas eram lavados, limpava-se a alcatifa mas, mesmo assim,

permaneciam os vestígios invisíveis daquela primitiva humanidade.

O porteiro procurava cobri-los com a voz apazível de Édith Piaf, ainda que inutilmente.

Sem se preocupar com a admoestação em relação ao seu cão, Berish aproximou-se do balcão da receção para falar com o homem – passando diante do velho cego que estava sentado, sempre imperturbável, no sofá coçado.

– Recorda-se de mim?

O porteiro perscrutou-o por um instante.

– Olá – disse para confirmar-lho.

– Preciso de saber se a amiga que estava comigo regressou aqui recentemente.

O homem pensou um pouco, inclinou o lábio para baixo e sacudiu a cabeça.

– Não a vi.

Berish procurou perceber se estava a dizer-lhe a verdade. Mas do modo como *Hitch* se agitava à sua volta, procurando chamar a atenção, percebeu que o cão sentira o seu cheiro.

Mila estivera ali.

Mas o agente especial não tinha provas para o afirmar, nem podia acusar o porteiro de estar a mentir.

– Alguém reservou o 317 nos últimos dias?

– O negócio anda fracote – Para lho confirmar, apontou o chaveiro atrás de si. – Como vê, a chave continua ali.

Berish, com muita calma, estendeu-se para lá do balcão e agarrou-o pela t-shirt.

– Ei, senhor – protestou ele.

Sem que o agente especial tivesse dito alguma coisa, acrescentou: – Eu não sei o que acontece nos quartos, nem sequer controlo quem entra ou sai

por aquela porta. Sou o único porteiro, mesmo de noite. Fico fechado no meu buraco nas traseiras e só saio quando alguém quer uma chave; aqui paga-se a dinheiro e adiantado.

Berish largou-o.

– Durante a minha primeira visita falou-me de um ato de violência ocorrido no 317 há trinta anos...

O porteiro não parecia muito contente com a evocação da história. Como se a coisa o acanhasse.

– É claro que há trinta anos eu não estava cá. Por isso, não há muito para contar.

– Conte-me na mesma. Estou curioso.

O olhar obscureceu.

– Meu amigo, a curiosidade tem um preço por estas paragens.

Berish compreendeu a mensagem. Meteu uma mão no bolso e estendeu-lhe uma nota.

O porteiro fê-la desaparecer debaixo do balcão.

– Uma mulher foi massacrada com vinte e oito facadas. Pelo que sei, nunca encontraram o assassino. Mas havia uma testemunha: a filha pequena que conseguiu safar-se, escondendo-se debaixo da cama.

O agente especial gostaria de perguntar se realmente o mistério se resumia a isso. Esperava um indício, algo que lhe fizesse compreender se existia uma ligação particular entre Stephanopoulos e o quarto 317. Mas a intuição que tivera da primeira vez que se dirigira ali ainda era válida.

O pregador escolhera-o com base numa estratégia precisa. O quarto mais procurado era também o menos suspeito. E era perfeito porque estava próximo do monta-cargas.

Se Mila regressara, realmente, ao Ambrus Hotel – e sobre isto já não tinha dúvidas – e Steph a ajudara a desaparecer, tratara-se de um afastamento voluntário.

A agente atingira o seu ponto de rutura. Não voltaria atrás.

Já ninguém podia desculpar Berish. Atribuir-lhe-iam o homicídio de Steph e isso bastava para lhe descarregarem em cima também a responsabilidade do resto.

Um culpado vivo e vigoroso faz mais notícia do que um pregador morto e sepultado.

O capitão tinha razão. As vítimas não interessam nada a ninguém. Todos querem o monstro.

E ele estava pronto.

O pôr do sol secava a luz do extenso vale.

Berish observava o panorama sentado num banco do jardim público, enquanto com uma mão acariciava o seu cão. Tinham vagueado durante toda a tarde e, agora, estavam os dois cansados.

Hitch intuía que, em breve, se separariam. Que o passeio silencioso até ao seu local preferido era, na realidade, um adeus. Estava com o focinho apoiado no joelho de Berish e perscrutava-o com os olhos castanhos, incrivelmente humanos.

Berish adotara-o quando ainda era um cachorro, diretamente do criador. Ainda recordava a primeira noite que passara na sua casa – o recinto improvisado para não o deixar sair do compartimento, a bola comprada juntamente com a comida para cães para que tivesse com que brincar, a exuberância desorientada do cachorro face a um ambiente desconhecido, o choro desesperado quando o novo dono fora para a cama.

Daquela vez Berish não conseguira resistir, embora a criadora lhe tivesse dito que, se isso acontecesse, deveria ignorá-lo para que se habituasse a estar sozinho. Depois de uma hora de ganidos e lamentos, levantara-se e fora consolá-lo. Deitara-se no chão – *Hitch* instalado entre as suas pernas cruzadas – e acariciara-o até adormecerem os dois no chão.

Adotara *Hitch* porque estava convencido de que os cães não julgavam. Para um renegado como ele, *Hitch* era o amigo perfeito. Mas, com o tempo, mudara de ideias. Os cães sabem julgar melhor do que ninguém, só que, para sorte dos seres humanos, não sabem falar.

Berish já tinha tomado a decisão de entregar-se, mas queria desfrutar mais um pouco do seu cão e daquela indesejada liberdade – porque sabia que um homem deixa de ser livre não quando o algemam, mas no momento em que

começam a persegui-lo.

Daí a poucas horas estaria numa sala de interrogatórios e teria na sua frente alguém a quem, de todo o coração, confessaria os seus pecados. Ainda que os únicos que os seus colegas pretendessem ouvir fossem aqueles que não cometera.

Mas, primeiro, tinha uma última coisa a fazer. Devia-o, sobretudo, ao seu único amigo. E a uma menina.

Atravessou-o uma fugaz saudade, que desapareceu juntamente com a última gota de sol. Um mar escuro tinha ocupado o vale. As sombras, como uma maré alta, moviam-se agora para ele.

Berish decidiu que era o momento de partir.

Quando a mãe de Mila abriu a porta reconheceu o rosto do fugitivo que acabara de ver no telejornal.

– Desculpe-me – declarou de imediato Berish, porque não saberia dizer outra coisa. – Não vim para fazer-lhe mal e não sei onde está a sua filha, juro.

A mulher observou-o, procurando refazer-se do pequeno susto.

– Contaram-me coisas terríveis a seu respeito – afirmou.

Por um instante, Berish pensou que iria bater a porta e chamar a polícia. Mas não o fez.

– A última coisa que Mila me disse na noite antes de desaparecer foi que confiava em si.

– E a senhora confia na sua filha? – perguntou Berish sem alimentar demasiadas esperanças.

A mulher anuiu.

– Eu sim. Porque Mila conhece o escuro.

Berish olhou à volta.

– Não demorarei muito, já decidi que me entregarei mal saia daqui.

– Creio que é a coisa certa a fazer. Pelo menos terá a possibilidade de defender-se.

Não será assim, gostaria de dizer-lhe Berish. Mas ficou calado.

– Eu sou a Ines. – Ao apresentar-se estendeu-lhe a mão.

O agente especial apertou-lha.

– Se estiver de acordo, tenho uma prenda para a sua neta.

Deslocou-se para deixar entrar *Hitch*.

– Tinha pensado arranjar-lhe um cão – admitiu a mulher, surpreendida. – Para distraí-la do desaparecimento da mãe.

Mandou-o sentar-se e fechou a porta.

– É tranquilo e muito obediente – tranquilizou-a Berish.

– Porque não o diz à Alice? – propôs a mulher. – Ficará contente, já que hoje não foi um bom dia. Caiu no jardim quando corria.

– Acontece às crianças – comentou Berish.

– Mila não lhe contou? – A mulher parecia preocupada. – A Alice não se apercebe dos perigos.

– Nunca me falou disso.

– Talvez porque ela própria crê que é um perigo para a sua filha.

Graças àquela frase, Berish compreendeu muitas coisas.

– Se quiser falar-lhe, a Alice está no quarto.

Acompanhou-o e ficou a observar a cena junto à porta. Berish foi o primeiro a entrar no quarto. A menina estava sentada no tapete, em camisa de noite. O joelho coberto por um grande penso colorido.

Tinha posto a mesa para o chá. Eram convidadas todas as suas bonecas. Mas o lugar de honra estava reservado a uma de cabelos vermelhos.

– Olá, Alice.

A menina voltou-se distraidamente para ver quem era o homem que a chamara pelo nome.

– Olá. – Em seguida, concentrou-se no cão atrás do visitante.

– Eu sou o Simon e este é o *Hitch*.

– Olá, *Hitch*.

Ao ouvir o seu nome, o cão ladrrou.

– Podemos sentar-nos convosco?

Alice pensou um instante.

– Está bem.

Berish sentou-se no chão e, de imediato, Hitch deitou-se ao lado deles.

– Gostas de chá? – perguntou a pequena.

– Muito.

– Queres uma chávena?

– Com muito prazer.

Serviu-lhe um pouco da bebida imaginária e estendeu-lha.

Berish segurava a chávena a meia-altura, procurando forças para falar.

– Sou um amigo da tua mamã.

A pequena não comentou. Era como se estivesse a procurar proteger-se de um assunto doloroso.

– A Mila falou-me de ti e fiquei curioso. Por isso estou aqui.

A menina apontou para a chávena.

– Não bebes?

Berish ergueu-a e levou-a aos lábios. Sentiu um aperto no coração.

– A tua mamã voltará em breve. – Prometeu-lhe, sem saber se estava a dizer a verdade ou uma mentira.

– A *Miss* diz que nunca mais volta.

Berish não compreendeu de imediato. Depois, lembrou-se que *Miss* era o nome que a menina dera à sua boneca preferida. Tinha-lho dito Mila durante a sua discussão, a última vez que tinham falado.

Fui eu que a provoquei, disse para consigo.

Então, diz-me, qual é a sua cor preferida? O que gosta de fazer? Tem um boneco com o qual adormece nas noites em que tu não estás? É uma boneca com cabelos vermelhos e chama-se Miss.

– A tua mamã não pode estar sem ti – afirmou Berish, virado para a

menina e fazendo votos que a profecia se verificasse.

– A *Miss* diz que ela não gosta muito de mim.

– Pois está enganada – replicou talvez um tanto veementemente, a tal ponto que mereceu um olhar turvo de Alice. – Quero dizer, a *Miss* não sabe, não pode saber.

– Está bem. – Foi como se a menina tivesse simplesmente anotado aquela opinião.

Berish sentiu necessidade de continuar a falar-lhe. Mas não a conhecia o suficiente.

– No dia em que regressar vão juntas ao parque de jogos. Ou ao cinema, para verem um daqueles filmes de animação que as crianças tanto apreciam. E comerão pipocas, se quiseres.

Deu-se conta de que a sua tentativa era desajeitada, porque Alice limitava-se a anuir – as crianças possuem a sabedoria do mundo e, por vezes, dizem que sim aos adultos como se faz com os loucos.

Ao crescer, também Berish tinha perdido aquele precioso bom-senso. Também ele se transformara num dos muitos doidos que povoam a terra. Por isso, decidiu que bastava. Antes que se levantasse, Alice parou-o.

– E tu, não virás connosco?

Perante a pergunta, o agente especial sentiu-se desorientado.

– Como terei de estar fora por algum tempo, queria pedir-te um favor.

A menina olhou-o, à espera.

– Onde vou, os cães não podem entrar... Por isso, se quiseres, podes tomar conta do *Hitch*.

Alice abriu a boca, maravilhada.

– A sério?

Na realidade, a pergunta era dirigida à avó, que estava à porta de braços cruzados. Depois de ter recebido um sinal de assentimento, agarrou na boneca preferida e, inesperadamente, entregou-a a Berish.

– Tenho a certeza que para onde vais não são proibidas bonecas. Assim, ela faz-te companhia.

Ele não sabia o que dizer .

– Tomarei conta dela, prometo-te. E juro-te que a *Miss* também se sentirá bem comigo.

A menina olhou-o aturdida.

– Ela não se chama *Miss*.

– Ai não?

– Não. *Miss* não é uma boneca. É uma pessoa.

O agente especial foi invadido por um arrepio maléfico. Um nó áspero obstruiu-lhe a garganta.

– Ouve – disse, agarrando-a pelos ombros para que o olhasse de frente. – Quem é essa pessoa de que falas?

A menina interrogou-se um instante sobre a pergunta. Depois, respondeu como se fosse a coisa mais natural do mundo: – *Miss* é a senhora que vem desejar-me boa noite.

Ouvir um dos nomes de Kairus declinado no feminino fez parar a circulação nas veias do agente especial. E quando continuou foi como se, subitamente, por meio de uma força obscura e desconhecida, o sangue lhe comesse a correr ao contrário.

– Alice, é importante – disse Berish. – Estás a dizer-me a verdade, não é?

A menina anuiu, solenemente.

Quando és pequeno, o teu quarto parece-te o lugar mais inseguro do mundo, pensou Berish. É um lugar onde és obrigado a dormir sozinho, de noite, com o escuro. O guarda-roupa é o refúgio dos monstros e debaixo da cama esconde-se sempre uma ameaça.

Mas Alice não era capaz de aperceber-se dos perigos, recordou...

Talvez também por isso a sua mãe a vigiasse à distância.

Não obstante o terror, Berish sabia o que devia fazer.

As luzes no pequeno apartamento de Mila estavam apagadas.

Excetuando aquele esverdeado produzido pelo ecrã do computador que se refletia no rosto de Berish. No enquadramento, viam-se as imagens de uma filmagem na modalidade noturna do quartinho de Alice. À volta do agente especial havia centenas de livros – empilhados como fortificações.

Procurara na memória do portátil as gravações das noites precedentes, identificando o registo de há duas noites – a noite do desaparecimento de Mila.

No vídeo, surgiu o reflexo da agente no espelho do guarda-roupa, enquanto estava imóvel no corredor. Estava a ouvir. Provavelmente as frases que apanharia daí a pouco seriam as que a haviam perturbado.

Alice estava sentada na cama e falava em voz baixa.

– Eu também gosto muito de ti – dizia. – Verás, estaremos sempre juntas.

Mas não estava a falar com a boneca dos cabelos vermelhos que apertava nos braços.

Havia alguém em pé que se refugiava num canto. Uma sombra mais sombria do que as outras. Berish foi obrigado a aproximar-se do ecrã para distingui-la.

– Não te deixo sozinha. Não sou como a minha mãe, estarei sempre contigo.

O agente especial não queria acreditar, uma gélida lâmina de medo afundou-se nas suas costas.

– Boa noite, *Miss*.

Depois de ter pronunciado aquelas palavras, a menina metera-se sob os cobertores. Naquele mesmo instante, Mila fora-se embora.

Foi então que a sombra se separou da parede, dando um passo em frente

para acariciar a pequena.

Miss é a senhora que vem desejar-me boa noite.

Não sabia que estava a ser filmada. Por isso, o gesto de levantar a cabeça na direção da objetiva fora totalmente espontâneo.

Uma casa escura imersa no silêncio.

Simon Berish era apenas um perfil escuro recortado no vidro da porta de serviço. Fechara-a com cuidado.

Arrependera-se de ter deixado a pistola de Mila no gabinete de Stephanopoulos. Estava completamente desarmado.

Mas, provavelmente, Sylvia não esperava visitas às três da manhã. Talvez estivesse segura de já ter vencido. Ou talvez estivesse sempre alerta. Não podia sabê-lo.

Agora já não sabia nada.

A luz dos lampiões da estrada penetrava como uma névoa esbranquiçada nos locais. Berish aproveitou para se orientar na exploração e encaminhou-se para a sala de estar – os seus passos produziam apenas um sussurro. Os ouvidos a tentarem perceber qualquer novo som. Lentamente.

Chegado ao corredor, primeiro virou-se para a sala de estar: o sofá onde ela lhe limpara o sangue de Steph com infinito e amoroso cuidado. Ainda podia sentir a carícia da sua mão no pescoço – um invisível estigma sacrílego.

Seguiu para as escadas que conduziam para o andar de cima. Devia descobrir onde estava Sylvia. Imaginava que, àquela hora, estivesse a dormir. Subiu um degrau de cada vez – a madeira rangia. Parecia que nunca mais acabavam.

Quando chegou ao patamar, esperou.

Antes de atuar deteve-se nas fotografias emolduradas penduradas na parede, iluminadas por um clarão acinzentado, lunar. Naquela manhã Sylvia falara-lhe do filho.

É lindo o meu rapaz, não é?

E ali estava ele. No Luna Park, na praia, atrás de um bolo de aniversário. Vendo mais cuidadosamente, os seus sorrisos pareciam pouco sinceros. Não os exibiam. Vestiam-nos.

E o rapaz, que nas fotografias ao lado da mãe crescia como por efeito de um sortilégio, provocou-lhe de novo a sensação de um rosto conhecido. Mas, desta vez, Berish reconheceu as semelhanças com Michael Ivanovič.

Ela não é a minha mãe.

Após o interrogatório do pirómano, não soubera dar um sentido àquela frase mas, agora, tudo se tornava claro. Perguntara-se a quem Stephanopoulos teria confiado o menino de seis anos depois de o ter levado do quarto 317 do Ambrus Hotel. Agora sabia-o: prometera-o à sua preciosa testemunha. E Sylvia aceitara o pacto em troca daquela dádiva.

Ela criara-o, moldando-o de acordo com os preceitos do culto. Depois, devolvera-o para que cumprisse a sua missão de morte. Sabia que, se o tivessem capturado, ele nunca a trairia.

A Hipótese do Mal encontrava uma nova demonstração. O bem que se transforma em mal que se transforma em bem e volta a transformar-se em mal – num ciclo imparável de vida e de morte.

Os fragmentos estavam a compor-se. Mas, como já acontecera naquela manhã, o agente especial perguntou-se quem teria imortalizado com uma máquina fotográfica aquela cena familiar.

Depois, vislumbrou no fundo de uma imagem a frente de um automóvel que conhecia.

Era o *Volkswagen* de Stephanopoulos.

Teve a confirmação que procurava.

Dois pregadores.

Um homem e uma mulher. Nunca poderia imaginar que o Senhor da Boa Noite possuísse uma alma dupla – boa e má.

Encontra-a...

A última palavra de Steph. Um convite que se referia a Sylvia. Ou melhor, a Kairus, corrigiu-se Berish.

Fomos nós. Ao procurá-lo durante estes anos, evocámo-lo. E ele acabou por aparecer. Fora isto que o capitão dissera. E ele julgara que era a loucura a falar.

Mas agora não havia tempo para deter-se nas implicações da descoberta. Os quartos que davam para o corredor estavam todos abertos, o agente especial começou a examiná-los um por um. Quando chegou ao último, apercebeu-se de que era o quarto principal.

Aproximou-se para olhar melhor e ver Sylvia mergulhada no sono. Já estava a pensar numa maneira de neutralizá-la.

Mas a cama estava intacta.

Parou para refletir. Era inútil perguntar-se onde teria ido. Poderia estar em qualquer lado. Mas Berish estava convencido que a casa não lhe revelara todos os seus segredos.

Voltou para trás, para o corredor, com a intenção de prosseguir a investigação em baixo. O instinto de polícia impelia-o a não descurar nada.

Quando se voltou para descer a escada, de costas para a única janela, reparou que, na parede oposta, balançava devagar uma sombra subtil. Como um pêndulo.

Ergueu o olhar e viu que acima da sua cabeça havia um cordão que pendia do teto.

Esticou-se para agarrá-lo e puxou-o para baixo. O alçapão deslizou nas dobradiças e, diante dele, desdobrou-se uma escada de mão. Como a língua da boca de um gigante. Como uma passagem para aceder a um outro mundo.

Berish começou a subir para o sótão.

A cabeça despontou para lá do pavimento e respirou pó e o cheiro de velas apagadas. Uma mansarda projetava um feixe de luz gélida, que formava uma mancha branca no meio do grande compartimento.

À sua volta, nas paredes, centenas de fotografias.

O efeito era semelhante ao da sala dos passos perdidos do Limbo. Mas os rostos que desta vez o perscrutavam das paredes pertenciam aos desaparecidos do quarto 317 do Ambrus Hotel.

Vivos que não sabem que estão vivos. E mortos que não podem morrer.

Eram tristes como velhos fantasmas. Cansados como quem tem demasiadas recordações para esquecer.

Ao fundo daquela coleção de olhares, Berish reconheceu o perfil estendido numa cama dobrável. Não precisou de perguntar-se quem era. Correu para ela e agarrou-lhe a mão.

– Mila – chamou em voz baixa.

Nenhuma reação. Aproximou o ouvido da sua boca, esperando ouvir ou sentir a sua respiração. Mas estava demasiado agitado e não conseguia perceber se ainda estava viva. Auscultou-lhe o coração.

Havia uma batida, mas débil.

Tinha vontade de agradecer a Deus. Mas, depois, viu o estado em que estava. Só tinha a roupa interior vestida. Os cabelos encharcados em suor. As cuecas amareladas pela urina. Os lábios gretados pela sede. As cicatrizes na pele eram antigas, mas os braços nus estavam repletos de novas nódoas negras profundas e purulentas.

Narcóticos por via endovenosa, pensou. Tinham-lhe induzido um sono que se assemelhava a um coma.

Precisamente como o homem que ela amara – Berish conhecia a história e reconheceu a funesta sincronia. Antes de mergulhar no seu inconsciente doente, aquele homem dera-lhe Alice.

Mas não aconteceria a mesma coisa a Mila: antes mesmo de o prometer a ela, o agente especial jurou-o a si mesmo.

Sem se preocupar com o perigo que poderia correr na casa, pegou nela ao colo para a levar dali. Pesava pouquíssimo. Quando se voltou, viu Sylvia.

Estava a observá-lo.

– Se quiseres, dou-te uma ajuda – disse ela.

Aquela frase – normal, sensata, ajuizada – causou-lhe mais arrepios do que uma ameaça. Não havia loucura no seu semblante, nem maldade no tom de voz.

– A sério, eu ajudo-te a levá-la daqui – insistiu.

– Não te aproximes dela – intimou-a Berish com frieza.

Não estava armada e ainda vestia o mesmo roupão. Vinte anos depois, enganara-o de novo.

Com Mila nos braços, Berish avançou no meio dos olhares dos desaparecidos que o impeliavam das paredes. Quando chegou diante de Sylvia, por um instante pensou que quisesse barrar-lhe o caminho. Observaram-se, como duas pessoas que procuram aprender a conhecer-se. Depois, ela deu-lhe passagem.

Desceu os degraus da escada de mão com cuidado para não perder o equilíbrio. Sabia que Sylvia ainda estava a olhar para ele. Mas ignorou-a. Percorreu o trajeto até ao andar de baixo. Ouvia os passos de Sylvia atrás de si, a segui-lo à distância, como uma menina.

O monstro parecia tão frágil e tão humano.

Antes de sair pela porta principal, voltou-se para ela.

Uma pergunta aflorou nos lábios do agente especial.

– Quantos são?

Sylvia sorriu.

– Um exército de sombras.

Passada a porta, as luzes das sirenes ofuscaram-no. Os colegas polícias estavam enfileirados diante da casa. Mas não havia hostilidade neles.

Viu Klaus Boris a vir ao seu encontro com uma expressão alarmada.

– Como está? – perguntou, referindo-se a Mila.

– Precisa de assistência, de imediato.

Por detrás do inspetor, estava a chegar a maca com os paramédicos. Um enfermeiro aliviou-o do peso do corpo exânime. Berish deixou ir Mila e o último toque foi uma carícia. Puseram-na numa ambulância que partiu com as sirenes em fúria.

Ele seguiu-a com o olhar, começando a andar ao longo da estrada.

– Obrigado pelo telefonema – disse-lhe Boris.

Mas Berish nem o ouviu. Como não viu os colegas a algemarem Sylvia e a levarem-na em silêncio.

Simon Berish – o polícia rejeitado – só tinha vontade de desaparecer.

O QUARTO 317 DO AMBRUS HOTEL

Relatório 2121 – CLLT/6

Transcrição da gravação das 23h21 horas de 19 de fevereiro [REDACTED].

Assunto: telefonema para o número das emergências de [REDACTED] efetuada pelo porteiro de noite do Ambrus Hotel. Operador: agente Clive Irving.

N.B.

A chamada ocorreu trinta anos antes dos factos atuais.

Operador: Polícia, diga.

Porteiro: (voz alterada) Fala do Ambrus Hotel, sou o porteiro. Uma mulher morreu num dos nossos quartos.

Operador: Qual é a causa do falecimento?

Porteiro: Tem o corpo cheio de cortes e feridas, foi morta.

Operador: Sabe quem foi?

Porteiro: Não faço ideia.

Operador: Está bem, senhor. O responsável poderá estar ainda dentro do hotel?

Porteiro: ...

Operador: Senhor, ouviu a minha pergunta?

Porteiro: Sim, ouvi.

Operador: Então, pode dar-me uma resposta?

Porteiro: Havia uma menina no quarto, foi ela que nos abriu a porta quando lá fomos, depois de termos ouvido os gritos.

Operador: Não respondeu à minha pergunta.

Porteiro: Ouça, não quero faltar-lhe ao respeito...

mas ouviu o que acabei de dizer-lhe? O quarto 317 estava fechado por dentro quando chegámos.

Operador: Percebi, mando de imediato uma patrulha.

Fim da gravação.

Comprou-lhe flores.

Depois de dez dias passados nos cuidados intensivos num combate entre a vida e a morte, e mais dez de normal internamento hospitalar, Mila ia ter alta.

Berish não queria perder o momento. Tinha ido vê-la quase todos os dias. De noite ficava atrás do vidro da sala de reanimação, observando a mais pequena mudança no corpo adormecido. Estava lá quando os médicos a despertaram do coma farmacológico a seguir ao coma induzido pelos poderosos narcóticos que lhe haviam sido administrados durante a breve prisão. Mila correria um grave risco, porque os opiáceos tinham-lhe diminuído o ritmo respiratório, e sem oxigénio estava a morrer lentamente.

Mas os médicos conseguiram salvá-la. Os exames tinham excluído que o princípio de hipoxia tivesse provocado danos excessivos.

Mila apresentava algumas dificuldades motoras – especialmente numa perna. De resto, estava bastante bem.

Após o despertar, quando a levaram para o quarto, as visitas de Berish começaram a rarear. Procurava evitar o desfile de autoridades citadinas e dos pesos pesados do departamento que acorriam à cabeceira da nova heroína a elevar ao altar dos meios de comunicação.

A história de Kairus era tratada com um clamor exorbitante.

O único que não ganhara nada fora precisamente o agente especial. Mas, no fim de contas, ser uma figura embaraçosa para a polícia federal punha Berish ao abrigo de eventuais chatices. Como, por exemplo, ser exposto como um fantoche amestrado diante de microfones e objetivas.

No fundo, o facto de ainda ser considerado um rejeitado tinha o seu lado bom.

De qualquer modo, algo mudara. No *snack-bar* chinês nenhum colega lhe

causava aborrecimentos. Uns dias antes, um deles tinha-o cumprimentado, até. Eram futilidades, ele sabia. Embora o verdadeiro corrupto fosse Gurevich, aos olhos dos outros a sua imagem nunca se reabilitaria completamente. Mas, agora, podia entrar no restaurante com a segurança de que, pelo menos, o deixariam tomar o pequeno-almoço em paz.

Enquanto caminhava para a entrada do hospital, Berish sentia-se ridículo com um ramo de gladiolos na mão. Deixara-se convencer pelo florista, mas agora não estava tão seguro de que fosse a prenda mais acertada para Mila. Não havia nada de realmente feminino nela. Não que fosse masculina. Quando muito, havia algo de selvagem nela. E era precisamente isso que atraía Berish.

Ao chegar perto da porta de vidro automática, o agente especial viu um grande cinzeiro no centro da zona de fumadores e deitou fora o ramo de flores.

Depois, entrou.

A Mila fora reservado um quarto individual numa ala vigiada pela polícia. Berish chegou num momento de frenesim total. No corredor permaneciam os polícias que tinham escoltado alguém até ao quarto.

O agente especial reconheceu Klaus Boris, a quem telefonara na noite anterior para pedir reforços e que, agora, vinha ao seu encontro com uma expressão amigável e a estender-lhe a mão.

– Como está hoje? – perguntou-lhe Berish, apertando-lhe a mão.

– Certamente hoje é preferível a ontem. E amanhã será ainda melhor.

O agente especial indicou a porta.

– Entramos?

– Desta vez não me convidaram para a festa.

Em seguida, o inspetor entregou-lhe uma pasta amarela.

– Segundo parece, és o único macho. Boa sorte.

– Ainda temos de verificar algumas informações – dizia Joanna Shotton

quando Berish entrou. O Juiz estava sentado numa das duas camas individuais, com as pernas cruzadas de perfil de modo a colocar em evidência as meias de seda. O seu *Chanel n° 5* já invadia o espaço.

Por sua vez, Mila estava na outra cama, mas já não estava deitada. O rosto estava pálido e encovado por olheiras profundas. Vestia um fato de treino com capuz, mas ainda não calçara os sapatos. Os pés balançavam em baixo sem tocarem o chão. Estava sentada mas mantinha-se em equilíbrio com os braços e, a seu lado, tinha uma muleta. A pouca distância havia um saco com as suas coisas, pronto para regressar a casa com ela.

– Chega aqui, Simon.

Segundo parecia, o Juiz dirigia-se a ele com um tom confidencial, como outrora, quando eram amigos.

Berish avançou para o centro do quarto com a pasta amarela na mão. Mila reservou-lhe um sorriso silencioso. Fora ela quem solicitara aquele encontro entre Berish e o Juiz. O agente especial esperava que fosse uma boa ideia.

– Estava precisamente a explicar os últimos desenvolvimentos – referiu Joanna Shutton e, de facto, recomeçou de imediato. – Como dizia, Roger Valin, Eric Vincenti e André García não foram encontrados. Há a suspeita de que ainda gozem de apoios e cobertura por parte de outros adeptos do culto.

Berish regozijou-se com o facto de a idiotice do terrorismo já não constar dos altos planos do departamento.

– Como sabemos, Nadia Niverman e Diana Müller estão mortas – continuou Shutton. – Michael Ivanovič está num hospital psiquiátrico e foi declarada a sua insanidade mental. Finalmente, a pregadora que conhecemos como Sylvia está na prisão e fechou-se num mutismo total.

Berish notou que uma sombra de inquietação passava no rosto de Mila.

– Mas agora têm uma ideia de quantos desaparecidos aderiram ao culto – arriscou a agente.

– No sótão onde a mantinham presa, havia muitas fotografias coladas nas

paredes – admitiu o Juiz.

Mila anuiu.

– No entanto, ainda há algumas perguntas por responder.

Shutton olhou para Berish, passando-lhe oportunamente o testemunho.

– Então é verdade, Stephanopoulos suicidou-se. – A agente ainda tinha dificuldade em acreditar.

O agente especial percebia-a.

– Fê-lo à minha frente porque, primeiro, queria libertar a consciência.

Todos querem falar com Berish, recordou.

– Steph sabia que era corresponsável por aquilo que Sylvia fizera. Mas, para ele, era mais simples escrever um endereço numa folha e confiar-me a solução do mistério do que admitir as suas culpas.

– Então eram realmente os dois... – Mila perdeu-se um instante na incredulidade.

Joanna aproveitou para trocar um rápido olhar de entendimento com o agente especial, e olhou para as horas.

– Tenho uma reunião com o presidente da câmara, Roche, dentro de quarenta minutos, por isso tenho de ir. Se não se importa, Vasquez, Berish encarregar-se-á de acabar a história e de responder a todas as suas interrogações.

O Juiz estendeu-lhe a mão, cheia de anéis exagerados e unhas lacadas.

– Ponha-se em condições, minha cara. Ainda precisamos de si.

Ao sair, Shutton evitou cruzar de novo o olhar com Berish. Quando a porta se fechou, ficaram a sós.

Mila só naquele momento se apercebeu da pasta amarela que Berish trazia consigo.

– O que é isso?

– Está bem – disse ele, quase solenemente, e sentou-se ao lado dela. – Então, recomeçamos do princípio...

- Lembras-te do que te disse em relação à Hipótese do Mal?
- Que bem e mal não estão separados, mas coexistem, confundem-se.
- Exatamente. A componente do bem nesta história é Stephanopoulos.

Como já sabes, há cerca de vinte anos o capitão decidiu usar os recursos do Programa de Proteção de Testemunhas para ajudar as pessoas a desaparecerem. Eram pessoas que, na sua opinião, mereciam uma segunda oportunidade na vida. Na base do seu juízo, a solução para os seus problemas era recomeçarem do zero... Previra para eles o dom de uma nova identidade, dinheiro suficiente para recomeçarem, a possibilidade de viverem num lugar onde ninguém conhecesse os seus anteriores pecados.

- Steph era um bom homem – Mila defendeu-o, como se mesmo uma simples suspeita sobre o seu velho capitão a ferisse.

- Pensava que era um benfeitor, mas tinha também uma visão distorcida da realidade que foi piorando com o tempo.

Berish evitou dizer que, provavelmente, algo se rompera na psique de Steph, mas o sentido era esse.

- No fim, creio que foi vítima de uma força maior do que ele. De facto, quando percebeu que algo não estava bem no sistema que criara, não tomou a iniciativa de contar a verdade. E, entretanto, pessoas como Valin ou Vincenti puderam matar à vontade. A única ação concreta que Steph pôs em prática para parar a escalada de morte foi pôr-nos em contacto, ao mandar-te falar comigo.

Mila suspirou e foi como se lhe desse razão.

- Queria que resolvêssemos o caso porque nem ele sabia o que estava a acontecer realmente.

- Para assegurar-se disso, foi atrás de nós até ao ninho de Kairus. Quando

o descobrimos, ateou o incêndio para apagar os seus vestígios.

A agente interrogou-o com o olhar, fazendo depois a pergunta: – O que é que Steph não previra muitos anos antes?

– Um elemento maléfico inseriu-se no seu plano filantrópico. Mais uma vez a Hipótese do Mal. – Berish fez uma pausa. – Dois pregadores: um age pelo bem, o outro pelo mal. E a componente má da história é Sylvia. – Ainda lhe custava pronunciar o nome. – Steph escolheu-a como testemunha-chave para avalizar a existência de Kairus, de modo a despistar as investigações. Confiou nela ao ponto de confiar-lhe o pequeno Michael. Mas Sylvia não é o que parece. Além de criar o enteado como um pirómano, serviu-se das pessoas que Steph ajudou a desaparecer. Ela era a sua sombra, agiu nas suas costas, sem que ele se apercebesse disso. Foi assim que entrou em contacto com aqueles que o capitão julgava ajudar. Conseguiu convencê-los a fazerem parte do culto porque, e foi esse o verdadeiro erro de Steph, não bastava oferecer uma nova oportunidade a quem não estava habituado a viver. Pessoas marcadas pela existência: era previsível que não fossem capazes de gerir a nova situação, que guardassem rancor e ódio. No fim, para eles, a mudança revelou-se uma dolorosa ilusão.

– E Sylvia soube propor-se como guia: era como se Steph os tivesse recrutado para ela – concluiu Mila. – Aquela mulher e o capitão estavam ligados desde o princípio. Mas como se conheceram?

Berish ganhou fôlego.

– O quarto 317 do Ambrus Hotel.

A sobancelha de Mila encurvou, duvidosa.

– Durante a nossa primeira visita, o porteiro falou-nos de um ato de violência ocorrido há trinta anos. Descurámos esse facto porque remontava a dez anos antes do início dos desaparecimentos dos insones. E errámos.

– O que aconteceu no 317 dez anos antes de Kairus? – perguntou Mila, com alguma hesitação.

– Um homicídio. – Berish procurava não fazer transparecer como a história o perturbara. – A pensão tinha sido inaugurada há poucos dias. Uma noite, uma mulher foi morta à punhalada. Mas o que chamou a atenção de todos, criando um certo ruído, foi que a filha assistira à morte: a rapariga só se salvou da fúria do assassino porque se meteu debaixo da cama.

– Sylvia. – Disse-o quase automaticamente.

Berish confirmou a intuição com um aceno de cabeça.

– Como poderia reconhecer o autor do delito, a menina foi imediatamente acolhida pelo Programa de Proteção de Testemunhas. Foi Stephanopoulos quem se encarregou disso.

Mila parecia abalada pela revelação.

– Nunca encontraram o culpado?

– Não, nunca – disse-lhe Berish. – Mas a história não acabou, porque há um pormenor insólito... Alguém ouviu os gritos da mulher mas, quando chegaram os socorros, encontraram o quarto fechado por dentro.

– Poderia ter sido a filha que... – Não terminou a pergunta.

– Quem sabe. Talvez a menina tenha voltado a fechar a porta quando o assassino fugiu, temendo que voltasse atrás para matá-la. O medo leva a fazer muitas coisas. De qualquer modo, a polícia considerou-a inocente. Até porque a arma do delito nunca foi encontrada e o médico-legista declarou que, dada a profundidade das feridas presentes no cadáver, era improvável que uma menina de dez anos tivesse força para infligi-las.

Parecia ter terminado, mas Mila percebeu pela sua expressão facial que Berish só estava receoso de prosseguir.

– Há mais alguma coisa, não é?

– Sim – admitiu o agente especial num tom grave. Depois, passou-lhe a pasta amarela.

Mila olhou-a longamente.

– Vai com calma – tranquilizou-a Berish.

Finalmente abriu-a. Continha uma única fotografia.

– Foi tirada na cena do homicídio – explicou ele.

Mila reconheceu o 317 – o papel de parede vermelho-escuro e a alcatifa da mesma cor, mas decorada com gigantescas flores azuis. A cama era idêntica à que recordava. Na parede estava pendurado um crucifixo e numa das mesas de cabeceira estava uma Bíblia. Faltava a aura opaca e gasta do passado. No momento em que fora tirada ainda pouquíssimos clientes tinham caminhado naquele chão e dormido naqueles lençóis. Tudo parecia ainda novo, inalterado. À entrada da porta estavam enfileirados alguns membros do pessoal da pensão: um pacote de cor, com uma farda de riscas brancas e *bordeaux*, e duas camareiras com touca e aventais brancos. Da fotografia transparecia um certo decoro: o Ambrus Hotel ainda não se tornara um local para encontros ocasionais ou clandestinos.

Como Berish dissera, tratava-se de uma cena de crime, por isso, apareciam na foto os agentes e os técnicos da polícia científica, absorvidos no seu trabalho. A vítima estava estendida na cama, com um lençol empapado de sangue a cobri-la da cabeça aos pés. Um pouco mais adiante, uma rapariguinha de cerca de dez anos estava abraçada, em lágrimas, a uma agente que a acompanhava para a saída. A menina devia ser Sylvia. Ao seu lado, um jovem Stephanopoulos parecia estar a recomendar à colega que tomasse conta da pequena.

Mila continuou a examinar a imagem. Todos pareciam absorvidos na sua tarefa ou distraídos do horror do cadáver na cama.

Só um homem olhava para a objetiva.

Estava num canto do quarto e da fotografia, com uma placa de latão na mão à qual estava presa a chave do 317. Vestia uma libré vermelho-escuro – a farda de um porteiro de hotel. No rosto a sombra leve de um sorriso. O homem em pose para o disparo era o Sugeridor.

Mila manteve o olhar apontado para ele.

Berish agarrou-lhe a mão.

– Porque foste ao Ambrus Hotel? Por que motivo tomaste o sonífero deixado para ti na mesa de cabeceira?

Mila ergueu a cabeça da fotografia.

– Porque é das trevas que venho, e é às trevas que, por vezes, devo regressar.

– O que queres dizer, Mila? Não compreendo.

Ela fixou-o.

– O que há a compreender? *Ele* sabe-o, conhece-me.

O agente especial intuiu que Mila se referia ao Sugeridor.

– Sabia que o faria, porque o chamamento é sempre demasiado forte, a tentação dolorosamente irresistível. – Fez uma pausa. – E se tu não compreendes isto...

Não terminou a frase, mas Berish intuiu o seu sentido. Não poderia estar perto dela se não tivesse captado as razões que a impeliam para o desconhecido.

Mas Mila acrescentou mais uma coisa, como se quisesse consolá-lo.

– Só o encontrei uma única vez, há sete anos. As únicas palavras que me disse marcaram-me profundamente. Era uma espécie de profecia. Ou talvez só se tivesse posto a adivinhar. Para ser sincera, não creio que se tratasse de uma magia maléfica. E, mesmo nesse caso, as coisas são assim. Porque, como tu dizes, é sempre necessário racionalizar. – Mila fechou a pasta com a fotografia. – Ele não é diferente dos outros seres humanos: come, dorme, tem as mesmas necessidades dos outros. Tem pontos fracos, e pode morrer. Temos simplesmente de capturá-lo. O resto é apenas uma inútil fantasia maléfica.

A última consideração deu algum alívio à alma de Berish.

– Não te recordas mesmo de nada dos dias que estiveste presa no sótão na casa de Sylvia?

– Como já disse, estive sempre a dormir – respondeu Mila, devolvendo-lhe a pasta amarela com a fotografia. – Estou bem – tranquilizou-o, sorrindo.
– Agora só quero ir ver a minha filha.

Berish anuiu e preparava-se para sair do quarto.

– Simon – parou-o ela.

Ele voltou-se.

– Obrigada.

22 de outubro

A sua mãe ia regressar a casa.

Para recebê-la melhor, a avó vestira-lhe o seu vestido mais bonito – de veludo azul, com os sapatinhos de verniz. Mas Alice não gostava dele. Subia-lhe até à cintura quando estava sentada, obrigando-a a puxá-lo para baixo continuamente. Além disso, não podia brincar quando o vestia, porque Ines estava sempre a dizer-lhe para não se sujar.

Aquele vestido era um íman para as repreensões.

A avó dizia que era um dia especial, que Mila tinha passado um mau bocado e que, por isso, deviam estar perto dela. Alice tinha concordado em fazer a sua parte, sem imaginar que isso implicaria mudanças radicais – ninguém lho dissera, ninguém a consultara. Ines tinha-lhe preparado uma pequena mala, dizendo-lhe que se mudaria para casa da mãe, porque Mila queria estar um tempo com ela.

De momento, poderia levar consigo apenas três brinquedos. E fora difícil escolher, porque a boneca dos cabelos vermelhos – que era a sua preferida – entrava por direito no trio, ou seja, na realidade, a decisão dizia respeito a todas as outras e também aos bonecos e aos peluches, com os quais não queria ser indelicada.

Como poderiam dormir sem ela no quarto em casa da avó? E sentir-se-ia só sem eles?

Por sorte havia *Hitch*. O polícia chamado Simon não o levava de volta, embora não tivesse ido para ao local onde os cães eram proibidos, como lhe dissera. Vinha vê-lo todos os dias e levavam-no juntos ao parque. Alice sabia que, mais tarde ou mais cedo, o seu amigo voltaria para o verdadeiro dono, mas esperava poder ficar com ele mais algum tempo.

Simon dizia que *Hitch* ficaria com ela para ensinar-lhe a compreender os

perigos e a avaliar o risco das coisas. Quando ela aprendesse, então voltaria ao dono.

Gostava de Simon. Sobretudo da maneira como se dirigia a ela. Nunca lhe dizia o que devia fazer, esperando que ela o percebesse sozinha.

Os adultos nunca têm paciência, pensava Alice. Mas Simon era diferente. Também ele lhe perguntara por *Miss*. Mas, enquanto lhe fazia as perguntas, não a olhara como se tivesse feito algo de errado.

Alice contara-lhe que *Miss* conseguia entrar em casa graças a uma cópia da chave escondida no jardim, debaixo do vaso das begónias.

Tudo acontecera por causa da boneca dos cabelos vermelhos.

Levara-a para a escola, escondida na mochila. A professora não queria na aula os seus brinquedos mas, para Alice, aquela boneca não era um brinquedo. Era a sua melhor amiga – o que era uma grande diferença.

Mas, depois, uma coisa terrível acontecera.

Durante o dia, Alice estivera muito empenhada em esquecer-se dela. É claro que, no fim das aulas, quando a carrinha da escola a levava a casa, a boneca dos cabelos vermelhos desaparecera.

Em pânico, não soubera o que fazer. Nem sequer podia dizê-lo à avó que, certamente, a poria de castigo. Lembrara-se de dar uma fotografia dela a Mila porque, uma vez, Ines dissera-lhe que a mãe procurava as pessoas que desapareciam.

Tinha a certeza de que encontraria, também, a sua boneca.

Mas a mãe não viera nessa tarde. E Alice tivera dificuldade em adormecer preocupada com a sua amiga do coração – sozinha, lá fora, ao frio, certamente assustada.

Durante uma noite agitada, sentira uma mão apoiar-se na sua testa. A princípio, pensara que se tratava de Mila – como se as suas preces tivessem sido ouvidas. Mas depois, abriu os olhos e vira outra mulher sentada na sua cama. Censuravam-na sempre por não se aperceber dos perigos mas, daquela

vez, não havia nenhuma razão para assustar-se, até porque a desconhecida tinha nos braços, precisamente, a sua amiga dos cabelos vermelhos.

Fora entregar-lhe a boneca.

– Como te chamas? – perguntara-lhe Alice.

– Eu não tenho um nome.

Assim, a menina começara a chamar-lhe, simplesmente, «*Miss*».

Depois de lhe ter entregado o que Alice pensara ter perdido para sempre, a mulher perguntara-lhe se gostaria que viesse vê-la de vez em quando. Alice respondera-lhe que sim. Não vinha todas as noites, só algumas. Perguntava-lhe pelas coisas da escola e pelas suas brincadeiras. Era sempre simpática. Alice ficara na dúvida de estar a infringir uma das regras da avó: nunca falar com estranhos. Mas, se *Miss* estava em sua casa, então não poderia ser considerada uma estranha.

Simon concordara com ela sobre essa questão. Por isso, Alice confiava nele.

De qualquer modo, havia um segredo que não quisera revelar-lhe.

Fizera uma promessa a *Miss* – uma jura, aliás. Acontecera a última vez que viera vê-la. E toda a gente sabe que as juras não podem ser quebradas. Um colega da escola contara-lhe que o seu primo mais velho conhecia um menino que quebrara uma jura e, de repente, desaparecera para sempre. Ninguém sabia o que lhe acontecera, e os pais ainda andavam à sua procura.

Alice não queria desaparecer para sempre. Por isso, só *Miss* tinha o poder de dispensá-la da promessa.

Quando Mila, de regresso do hospital, a recebeu no seu apartamento, ela teve a tentação de contar-lhe tudo. Mas, depois, a mãe abraçou-a. Nunca o fazia. E enquanto a abraçava, Alice não sentiu nenhum calor a sair do seu corpo. Pareceu-lhe estranho. Não era como quando a avó a abraçava. Havia algo de... errado.

Em seguida, Mila mostrou-lhe a nova casa onde iria morar. Estava cheia

de livros, tantos que era difícil passar de um espaço para outro – até havia livros na casa de banho.

Nessa noite jantaram juntas. A mãe fizera massa com almôndegas – não era muito boa. Alice não disse nada, mas *Hitch* empanturrrou-se. Mila comportava-se de maneira diferente do habitual, por exemplo, ficou a observá-la da porta da casa de banho enquanto lavava os dentes. Depois, o cão deitou-se numa poltrona e elas foram dormir. O colchão era pequeno para as duas e as almofadas não eram fofas como ela gostava. Depois de ter apagado a luz, ficaram em silêncio. Mas Alice sabia que a mãe também estava acordada. Devagar, começou a aproximar-se dela. Mila estendeu os braços, puxando-a para si.

Desta vez, a sensação não era «errada».

Alice estendeu-se em cima dela. E Mila começou a acariciar-lhe os longos cabelos louro-cinza. Lentamente, o gesto esgotou-se. Pela cadência da respiração, apercebeu-se de que a sua mamã deslizava no sono. Mas ela ainda não conseguia adormecer. Mila moveu-se e disse qualquer coisa. Mas eram apenas os sonhos a falarem por ela. Alice voltou a pensar no segredo que *Miss* lhe confiara.

– *Há uma pessoa especial que quer conhecer-te.*

– *E quem é?*

– *Ele pode satisfazer todos os teus desejos.*

– *Qualquer coisa?*

– *Qualquer coisa.*

Não tinha a certeza de que fosse verdade. Mas queria acreditar. Só havia uma maneira de sabê-lo. Devia seguir as instruções que a Senhora da Boa Noite lhe fizera aprender de cor. Assim, esgueirou-se dos braços adormecidos da mãe e, caminhando com os pezinhos descalços no chão frio, dirigiu-se à varanda.

Lá fora, diante dela, no prédio em frente, havia um enorme cartaz com um

casal de gigantes sorridentes. Em seguida, baixou o olhar e viu-o. *Miss* tinha razão. Ele estava ali, com a cabeça levantada mesmo para a sua janela. Estava à sua espera. O vento fazia girar a poeira entre os muros do beco. A papelada dançava à volta das suas pernas, como uma menina-fantasma que reclama atenção.

Alice levantou a mãozinha para saudá-lo.

Em troca, o vagabundo sorriu-lhe.

Relatório 2573-KL/777

Prisão de [REDACTED]

Departamento Penitenciário n. 45

Relatório do Diretor, Dr. Jonathan Stern

25 de outubro c. a.

À atenção do Gabinete do
Procurador-Geral

Bertrand Owen

Assunto: CONFIDENCIAL

Caro senhor Owen,

Respondendo ao Seu pedido de informações periódicas sobre a detida GZ-997/11, informo que Sylvia continua em regime de isolamento. Não comunica com o pessoal prisional e passa a maior parte do dia a dormir. Além disso, não manifesta condutas contrárias ao regulamento e não formula qualquer tipo de pedidos.

Todavia, devo assinalar que, há alguns dias, adquiriu um hábito muito particular.

Lava e limpa continuamente todas as coisas que toca, recolhe os cabelos que perde na almofada ou no lavatório, limpa a louça e a retrete de cada vez que os usa.

Noutras circunstâncias, teríamos legitimamente suspeitado que este cuidado maníaco servisse para impedir-nos de nos apoderarmos do material orgânico que contém o seu ADN.

Todavia, tendo já efetuado a prova genética, aliás sem obter nenhuma correspondência, interrogámo-nos sobre os motivos do estranho comportamento.

Até agora não temos uma explicação.

Não posso deixar de Lhe indicar a singular analogia com o caso de um outro detido que, há alguns anos, esteve envolvido naquele que ficou conhecido como o caso do Sugeridor.

Esperando ter respondido de maneira exaustiva ao
Seu pedido, remeto para o próximo relatório e
envio-lhe as minhas mais respeitosas saudações

Atentamente.

Director
Dr. Jonathan Stern

Nota do autor Todos nós sentimos, pelo menos uma vez na vida, o desejo de desaparecer.

Num momento particular de desconforto, dirigimo-nos a uma estação e entrarmos num comboio ao acaso parecer-nos-á a solução – talvez fugir apenas por algumas horas, na ensolarada manhã de uma quarta-feira de inverno. Se o fizermos, nunca o contaremos. Mas guardaremos para sempre a sensação de liberdade resultante de desligarmos o telemóvel e esquecermo-nos da internet, separando-nos, assim, da trela da tecnologia para nos deixarmos transportar pelo destino.

Um romance sobre os desaparecidos que regressam era uma ideia fixa há muito tempo. Mais, pode-se afirmar que foi dela que nasceu o personagem de Mila Vasquez.

Antes de começar a escrever, entrevistei representantes das forças da ordem, investigadores privados e jornalistas. Mas, sobretudo, conversei com amigos e familiares daqueles que escolheram o escuro – ou que foram escolhidos por ele.

Em todos os encontros, tive sempre a sensação de que estava a explorar apenas uma parte do fenómeno: a da luz. A outra permanecia, invariavelmente, ignota.

A minha obsessão pelos desaparecidos teria permanecido sem solução se, um dia, um deles não me tivesse contactado.

Após a publicação de *Sopro do Mal*, chegou-me um email por parte de um homem que afirmava ter «apagado» a sua existência precedente, decidindo empreender uma completamente nova – com uma identidade diferente e dando vida a uma segunda cadeia de afetos.

Não dispunha dos instrumentos para verificar se o seu relato era real ou se se tratava de uma mentira bem arquitetada. O certo é que se iniciou uma correspondência no decurso da qual aprendi uma série de verdades – todas muito bem argumentadas – que alimentaram a sugestão, fazendo-as assumir a

consistência de uma história.

O desconhecido descreveu-me analiticamente como se realiza aquilo que, inicialmente, é apenas uma fantasia, mas que, com o tempo, se torna um verdadeiro projeto. As únicas concessões que me fez, violando o voto de anonimato, foram relativas à sua nacionalidade – era italiano – e ao nome do seu gato: *Kairus*.

No final do nosso breve intercâmbio, compreendi que a única maneira de perceber o que significa desaparecer no nada era... eu próprio desaparecer.

Mas a minha fuga durou apenas poucas semanas, o tempo necessário para focalizar o romance. Obviamente, quem estava mais próximo de mim estava informado, nunca tendo cortado verdadeiramente o cordão umbilical que me ligava à vida precedente. Não obstante, desliguei o telemóvel, abandonei temporariamente os meus endereços de email e os perfis nas redes sociais. Subitamente, vi-me lançado num mundo paralelo.

Por motivos óbvios, a minha experiência foi um tanto branda, na medida em que estava constantemente consciente de que o meu desaparecimento teria um prazo. Mesmo assim, descobri que desaparecer nem sempre é uma libertação: no princípio o escuro acalma-nos, depois captura-nos e só nos deixa atuar dentro das suas condições.

Quando regressei a casa, familiares e amigos perguntaram-me onde tinha estado. Respondia sempre com a versão breve da verdade: «Às voltas pelas morgues».

Agora sabem que a versão mais ampla é este livro.

Quando se fala em desaparecer, citam-se sempre as estatísticas. Mas é inútil mencionar aqui os números ou sublinhar que todos os dias desaparecem em média 21 pessoas por cada milhão de habitantes – estas informações já são publicadas pelos jornais.

O que nenhuma estatística esclarece é que é impossível imaginar quantos desaparecidos andam à nossa volta neste momento. Na rua, no autocarro,

quando fazemos compras. Olhamo-los, mas não sabemos.

E também eles, escondidos por detrás do biombo de uma falsa identidade, nos olham.

Por isso, para o anónimo autor dos emails que me fizeram compreender tudo isto – quer fosse ou não um verdadeiro desaparecido –, bem como para o seu gato *Kairus*, vai o meu mais sentido agradecimento.

Onde quer que estejas e seja o que for que estejas a fazer, espero que tenha valido a pena.

Donato Carrisi

Agradecimentos

Stefano Mauri, o meu editor. Pela sua estima e amizade. Porque o respeito dos leitores passa pela tutela de um autor.

Fabrizio Cocco. Pelo confronto contínuo e indispensável. Sou devedor do seu espírito obscuro e do seu talento.

Giuseppe Strazzeri, Valentina Fortichiari, Elena Pavanetto, Cristina Foschini, Giuseppe Somenzi, Graziella Cerutti. A sua preciosa paixão transforma em livros as minhas histórias.

Deborah Kaufmann. Porque, agora, Paris é também um pouco a minha casa.

Vito, Ottavio, Michele. Os verdadeiros amigos recordam-te sempre o caminho.

Alessandro, pelo futuro. Achille, pelo início. Maria Giovanna Luini, pelo presente.

A minha irmã Chiara, os meus pais, a minha família.

Elisabetta. As palavras pertencem-lhe.

Em particular, Luigi Bernabò, o meu agente. Exemplo de estilo – de vida e de escrita. Pela força, tenacidade e afeto.

As minhas fontes

O agente «Massimo» da polícia de Roma que, há alguns anos, me inspirara o personagem de Mila Vasquez. «*Eu procuro-os por toda a parte. Procuro-os sempre*» é uma frase sua e sintetiza perfeitamente o tormento que o consome. O silêncio dos desaparecidos é a sua maldição.

Byron J. Jones, de alcunha «Mister Nobody». É ele o homem que ajuda as pessoas a desaparecerem, um verdadeiro *escape artist*.

Jean-Luc Venieri, que me orientou nos obscuros templos da Antropologia, explicando-me que, a par da Criminologia, podia tornar-se um útil instrumento de investigação.

O professor Michele Distante, autor do artigo *O culto e a figura do pregador*.

A verba resultante das vendas da edição grega deste livro permanecerá na Grécia e será entregue a *Boroume* (www.boroume.gr), uma instituição que se ocupa da distribuição de refeições a quem vive em dificuldade. Num duro momento da história deste maravilhoso país, não posso esquecer a dívida de civilização da Humanidade relativamente à sua cultura. Se, por exemplo, há milhares de anos não tivessem cunhado e preenchido de significado palavras como «hipótese» e «antropologia», não poderia contar a história que acabaram de ler...